

Enzo Bianco

Francisco de Sales

O SANTO DA MANSIDÃO

Tradução e adaptação
Dom Hilário Moser

Conforme Novo
Acordo Ortográfico



2011 © Enzo Bianco

Titulo original: Francesco di Sales: contro-storia di un uomo mansueto. Turim, Elledici, 2001.

Todos os direitos reservados

EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR - Quadra 506 - Bloco B
Sala 65 - Asa Sul 70350-525
Brasília (DF)
Tel.: (61) 3214-2300
www.edlbrasil.org.br

Sumário

Apresentação	5
Sonhos e projetos junto a um berço.....	7
Um pequeno pajem que pensa em Deus.....	17
Os primeiros passos na escola	27
Paris: equitação, esgrima e filosofia	33
Crise. “E se eu estiver condenado?”	41
Assim era o mundo daquele tempo.....	49
Pádua, onde se preparam os advogados.....	61
Como custa tornar-se sacerdote!	71
Francisco, homem da Igreja	83
Chablais, onde a messe é abundante	89
Chablais, é tempo de semeadura.....	97
Chablais, é tempo de colheita	107
Chablais, as ovelhas e os cabritos	121
Na penumbra do seu bispo	127
Paris, 1602: em missão diplomática.....	139

Bispo: tomado por Deus e dado a seu povo	149
Bispo: o difícil começo	159
Os problemas de um reformador	167
Francisco, semeador da palavra.....	179
Chantal, história de uma castelã	189
Chantal, história de uma amizade.....	201
Francisco, mestre das <i>floteias</i>	207
Chantal, história de uma vocação	217
As primeiras visitandinas	229
É proibido visitar os casebres	239
Bispo para todas as estações	247
Doutrina espiritual: “Deus é o Deus do coração humano”	265
Paris, 1619: esse matrimônio precisa acontecer	277
Um ocaso sereno	293
“Ir aonde Deus nos chama”	303
Conclusão: “manso e humilde de coração”	315
Apêndice 1 – Outro “salesiano”: Dom Bosco.....	319
Apêndice 2 – Bibliografia essencial	326

Apresentação

São Francisco de Sales é o santo da mansidão.

Segundo um lugar comum, a história é feita pelos violentos: Júlio César, Átila, Napoleão, Stalin, Hitler... Os manuais de história estão repletos de suas batalhas. Existe, porém, também uma “contra-história” escrita por homens e mulheres da mansidão, como Bento de Núrsia, Francisco e Clara de Assis, Francisco de Sales, Dom Bosco, João XXIII, Madre Teresa de Calcutá...

A mansidão é uma das bem-aventuranças do Senhor (cf. Mt 5,4). Cristo disse: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29).

Por sua mansidão, embora vivida quatrocentos anos atrás, Francisco de Sales se coloca, como Cristo, acima do tempo e adquire grande atualidade.

Este livro só deseja tornar conhecido, de forma simples e agradável, o santo da mansidão.

O que, pois, procurar nele? O que buscar em Francisco de Sales?

Francisco foi um nobre envolvido, a contragosto, nos litígios e nas disputas que os duques da Saboia criavam frequentemente com a França e com a Espanha; mas não é isso o que interessa.

Francisco foi um bispo comprometido com a vida sofrida da Igreja no desencontro com Lutero e Calvino, de um lado, e os homens do Concílio de Trento, de outro: participou dos acontecimentos eclesiais com originalidade e autoridade, indicando novos caminhos. O que, sem dúvida, é relevante, mas também não é o mais decisivo.

Francisco viveu num mundo em que os mais fortes prevaleciam sobre os mais fracos. Ele, porém, mesmo correndo o risco de escandalizar os fortes e os poderosos, tomou decididamente a sério a bem-aventurança da mansidão. Entre as tantas revoluções da história, esta, pode-se afirmar, foi a mãe de todas as revoluções. Isso, sim, é realmente importante. Tudo o mais na vida de Francisco de Sales torna-se secundário.

Francisco é o santo da mansidão!

Exprimo aqui minha gratidão a André Ravier, Giorgio Papàsogli, Arnaldo Pedrini, Joseph Aubry, Vincenzo Mercante, Józef Strus e Antonio Sicari que pesquisaram a fundo a alma de São Francisco de Sales. A eles devo a oportunidade de ter escrito este livro da “contra-história” de um homem manso e humilde de coração.

Sonhos e projetos junto a um berço

Corria o ano de 1567. Em Chambéry, capital da Saboia, o duque Manuel Filiberto, chamado Testa de Ferro, reorganiza seu Estado que, nos últimos decênios, conheceu inúmeras lacerações produzidas por guerras que o arruinaram; agora, penosa e pacientemente, ele cura as feridas.

Entretanto, em Annecy, outro centro importante da parte norte do estado, residência habitual do duque Tiago da Saboia, vivem-se dias de festa: acaba de chegar a duquesa Ana d'Este, noiva de Tiago, e os súditos estão curiosos para conhecê-la.

Além disso, após insistente pedido, o duque obteve que o tesouro mais sagrado da família da Casa de Saboia, o Santo Sudário, em via excepcional, fosse levado de Chambéry para Annecy e exposto à veneração dos fiéis.

Uma promessa diante do Santo Sudário

Entre os peregrinos que acorrem de toda a parte para venerar a mais célebre relíquia da cristandade estão os senhores de Boisy, da família Sales. Embora não pertençam às mais altas famílias do ducado, são genuinamente nobres.

Ele, Francisco, tem 44 anos, é dono de um passado repleto de aventuras e guarda no coração os segredos de um mundo de sonhos. Faz um ano que se casou com sua bela prima Francisca que acabou de desabrochar para a vida: tem apenas 15 anos (a grande diferença de idade em relação ao marido, vinte e oito anos, não era problema naquele tempo) e já traz no ventre seu primeiro filho. Se for homem, o senhor de Boisy promete que fará dele um grande do seu tempo.

Por sua vez, Francisca, em Annecy, na penumbra da igreja de São Domingos, recolhida em oração diante do Santo Sudário que, de forma tão eloquente, fala da paixão do Filho de Deus, comove-se ao pensar no filho que está para nascer. E faz uma promessa secreta: aquele filho haverá de pertencer ao Senhor para sempre. Ela só o receberá de forma provisória, será seu guarda, o educará para Deus e, um dia, Lho restituirá.

É uma daquelas orações intensas e plenas que só brotam do coração das mães profundamente cristãs. Orações que, às vezes, conseguem suscitar filhos santos. Pois bem, aquele filho que vai nascer, um dia, será precisamente *São Francisco de Sales*.

Pequenos vassallos, grande fé

A família Sales é nobre, não, porém, de alta linhagem: nos inícios eram simples vassallos, dependentes de vassallos maiores, no caso, os barões de Compey, que por sua vez eram súditos da Casa de Saboia. Ainda hoje se pode ver o castelo desses barões, um pouco ao norte de Annecy, na alta Saboia, perto do povoado de Thorens.

O primeiro dado concreto a respeito da família Sales remonta a 1238: naquele ano, Alberto de Compey, senhor de Thorens, assinou um documento em cartório e entre as testemunhas que firmam o ato consta certo Pedro de Sales. Conhecem-se outros Sales que se dedicaram às armas e tomaram parte nas Cruzadas.

Todavia, o primeiro Sales a emergir com clareza na história é Jordão, nascido em 1365. Seu senhor, João de Compey, era frívolo e esbanjador, adorava torneios e aventuras políticas. Jordão, pelo contrário, mostrava-se sábio e industrioso, fiel ao lema da sua família: *Ny plus ny moins* (Nem mais nem menos), isto é, o perfeito equilíbrio. Fruto dessa sabedoria, os florins lhe tilintavam nas mãos.

Generoso como era, emprestava-os a seu senhor: às vezes, mil florins de ouro de uma só vez! O barão jamais teve condições de restituí-los; livrou-se da dívida concedendo a Jordão alguns direitos feudais. Em primeiro lugar, autorizou-o a construir para si uma mansão senhoril, não exatamente um castelo com torres fortificadas, prerrogativa reservada aos muito poderosos, mas uma bela casa num lugar agradável, a 200 metros

do castelo imponente de Thorens. Mais tarde, o barão também chamará Jordão para participar da administração e do governo de todo o feudo.

Ao longo das gerações sucessivas, a história vai correr sobre os dois trilhos que agora começam a emergir: da parte dos barões, um desperdício sem pudores, e da parte dos Sales, uma administração repleta de sabedoria.

O resultado é que, pouco a pouco, os Sales começam a crescer, acrescentam a seu castelo 6 torres ameaçadas um tanto desiguais, mas que impõem respeito. Em seguida, mais 4 torres menores nos ângulos do edifício, de tal modo que o conjunto inspira certo temor. Ao passo que os Compey tornam-se sempre mais extravagantes, violentos e irresponsáveis, a tal ponto que, em 1479, o duque da Saboia, Carlos I, vê-se obrigado a desapossá-los, substituindo-os pela família principesca dos Luxembourg-Martigues.

Entretanto, os Sales conseguiram amealhar um capital avaliado naqueles anos em 56 mil florins de ouro, comprar 5 belas glebas e ter sob sua responsabilidade 800 dependentes. E estabelecem ótimas relações com seus novos senhores que, em 1538, concederão ao chefe de família, Cristóvão, o primeiro título nobiliárquico de grau independente: *senhor de Sales*.

Em todos esses anos, a fortuna dos Sales não só é resultado de especial habilidade, mas de sadia honestidade que germina de uma fé genuinamente cristã. Gente de missa dominical e de comunhão frequente até o heroísmo, como o demonstra o episódio de João de Sales, avô de São Francisco.

Num domingo de 1558, João está fora de casa e para não perder a missa vai a cavalo até a abadia beneditina de Contamine. O tempo é péssimo; para chegar até a abadia é preciso atravessar o rio Arve que está em cheia. O cavalo entra na correnteza da água gelada, fica nervoso, empina, derruba o cavaleiro e com um coice o fere de morte na cabeça. João, naquele domingo, irá participar da missa no paraíso.

Uma priminha de 8 anos

Ao morrer, esse João de Sales deixou 2 filhos: Luís, nascido em 1520, e Francisco, dois anos mais novo. O primeiro herdou o título de *senhor*, mas o segundo deixará como herança um grande santo. E, coisa um tanto rara, os 2 irmãos, que poderiam ter muitos motivos de contraste, estão sempre de acordo, inclusive vivem sob o mesmo teto na grande mansão perto do castelo de Thorens.

Na verdade, o irmão menor, Francisco, durante os anos da juventude, andará com frequência longe de casa. Estudou o suficiente para ser um militar de carreira e, aos 16 anos, torna-se pajem de Francisco de Luxembourg, o governador da região. Em seguida, passa a ser seu escudeiro, depois oficial da cavalaria e, com Manuel Filiberto da Saboia, dará provas de coragem nas guerras de Flandres contra o rei da Espanha. Ei-lo agora em Paris, onde assume encargos na corte do rei da França, Henrique II. Finalmente, volta para os Luxembourg na sua Saboia como mordomo. Sem dúvida, uma rica experiência de vida.

Em 1558, aos 36 anos, está farto daquela existência repleta de ostentação e exterioridades. Abandona as armas e as intrigas da corte e retorna ao castelo de Sales com suas 6 torres, no silêncio dos bosques, para respirar o ar balsâmico das suas montanhas.

No ano seguinte, o irmão Luís se casa. A futura castelã chama-se Janine; é nobre, jovem e bela, e lhe dará 3 filhos: Amado, Luís e Gasparde (que serão os colegas de infância de São Francisco). Durante a festa do casamento, o irmão Francisco encontra-se com uma menina de 8 anos, troca com ela algumas gentilezas e fica encantado com sua beleza: é Francisca de Sionnaz, sua prima de segundo grau. Ele não pensa duas vezes: apresenta-se ao pai da menina e, apesar de vinte e oito anos de diferença, pede-a em casamento. Evidentemente, tudo acontecerá a seu tempo: Francisco saberá esperar. Mas o contrato de núpcias já é celebrado um ano depois.

A mãe da pequena Francisca é nobre e rica, e lhe dá como dote o feudo de Boisy, pondo como condição que os futuros esposos assumam aquele título: serão *senhor e senhora de Boisy*. Para Francisco, que na família Sales não é o primogênito, não há problemas, e o casamento é celebrado em 1566. Francisca está para completar 15 anos.

Uma noivinha de 14 anos

Esse particular talvez deixe perturbada a sensibilidade moderna, mas naquele tempo os sentimentos pouco ou nada valiam nas uniões da nobreza. As pessoas se casavam por dois

motivos específicos: para ampliar o próprio patrimônio e para ter filhos a fim de perpetuar a família. Entretanto, a união dos novos senhores de Boisy terá bom êxito: será serena, vivida numa atmosfera de autêntica fé cristã e enobrecida pela aceitação plena dos deveres do próprio estado.

Os dois irmãos Luís e Francisco, sempre concordes em tudo, decidiram ficar juntos sob o teto paterno. Também as duas castelãs, Janine e Francisca, vivem de acordo. Cunhadas, cheias de boa vontade, trabalham juntas porque há muito que fazer: criadas e empregados a orientar, depósitos e despensas a pôr em ordem, cozinhas e menus... Além do mais, Janine já tem seus três pimpolhos. Também Francisca em breve descobrirá que está esperando seu primeiro filho.

De repente, naquele ano de 1567, um acontecimento agita toda Annecy: à casa do duque Tiago da Saboia chega sua esposa, a duquesa Ana d'Este. Eles não são propriamente os soberanos (os verdadeiros são Manuel Filiberto e Margarida da França, e vivem em Chambéry). Apesar disso, aqueles vice-soberanos despertam em Annecy grande curiosidade na aristocracia e no povo simples. Tanto mais que obtiveram a graça de expor o Santo Sudário, cerimônia solene e sem igual que, para oficiá-la, chegaram nada menos do que dois cardeais.

Recolhidos em oração diante do Santo Sudário, na penumbra da igreja de São Domingos, Francisco e Francisca, senhores de Boisy, em devota peregrinação, pensam no seu primogênito com terna apreensão e rezam com profunda fé, tendo, porém, na cabeça projetos *muito diferentes*. Ele conheceu o mundo da nobreza, conserva o gosto pelas maneiras polidas, pela vida refinada

e sonha para o filho bem mais do que um pequeno feudo, onde iria administrar, em âmbito restrito, propriedades campestres entre pessoas do interior, animais e colheitas. Para seu filho (que espera seja do sexo masculino) imagina a carreira militar ou a advocacia, ou o cargo de senador, ou encargos de governo na corte (que logo mais se transferirá da Saboia para Turim), ou quem sabe tudo isso de uma vez.

Francisco júnior, “todo róseo e muito delicado”

Francisco de Sales júnior nasce no dia 21 de agosto de 1567. Vê a luz no amplo e luminoso quarto nupcial dos senhores de Boisy. O ambiente é iluminado por 3 janelas que ostentam os brasões dos Sales e dos Sionnaz. Completam a decoração alguns tapetes de Flandres e uma lareira, do alto da qual pende um antigo quadro de outro São Francisco, o de Assis, rodeado de pássaros que ele catequiza. Por isso, o quarto era chamado, e o será duplamente, *quarto de São Francisco*.

O nascimento do primogênito não é dos mais felizes: o parto é prematuro (no sétimo mês) e trabalhoso. A jovem mãe conhece o preço do sofrimento; aliás, em certo momento, teme-se perdê-la. A criancinha também é “tão delicada e de tal modo corre perigo de morte” que é preciso envolvê-la em algodão. Imediatamente recebe o batismo sob condição. Para conforto dos pais, logo se recupera, retoma vigor e saúde. E será o primogênito de 13 entre irmãos e irmãs (embora 5 morram em tenra idade).

Conseguirá, a pequena Francisca, amamentá-lo? O senhor de Boisy chama um de seus homens mais fiéis e lhe pede: “Por favor, corra e chame sua esposa para que amamente também a nossa criatura”. A mulher chega radiante, toma nos braços com ternura o recém-nascido e começa a amamentá-lo. Foi assim que a senhora Pétremande Puthod, nascida Lombard, fazendo-se de ama, sem o saber, entrou para a história.

Quanto ao futuro daquela criança, entre os projetos divergentes do *senhor* e da *senhora* de Boisy, prevalecerá o projeto do *Senhor do céu*.

Um pequeno pajem que pensa em Deus

Dois séculos mais tarde, a célebre pedagoga Albertine-Adrienne Necker de Saussure escreverá: “O divino dorme na alma da criança: ao educador cabe a missão de despertá-lo”. Os senhores de Boisy, com toda a sua fé, imediatamente se dedicam a essa tarefa sublime e obterão um êxito extraordinário.

Tudo os ajuda. Sete dias depois do nascimento ocorre o rito solene e oficial do batismo. Os cuidados mais que maternos da babá Pétremande fizeram do recém-nascido, tão frágil na chegada, uma criança sadia, em boas condições para se submeter ao rito, e assim no dia 28 de agosto de 1567 houve uma grande festa. Primeiro na igreja paroquial de Thorens (aonde Francisco retornará, tanto para a ordenação sacerdotal quanto para a consagração episcopal), depois no castelo de Sales, onde “numerosas pessoas nobres, e outros” participam da abundante

e variada merenda. Esses *outros* são os pobres, para os quais, “da manhã até a noite, houve esmola geral”.

Em novembro de 1569, dois anos depois do nascimento, segundo o costume do tempo, o pequeno é desmamado. É um menino esperto que enche os olhos de alegria. A sólida babá Pétremande, que ainda estará viva na abertura do processo de canonização, pensando naquela criança por ela amamentada e agora proposta à honra dos altares, testemunhará repleta de satisfação: “Era um menino muito gracioso, de rosto bonito, afável, doce e familiar... Nunca vi uma criança que fosse mais fácil de amamentar e que tivesse melhor índole”.

O castelo de Sales

Também o ambiente e a natureza circunstante acolhem alegremente o pequeno Francisco. O castelo de Sales fica no alto. Ao seu redor, dispostos em plataformas, estendem-se campos, pastos e um grande pomar. Olhando para o sol que desponta, veem-se as montanhas de Foge com seus bosques e, ao longe, o contraforte do maciço de Parmelan, cujo cimo está coberto de neves eternas. No lado oposto, onde o sol se põe, surgem as colinas, uma mais baixa do que a outra, que o trabalho tenaz dos camponeses tornou férteis e produtivas.

Em 1570, quando Francisco tem 3 anos, o castelo torna-se praticamente todo seu. Os irmãos Sales, de comum acordo, adquiriram outro maior em Brens, não muito longe dali. Luís, com a esposa Janine e os 3 filhos, se transferem

para lá, deixando o de Sales todinho para os senhores de Boisy e seu pequeno herdeiro.

Ao ritmo das estações, a paisagem sempre se renova, deixando a mente de Francisco repleta de imagens encantadoras. Assim, a beleza da natureza penetra alegremente no seu universo interior e, pouco a pouco, também no seu mundo religioso. Neve e sol, montanhas e vales, florestas e prados, lagos, rebanhos, pássaros, animais selvagens: Francisco enche sua alma de imagens e aprende com a mãe a ler nelas os traços da mão de Deus.

Assim, a fé de Francisco, aos poucos, se acende em contato com a dos pais, como uma vela ainda apagada se acende ao aproximar-se de outras já acesas.

A fé dos senhores de Boisy

Para o senhor de Boisy, a fé não era adesão superficial a qualquer tradição, mas coragem na fidelidade: ela impregnava sua vida e suas ações. Praticava abertamente a religião. Nos dias festivos participava das celebrações na igreja paroquial. Segundo testemunhas, “confessava-se e comungava na Páscoa, nas grandes festas e quando eram concedidas indulgências”. Toda manhã, o capelão do castelo celebra a missa na capela. Podendo, marido e mulher de Boisy tomam parte. Esse capelão é um jovem sacerdote, levado pela pobreza a interromper os estudos; acabará sendo um válido preceptor para Francisco; será particularmente precioso num difícil momento de crise.

A fé naturalmente se traduz em obras. O senhor de Boisy, em suas terras, entre sua gente, demonstra com os fatos que “ama os pobres, particularmente os camponeses, assiste-os em todas as suas necessidades, seja com grãos, seja com dinheiro, sem juros”.

Na jovem mãe, piedade e caridade para com os pobres são ainda mais evidentes. Um camponês testemunhará no processo de beatificação de Francisco: “Vi a senhora de Boisy ir do castelo de Sales à igreja, que está bastante longe, debaixo de chuva e no inverno, sem medo do frio e da neve... Fazia tudo o que podia para assistir os doentes, aos quais mandava pão e vinho e outras coisas necessárias. Vi-a também medicar as feridas dos doentes com suas próprias mãos”.

Os projetos do senhor de Boisy

O senhor de Boisy descobre com satisfação em seu primogênito a vivacidade da inteligência e o gosto para conhecer e saber. Prevê e projeta para ele as habilidades do gentil-homem de seu tempo: instrução cuidadosa, equitação, esgrima, dança... Sólidos estudos em direito civil e eclesiástico lhe abrirão as portas dos altos cargos do ducado. Deverá também aprender a desembainhar a espada, a manejar a adaga e a comportar-se briosamente na guerra, se for o caso, como o pai, que se destacou no exército e na corte dos Valois, reis da França. Coragem, sim, mas será preciso também ter o senso da administração. O herdeiro de seu nome saberá imitá-lo em tudo e superá-lo.

Foi assim que, desde os primeiros anos, o senhor de Boisy ministrou a seu primogênito uma educação rígida, até mesmo austera, considerada necessária para um filho nobre destinado a grandes sucessos. “Alimentação simples, nenhuma moleza no dormir”, jogos em lugar aberto, primeiro com os três primos (que são um pouco maiores do que ele), depois com os colegas de sua idade das vizinhanças e também com os mais pobrezinhos da paróquia.

O menino deverá crescer numa lealdade a toda prova. Por isso não lhe faltarão punições, raras, mas enérgicas. Por ocasião de um pequeno furto (com 5 anos apossou-se de um laço de seda colorida da jaqueta de um carpinteiro que trabalhava no castelo), o pai não poupou a vara a Francisco: surra-o sob o olhar estupefato da criadagem!

Entretanto, o menino vai assimilando aquela gentileza e doçura de modos que, unidas a uma rara fortaleza de alma e de caráter, o tornarão famoso.

Educadores na fé

De sua parte, a mãe envolve-o com aquela ternura de que uma criança precisa para aderir espontaneamente a Deus. Tão jovem, ela é “delicada, muito piedosa”, mas também “um pouco melancólica e até mesmo ansiosa”.

Com frequência, o senhor de Boisy está ausente, ocupado em negócios e encargos do feudo. Assim, durante os primeiros sete anos, Francisco é todo da mãe. Ela o veste com elegância

e prefere vê-lo “com a roupa de pequeno pajem, mais do que com a roupa comum dos folguedos”. Mãe e filho vão muito ao terraço do castelo, donde se tem a impressão de dominar o mundo: ele brinca sob o olhar atento da babá Pétremande, enquanto a mãe trabalha, reza e o acaricia com seu olhar.

Os hagiógrafos antigos contam que a primeira frase completa que Francisco teria formulado seria esta: “O bom Deus e a mamãe me querem muito bem”. Sem dúvida, Francisco foi o santo que mais do que todos soube unir na vida e nos ensinamentos a natureza e o sobrenatural, o humano e o divino.

Era frequente a mãe acompanhá-lo até a igreja paroquial. Francisco, desde a infância, considera aqueles muros sagrados como “o lugar mais querido do mundo”, porque lhe explicaram que ali, pelo batismo, ele se tornou filho de Deus.

No dia da exposição do Santo Sudário, a mãe tinha feito a Deus, em relação a Francisco, aquela sua promessa generosa, tão diversa dos projetos do marido. Fora isso, os dois estão de pleno acordo quanto à educação na fé.

Na Saboia, o calvinismo naqueles anos está se infiltrando por toda a parte, mas os senhores de Boisy sentem-se totalmente fiéis à Igreja romana, assim como são fiéis ao duque da Saboia, seu soberano. E comunicam também a Francisco sua fé granítica. Juntos participam, com simplicidade, da vida da paróquia e praticam as obras de caridade para com seus dependentes e os pobres.

Dessa forma, os senhores de Boisy colaboram na formação da consciência de seu filho, conduzindo-o passo a passo à racionalidade, à franqueza e à coragem cristãs.

Também à coragem. Uma carta que Francisco escreverá, alguns anos antes de morrer, revela um particular. Disseram-lhe e repetiram-lhe que um jovem senhor nunca deve ter medo, mas Francisco, pequenino, de noite tem muito medo: alguém lhe contou que no escuro vivem os *espíritos*. Mais tarde contará: “Quando era jovem, eu me sentia dominado por essas fantasias. Para me livrar delas, eu me impunha, pouco por vez, ir sozinho, com o coração armado de confiança em Deus, àqueles lugares onde minha imaginação agitava os fantasmas que me assustavam. No fim, adquiri tal domínio sobre mim mesmo que considero as trevas e a solidão da noite como coisa deliciosa”.

A pedagogia dos senhores de Boisy

Tudo indica que a pedagogia era de casa no castelo de Sales. Antes de tudo, severidade do pai e ternura da mãe.

Ponto de partida para a fé é a natureza, tão viva e pulsante sob os olhos do menino. Segundo um testemunho, os pais “explicavam a Francisco os mistérios da fé cristã o mais claramente que podiam mediante comparações e analogias extraídas da natureza” (Carlos Augusto de Sales, parente e biógrafo).

Educação também social: depois que os 3 priminhos deixaram o castelo, Pétremande tem o encargo de buscar nas redondezas colegas para brincar, mas de todas as camadas sociais, em função de uma familiaridade sem exclusões (única exceção, os maus companheiros). Todos os dias ela se põe à

frente da ninhada e a leva aos bosques e aos campos onde há tantas coisas a observar e aprender.

Outro princípio de sabedoria praticado pelos pais: “Sempre respondiam às suas pequenas perguntas” (Carlos Augusto de Sales). E não basta: “Explicavam-lhe os motivos de tudo o que se exigia dele”.

Um dia, o senhor de Boisy surpreende o filho concentrado e pensativo, e lhe pergunta: “Então, Francisco, em que pensa?”. O menino responde: “Penso em Deus e em ser uma pessoa de bem”. São precisamente as ideias e as palavras que seu pai lhe tinha sugerido alguns dias antes: Francisco não as deixou cair por terra e, na sua cabecinha, ruma e acumula aquele ensinamento.

Os resultados: aos 6 anos, um pajem sábio

Lançando um olhar sobre aqueles anos, a babá Pétremande saberá encontrar para o pupilo novos adjetivos e elogios: Francisco era “um menino muito gracioso, de boa aparência, doce e afetuoso... Era tão sábio e usava palavras tão agradáveis que todos lhe queriam bem”.

A senhora de Chantal, da qual falaremos mais adiante, tinha ouvido de muitas pessoas dignas de fé que “desde a infância brilhavam nele um equilíbrio, uma doçura e uma bondade completamente incomuns naquela idade. Era muito tranquilo e obedecia a seus pais”.

Os biógrafos acrescentam que aprendeu desde menino o valor de uma máxima que depois aplicará e ensinará sempre e a todos: “Sejam o que são, mas desejem ser o que são da maneira mais perfeita possível”.

Em torno do ano de 1610, a mãe dirá confidencialmente à senhora de Chantal: “Desde quando era muito pequeno, estava predisposto às bênçãos do céu e não respirava outra coisa senão o amor de Deus”. Sem dúvida, este menino é um pajem que pensa em Deus e em tornar-se um homem de bem.

Os primeiros passos na escola

Ano de 1573. Francisco tem 6 anos, é tempo de escola e ele a deseja. Abre-se diante dele um longo período de estudos: primeiro na Saboia, nos colégios de La Roche e de Annecy (onde se definirá sua vocação ao sacerdócio); depois na França, por dez anos em Paris, no colégio dos padres jesuítas; finalmente na Itália, por quatro anos na universidade de Pádua, onde se formará doutor em direito civil e canônico.

Um colégio a 3 léguas de casa

Nos primeiros anos de escola, Francisco junta-se aos 3 priminhos. O irmão de seu pai, Luís de Sales, decidiu mandar os filhos à escola de La Roche, cidadezinha a 3 léguas de Thorens, à distância de uma galopada de meia hora. Não é o máximo em termos de colégio; de qualquer forma, acolhe os rebentos da nobreza e das classes emergentes da região.

Com somente 6 anos, quanto custará a Francisco desgarrar-se de sua mãe e de seu castelo? Na verdade, para os meninos daquele tempo é normal afastar-se de casa: os filhos dos nobres vão servir como pajens em alguma corte, os filhos do povo trabalham nas propriedades ou em alguma casa de comércio. Além do mais, Francisco quer estudar: ele sabe que, se deseja tornar-se um “homem de bem”, precisa aprender muitas coisas. Assim, na hora da partida, terminado o tempo das vindimas do outono de 1573, a senhora de Boisy não chora, e Francisco, por sua vez, está “todo feliz”. Aquela criança de 6 anos, tão mimada, demonstra possuir a coragem de um homenzinho.

Os 4 primos, em La Roche, não moram no colégio, mas na casa de um professor que, sendo homem de confiança dos Boisy, recebeu o encargo de cuidar deles: trata-se do padre Déage, capelão do castelo de Sales (o padre que lamenta secretamente seus estudos interrompidos na juventude, agora, em contato com uma verdadeira escola, pretende sanar as lacunas). Além disso, o senhor de Boisy, sempre em andanças para tantos assuntos, prometeu que todas as semanas visitaria os meninos. Por fim, sempre existe a alegria impagável das suspiradas férias...

Dois anos correm depressa. Como era previsível, Francisco, segundo afirmam todos os hagiógrafos, é um aluno perfeito, apontado como exemplo para os colegas.

Annecy: a primeira comunhão

No outono de 1575, Francisco, junto com seus primos que estudam, transfere-se para Annecy. Talvez por motivos de

segurança (os tempos são turbulentos), mas também porque Amado, o mais velho dos 3 primos, completou os cursos que podia frequentar em La Roche e deverá continuá-los em outro lugar. Basta isso para que os outros o acompanhem.

Annecy, o novo destino, é a cidade mais importante da alta Saboia. Ali existe um colégio famoso fundado por Chappuis, uma celebridade. Agora, os 4 primos estão na companhia de elegantes jovens das famílias mais nobres. Quanto a Francisco, para seu crescimento espiritual, anunciam-se dois acontecimentos decisivos: em breve receberá a crisma e a primeira comunhão, e em 1578, a tonsura.

Com seus 9 anos, agora enfrenta as elegâncias da língua francesa que aprende com gosto. Segundo o costume do tempo, compõe “coletâneas de palavras escolhidas e frases bonitas”. Os biógrafos, sempre generosos em suas apreciações, afirmam que “declamava de maneira encantadora”, com “gestos firmes, nobres e majestosos, e belíssima voz”.

Chega finalmente o momento da crisma e da primeira comunhão. Os dois sacramentos eram administrados nessa ordem, com poucas horas de diferença entre um e outro. Francisco recebe-os no dia 17 de dezembro de 1577, em Annecy, na igreja de São Domingos, a dois passos do colégio. Preparou-se com seriedade.

O encontro com Jesus o confirma em seu estilo de vida. Segundo uma testemunha entusiasta, “bastava sua presença para que os outros estudantes se comportassem corretamente: desde aquele tempo ele possuía a gravidade e o modo de proceder humilde e ajuizado que sempre teve em sua vida...

Suportava com paciência e doçura o humor impertinente de outros estudantes... E quando, pela tarde, seus colegas iam divertir-se, ele não saía e convidava a senhora em cuja casa morava para ouvir a leitura das vidas dos santos”.

Tem grande simpatia por seu santo padroeiro São Francisco, o pobrezinho de Assis, de quem lê e relê com admiração e estupor os *Fioretti*.

A tonsura clerical

Um ano mais tarde, Francisco pede a seu pai para receber a tonsura clerical (nada fora do comum para aquele tempo). Tem 11 anos e parece que, por própria conta, já decidiu ser sacerdote. Sua vontade é firme, bem determinada, busca colher a essência do Evangelho e viver o mistério da chamada.

Não lhe é muito fácil obter do pai o consentimento para receber a tonsura. Seus sucessos na escola reforçam no senhor de Boisy o projeto futuro de aspirações sem limites. Atualmente, sua casa vive a alegria da presença de outros três filhos. O pai, autoritário e previdente como sempre, já planejou também para eles o futuro: para Gallois, o segundo em ordem de idade, está prevista a vida eclesiástica; para Luís, o terceiro, a carreira militar; para João Francisco, o último, um matrimônio de alta categoria; para Francisco, primogênito e herdeiro, está reservado conferir esplendor e fama à família Sales.

Francisco, num primeiro momento, recebe do pai uma seca recusa ao pedido de receber a tonsura. Depois acaba

prevalendo a reflexão. Por si, receber a tonsura comportaria “entrar a fazer parte da Igreja”, como se dizia então, mas isso não significa um compromisso estrito de receber as demais ordens sagradas. Aliás, a tonsura tem seus aspectos positivos: abre as portas para receber prebendas e benefícios eclesiásticos. Sendo assim, o senhor de Boisy acaba por dar o seu consentimento.

Munido da autorização paterna, Francisco enfrenta o exame; deixa todos admirados com suas sábias respostas; e, apesar de tão jovem, é admitido sem reservas. Cabe a dom Gallois Regard, bispo da diocese de Bagnerois, amigo de seu pai, conferir-lhe a tonsura; o rito se realiza em Clermont-en-Genevois, no dia 20 de setembro de 1578.

Ao pronunciar as austeras palavras do cerimonial, o bispo declara “o Senhor como parte e porção de sua herança”, e Francisco, de apenas 11 anos, está entusiasmado. Em seguida, vê cair sob o golpe da tesoura seus belos cabelos encaracolados cor de fogo e não consegue esconder “um pequeno suspiro de tristeza”. Nada, porém, de medo; aqueles cabelos voltarão a crescer.

Tudo ajuda esse adolescente bem disposto e facilita seus esforços. Ele, de sua parte, responde com uma adesão sem reservas e sem arrependimentos: escolheu Deus e será dele para sempre. Um dia fará esta confidência: “Eu estava tão decidido a ser da Igreja que nunca teria mudado minha opinião, nem mesmo em troca de um reino”.

Paris: equitação, esgrima e filosofia

No outono de 1578, os 4 primos e o preceptor padre Déage transferem-se para Paris. Pela primeira vez Francisco põe o pé fora da Saboia. Todos irão à escola: não só os meninos, mas também o padre Déage, que finalmente poderá completar os estudos de teologia, nem mais nem menos do que na Sorbonne.

Entretanto, o colégio em que Francisco deverá ser matriculado é objeto de discussão: o senhor de Boisy preferiria, também para os 3 primos, o famoso colégio de Navarra, que havia mais de dois séculos formava a elite da juventude parisiense. Chegou, porém, aos ouvidos de Francisco que ali havia pouca disciplina e a liberdade era demasiada. Ao passo que ouviu grandes elogios de outro colégio emergente, aliás, em pleno florescimento: o de Clermont, mantido pelos padres jesuítas. Os professores eram excelentes e também acompanhavam os alunos de perto no plano espiritual. É ali que Francisco quer ser matriculado.

Como bom diplomata em gestação, ele, com calma e sabedoria, envolve a própria mãe na questão do colégio, a fim de que ela convença o pai. Este acaba cedendo: escreve aos padres jesuítas anunciando a chegada do seu filho primogênito como aluno externo.

O Quartier Latin e seus 144 colégios

A viagem até Paris é longa, mas há muitas coisas a ver e aprender: as cidades e os campos, as igrejas e as profundas feridas que as guerras de religião lhes infligiram.

E eis a capital: com 500 mil habitantes, é a mais populosa da Europa. “Cidade régia, mãe de sábias musas, das artes liberais e de toda ciência”, como declamava um contemporâneo. Mas é também a cidade das lutas políticas, das ferrenhas disputas religiosas e das desenfreadas festas estudantis...

Os 4 saboianos, 5 com o padre Déage, no final da longa viagem, param e contemplam ao longe a grande cidade, rodeada de altas muralhas e cortada em duas pelo rio Sena: de um lado, surge diante deles a cidade, do outro, o Quartier Latin, com seus 144 colégios e um exército de 15 mil estudantes provenientes de todas as partes da Europa.

O Quartier Latin, cidadela dos estudos, supera as expectativas da fantasia. É parte da Paris mais antiga: ruas e ruelas sobem e descem entre casas e casinholas desordenadas, com o andar superior que ora avança sobre a rua, ora se retrai, e alguns balcões embelezados por flores. As construções medievais e as

mais modernas, coladas umas às outras, ocupam todo o espaço disponível. Os prédios dos colégios se distinguem por serem mais grandiosos e solenes, e por terem alguma pretensão arquitetônica ou por serem sóbrios e funcionais. Os colégios são muitos, mas os equipados para atender a todas as exigências dos estudantes não passam de 20. Estes dispõem de cursos, salas, refeitórios, capelas, quartos para os professores, residências para os estudantes e aula magna para os cursos de maior prestígio.

Os 5 saboianos descem no Quartier Latin e se acomodam no hotel La Rose Blanche, bem próximo ao colégio de Clermont. Francisco, chegando ao quarto, depõe sua espada de gentil-homem; impaciente e curioso corre imediatamente para seu colégio “a fim de apresentar-se aos padres”.

Clermont, o colégio dos jesuítas

O colégio de Clermont, muito desejado por Francisco, ocupa um lugar de honra na história da pedagogia: surgido em 1564 (tem apenas três anos de vida mais do que Francisco), já é um cadinho de ideias e de pedagogias inovadoras que a jovem Companhia de Jesus está experimentando também em outras partes da Europa. É o único colégio a oferecer ensino gratuito para quem não pode pagar e professa uma fidelidade granítica a Roma e ao papado. Muitos estudantes abandonam outros colégios para frequentá-lo. Henrique II, rei da França, em mais de uma ocasião o visitou, deixando-lhe sempre algum sinal de simpatia e generosidade.

Naqueles anos, conforme os dados recolhidos por Giorgio Papàsogli, o colégio ocupa um edifício com 96 metros de comprimento e cerca de 60 de largura. Hospeda 80 jesuítas, entre professores e estudantes de teologia e filosofia, 260 estudantes pensionistas e mais de 1.200 externos.

Ali vive-se vida espartana, aliás, monacal (substancialmente não muito diferente da dos demais colégios). Para levantar, o sino toca antes da aurora, às 4 horas. Abre-se o portão. Às 5, todos devem estar na própria sala, também os externos. Às 6, missa. Depois, café da manhã com pão e água, em silêncio. Em seguida, uma hora de recreio.

Aulas das 8 às 10, depois discussões, interrogações e repetições. Os externos saem para almoçar e os internos vão para o refeitório: longas mesas, banquinhos, bancos compridos, toalhas grosseiras e guardanapos de pano. Durante a refeição, leitura de livros espirituais. Come-se com as mãos; as facas são usadas somente para certos tipos de alimento e as colheres para líquidos. Um prato de carne, um de legumes e fruta abundante. Depois, duas horas de descanso e recreio.

Entre as 14 e as 18 horas, mais aulas e dissertações. Em seguida, para os internos, jantar. Às 20 horas, encerra-se o dia com o toque do sinal e a oração. Também nas casas vizinhas, pouco a pouco as luzes se apagam...

Um longo currículo escolar

O colégio de Clermont parece feito sob medida para Francisco, que o frequenta durante um decênio, dos 11 aos

21 anos, até 1588, quando se transferirá para a universidade de Pádua para os estudos jurídicos. Conhece-se com suficiente precisão o currículo daqueles dez anos em Clermont.

De outubro de 1578 ao verão de 1581, Francisco retoma o *ciclo de gramática*, que completa os estudos precedentes; trata-se de adquirir pleno domínio do latim, então instrumento indispensável para o trabalho.

Em outubro de 1581 começa o *curso de humanidades*: dialoga com os espíritos ilustres do passado, grandes poetas e literatos, abordando diretamente suas obras-primas.

De outubro de 1582 ao verão de 1584, frequenta o *curso de retórica*, conhecendo de perto os mestres da eloquência. No fim do curso, com quase 17 anos, obtém o diploma de bacharel.

Agora começam para ele as classes superiores e universitárias. De outubro de 1584 e durante todo o ano de 1587 segue os *curros de artes*, chamados também de *filosofia* e, entre outras matérias, estuda astronomia, cosmografia, história natural, matemática, música. É necessário também estudar o grego e um pouco de hebraico. Em 1588 prepara e obtém a licenciatura, em seguida o doutorado em artes, que lhe abre o caminho para a faculdade de direito.

Sobreviveram ao desgaste do tempo os cadernos manuscritos de Francisco estudante de filosofia: testemunham o ardor com que se dedica ao estudo, em particular as qualidades de sua mente: ordem, método, profundidade.

No final do curso de artes é classificado como “perfeito em filosofia” e “um dos primeiros alunos da Universidade”.

Equitação, esgrima, dança e cilício

Francisco cresce também espiritualmente, aceitando os ritmos da *ratio studiorum* daquele colégio que tanto desejou: “Missa diária, confissão e comunhão pelo menos uma vez por mês”. Entre os padres jesuítas procura um diretor espiritual a quem confia sua consciência e de quem aprende “as máximas da vida eterna”. Seguindo seu conselho, entra para a congregação mariana; nela, em pouco tempo é chamado a ocupar cargos de responsabilidade.

Entretanto, Francisco progride também na educação de gentil-homem, segundo as taxativas prescrições do senhor de Boisy. Entre os 15 e 18 anos frequenta uma espécie de *academia de cavalaria*, ou da *nobreza*, que compreende equitação, esgrima, ginástica e dança. Não se dedica somente ao exercício físico, rude e cansativo, mas também a assimilar o aspecto comportamental: na sociedade será preciso saber portar-se com dignidade e segundo o código da cavalaria. A esse respeito, o preceptor Déage recebeu do pai ordens precisas, e Francisco não desiste.

Aprende tudo com a costumeira diligência. Essa iniciação à vida do mundo, mais do que ser-lhe útil pessoalmente, o ajudará quando tiver de aconselhar as pessoas da sociedade que se dirigirem a ele em busca de conselhos.

Em Paris, os Sales têm parentes e amigos que convidam Francisco e lhe fazem festa. Entre outros, há os Luxembourg, a estirpe principesca à qual o senhor de Boisy se sente ligado por antigos vínculos de serviço. Por ordem do pai, Francisco frequenta essa e outras famílias nobres. Nas conversas de salão,

ouve falar do rei e de seus preferidos, das intrigas políticas e amorosas dos grandes e das damas elegantes...

Com seus 15-20 anos descobre por toda parte que ele agrada e que para as meninas ele é um cavalheiro bonito e cobiçado. Seus colegas de estudo não são propriamente santos. Também se dá conta de que não tem coração de pedra... Dessa forma, vê-se obrigado a reforçar as próprias defesas. Luta, reza, mortifica-se. Seu diretor espiritual, às vezes, o autoriza a usar o cilício por baixo do colete recamado.

Não lhe é fácil manter-se fiel aos seus princípios. Francisco, porém, lembra-se muito bem de que, um dia, quis a tonsura, e que, com a tonsura, passou a pertencer para sempre ao Senhor.

Fome de “santa teologia”

Entre as muitas disciplinas que Francisco aprende ano após ano falta aquela que ele estudaria com o maior gosto: *a teologia*. Durante o carnaval de 1584, um domingo, as ruas fervilhavam de jovens mascarados divertindo-se. Padre Déage entra em seu quarto e encontra Francisco completamente só, entregue à melancolia. “Que faz aqui? Vamos olhar essa gente endoidecida de alegria!” Ele olha para o alto e exclama em latim: “*Domine, fac ut videam!*”. São as palavras do Evangelho daquela manhã, a invocação do pobre cego a Jesus: “Senhor, faze que eu veja!”.

“O que quer ver?”, pergunta-lhe surpreso padre Déage. E Francisco responde: “Quero ver a santa teologia. Somente ela me ensinará o que Deus quer dizer à minha alma!”.

Déage, que estuda teologia na Sorbonne, promete que dali para frente lhe passará os apontamentos, mas em segredo; o senhor de Boisy não pode saber. Francisco lê aquelas anotações de aula, em parte as transcreve, e quando encontra alguma dificuldade discute-a com o preceptor ou com outros estudantes. Podendo, depois de suas aulas de filosofia, corre para assistir às disputas teológicas que se fazem na Sorbonne, toma nota dos assuntos mais importantes, e... fica sem almoço.

De fato, Francisco segue um duplo ciclo de estudos. Consegue conjugar esgrima, equitação e dança, com filosofia e teologia. Um dia, lembrando-se disso, dirá: “Em Paris aprendi diversas coisas para agradar a meu pai; aprendi também a teologia para agradar a mim mesmo”.

Seu projeto, não divulgado, porém, evidente, é o de preparar-se aos poucos para o sacerdócio.

Crise. “E se eu estiver condenado?”

O mistério da predestinação

De repente, Francisco enfrenta uma crise que perdurou por seis semanas (dezembro de 1586 a janeiro de 1587) e pôs duramente à prova sua fé e sua saúde.

Ele está em Paris, tem 18 anos. O que lhe aconteceu? Tudo parece começar com uma dificuldade de ordem especulativa: o mistério da *predestinação*. Da boca dos professores ouve tantas opiniões que ele não consegue pôr de acordo entre si dois aspectos diferentes da revelação cristã.

Desde sempre, Francisco viu no cristianismo a exaltação do amor. Em suas incursões pela Sorbonne ouviu comentar, de forma ardentemente mística, por um célebre exegeta do tempo, o Cântico dos Cânticos: a aliança esponsal é o símbolo do amor que une Deus a seu povo, Cristo à sua Igreja, Deus ao coração de toda criatura. Nessa perspectiva, a vida espiritual

lhe parece uma maravilhosa história de amor, a mais bela que o homem possa sonhar e viver.

Entretanto, em suas incursões pela Sorbonne, Francisco também ouviu doutrinas inquietantes e desanimadoras que, embora provindo da boca de teólogos católicos, aproximam-se perigosamente da lógica terrível do protestante Calvino, segundo o qual, Deus destina para sempre (*pré-destina*) alguns à salvação e outros ao inferno. Calvino escreveu: “Nós chamamos predestinação o plano eterno de Deus, com o qual estabeleceu o que Ele quer fazer de cada homem. De fato, não os cria nas mesmas condições, porém, destina alguns à vida eterna, outros à eterna condenação”. Na Sorbonne, alguns teólogos chegam a ler e interpretar neste sentido até Santo Agostinho e Santo Tomás.

Agora Francisco vive essa contradição, não consegue afastar-se da dimensão especulativa. Pelo contrário, sente-se envolvido na questão em primeira pessoa. Começa a ter dúvidas também quanto à própria salvação.

Para levá-lo ao pessimismo diante do árduo problema da predestinação colabora sua própria situação da vida cotidiana. Paris é um monstro tentacular, o ambiente estudantil constitui um perigo para sua extrema sensibilidade (um dia dirá que seu coração “ama tão amorosamente”) e ele se aflige: fará parte do pequeno número dos predestinados à vida bem-aventurada? Ou será condenado entre os réprobos? Então, para que serve amar a Deus (e ele sente que O ama com todo seu coração), se Deus o destinou para sempre à condenação? Se Deus sabe desde sempre (e não pode deixar de sabê-lo) que ele será condenado?

“Permiti que pelo menos eu vos ame durante esta vida!”

A oração de Francisco naqueles dias torna-se um lamento do amor frustrado. Repete com insistência a invocação do salmista: “Salvai-me, ó Deus, porque as águas submergiram minha alma!”. E acrescenta: “Permiti, Senhor, que pelo menos eu vos ame durante esta vida, se não puder amar-vos por toda a eternidade!”.

Nos seus escritos insiste: “Se eu soubesse que estou condenado ao inferno... inclinaria a cabeça com amor e submissão diante dessa sentença do Altíssimo... Na amargura da minha alma repetirei este ato de abandono até que Deus, comovido pela minha submissão, mudará minha triste sorte e me dirá: Tem confiança, filho, eu não quero a morte do pecador, mas que ele viva... Eu te criei para a minha glória como as demais criaturas. Só desejo a tua santificação e não odeio nada do que criei...”.

É um martírio secreto e lancinante. Em meio a tanta desolação, segundo uma confidência referida muitos anos depois pela madre Joana de Chantal, Francisco “tinha absoluta certeza de estar condenado e de não haver salvação para ele”.

A tentação do desespero

A questão teológica da predestinação é muito complexa para que Francisco possa enfrentá-la de repente. A sobrecarga de trabalho do estudante, uma sensibilidade exposta ao risco da

ansiedade, o clima do ambiente escolar teologicamente superaquecido, são elementos que, embora pudessem ter seu influxo, todavia não eram suficientes para explicar a crise. No olho do ciclone que se abate sobre Francisco, segundo André Ravier, desponta a tentação do desespero, uma intervenção do anjo de Satanás permitida por Deus.

Eis como Antonio Sicari explica a situação: a inteligência de Francisco está obcecada por aquilo que, afinal, deve admitir do ponto de vista filosófico (assunto que então era muito debatido *teoricamente nas escolas*). Deus pode fazer tudo o que quiser: Deus não tem que responder perante ninguém pelos seus misteriosos desígnios; a vida eterna não pode ser “merecida” por atos humanos. Por sua vez, o *coração* (que também tem sua inteligência, mais profunda e mais obediente) responde rezando, contemplando a face e o coração de Deus tal como Ele se manifestou aos homens: rico em infinita misericórdia.

Em Francisco, os efeitos da crise do espírito, com o tempo, acabam envolvendo também o corpo. Ele cai em tremenda prostração física, a ponto de não querer mais comer nem conseguir dormir: sua cor torna-se amarelada e pálida. Padre Déage preocupa-se seriamente. Pergunta a si mesmo: deverá informar o senhor de Boisy?

Uma antiga oração a Maria: “Lembraí-vos...”

De repente, Francisco sozinho supera a crise da maneira mais inesperada, aos pés de Maria. Um dia, passa diante da igreja

dominicana de Santo Estêvão de Grès, próxima do seu colégio, e como de costume entra para saudar Maria e para uma oração.

Corre imediatamente aos pés de Nossa Senhora: é a Virgem Negra de Paris, uma imagem venerada, “pintada por pincel pouco hábil e ingênuo”. Mas, o que interessa isso à piedade arraigada dos fiéis? Francisco invoca com fé a mãe de todas as misericórdias.

Sua atenção se concentra num pequeno quadro dependurado no muro: contém uma antiga oração proposta à piedade dos fiéis, o *Memorare*. Francisco como que se agarra a essa oração, recita-a apaixonadamente: “Lembrai-vos, piedosíssima Virgem... que nunca se ouviu dizer que alguém, depois de ter recorrido à vossa proteção, tenha sido abandonado...”.

Reza e chora: aquelas palavras exprimem seu estado de ânimo, sua situação, e ele se dá conta de que não pode ser abandonado por Deus. Repentinamente, tem “a impressão de que seu mal lhe caiu aos pés, como crostas de lepra que se descolam do corpo” (André Ravier).

Levanta-se, está curado. A reviravolta em seu espírito é total: retorna dentro dele a antiga confiança, a alegria de poder abandonar-se perdidamente em Deus.

Levar a “ternura católica” ao mundo calvinista

Agora, as ideias voltaram a ficar claras, seus escritos são a prova disso. Num breve texto de alguns anos depois (1591), ele condensa seu pensamento a respeito da predestinação,

reconhecendo ao amor de Deus uma vontade de bem sem limites. Dito em fraseado teológico: “Não só a condenação acontece por deméritos previstos, também a predestinação se baseia em merecimentos previstos”. Esta é a reviravolta. De agora em diante, esta é a posição teológica sobre a qual se apoiará solidamente nas inumeráveis discussões com os protestantes, na pregação, na direção espiritual.

Poucos anos antes de morrer escreverá a um douto jesuíta, congratulando-se com ele porque num livro ele “abraça e sustenta a opinião da predestinação à glória após a previsão dos méritos, opinião tão nobre sob muitos pontos de vista, pois é a mais antiga e a mais consoladora... Foi para mim uma grande alegria, pois sempre considerei essa doutrina como a mais verdadeira, a mais amável e a mais conforme à misericórdia de Deus”.

As consequências da crise sofrida e superada se referem não só a seu pensamento, mas também a seu comportamento prático, seu modo de viver a fé e seu apostolado cotidiano. Foi uma luta de libertação. Agora saboreia a alegria de saber que somos filhos de Deus e orientará a essa confiante filiação as pessoas que se dirigirem à ele em sua busca de Deus.

Dessa forma, Francisco, em Paris, no limiar dos 20 anos, já está pronto para a missão que o espera: anunciar a *ternura católica* ao mundo calvinista.

Será a sua *revolução*, a revolução de um enamorado, dentro da Igreja, num tempo em que quase todos, também os católicos, pensam que se deve confiar a solução, inclusive dos

conflitos teológicos, à astúcia da política e à violência das armas. Também nisto Francisco, *manso e humilde de coração*, se sente plenamente desarmado.

Terá tido algum sentido seu atormentado infortúnio espiritual? Certamente. Como diz um sábio provérbio antigo: “Quem tropeça sem cair dá um passo mais comprido”.

Assim era o mundo daquele tempo

Chegando a Paris com 11 anos, Francisco quer aprender tudo. Aos 21, quando deixa a grande metrópole, graças a seus intensos estudos, à experiência do mundo estudantil e à convivência com as pessoas da sociedade, adquirira um bom conhecimento desse seu mundo. Ele julga-o inquieto, complexo, cheio de contradições. Mas está pronto para inserir-se nele como protagonista.

Sua pátria: a Saboia

Escreverá de si mesmo com certo orgulho: “Em qualquer hipótese, eu sou sempre um saboiano, por nascimento e por liames”. Sua pátria é o ducado da Saboia, uma região suave pelo encanto da natureza e forte pela aspereza das montanhas. Naquele tempo, era um estado-tampão que gravitava culturalmente em

torno da França, ao passo que seus governantes, precisamente os Saboia, olhavam sempre com maior interesse para a Itália.

Hoje, dois departamentos da França que confinam com a Itália e a Suíça têm estes nomes: Saboia e Alta Saboia; a primeira tem Chambéry como capital, a segunda, Annecy. Ao todo, 1 milhão de habitantes. No mapa, muitos nomes célebres: Aix-les-Bains, Chamonix, os vales do Moncenisio, do Monginevro, do Pequeno e Grão São Bernardo, a ferrovia do Fréjus, o túnel do Mont Blanc...

Uma terra com uma história longa e complicada. A Saboia, antigamente povoada por tribos célticas, em 121 a.C. foi conquistada pelos romanos que logo a denominaram *Sabaudia*, isto é, “*terra dos abetos*”. Em 443, foi invadida por um povo germânico, os burgúndios (donde o nome Borgonha); seu rei, São Sigismundo, levou à região o dom da fé cristã.

Em 534, chegam os francos, e as diversas populações se fundem como num cadinho. Em 806, aparece pela primeira vez num documento oficial o nome *Saboia*. No século X, é invadida por hordas de húngaros e sarracenos. Finalmente, no século XI emergem os Saboia, tendo à testa o fundador da dinastia, o conde Humberto Biancamano. A partir de 1416, eles serão duques, depois, finalmente, reis.

Os Saboia são de origem francesa, mas, ávidos de conquistas como todos os reinantes, guiados por motivações políticas, olham para o Oriente. De fato, não encontram espaço para expansão na França. Em compensação, observam os numerosos pequenos estados da Itália que parecem fáceis de

abocanhar. O fato é que no século XVIII se tornarão reis da Sardenha e de todo o Piemonte. Com Napoleão, haverão de perder quase todo o território; serão, porém, reintegrados em 1815. E em 1860, Vitor Manuel II, da Saboia, na iminência de se tornar rei da Itália, cederá a Napoleão III, por gratidão, suas próprias raízes históricas, as terras da Saboia.

Francisco de Sales deve relacionar-se com dois duques saboianos. Nasce sob Manuel Filiberto, dito Testa de Ferro, glorioso vencedor de Saint Quentin, que transferirá a capital de Chambéry para Turim; depois, por longos anos, será súdito do filho, Carlos Manuel I.

Este duque ambicioso e muito capaz despertará a admiração de um fino conhecedor dos homens, o cardeal Richelieu, que em 1629 dirá que não conheceu “nenhum espírito mais forte, mais universal e mais ativo do que este príncipe”. Ele, porém, vive guerreando, troca continuamente de alianças e transforma a Saboia num perpétuo campo de batalha. Os exércitos saboianos, franceses e espanhóis se perseguem, ora numa direção ora noutra, com as conhecidas consequências para o povo. Por meio de guerras, em geral desastrosas, o duque merecerá o nome de Grande, mas no fim deixará seu estado exaurido nas finanças e mutilado no território.

Todavia, Francisco, como todos os Sales e em geral a nobreza da Saboia, será plenamente leal àqueles soberanos. Também porque os Saboia, durante as extenuantes guerras de religião, todos, sem exceção, se perfilarão com o papa e a Igreja Católica.

Sua cultura: humanista e cristão

Durante esses decênios amadurecem profundas mudanças na sociedade francesa: no campo dos estudos e também na vida civil e religiosa. Humanismo e renascença, entendidos como redescoberta do homem e renascimento espiritual, tinham florescido primeiro na Itália, com epicentro inicial em Florença. Agora, estão renovando também a França e encontram cultores entre homens doutos de muitos outros países europeus. Acontece a redescoberta do mundo clássico, com o culto da beleza e os ideais da perfeição na arte. Os séculos anteriores, nesta perspectiva, são considerados tempos de barbárie e épocas obscuras da história (distorção que ainda hoje não foi totalmente superada).

A redescoberta do mundo antigo, que teve início num país que há mil e quinhentos anos se tornou cristão, não é sem perigos para a fé: sem dúvida, é positiva a aquisição dos *aspectos formais* do mundo pagão, mas as obras clássicas são portadoras de *conteúdos* que nem sempre se afinam com a fé e a moral.

Por exemplo, pode-se aceitar Catão; mas o que dizer dos adultérios de Júpter e das aventuras amorosas de Mercúrio? Contadas e admiradas nas escolas, que espécie de novas gerações formarão? Dessa forma, não se estará abrindo caminho para a corrente libertina que caracterizará Paris nos próximos decênios? E depois, a própria austeridade de Sêneca e a ética da Estoá, que espiritualmente não vão além do teto, podem de fato ser conciliadas com o Evangelho, os Padres da Igreja e a ética cristã?

Um moderno historiador da espiritualidade, Giorgio Papàsogli, enfrentou esse problema. Ele observa que foram as escolas dos jesuítas, como a frequentada por Francisco em Paris, que indicaram na Igreja o caminho a seguir: é preciso *crístianizar* o humanismo pagão. Como? Pode-se, sem mais, aceitar o esplendor da forma clássica antiga com seu segredo de beleza, mas ela deve ser aplicada ao conteúdo novo da alma moderna, que é o *crístianismo*, a ser respeitado e valorizado na sua integridade.

Esta orientação, formulada na *ratio studiorum* dos jesuítas e posta em prática aos poucos na Igreja nos diversos campos, desde a literatura até a arquitetura e as artes menores, caracterizará as genuínas correntes espirituais da Contrarreforma católica.

Entretanto, no fim do século XVI, o colégio jesuíta de Clermont forja solidamente a cultura de Francisco, filho do senhor de Boisy, um saboiano em Paris. E o forma para ser um dos principais fautores do humanismo crístão.

Papàsogli faz uma pergunta claramente retórica: se Francisco, em vez de frequentar os jesuítas de Clermont, tivesse acolhido a opção paterna favorável ao colégio de Navarra, teríamos hoje o humanista crístão por excelência, o “doutor em humanismo crístão” (como o definiu F. Hermans), o grande renovador da ascética na Idade Moderna?

Seu sofrimento: a Igreja dilacerada

“A grande alegria da Igreja é ser santa com membros pecadores”, observou o filósofo Jacques Maritain. De fato, sua

aventura terrena é, por um lado, uma história de corrupção, por outro, história de Reforma.

Essa aventura, documentada ao longo dos séculos, sofreu uma reviravolta memorável precisamente cinquenta anos antes que Francisco nascesse na sua verde Saboia. Em 31 de outubro de 1517, um frade agostiniano alemão, Martinho Lutero, publicou em Wittenberg “95 teses” que logo se tornaram famosas, nas quais critica a praxe eclesiástica das indulgências, dos votos, das peregrinações, dos jejuns. Naquele dia, começa a trincar-se a unidade da Igreja na Europa: à Roma dos papas começa a contrapor-se o protestantismo.

Que muitas coisas não andassem pelo bom caminho na Igreja já se sabia. Antes disso, sobretudo a partir do século XIV, tinham surgido correntes religiosas que buscavam renovar a vida cristã e sanar as instituições. Eclesiásticos e leigos comprometidos, humanistas, como Nicolau Cusano, Tomás Moro, Erasmo, os ramos de estreita observância das antigas ordens religiosas, igualmente as ordens e congregações surgidas nos últimos tempos, tinham se aventurado na que foi definida a *Reforma católica*. Papas e bispos apoiavam, aliás, promoviam esse esforço, mas complexivamente os resultados eram escassos.

De repente, ocorre a ruptura provocada por Lutero. Um clima de justa reação diante da corrupção de uma parte do clero, de hostilidade para com a cúria romana e as suas “95 teses” tiveram um efeito devastador. Os acontecimentos se sobrepuseram. Em 1518, a doutrina de Lutero é declarada herética pelo papa, mas ele recusa retratar as próprias posições. Em 1519, na disputa de Leipzig, ele nega o primado do papa e a infalibilidade dos

concílios e declara que a Sagrada Escritura é a única norma de fé. Em 1520, queima a bula *Exsurge Domine*, pela qual Leão X condena suas doutrinas. Em 1521, é excomungado.

Proscrito pelo império, Lutero, em dez meses de clandestinidade, traduz para o alemão o Novo Testamento (no ano de 1534 traduzirá também o Antigo), numa linguagem robusta que inaugura a língua literária unitária da Alemanha. Em seguida, sai da clandestinidade, organiza seus sequazes sempre dispostos a litígios, polemiza com Erasmo (na prática rompe com o espírito humanista). Reordena a liturgia, compõe hinos para o culto, escreve o *Pequeno* e o *Grande Catecismo* (1529). Não basta: em meio a todo esse dinamismo, ainda encontra tempo para uma esposa e seis filhos.

A Reforma de Lutero na Alemanha é acolhida favoravelmente pelos nobres (1531) que, com ela, veem a possibilidade de aliviar a pressão do poder imperial e de secularizar (isto é, açambarcar) os bens eclesiásticos. A Reforma é definitivamente reconhecida pela paz de Augsburgo (1555). Depois, pouco a pouco, da Alemanha se estende a toda a Europa centro-setentrional (igrejas luteranas da Escandinávia e da Dinamarca). Genebra torna-se a capital do calvinismo (novo e vigoroso rebento da Reforma), que toma pé também na Hungria, Polônia, Boêmia, França (huguenotes), Suíça, Escócia, Holanda e mais tarde nos Estados Unidos. Na Inglaterra, a Reforma coincide com o cisma anglicano (Henrique VIII, 1534). Na Itália, só aderem alguns pequenos grupos, além dos valdenses. Hoje, os luteranos no mundo são em torno de 66 milhões.

Apesar disso, a Saboia de Francisco permanece católica e se compromete em cheio com a *Contrarreforma*. Com este nome se indica a reação desenvolvida pela Igreja para combater a Reforma protestante e mais exatamente as iniciativas da Igreja para realizar a própria reforma interna.

Francisco, que desde menino decidiu ser homem de Igreja, sofre as lacerações da cristandade de forma aguda. Genebra, que um dia será nominalmente sua diocese, desde 1533 tornou-se “a Roma de Calvino e dos calvinistas”, e sua presença, inclusive armada, é uma contínua ameaça para a Saboia. Francisco, na sua ação pastoral, será um homem apaixonado pela Contrarreforma.

Seu drama: as guerras de religião

Francisco, aos 11 anos, em sua viagem da Saboia a Paris, pela primeira vez se sente envolvido pela tragédia do seu tempo: as *guerras de religião*. As cidades de Lião, Bourges, Orléans, onde se hospeda, mostram-lhe as feridas que ainda sangram: igrejas devastadas, catedrais espoliadas, restos de imagens de Nossa Senhora e dos santos, de quem o povo de um tempo era devoto, ainda fumegando.

Guerras de religião: é o rótulo que, apesar de se tratar de dois termos fundamentalmente irreconciliáveis entre si, os historiadores aplicaram aos embates entre os católicos e os protestantes ao surgir da Reforma. As guerras começam na Alemanha entre o imperador católico e os príncipes protestantes. De vez

em quando explodem na Suíça entre cantões de fé diferente. Na França, entre huguenotes e católicos, e duram de 1560 a 1598. Depois, aqui e ali, em vastas regiões da Europa, alcançam seu apogeu entre 1618 e 1648 na *Guerra dos Trinta Anos*.

Huguenotes é um termo familiar com que Francisco vai se defrontar diariamente. É usado na França para indicar, de forma geral, os protestantes seguidores de Calvino e, em particular, sua organização político-militar. Difundiram-se capilarmente em todas as camadas do corpo social, até mesmo entre os príncipes de sangue real. Segundo não poucos “papistas” (assim são chamados os católicos), entre os quais está o senhor de Boisy, pai de Francisco, *os huguenotes são o inimigo que é preciso aniquilar*.

Henrique II, rei da França (1547-1559), está ainda em guerra com a católica Espanha, mas já pensa em restabelecer a unidade religiosa reprimindo a heresia protestante. Declarou num encontro com huguenotes: “Juro que se eu puder regularizar meus assuntos com o exterior, farei correr pelo chão o sangue e as cabeças desta corja infame...”.

Nos anos seguintes, é regente no trono da França a rainha-mãe, Catarina de Médici, mas na definição da política tem peso determinante o catolicíssimo duque de Guise. Catarina teme que o contraste entre católicos e huguenotes possa comprometer a unidade do reino e minar a autoridade da coroa. Por isso, busca um compromisso com os huguenotes, fazendo-lhes algumas concessões. Estes se aproveitam da oportunidade, reorganizam-se e intensificam sua propaganda.

Os católicos não ficam parados: em 1562, o duque de Guise desencadeia algumas repressões violentas e é aclamado pelas multidões como herói da fé. Haverá guerra civil, com altos e baixos, interrupções e reinícios, até 1594.

Em particular, em 1567, ano em que nasce Francisco, os huguenotes são derrotados em campo de batalha e seu comandante, o príncipe de Condé, morre na luta. Três anos mais tarde, Catarina de Médici retoma as tratativas com o novo chefe huguenote, almirante Coligny, que obtém dela uma preciosa concessão: quatro fortificações em solo francês.

Em 1572, Francisco tem 5 anos e brinca de dia no terço com a babá, no castelo de Sales. Na noite entre 23 e 24 de agosto, em Paris, Coligny e 2 ou 3 mil huguenotes são passados a fio de espada. É a famosa *Noite de São Bartolomeu*. A mortandade continua durante o mês de setembro inteiro por toda a França. Naqueles dias de terror, alguns nobres já favoráveis à Reforma consideram mais seguro retornar ao catolicismo e muitos huguenotes escapam da morte fugindo para Genebra.

O novo rei, Henrique III, filho de Catarina de Médici, que subiu ao trono em 1574, finalmente compreende que a paz é possível e a unidade do estado só estará garantida se for permitido o livre exercício das religiões. Todavia, antes que essa ideia possa ser aplicada, haverá ainda dois decênios de guerras e de uma paz resultante do cansaço de tantos combates e de delitos: morrerão por mão assassina, primeiro, o duque de Guise e, depois, o próprio Henrique III. Naqueles anos, Francisco, em Paris, estuda filosofia e teologia; estupefato, olha a seu redor.

Em 1589, extinta a dinastia dos Valois, tornou-se rei Henrique IV de Bourbon, um huguenote, que quatro anos mais tarde abjurará o calvinismo e retornará ao catolicismo. A ele atribui-se a frase: “Paris bem que vale uma missa”. Naquele mesmo ano, 1593, Francisco é ordenado padre.

Em 1598, Henrique IV, pelo *edito de Nantes*, regulamenta na França a convivência entre as duas religiões antagônicas. No parlamento, o edito encontra forte oposição, mas o rei declara furioso: “Não se deve mais fazer distinções entre católicos e huguenotes. É preciso que todos sejam bons franceses e que os católicos convertam os huguenotes com o exemplo e uma vida honesta...”.

No tabuleiro europeu, as forças católicas e protestantes se embatem de forma cruenta; Henrique IV em muitas situações será o fiel da balança, apoiando um lado, muito atento, porém, para não se indispor com o outro. E terá particular estima por Francisco de Sales.

Assim era o mundo daquele tempo.

Pádua, onde se preparam os advogados

Em 1588, Francisco obteve em Paris a licenciatura em artes, em seguida, o respectivo doutorado que lhe abre as portas da faculdade de direito. No início do verão, retorna à Saboia, onde o senhor de Boisy o aguarda com impaciência e já o imagina revestido com a “longa veste vermelha” de senador.

A família não está na sua habitual residência, o castelo de Sales, mas naquele mais retirado de Brens. As guerras de religião recrudescem, os calvinistas descem de Berna e Genebra e devastam a região dos Sales: por isso, é preciso pôr-se em segurança. Apesar da situação problemática, dado que Francisco retorna em família, a festa é grande.

O pai o embala com os olhos. Ele o vê comportar-se de forma “tão gentil” e se sente orgulhoso. Sua mãe o abraça “com a ternura de um tempo”. E tem a alegria de descobrir que, sim, agora se tornou um jovem elegante, mas conservou

o coração de quando era o *seu* menino. É sempre aquele filho que, num dia longínquo, diante do Santo Sudário, ela ofereceu ao Senhor.

Francisco conhece (ou reconhece) os irmãos que, na maioria, é a primeira vez que vê: Gallois tem 12 anos, Luís, 11, João Francisco, 10, Gasparde, não sabemos com precisão, Bernardo, 5. E também Jano, o último a chegar, que tem poucos meses de vida e que, de olhinhos brilhantes, está no berço entre rendas e fitas, parecendo um bonequinho.

Eles contemplam aquele jovem senhor, alto, de aspecto elegante; no começo quase se sentem intimidados. Depois se dão conta de que é de fato um deles, e a amizade se torna cordial e completa. Francisco aproveita aqueles dias também para restabelecer contatos com parentes e amigos quase esquecidos durante a longa ausência e, podendo, vai visitá-los.

Entretanto, agora deverá começar, segundo os projetos paternos, os estudos de jurisprudência. Onde? Não em Paris, que naquele tempo parece não ter uma faculdade de direito suficientemente prestigiosa. Além disso, Paris está se tornando um campo de batalha: em maio de 1588 levantaram-se barricadas nas ruas, os exércitos entraram em luta, dispararam suas armas e mataram à vontade. Os historiadores já tinham contado sete guerras de religião; com esta última, atualizam as contas, agora são oito. Enfim, também por essa conhecida vontade dos parisienses de brigar, é melhor buscar uma universidade em outro lugar.

Não é difícil encontrá-la. O senhor de Boisy sabe muito bem que, há tempo, o ducado da Saboia orienta os próprios interesses para a Itália, e Francisco tem tudo a ganhar, se ele se abrir ao conhecimento desse mundo fascinante que tanto contribui com a cultura europeia. A escolha cai naturalmente sobre a universidade de Pádua, centro cultural da poderosa República de Veneza. Pádua, a cidade de Santo Antônio, é orgulhosa das suas universidades que formam os melhores advogados e os melhores médicos da Europa.

Assim, no outono de 1588, Francisco parte para Pádua. Além do padre Déage, que como sempre deseja continuar seus estudos teológicos, e de um doméstico, leva consigo o irmão menor Gallois, que seguirá os cursos de gramática. Também em Pádua há um bom colégio mantido pelos padres jesuítas: este será para Gallois.

Programas específicos para a escola

Pádua é uma cidade agradável, onde se respira em liberdade o ar e a arte da Renascença. Conta 60 mil habitantes, dos quais quase 20 mil são estudantes provenientes de várias partes da Europa. A reputação dos professores é superlativa; a dos estudantes é péssima, pior ainda a dos colegas parisienses.

Francisco organiza sua nova existência. Antes de tudo, olho no dinheiro. Esbanjá-lo é só para estudantes que podem permitir-se tal luxo como sinal de prestígio. Francisco poderia gastar à vontade, mas entrega tudo ao padre Déage que será um administrador atento.

Depois divide sabiamente o tempo de trabalho entre os estudos de direito e, sem que seu pai saiba, mas com a conivência do padre Déage, os sonhados estudos de teologia. Para não ser injusto, dedicará todos os dias quatro horas à jurisprudência e quatro às ciências sagradas. Finalmente, como passatempo, dará uma olhada também na botânica e na medicina.

Programas específicos também para a vida

Francisco sente mais do que nunca a necessidade de um mestre de espírito e, lembrando a experiência de Clermont, vai procurá-lo no colégio dos padres jesuítas. Ali encontrou Antônio Possevino, sacerdote douto, escritor, orador e teólogo famoso, que acumulou experiência em missões pastorais em vários países da Europa. É o homem certo e Francisco lhe abre completamente o coração também a respeito da crise espiritual vivida em Paris. Quando os dois se tiverem conhecido melhor, ele ouvirá do padre Possevino estas palavras claras e diretas: “Seu espírito não é feito para as disputas do fórum”. Ouve, porém, também estas outras, taxativas: “Empenhe-se seriamente no estudo do direito. Por ora, esta é a vontade de Deus a seu respeito”.

Padre Possevino transmite a Francisco o gosto pela Escritura e o orienta ao estudo da mística. Aconselhado por ele, Francisco lê e relê uma obra-prima da ascética, publicada havia pouco em Veneza: o *Combate espiritual*, do padre Scupoli. Sem perda de tempo, entra para a congregação mariana erigida no colégio dos padres jesuítas e frequenta um curso de exercícios espirituais inicianos.

Sempre de acordo com o padre Possevino, Francisco rege uma *regra de vida*. Primeiro ponto: empenha-se em fazer todos os dias o exercício de preparação para os compromissos cotidianos, que “consiste num exame preliminar, feito na presença de Deus, daquilo que se prevê que possa acontecer durante o dia”. Depois, em sete artigos, estabelece como se comportar em cada dia: “Acordando, agradecerei a Deus... Depois, pensarei em algum mistério sagrado... Não deixarei de ouvir todos os dias a santa missa”.

O terceiro dos sete artigos surpreende e merece ser conhecido com as palavras exatas (pelo menos algumas) usadas por Francisco: trata-se de um *sono sagrado*. “Assim como o corpo precisa de sono para repousar e aliviar os membros cansados, também é necessário que a alma disponha de um pouco de tempo para cochilar e repousar entre os castos braços de seu Esposo celeste, a fim de restaurar as forças e o vigor das suas potências espirituais. Sendo assim, destinarei todos os dias alguns momentos a esse sono sagrado para que minha alma, imitando o discípulo amado, durma em plena segurança, reclinada sobre o amável peito, melhor, sobre o coração amoroso do amoroso Salvador.” Este sono, porém, é um sono de quem vigia, pois é repleto de pensamentos sobre Deus e voltados a Ele. Por exemplo: “Ó Senhor, só Vós sois bom... Todas as criaturas que são boas são tais somente porque participam da vossa amável bondade...”.

Outros artigos da regra de vida contêm normas práticas “para comportar-se bem com os companheiros e nos encontros sem tropeçar ou sucumbir ao vício”.

Não se trata de regras inventadas num momento de fervor e depois postas de lado: Francisco transcreve-as nas primeiras e nas últimas páginas do volume do *Combate espiritual* que sempre carrega consigo.

Com isso, ele consegue levar uma vida sinceramente cristã, mesmo entre a turbulenta população estudantil de Pádua. Porque as dificuldades não lhe faltarão. Entre outras, há um pequeno grupo de estudantes que vieram com ele da Saboia e que Francisco não pode ignorar: alguns são dignos de recomendação, outros não. Padre Possevino, interpelado, aconselha-o a frequentá-los sem excluir nenhum, mas a ter os olhos abertos. Eles o respeitam, alguns, porém, quereriam colocá-lo à prova. Não conseguem imaginar que se possa viver uma vida limpa, como parece que ele faz. E depois, tão devoto, não será talvez pusilânime?

Três estudantes saboianos, mal-educados e briguentos, uma noite o agridem (talvez fosse só uma brincadeira) com a espada em punho. “Quem vai lá? Pare!”, gritam. À luz mortiça de uma lanterna, Francisco entrevê um brilho de espadas. Parece um assalto de bandidos para roubar. Francisco está armado como exige o protocolo dos gentis-homens do tempo e certamente não esqueceu as lições de esgrima da escola parisiense: sem temor, enfrenta os três agressores e os põe a correr.

Contrariados, os três não se dão por vencidos e mais tarde lhe proporão encontros com mulheres e situações equívocas; mas ele saberá livrar-se de tudo com sua coerência cristã.

“Entreguem meu corpo aos estudantes de medicina”

Durante a permanência de mais de três anos em Pádua, há também um momento dramático: uma doença que no fim de 1590 leva Francisco ao risco de morte. Poucos dias depois, no dia 15 de janeiro, os médicos consideram-no sem possibilidades de retorno. Deverá fazer o testamento. Suas “últimas vontades” deixam todos estupefatos.

Pádua, naquele tempo, era teatro de cenas hoje inimagináveis, além de espantosas. Uma testemunha conta que os estudantes de medicina, “com as armas em punho, iam ao cemitério para desenterrar os cadáveres dos que foram condenados à morte a fim de usá-los em seus estudos de anatomia. Chegavam a lutar contra os parentes do morto, os quais, também armados, se opunham, provocando conflitos sangrentos e às vezes mortais”.

Padre Déage, que acompanha Francisco, propõe-lhe os últimos sacramentos e lhe pergunta cruamente: “Onde prefere ser sepultado? Que funerais deseja ter?”. Francisco responde: “Só vejo um testamento a fazer: confiar minha alma a Deus. Por favor, quando eu tiver expirado, entregue meu corpo aos estudantes de medicina, de modo que não tendo servido para nada nesta vida possa ser útil pelo menos depois da morte... Ficaria contente se, fazendo assim, eu pudesse impedir uma daquelas lutas e carnificinas que os estudantes fazem quando querem apossar-se de algum cadáver para fazer a autópsia...”.

Não tinha, porém, chegado sua hora. Padre Possevino corre para confessá-lo, o pároco lhe administra a unção dos enfermos, mas ele se recupera.

Láurea com “anel, coroa e privilégios da universidade”

Os anos passam, os estudos progridem, ao passo que o campo intelectual a explorar, em vez de se reduzir revela-se sempre mais amplo. Entretanto, da Saboia chega para Francisco a ordem paterna (normalmente sem possibilidades de réplica) de concluir os estudos. Francisco está pronto. No fim de agosto de 1591, enfrenta o último exame e a nota que recebe, expressa com bolinhas brancas e pretas, só tem bolinhas brancas.

Entre os luminares que ensinam em Pádua sobressai o insigne jurista Guido Panciroli, considerado “homem cheio de virtude e de ciência, cuja natureza era mais afim à dos anjos do que à dos homens”. Não podia deixar de afeiçoar-se a um aluno exemplar como Francisco e, de fato, quis ser o responsável pela sua tese.

A sessão para a láurea aconteceu poucos dias depois, em 5 de setembro de 1591. Foi um ato solene, na ampla aula magna chamada *Colégio Sacro*: a comissão examinadora está pomposamente vestida e disposta em semicírculo diante de Francisco. A sala transborda de estudantes curiosos e interessados. Paira no ar o tradicional clima de seriedade, mas, além disso, nota-se um insólito clima de cordialidade e de afeto.

Francisco extrai da urna uma tese decididamente árida, referente a Vellejus Paterculus, que foi cônsul romano sob o imperador Cláudio. Expõe a doutrina e responde “muito solidamente às arguições” que lhe são propostas e, assim, “aqueles que o consideravam mais devoto do que instruído ficaram maravilhados que fosse tão instruído quanto devoto”.

No fim, o insigne Panciroli usa para com Francisco palavras não costumeiras naquela aula magna: “Aguardei este momento como um dos meus dias mais belos, quando o vejo honrado pelo doutorado... Qualquer outro teria presidido a este ato com maior honra para a universidade, ninguém, porém, com maior afeto do que o meu pela sua pessoa”. E conclui com a fórmula ritual: “Pelo presente ato criamos e declaramos (Francisco de Sales) doutor em ambos os Direitos”; em seguida, entrega-lhe “o anel, a coroa e os privilégios da universidade”. Depois escreve ao senhor de Boisy para congratular-se também com ele e o aconselha: “Recomendo-lhe não deixar ocioso o grande gênio do seu filho”.

Passados vinte dias, é a vez do padre Déage: também ele, depois de anos e anos de estudo cansativo, consegue finalmente seu doutorado em teologia.

O senhor de Boisy recebe a notícia “com grande júbilo”. Todavia, só poderá abraçar o filho alguns meses mais tarde, em fevereiro de 1592, porque, antes, Francisco vai a Loreto. Quando os médicos o haviam desenganado, fizera voto de que, se fosse curado, faria uma peregrinação até aquele santuário.

Pacífico e competente operador de paz

Eis, portanto, Francisco “doutor em ambos os Direitos”, civil e eclesiástico, diplomado na mais famosa universidade do tempo e logo reconhecido como autoridade indiscutível.

Nos anos futuros, fará frutificar abundantemente seus estudos. Será consultado por milhares de pessoas que lhe propõem seus litígios e desentendimentos, que encherão sua antecâmara, confiarão nele para solucionar suas rixas e controvérsias, e com frequência aceitarão de olhos fechados o veredicto de suas arbitragens. Mas também bispos, soberanos, principalmente seu duque da Saboia e, às vezes, o próprio papa o envolverá em longas, árduas e mesmo impossíveis missões diplomáticas ou em disputas teológicas.

Francisco, sempre disponível, pelo menos tentará resolver os problemas que lhe propõem e, algumas vezes, seu empenho lhe custará caro. Com aquele seu coração apaixonadamente orientado para a justiça e o bem, como incomparável operador de paz.

Como custa tornar-se sacerdote!

Havia, portanto, um voto feito em Pádua e devia ser mantido: a peregrinação a Loreto. Na noite de 8 de outubro de 1591, Francisco, padre Déage e Gallois embarcaram em Veneza; depois de dez dias desembarcam em Ancona, indo imediatamente para Loreto. Francisco está fora de si de alegria. Com dificuldade conseguem tirá-lo da pequenina casa *onde Deus se fez homem*.

Seria seu desejo continuar a peregrinação até Roma, por terra, mas o interior montanhoso da Itália está infestado de bandoleiros, os guias que deveriam acompanhá-los esquivaram-se e padre Déage informou Francisco de que a bolsa estava ficando leve demais. É preciso renunciar. O grupo passa ainda alguns dias em Pádua, depois volta para a Saboia, fazendo alguma parada em Milão e em Turim; enfim, em toda parte onde houver alguma coisa bonita para ver. Em fevereiro de 1592, está de novo em sua pátria.

Os três não vão para Sales, antiga residência do senhor de Boisy, nem para Brens, outrora residência de seu irmão, o senhor de Sales, porque aquelas terras agora são muito inseguras: são disputadas e ocupadas alternadamente pelas tropas calvinistas de Berna e de Genebra (incluindo os mercenários), e pelas tropas católicas dos Saboia. Todas com um objetivo comum: destruir qualquer edifício que pudesse oferecer aos inimigos uma base de operações (esta guerra passará à história como *a guerra dos castelos*).

As nobres famílias dos Sales e dos Boisy, abandonando suas cômodas residências expostas ao risco, refugiaram-se provisoriamente no modesto castelo de La Thuille, povoado ao sul do lago de Annecy, situado numa margem pitoresca. Francisco e Gallois, chegando, recebem uma previsível acolhida terna e entusiasta. Todos estão ali para fazer festa: a mãe, ainda bonita nos seus 40 anos, mas um pouco emagrecida e inquieta; o pai, gentil-homem de nobre aspecto, esconde briosamente seus 70 anos já próximos; e a ninhada dos irmãozinhos que saltam de cá para lá como passarinhos (ao todo são 13 filhos do senhor de Boisy: 7 vivos, 5 mortos em tenra idade, e uma última irmãzinha que se juntará brevemente à ninhada).

Francisco é o centro das atenções. Com 24 anos, parece encarnar todos os dons da natureza e da graça. Laureado numa universidade famosa, perfeito gentil-homem, cavalheiro de boas maneiras e, se for preciso, capaz de manejar a espada. Parece a virtude em pessoa.

Virtude é a palavra acertada porque Francisco a tinha fixado para si como objetivo a perseguir. A respeito dela também

escrevera em sua regra de vida ao referir-se ao sono espiritual: “Cochilarei suavemente no conhecimento da excelência da virtude: virtude que é tão bela, tão graciosa, tão nobre, tão atraente, tão potente. É ela que torna belo o homem, interiormente e também exteriormente, que o torna agradável ao Criador... É a virtude cristalina que santifica o homem, que o transforma em anjo, que faz dele um pequeno deus e lhe garante desde agora o paraíso”.

Uma noiva e uma cadeira no senado

O senhor de Boisy continua a pensar na família em termos realistas e mais do que nunca depõe suas esperanças em Francisco. O segundo filho, Gallois, tem somente 16 anos e não demonstra as qualidades de um chefe de família: por isso, pensa em encaminhá-lo para a vida eclesiástica. O terceiro, Luís, será cavaleiro de Malta... Quanto aos outros, é ainda cedo para fazer opções definitivas. Por isso, Francisco é a pessoa certa: somente nele deposita a esperança da família. E está preparando tudo para ele.

O senhor de Boisy, aconselhando-se com pessoas ajuizadas, já reuniu em La Thuille uma biblioteca jurídica bem selecionada, com os livros necessários para Francisco exercer a advocacia.

Comprou a propriedade de Villaroget e seu título correspondente: Francisco será *senhor de Villaroget*.

Pode também conseguir para ele um lugar no tribunal de Chambéry.

Já fez os trâmites para obter do duque Carlos Manuel as cartas senatoriais: logo poderá ser atribuída a Francisco uma cadeira no supremo senado da Saboia.

Não basta: segundo o costume do tempo, já encontrou para Francisco uma noiva: a bela e amável Francisca Suchet de Mirabel, de 14 anos, “verdadeiramente nobre por sangue e por virtude”. Em toda a Saboia não há menina mais cobiçada.

Entretanto, Francisco, em vez de explodir de alegria pelo descortino previdente do pai, entra em profunda crise. Aprecia com gratidão os passos dados por seu pai, admira o que faz. Mas como conseguirá informá-lo de que sua vocação é outra, que ele pertence ao Senhor e deseja ser sacerdote? Assim, uma das vocações mais nítidas resulta também uma das mais contrastadas.

Um dilema à primeira vista insolúvel, um martírio da consciência. Francisco hesita e ganha tempo. Deverá encontrar o difícil equilíbrio entre uma generosa resposta a Deus que o chama e o comportamento caridoso para com os seus. Está firmemente decidido; as circunstâncias lhe sugerirão como deverá comportar-se.

Como se desfazem os sonhos do senhor de Boisy

O senhor de Boisy, prosseguindo na realização de seus planos, combina um encontro de família em Sallanches, na casa de um amigo comum, para que Francisco possa conhecer a noiva Francisca Suchet. Ela é filha única de João Suchet, senhor de

Vegy e conselheiro do duque da Saboia, e é a herdeira de todos os seus bens. Alguém disse que “todas as herdeiras são bonitas”. Isto se verifica em dobro no caso de Francisca.

Durante o encontro entre os dois, Francisco mostra-se “educado, gentil ao máximo”, mas também frio e reservado. A menina fica desiludida, o senhor de Boisy se enfurece. Durante a viagem de volta repreende o filho, que suporta a repreensão cabisbaixo. E ouve estas palavras duras do pai: “Você, com seu comportamento, mandou pelos ares todos os projetos que consegui montar para seu bem!”.

Mais tarde, alguns amigos do pai tentam persuadir Francisco. Graças a essa mediação, os dois jovens (Francisco e Francisca) se encontram, até mais de uma vez. Entre eles surge uma amizade serena, como entre pessoas sinceras e bem-intencionadas, mas nada mais do que isso. O belo jovem insensível não cede.

Finalmente, pelo fim da primavera, surge no horizonte de Francisca Suchet outro pretendente, de ótima família e com todos os requisitos, e em dezembro de 1592 os dois se casam.

Para o senhor de Boisy as coisas parecem melhor encaminhadas no plano profissional. Francisco é advogado, poderia exercer a profissão. No plano econômico, o momento é difícil para todos. Um dia, o pai lhe diz: “A nossa casa é mais rica em brasões do que em rendas”, e lhe pede que colabore. “É preciso que você vá a Chambéry para se fazer admitir como advogado no senado”. Francisco docilmente encaminha as coisas; no dia 24 de novembro presta o juramento costumeiro, paga os dois escudos prescritos e é admitido no foro. Nenhum problema quanto a isso: naquele tempo podia-se ser sacerdote e ao mesmo tempo exercer a advocacia.

Entretanto, o duque Carlos Manuel emana as solicitadas cartas patentes, pelas quais se promete ao senhor de Villaroget a dignidade de senador na soberana corte da Saboia. Essa dignidade lhe será conferida antecipadamente em via excepcional, apesar de ele ter somente 24 anos (normalmente não era concedida a quem tinha menos de 30 anos). O senhor de Boisy explode de alegria. Logo, porém, ela se transforma em estupor e incredulidade. Francisco agradece, mas recusa. É demais!

Sacerdote? O “sim” sofrido do senhor de Boisy

Agora Francisco está consciente de que não pode mais tergiversar, que é tempo de abandonar a ambiguidade. Com quem poderá contar?

Certamente, poderá contar com sua mãe que o ofereceu ao Senhor antes que ele nascesse.

Também com dom Cláudio de Granier, bispo de Genebra, figura luminosa de prelado (outrora abade beneditino, que agora está animando a diocese segundo o espírito do Concílio de Trento). Em março de 1592, o bispo estava doente e Francisco lhe fizera uma visita de cortesia. Naquele encontro informara-o também do seu desejo de ser sacerdote, e o bispo, embora tendo um sobrinho sacerdote a quem deixar um dia em herança a diocese, segundo o costume nepotista da época, tinha começado a elaborar projetos a respeito de Francisco. Em novembro se encontram de novo em Chambéry, ocasião em que Francisco

faz o juramento para sua inscrição no álbum forense: o bispo é testemunha do ato jurídico. Depois, em particular, fala explicitamente de uma possível sucessão episcopal. Intuiu os dotes excepcionais de Francisco e não o quer perder de vista.

Outro apoio para Francisco pode vir de seu primo Luís de Sales, três anos mais velho, com quem estudou durante os tempos de colégio: agora ele é cônego da catedral de Genebra. Francisco o toma à parte e lhe revela todo o seu segredo. Luís compreende, solidariza-se com ele, promete que falará pessoalmente com o senhor de Boisy e lhe arrancará o consentimento para que ele possa tornar-se sacerdote.

Não só, mas Luís, sem que Francisco o saiba, toma outra iniciativa. Estava vacante o cargo de *prepósito* da diocese de Genebra, segundo cargo em importância depois do bispo (*prepósito*, da mesma forma que *cônego*, em relação à diocese de Genebra, naquele momento, é um título puramente formal porque, em Genebra, os calvinistas tomaram conta de tudo e nenhum sacerdote católico sonha em pôr os pés ali). Luís, com a ajuda de amigos influentes (inclusive de dom Granier), manobra tão bem as coisas que a iniciativa chega a bom termo: no dia 7 de março de 1593, as bulas de nomeação para prepósito são assinadas em Roma e, no dia 7 de maio, chegam ao bispado de Annecy.

A surpresa de Francisco é grande. Agora tem um título a mais para enfrentar seu pai. A conversa entre os dois acontece no dia 9 de maio, na presença da mãe, do primo Luís e de outros, com as bulas de nomeação sobre a mesa. Colóquio em alta tensão, como era previsível. Francisco começa dizendo que pede a seu pai uma só coisa e “se vos aprouver concedê-la, não

vos pedirei absolutamente mais nada”. “Que coisa?”, retruca o pai. “Meu pai, permiti-me, por favor, ser da Igreja.”

O velho pai a custo consegue dominar-se; todavia, mostra-se forte. “Eu esperava que você fosse o sustento da minha velhice... Você tem irmãos aos quais deve fazer de pai... Por que encobrir sob uma batina tantos estudos?...”. “Meu pai, eu vos servirei até o último momento da minha vida. E prometo ajudar em tudo meus irmãos”, responde Francisco.

“De qualquer forma, uma decisão tão grave exige um pouco mais de reflexão”, diz o senhor de Boisy para ganhar tempo. Francisco insiste: “Meu pai, vós me pedis para refletir. Posso dizer-vos que a ideia do sacerdócio eu a tive desde quando era menino”. E observa que já aos 11 anos tinha pedido a tonsura.

Também a senhora de Boisy intercede pelo filho. O primo Luís, agora, comunica a todos a nomeação para prepósito. O senhor de Boisy cala-se e chora. Sente-se traído por aquele filho tão amado em todos os projetos que tinha feito na legítima esperança de confiar-lhe a responsabilidade de toda a família. Depois cria coragem e lhe diz: “Sendo assim, faça, com Deus, o que você diz que Ele lhe inspira”. E conclui com toda a força de sua fé: “Da minha parte, concedo-lhe a minha bênção”.

Depois sai e se tranca no seu gabinete.

Os preparativos para o grande passo

Com a bênção do pai, terminou para Francisco o tempo das hesitações. Já no dia seguinte, 10 de maio, veste a batina.

É domingo, e a cerimônia acontece na igreja da vila de La Thuille. No dia seguinte, em Annecy, sem ritos especiais, é investido oficialmente no cargo de prepósito. Um dia depois, o novo prepósito toma posse publicamente do seu encargo por meio “do beijo do altar-mor e das outras cerimônias em uso”. De Annecy, os amigos e os curiosos acorreram numerosos para ver o senhor de Villaroget de batina... Em seguida, ele vai fazer visita a seu bispo dom Granier e se põe de acordo com ele para receber as ordens menores e o subdiaconato no sábado depois de Pentecostes.

Francisco poderia apressar-se porque, com os estudos de teologia que tinha feito, dispõe da preparação necessária para aceder ao sacerdócio. Prefere, porém, enfrentar os exames “como os outros”, e como os outros também prepara o “primeiro sermão”, segundo era determinado.

O senhor de Boisy insiste com Francisco para que não renuncie ao cargo de senador: também este, na prática, pode ser exercido junto com o sacerdócio. Além disso, o cargo foi concedido pelo duque por um ato de confiança de todo singular. Mas Francisco está determinado: “Meu pai, eu vos digo com respeito que estou decidido a entregar-me ao serviço de um Senhor único e não pela metade, porque este Senhor não aceita rivais”. Apesar disso, quando tiver de se dedicar também ao serviço do seu duque e senhor na terra, nos anos futuros, não se omitirá.

Francisco prepara as ordens sagradas no recolhimento. O castelo de Sales voltou a ser um lugar seguro e é para lá que ele vai com seu amigo e confessor, padre Aimé Bouvard: serão vinte dias de solidão, reflexão e oração.

Pelas mãos do padre Bouvard renova a tonsura que recebera aos 11 anos. Então, ao ver cair seus belos cabelos loiros, provara um momento de perturbação, superado pela certeza de que eles voltariam a crescer. Desta vez, estranhamente, sente que a prova é mais dura porque o passo é sério e definitivo. É o “sim” irreversível à sua vocação. Depois do rito, porém, retorna seu sorriso, aliás, o humor: Francisco lembra que a força de Sansão estava nos cabelos compridos, ao passo que seus longos cabelos eram para ele um ponto de fraqueza. E se sente mais forte desde o momento em que não mais os tem.

No dia 7 de junho, Francisco retorna a Annecy; no dia 8, renuncia legalmente ao direito de primogenitura e ao título de Villaroget: ambos passam ao irmão Gallois. De agora em diante, será simplesmente *Francisco de Sales*. No dia 9 de junho, é instituído por seu bispo nas quatro ordens menores e no dia 11 recebe o subdiaconato.

A primeira missa na catedral

Nos meses seguintes, o bispo o coloca à prova: Francisco estuda, trabalha, é assíduo ao coro e apaixonado pela liturgia. Prega, visita os doentes e os presos, faz-se um pouco de advogado e tira a poeira de suas noções de direito para estabelecer a paz entre contendores. E funda uma confraria: *Penitentes da Santa Cruz*. Perturba os hábitos tranquilos dos católicos de Annecy, envolvendo-os numa série de iniciativas. Alguns o admiram e dizem que “resplende como um belo sol”, outros o recriminam por estar se envolvendo em muitas coisas.

No dia 18 de setembro recebe o diaconato, em 18 de dezembro a ordenação sacerdotal. Celebra a primeira missa no dia 21 de dezembro de 1593 na catedral de Annecy e tem a alegria de dar a comunhão a seus pais, a seus amigos. “Durante aquele primeiro sacrifício, Deus tomou conta da minha alma de maneira indizível”, dirá um dia.

Alguns dias depois da ordenação tem a alegria de batizar Joana, a caçula da senhora de Boisy: Francisco é o irmão mais velho, tem 26 anos, e prometeu a seu pai que cuidaria de seus irmãos menores.

Francisco, homem da Igreja

Estranha situação, a da diocese onde Francisco está incardinado e na qual, na qualidade de prepósito, é o número dois na escala hierárquica. A diocese chama-se ainda diocese *de Genebra*, mas a cidade de Genebra há décadas é toda calvinista e tabu para os católicos. Dessa forma, o bispo e o cabido diocesano vivem no exílio em Annecy, capital da Alta Saboia. No passado, era uma diocese grande, agora está amputada e danificada pelas numerosas guerras de religião que continuam a lacerá-la.

Genebra, uma “nova Roma”

Em Genebra, o reformador João Calvino, nascido em 1509 em Noyon, na França setentrional, tinha iniciado sua atividade em 1536, impondo uma reforma extremamente rígida, a ponto de a população insurgir-se contra ele e obrigá-lo a fugir. Voltando em 1541, estruturou a nova igreja segundo

seus princípios de severa disciplina moral: proibiu os jogos e a dança, fez retirar dos edifícios de culto os altares, as imagens sagradas e as velas como objetos inúteis. Sem essas *distrações*, as novas comunidades poderão concentrar-se melhor nos sermões, no canto dos salmos, na oração, afirmava.

O cristão é imaginado por Calvino como um trabalhador laborioso e econômico, para quem o lucro e o sucesso são sinais de eleição divina (as consequências serão enormes: deste conceito, como explicaram os estudiosos, desenvolveu-se a nova ética da economia dita *capitalista*).

Nem todos em Genebra estão de acordo com Calvino: no período de cinco anos nada menos do que 56 oponentes serão condenados à morte. Mas o calvinismo já fincou raízes sólidas, e quando Francisco é feito prepósito, a cidade de Genebra está firmemente concentrada na mão dos protestantes, que fazem dela sua fortaleza, uma nova Roma. Mesmo limitando-se a pôr os pés em Genebra, um padre católico sempre arrisca a própria vida.

“É preciso reconquistar Genebra”

A solene posse de Francisco como novo prepósito aconteceu poucos dias depois do Natal de 1593, na presença de dom Cláudio de Granier. Diz a ata: “Este sacro colégio, composto por tantos gentis-homens e doutores, depois de examinar sua nobreza e sua doutrina segundo os usos e estatutos, conferiu-lhe a real, atual e autêntica posse da dignidade de prepósito, pelo beijo do altar e pelos demais ritos de costume”.

Na oportunidade, Francisco pronuncia em latim um discurso programático e comprometedor: destina-se aos seus ouvintes, mas em primeiro lugar a si mesmo. Fala da sua confusão por ter sido chamado, jovem (26 anos) e sem experiência, a fim de presidir o venerável cabido dos cônegos. Exprime tristeza, ao constatar o penoso exílio a que são forçados seus membros. Compartilha do desejo que o bispo e os cônegos conservam bem vivo no fundo do coração de um dia poder retornar à sua cidade episcopal. E neste ponto, lança uma mensagem à primeira vista surpreendente, temerária. Em síntese, diz: *é preciso reconquistar Genebra!*

Palavras de fogo que, ao primeiro impacto, podem parecer um convite à cruzada, à guerra de conquista. Logo, porém, adquirirão um significado bem diverso, aliás, oposto.

Não uma conquista militar, mesmo se a muitos pareça a única solução possível. O direito internacional do tempo estabelece que a fé *deve* seguir as sortes da política: o princípio é “*Cuius regio, eius et religio*”, isto é, o povo de uma região deve seguir a religião do seu príncipe. O súdito que não se adaptar a essa norma perde os direitos civis. Por isso, segundo o direito da época, se se quiser reconquistar Genebra para a fé católica, será preciso fazê-lo por meio das armas.

Francisco conhece bem a jurisprudência do seu tempo, mas também sabe que jamais serão as armas a garantir a verdadeira fé. Por isso, continuando seu discurso aos cônegos, pergunta: “O que faremos, portanto, cônegos de Genebra?”. E responde de forma inequívoca: “É com a caridade que é preciso abater os muros de Genebra, com a caridade é preciso

invadi-la, com a caridade é preciso reconquistá-la... Não lhes proponho nem o ferro nem a pólvora, cujo odor e sabor recordam a fornalha do inferno... Nosso acampamento seja o acampamento de Deus... Devemos vencer nossos adversários, não com a fome e a sede que lhes infligiremos, mas com a que padeceremos nós...”.

Em seguida, recorrendo a uma comparação convincente, Francisco acena à inquietante condição do clero naquele tempo. Quando se assedia uma cidade, antes de tudo cortam-se os aquedutos que a alimentam. Pois bem, os aquedutos em que matam sua sede os hereges de Genebra são “os maus exemplos dos maus padres, as ações, as palavras, em suma, os pecados de todos, mas particularmente dos eclesiásticos, por cuja culpa o nome de Deus é blasfemado todos os dias”.

Se a heresia é alimentada pelos maus exemplos dos católicos, sobretudo dos eclesiásticos, esses maus exemplos devem ser extirpados a partir dali mesmo, do próprio cabido dos cônegos. Para conquistar Genebra, conclui Francisco, “devemos viver segundo a regra cristã, de modo que sejamos *cônegos* de verdade, isto é, *regulares* (este é o sentido da palavra “cônego”) e filhos de Deus, não só de nome, como também de fato.

É a reforma pedida pelo Concílio de Trento. Os cônegos se dão conta de que aquele jovem padre tem a *têmpera* de chefe.

“Era tido como homem de Deus”

Francisco não se contenta com belas pregações: age e dá exemplo. Seus familiares ainda insistem para que aceite o cargo

de senador da Saboia, mas ele se obstina na recusa. Ao passo que é assíduo nas reuniões e nas celebrações próprias do cabido e apresenta a seu bispo suas razões: às iniciativas pessoais prefere as ações comunitárias, porque “Deus está onde estivermos reunidos em seu nome”. As pessoas recordam: “Participava todos os dias dos ofícios divinos, confessava e pregava a Palavra de Deus com frequência, de maneira excelente, e desde aquele tempo era considerado homem de Deus”.

E ei-lo ao trabalho. Dedicase intensamente às confissões. O bispo nomeou-o também penitenciário da diocese, conferindo-lhe as mais amplas faculdades de absolver. E ele está sempre no confessionário da igreja catedral, bem próximo à entrada, desde manhã cedinho até meio-dia, “rodeado de numerosos fiéis de ambos os sexos e sem fazer acepção de pessoas”. Confessar será uma constante característica do seu apostolado; até mesmo sua mãe e seu pai recorrerão a ele.

Está sempre à disposição de todos. Em caso de necessidade, substitui sacerdotes ausentes ou doentes e corre para onde é chamado. Recusa toda e qualquer recompensa em dinheiro pelo seu ministério, mesmo que seus proventos sejam magros (de fato, os bens do seu ofício acabam ficando... em Genebra). Encontra tempo para ajudar, muitas vezes às escondidas, pessoas que passam necessidades. E quando surge algum problema de direito ou de teologia são muitos os que correm a consultá-lo.

O segredo de sua força é a missa. Após a consagração episcopal vai celebrá-la todos os dias, mas desde agora o faz com frequência (coisa rara naquele tempo). Seu recolhimento impressiona. Adotou o costume de parar depois da consagração

em oração e, às vezes, algum dos presentes deve convidá-lo a terminar a missa.

Depois do primeiro ano de trabalho, o balanço espiritual para Francisco foi confortador. Suas ideias abriram brechas. A luta armada e fratricida era quase permanente entre os protestantes e os católicos daquele tempo e muitos eram os que acreditavam que aquele era o único caminho para a solução dos problemas. Francisco falou de *conquista*, mas, como homem da mansidão, entendia falar de uma revolução *pacífica* a ser levada adiante somente por meio das armas da caridade cristã.

O historiador Ravier observa: “É o sacerdote de Cristo às voltas com o pecado do mundo, certo de poder triunfar por meio da oração, da penitência e particularmente da caridade”.

Na realidade, o tirocínio de Francisco como prepósito do cabido dos cônegos dura pouco: em setembro de 1594 o bispo lhe confia um novo campo de trabalho muito mais árduo.

Chablais, onde a messe é abundante

Francisco, prepósito do cabido dos cônegos de Genebra em exílio em Annecy, parecia destinado a uma vida laboriosa, mas sem perigos; brilhante, mas sem grandes dificuldades. Em vez disso, por quatro anos ele é missionário andarilho, pobre, inquieto, correndo riscos, ameaçado, como São Francisco Xavier na China ou São Paulo Apóstolo nas viagens missionárias. O bispo de Genebra envia Francisco para o Chablais completamente dominado pela reforma calvinista, para que o reconduza ao redil da Igreja. Ele encontrará ameaças, insultos, contradições, insucessos, abandonos. Nada lhe será poupado.

Chablais: uma centena de católicos

O que é o Chablais, sua nova missão? Um pequeno território de algumas dezenas de quilômetros de comprimento, e

outros 5 de largura, delimitado ao norte pelo lago de Genebra e ao sul pelas montanhas de Faucigny. Thonon, sobre a margem do lago, é a capital administrativa, intelectual e religiosa. A região tem 25 mil habitantes, outrora divididos em pequenas paróquias (num documento Francisco elenca 64). Agora é terra de missão: católicos que se declaram tais não vão além de uma centena. Os demais, há duas gerações, já passaram, por amor ou por força, ao calvinismo. O território fez sempre parte da diocese de Genebra; politicamente, por longo tempo, esteve sob os duques da Saboia; em julho de 1593 foi novamente restituído a eles.

Francisco resumiu com estas palavras a história religiosa da região: “Há sessenta anos foi invadida pelos habitantes de Berna e se tornou herética. Todavia, passado aquele período, a região foi reconquistada pelas armas por Sua Alteza [Manuel Filiberto] e anexada ao seu antigo patrimônio. Muitos habitantes, mais sensibilizados pelo troar dos arcabuzes do que pelas pregações que lhes eram feitas por ordem do bispo, retornaram à santa mãe Igreja. Mas depois esses lugares foram infestados pela invasão de gente de Genebra e de franceses, e o povo recaiu em seu pantanal”. De fato, na região devastada não se celebra mais a missa.

Também o quadro político é confuso: o trono da França é ocupado por Henrique IV de Bourbon, huguenote, que, todavia, no dia 25 de julho de 1593 abjurou e agora permite que o duque Carlos Manuel da Saboia retome o Chablais. Quanto à religião, continua a proibição para os católicos de celebrar a missa em todo o território.

Entre a França e a Saboia, há sempre tensão. Por toda parte reina a incerteza política e religiosa. O duque Carlos Manuel teria todo o interesse em favorecer a reorganização da Igreja no Chablais, o bispo continuamente lhe pede que o faça, mas ele está de mãos atadas pelos pactos com a França e só dispõe de dinheiro para as despesas militares. Deixará Francisco longamente sem o mínimo apoio.

“Se me pedir, irei de boa vontade”

Dom Cláudio de Granier, em 1589, já tinha tentado enviar alguns párocos ao Chablais, mas o povo os rejeitou e eles voltaram de mãos vazias. Agora o bispo pensa num projeto mais gradual: por ora, mandar somente dois ou três sacerdotes de qualidades comprovadas e de fé firme. Depois, oportunamente, serão tomadas outras medidas.

O bispo reúne o clero num sínodo diocesano e pede voluntários que estejam dispostos a dedicar-se à missão, como os apóstolos, sem o apoio de nenhuma organização, seja ela militar ou eclesiástica. A proposta cai num silêncio sepulcral. Ninguém se sente com coragem de embarcar em aventura tão arriscada.

O bispo, desorientado, volta-se para seu novo propósito, como para pedir-lhe conselho. Mas Francisco se levanta decidido: “Senhor bispo, se julgar que sou capaz e mandar que eu vá, estou mais que pronto a obedecer e irei de boa vontade”. “Sim, meu filho, sugiro-lhe que vá”, responde o bispo iluminando-se

de alegria pela inesperada solução. “Pois bem, apoiado em sua palavra, lançarei as redes”, responde Francisco.

Não era preciso mais nada. Francisco não manda os outros, vai ele mesmo. Com mansidão e desarmado, na pobreza, na fadiga, nas contradições, arriscando a vida, e especialmente pondo em prática pessoalmente os programas de renovação eclesial que solenemente enunciara ao se tornar prepósito.

Como sempre, o “não” do senhor de Boisy

O primo cônego Luís de Sales se oferece para acompanhar Francisco. Luís é um homem sereno e firme: “Homem de espírito muito iluminado e muito doce, já tinha dado grandes provas da sua preparação teológica na pregação da Palavra de Deus”, diz um biógrafo. E os dois estão sempre em sintonia.

Francisco sabe que deverá informar o pai a respeito de sua nova missão, e se entristece porque prevê novamente uma recusa. Vai visitá-lo em Sales, onde se encontra naquele momento, e o senhor de Boisy, cheio de prudência humana, declara-se decididamente contrário; mas Francisco lhe responde com as palavras de Jesus: “Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas do meu Pai?”.

Ele insiste na negativa e Francisco lhe diz, com doçura, mas com firmeza, que, se não lhe der o consentimento, “verá repetir-se ali, no castelo da família, a cena do jovem Francisco de Assis que diante do bispo renunciou até mesmo às roupas do corpo e ao nome de família a fim de poder dizer com plena

e total verdade: “Pai nosso, que estais nos céus, seja feita a vossa vontade”.

O senhor de Boisy deve ceder. Por outro lado, conforta-se ao saber que quem vai acompanhar Francisco na perigosa missão será o primo Luís. E para não assistir àquela partida, que absolutamente não aprova, monta a cavalo e vai a La Thuille. Depois, lembrando-se de que em Thonon, capital do Chablais, tem alguns amigos poderosos, alguns dias depois lhes envia cartas recomendando que cuidem da vida do filho e do sobrinho. Após alguns meses mandará que se junte aos dois primos também um jovem doméstico da sua casa, Jorge Rolland, que os ajudará em tudo.

“A maior parte das igrejas, destruídas ou espoliadas”

Preparando o necessário para a expedição, Francisco, entre uns poucos livros, leva a Bíblia, o Breviário para a oração e as *Controvérsias*, de São Roberto Belarmino, para previsíveis e inevitáveis debates.

Francisco e Luís chegam ao Chablais na quarta-feira de 14 de setembro de 1594, festa da Exaltação da Santa Cruz. Diante de seus olhos, descortina-se uma bela planície; sobre um monte arredondado ergue-se a fortaleza de Allinges onde reside o governador, barão d’Hermance. Um “complexo ameaçador de tetos, torres, casas fortificadas, bastiões, muralhas e contrafortes”, dos quais hoje restam poucas ruínas.

No dia seguinte, vão até a fortaleza, ultrapassam a severa ponte levadiça, e os soldados os escoltam até a presença do barão que, por sorte, é um dos amigos do senhor de Boisy. O barão já os esperava e os trata com grande respeito. Põe à sua disposição duas pequenas celas com cama e armário, ao que fará acrescentar uma cadeira e uma mesa para que possam escrever e preparar a pregação. Na fortaleza, estarão como na própria casa.

O Chablais é pitoresco, encantador, mas também afundado em grande miséria, resultado desolador do vaivém dos exércitos. São especialmente impressionantes as ruínas do catolicismo. Numa relação, Francisco escreverá: “Excetuando os oficiais católicos do governador, não há mais que uma centena de fiéis... Quase todas as igrejas estão destruídas ou foram espoliadas; não existe em absoluto nenhuma cruz, nenhum altar. Por toda parte só sobraram vestígios decadentes da antiga e verdadeira fé. Por toda parte se encontram os *ministros* (calvinistas), como são chamados, mestres da heresia, que pervertem as famílias...”. Se algo de católico restou na população, provavelmente dormita em estado de nostalgia no fundo dos corações.

No dia seguinte, os dois primos discutem com o barão d’Hermance a respeito do que fazer. Será preciso começar pela capital, Thonon, que não fica muito longe e conta 3 mil habitantes, dos quais somente uns 15 são católicos. Entre esses 15, porém, há homens importantes e amigos do senhor de Boisy. Francisco queria celebrar a missa desde o primeiro dia em Thonon, mas o barão o dissuade. Suscitaria muita hostilidade, colocaria inutilmente em risco a própria vida. No máximo, poderá permitir-se alguma pregação...

Decide-se, assim, que os dois primos, de manhã, celebrem na capela em casa, depois partam para seus giros apostólicos, mas à tarde retornem sempre à segurança oferecida pelos sólidos muros da fortaleza. Francisco trabalhará particularmente em Thonon e Luís na região de Allinges.

Os papistas, “mensageiros de satanás”

No dia 17 de setembro Francisco está em Thonon e encontra diminuto grupo de católicos em casa de um deles. No dia seguinte, domingo, apresenta às autoridades locais as cartas do duque que autorizam sua missão. Thonon é governada por um consistório calvinista, uma espécie de junta municipal e judiciária, que tem como chefe o senhor d’Avully. Francisco, assim, tem a oportunidade de conhecê-lo e terá muito a se haver com ele: é cunhado do barão d’Hermance e calvinista militante, não, porém, particularmente hostil aos católicos.

Entretanto, na antiga igreja de Santo Hipólito, outrora paróquia católica e agora bastante danificada, está acontecendo o rito calvinista. Os poucos católicos de Thonon têm o direito, eles também, de usar a igreja. Tão logo saem os calvinistas, Francisco recolhe ali seu minúsculo rebanho para uma primeira instrução religiosa.

Fala da *missão dos pastores na Igreja*. Desenvolve o tema a partir das perguntas: quem tem autoridade de comunicar aos povos a Palavra de Deus? Calvino tem essa autoridade? A resposta passa obviamente pelo primado de Pedro e pela sucessão

apostólica, o papa. Ouvem Francisco algumas famílias católicas, os oficiais do barão e também alguns calvinistas irresistivelmente curiosos. Estes depois contarão tudo por toda parte e o lugar virará um vespeiro.

Francisco sabe muito bem quais argumentos apresentar. Estudou longamente a doutrina de Calvino (sua obra fundamental *Instituição da religião cristã*) para compreendê-la em profundidade e para responder-lhe adequadamente. Do outro lado do lago de Genebra, há um padre jesuíta famoso, o teólogo Pedro Canísio (também ele destinado à honra dos altares) que trabalha em meio aos calvinistas de língua alemã com problemas semelhantes. Francisco lhe escreve com certa frequência e ambos trocam experiências e opiniões.

Nos domingos seguintes, Francisco continua suas instruções, os católicos participam e convidam outros a se unirem a eles. Mas os ministros protestantes já se deram conta do perigo: no dia 2 de outubro reúnem um consistório na sede do município e juram que jamais ouvirão pessoalmente e que impedirão o povo de ouvir as pregações do padre *papista*. Haverão de criar-lhe dificuldades tais que será forçado a ir-se embora.

O método que Francisco adota é límpido: coragem, franqueza, moderação. Não vai demorar que esse método dará seus primeiros frutos.

Chablais, é tempo de sementeira

Desde algum tempo, em Annecy circulam sérias apreensões a respeito do destino da missão no Chablais. Cresce sempre mais o número daqueles que pensam ser melhor interromper a tentativa, que o bispo deve chamar de volta os primos, se não for por outro motivo, pelo menos porque “àquele tipo de gente deve-se pregar somente com a boca do canhão”: esta é também a opinião do senhor de Boisy.

E eis a surpresa: um dia chega de improviso a Thonon o doméstico Jorge Rolland enviado pelo senhor de Boisy, com dois cavalos. Um é para Francisco para que volte imediatamente para casa. Francisco está comovido e desconcertado por tanta preocupação paterna. Por isso, envia o primo Luís para tranquilizar a família.

Todavia, o senhor de Boisy não se tranquiliza em absoluto: em outubro apresenta-se ao bispo, atira-se a seus joelhos chorando e lhe suplica que faça de seu filho “um *confessor*, não um *mártir*”. (Naquele tempo os santos na Igreja estavam di-

vididos em duas categorias: os *mártires* e os que morreram de morte natural, chamados *confessores*).

As pressões para que Francisco retornasse se acumularam a tal ponto que o bispo acabou por ceder: nomeia um sucessor para continuar a missão, depois escreve ao barão d’Hermance para que mande de volta os dois primos. O barão, que já conhece bem Francisco, responde que, na sua opinião, o projeto deve ser pelo menos adiado. Assim, sem saber, enche o coração do bispo de alegria.

Entretanto, Francisco continua a procurar as almas uma a uma, de casa em casa. Por uma carta datada de 27 de novembro temos a seguinte informação: “Começo hoje a pregar o advento a 4 ou 5 pessoas; todos os outros ignoram maliciosamente o significado da palavra *advento*; esse tempo tão importante na Igreja, aqui é considerado um opróbrio e motivo de escárnio”.

Infelizmente, tudo naquele inverno de 1594-1595 conspira para desencorajar Francisco: até o tempo mostra-se mais inclemente do que nunca. Para ele, que procura o contato pessoal e gira de cá para lá a fim de encontrar as pessoas, as estradas se enchem de neve.

“Mensageiro de sataná”

Em particular, sente-se mortificado pela oposição rancorosa dos ministros calvinistas, que não se mostram gentis: apresentam-no ao povo como “mensageiro de sataná”, enchem-no de

“mil injúrias e mil desprezos”, chamam-no de “hipócrita, idólatra, falso profeta”, acusam-no de praticar a magia e a feitiçaria.

Francisco e Luís se apresentam nos povoados e, à sua chegada, as portas se fecham. Uma noite, não chegam a tempo para entrar na fortaleza de Allinges; é em vão que pedem hospedagem ao longo do caminho: terão que passar a noite encolhidos no fundo das instalações de um forno de um povoado. Outra noite, Francisco, atrasado, é obrigado a refugiar-se no alto de uma árvore e precisa amarrar-se fortemente a ela com o cinto porque dormir e cair significaria acabar sobre uma alcateia de lobos que ululam embaixo.

Os ministros chegam a instigar “bandidos que procuram Francisco para matá-lo”. O barão d’Hermance é informado e lhe propõe proteção de uma escolta armada; mas ele a recusa. Tem consciência de que é um contrassenso pregar o Evangelho sob a proteção de alabardas e arcabuzes. Assim, o barão terá de vigiá-lo em segredo, mandando soldados que o tenham sob os olhos, de longe.

Após quatro meses de pregação, Francisco deve admitir que não houve progressos. Mas está decidido a não desistir. Agora, acompanha-o constantemente o doméstico Jorge Rolland, enviado pelo pai para auxiliá-lo nas tarefas normais de cada dia. Rolland é jovem e forte, mas tem muito medo, um pouco por causa do seu patrão e particularmente por causa de si mesmo.

Para suas batalhas, Francisco escolhera três armas e está decidido mais do que nunca a usá-las: “oração, esmola e jejum”. Depois encontra uma quarta, que é fruto de uma intuição genial e esta será vitoriosa: já que não querem ouvi-lo, ele *escreverá*.

Folhetos debaixo das portas

Trata-se de simples folhas volantes difundidas semanalmente, em que Francisco desenvolverá, pouco a pouco, uma por uma, as verdades da fé do ponto de vista católico, explicando-as de forma simples e eficaz. Silenciosamente, manda escorregar essas folhas por baixo das portas ou afixa-as nas esquinas das ruas como um jornal mural. Preparou um plano geral de assuntos e pensa que, um dia, todas aquelas folhas esparsas também poderão tornar-se um livro. Chama esses escritos de *Meditações* e ao conjunto dá o título de *Memorial*, finalmente de *Controvérsias*.

No dia 25 de janeiro de 1595, dia litúrgico da conversão de São Paulo, distribui o primeiro folheto: uma *Carta aos senhores de Thonon*, na qual elenca também os assuntos que pretende tratar.

Entretanto, para desenvolvê-los, ele precisa de livros: dispõe da Bíblia, possui o precioso volume do cardeal Roberto Belarmino e uma boa memória de seus estudos, mas tudo isso não basta. Por isso, na metade de fevereiro decide deixar a fortaleza de Allinges e fixar-se, de noite, em Thonon pelo resto da quaresma: terá ao alcance das mãos a biblioteca de algum amigo.

Além disso, sua presença contínua na cidade resulta muito confortadora para seu pequeno rebanho. Como também se encontra mais próximo de alguns calvinistas que desejam falar-lhe, mas que o procuram em segredo. Sabe muito bem que é uma imprudência transferir-se para Thonon, tanto que por algum tempo esconde pelo menos o lugar onde passa as noites.

Seus folhetos, porém, obtêm o efeito esperado: passam de mão em mão, são lidos avidamente. Mesmo polemizando, Francisco é educado e gentil. Às vezes, usa de um pouco de ironia... Por exemplo, tratando do tema do primado de Pedro, refere as palavras de Jesus aos apóstolos: “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio” (Jo 20,21); depois pergunta de supetão: “Calvino, quem te enviou?”.

Patrono dos jornalistas

Francisco escreve os folhetos das suas *Controvérsias*, semana após semana, com tenaz fidelidade, durante mais de três anos. E conserva ciosamente cada exemplar, em geral a primeira redação manuscrita. Depois de sua morte, os folhetos serão encontrados em perfeita ordem no castelo de La Thuille, e em 1658, quando o papa Alexandre VII proclamar Francisco beato, serão oferecidos ao próprio papa. Este, proveniente da nobre família romana dos Chigi, passa-os a seus herdeiros. Em 1672, imprimirão as *Controvérsias* numa edição que, infelizmente, é cheia de erros. Em 1821 sai uma segunda edição ainda pior. Finalmente, em 1870 aparece uma edição correta.

É o ano do Concílio Vaticano I, do dogma da infalibilidade pontifícia; uma frase escrita no livro se torna famosa e é repetida, provocando aprovação geral: Francisco fala da função do papa e o define *confirmateur infallible*, confirmador infalível.

Ainda hoje surpreende tanta modernidade no fato de se recorrer a folhetos volantes. Com razão, Pio XI em 1923 proclama Francisco *Patrono dos jornalistas cristãos*.

“Vosso filho não fugiu”

Francisco não ousa celebrar a missa em Thonon, o que ainda é proibido. Por isso, todas as manhãs celebra na capela de um povoado vizinho fora do território. Numa manhã de fevereiro, é assaltado por dois homens armados de espada. Francisco não perde a calma e vai corajosamente ao seu encontro que, surpresos, renunciam a qualquer violência. Acabam confessando-lhe que foram pagos para matá-lo e no fim lhe pedem perdão.

Entretanto, Rolland ficou tão espantado com esse episódio que, no dia seguinte, monta o cavalo e corre a contar tudo ao senhor de Boisy. O pai, ciente de sua autoridade, impõe a Francisco que volte imediatamente para Annecy: afinal, trata-se sempre de seu filho; embora seja cônego da catedral e missionário, deve obedecer.

Francisco conhece bem o orgulho do pai e lhe escreve: “Honradíssimo senhor pai..., é um vosso servo, não o vosso filho que fugiu. Se Rolland tivesse sido vosso filho, não teria fugido por causa de um pequeno susto, fazendo tanto estardalhaço como se se tratasse de uma grande batalha!”. E não arredou pé de Thonon.

Depois, em maio-junho, Francisco descansa um pouco em família e em Annecy. Em seguida, volta ao Chablais e ali

se vê mais pobre do que nunca: seu pai lhe recusa qualquer ajuda, o cargo de prepósito não lhe rende nada, o duque da Saboia não lhe dá nenhum apoio. A mãe, de vez em quando, às escondidas do senhor de Boisy, manda-lhe alguma coisa. Só pode esperar em Deus.

Em Thonon, descobre que seu pequeno rebanho, na sua ausência, sofreu fortes ataques dos calvinistas. Retoma os encontros, a pregação e prepara outras *Meditações*. Numa carta deve confessar com amargura: “Já são nove meses que estou em meio aos hereges e por maior que seja a messe não pude guardar mais que 8 espigas no celeiro do Senhor...”. Somente 8 calvinistas tinham tido a coragem de retornar ao seio da Igreja.

“De repente, amadurecem algumas espigas”

Apesar de as conversões não serem muitas, pouco a pouco se reduzem a hostilidade e o preconceito e nasce a curiosidade, depois a simpatia por Francisco. Numa carta de abril, usando a costumeira imagem da messe, ele escreve: “De repente, algumas espigas desta grande messe começam a amadurecer”.

Pouco depois, uma conversão sacode a opinião pública: no dia 21 de julho de 1595, o célebre advogado e jurista Pedro Poncet, que em Thonon “gozava de grande estima e tinha muito crédito”, abjura o calvinismo. Francisco volta a usar a imagem evangélica da messe e escreve: “Finalmente, começam a despontar as primeiras espigas desta messe imensa!”.

Em outra carta de 18 de setembro, Francisco refere uma curiosa iniciativa tomada no dia anterior por alguns distintos senhores de Thonon. Ele anunciara que faria uma instrução sobre a Eucaristia e que alguns “tinham tal desejo de ouvir de mim a exposição daquilo que os católicos creem a respeito deste mistério, que, não tendo coragem de vir publicamente, ouviram-me de um lugar donde não podiam ser vistos”. Parece que se esconderam atrás da tribuna do órgão e ali ficaram quietos durante todo o tempo.

Por coincidência, a mesma data, 18 de setembro de 1595, consta num documento oficial enviado de Roma a Paris: o remetente é o papa Clemente VIII, o destinatário o rei Henrique IV, antes huguenote. O texto começa assim: “Saúde e bênção apostólica ao rei da França”, e prossegue com a absolvição pontifícia do soberano. A notícia de seu pleno retorno à Igreja Católica, imediatamente difundida, encorajou também os habitantes do Chablais que agora se mostram menos hesitantes em retornar à fé de seus pais. Francisco, a partir desse momento, é continuamente procurado para conversas e confrontos de ideias.

A abjuração de Henrique IV torna mais fáceis as relações entre a França e a Saboia, e o duque Carlos Manuel poderia pensar um pouco menos nas armas e um pouco mais no Chablais. Enfim, ao terminar o ano de 1595 o duque escreve ao bispo: quer saber quais são as necessidades mais urgentes da missão.

Francisco redige um longo elenco, compreendendo: “Um bom número de pregadores”, a reconstrução das igrejas, particularmente daquelas da capital Thonon, a recriação das

paróquias, a proposta de “conferências católicas” aos calvinistas que, há duas gerações, ignoram a verdadeira doutrina, um colégio entregue aos padres jesuítas, e também uma “companhia de cavalaria” destinada à juventude leiga, contanto que seja “estabelecida religiosamente com regras cristãs”.

As conversações sigilosas com o senhor d’Avully

À espera da ajuda do duque, mas sem grandes esperanças de recebê-la, Francisco colhe outro sucesso pelo qual trabalhou e rezou intensamente: o retorno à Igreja do primeiro cidadão de Thonon, presidente do consistório calvinista, o senhor d’Avully.

Durante todo aquele ano ele mostrara vivo interesse pelas instruções expostas por Francisco, embora, por causa do juramento feito no consistório, nunca tenha ido ouvi-lo em público. Encontrou, porém, outros meios de encontrar-se com ele e falar-lhe em particular: suas conversações, para fugir dos curiosos, aconteciam no campo, na presença de poucas pessoas fidedignas. Eram conversas que duravam até duas ou três horas. O tema da Eucaristia o inquietava. Pusera por escrito algumas objeções que submetera ao ministro calvinista de Thonon e este as tinha passado aos ministros de Genebra, pedindo “respostas sérias e argumentos sólidos”. As respostas não chegam e o senhor d’Avully perde a paciência.

Aliás, em certo momento, decide não esperar mais. Sua abjuração ocorre no dia 16 de fevereiro de 1596, em Thonon,

ao que parece, de forma solene. Em agosto ele a confirma em Turim perante o núncio pontifício. Em setembro, o papa Clemente VIII, informado, congratula-se com ele por meio de um breve documento escrito de próprio punho e o exorta a trabalhar com todas as suas forças pela conversão do Chablais, seguindo o exemplo luminoso de outro perseguidor da Igreja e famoso convertido: o apóstolo Paulo de Tarso.

Francisco, cheio de mansidão e paciência, começa a convencer-se de que o tempo da sementeira está terminando e que agora começa o tempo da colheita.

Chablais, é tempo de colheita

A autoridade moral de Francisco cresce pouco a pouco. O povo de Thonon já se habituou à sua presença, tem grande curiosidade, respeito e mesmo simpatia por esse estranho *padre papista*.

Nos primeiros meses de 1596, num dia de feira, Francisco conversa na praça. Várias pessoas o rodeiam, o público se apinha, burgueses, camponeses, comerciantes, todos estão aí a ouvi-lo e ele consegue entretê-los por duas horas seguidas.

Os chefes calvinistas se dão conta de que isso é demais, é perigoso. Recorrem ao seu ministro Luís Viret e o convencem a desafiar Francisco num debate público. Mas Viret não se sente muito seguro em letras e teologia, além do mais é tímido, e pede ajuda aos ministros calvinistas dos arredores. De qualquer forma, a disputa é agendada: deverá ocorrer no palácio municipal, em sessão solene e pública, na presença do primeiro cidadão, o senhor d'Avully.

É a oportunidade aguardada por Francisco. No dia marcado, toda a cidade de Thonon se reúne curiosa, mas os ministros convocados para reforço não comparecem e Viret inventa uma desculpa para adiar o encontro. Combina-se uma segunda sessão, mas também esta é desertada. Francisco, porém, está satisfeito do mesmo modo. Essa derrota dos ministros, diz ele, “impulsionou maior número de conversões”.

Outro desafio: com o ministro Antônio de La Faye

Os calvinistas de Genebra temem também as consequências da defecção do barão d’Avully. Pelo fim de 1596, o ministro Antônio de La Faye declara que irá pessoalmente a Thonon para demonstrar ao barão, “de forma mais clara do que o sol do meio-dia, na presença do prepósito de Annecy, como era vazia a doutrina pela qual se deixou arrastar para a religião romana”. Francisco aceita o encontro, mas La Faye só ameaça e não aparece.

O barão pede-lhe ainda três ou quatro vezes que venha, mas inutilmente. Francisco, então, decide que irá pessoalmente visitá-lo em Genebra. Não sozinho: com ele vão o barão, o primo Luís, Rolland e um grupinho de senhores de Thonon, católicos e calvinistas. Parece que o debate ocorreu em público, segundo o costume da época, na praça de Molard. No debate, Francisco deixa a La Faye a escolha dos temas: Eucaristia, purgatório, veneração dos santos... A respeito deste

ponto, Francisco põe em tal apuro o ministro que, “furioso, largou o debate”.

Na realidade, La Faye, embora ocupando alto cargo na hierarquia calvinista, não devia gozar de muita estima, pois um historiador protestante o qualificou de “ambicioso, intrigante e muito medíocre”.

Francisco escreve ao núncio apostólico

O duque Carlos Manuel, informado do êxito desses debates, retoma a antiga ideia de elevar Francisco ao cargo de senador. Na realidade, Francisco espera bem outra coisa do duque...

Em setembro de 1596, ele escreve ao núncio em Turim, dom Júlio César Riccardi, uma carta muito enérgica. Lembra-lhe que de Carlos Manuel aguarda a prometida autorização para restabelecer o culto católico em Thonon e a ajuda econômica para fixar alguns párocos nas paróquias abandonadas há duas gerações.

Diz: “Desejo ir eu mesmo a Turim para obter uma declaração da vontade de Sua Alteza...”. Acrescenta que este é o momento oportuno para agir: “Parte-me o coração ver que não consigo satisfazer paróquias inteiras que desejam nutrir-se à saciedade da santa doutrina católica, pois me faltam os meios para enviar-lhes um número suficiente de pregadores e pastores”. Se o núncio não lhe conseguir ajuda, conclui ameaçando: “Pedirei sua bênção e a licença de abandonar este empreendimento”. Diante disso, finalmente, Carlos Manuel decide convocar Francisco a Turim.

O inverno torna arriscada a viagem através dos Alpes, mas Francisco não pode deixar escapar a oportunidade. Parte a cavalo com o fiel Rolland. No caminho do Grão São Bernardo, surpreende-os tremenda nevasca e se sentem perdidos. De repente, entre as rajadas de neve, entreveem-se algumas sombras: por sorte, são os monges de São Bernardo que os conduzem a salvo.

No dia 29 de outubro, Francisco está em Turim com o nuncio. Depois é recebido pelo duque que lhe reserva uma acolhida muito cordial, pede detalhes a respeito da situação do Chablais, garante seu apoio, dá-lhe “cartas patentes” e promete pensão para seis paróquias. Em seguida, convida-o a entregar ao nuncio os demais pedidos para que sejam estudados a fundo. Francisco, repleto de esperanças, retorna a Thonon através do Pequeno São Bernardo. Todavia, o duque não lhe escorregou nem um escudo...

1596, as três missas de Natal

Entre as esperanças de Francisco e sua realização está a política. A Saboia e a França estão sempre às turras: as guerras esvaziam o caixa do pequeno estado saboiano.

Na metade de novembro, Francisco escreve novamente ao nuncio insistindo para que lhe obtenha do duque a autorização a fim de iniciar o exercício do culto católico “pelo menos em três ou quatro localidades”. “Já é muita coisa começar”, ele diz. “Se Cristo vem a nós como uma criancinha nestas festas de Natal, depois crescerá pouco a pouco até a perfeita plenitude da maturidade...”.

E por própria conta decide forçar a situação. Na maltratada igreja de Santo Hipólito, coloca um tosco altar de madeira, enfeita o presbitério do jeito que pode com imagens, tapetes, velas e lâmpadas ajuntadas daqui e dali e prepara as três missas do Natal. Os calvinistas estão furiosos, também porque um seu ministro, Pedro Petit, exatamente naqueles dias passou para a Igreja Católica.

Quase não podendo crer nos próprios olhos, os católicos acorrem para a missa da meia-noite e choram de alegria. Todos comungam. No fim, Francisco volta a falar com eles e conta, desde o início, com todos os detalhes, o nascimento de Jesus, com tanta ternura que o povo ficaria ali a ouvi-lo a noite inteira. De manhã cedo, celebra a segunda missa e, pelas 10 horas, a terceira.

Carlos Manuel, informado, escreve-lhe congratulando-se com ele pelo que fez e o estimula a continuar. É a aprovação que Francisco esperava havia três anos. As autoridades de Thonon, postas diante da carta do duque que transborda de aprovação e cordialidade, agora não podem mais criar-lhe problemas. Os subsídios prometidos estão sempre para vir, mas ele abre a paróquia de Allinges da mesma forma e depois outra. Em seguida, retoma os ritos da quaresma, embora o rito das cinzas suscite o menosprezo dos calvinistas.

Os encontros com Teodoro de Beza

Quão longe tenha chegado Francisco na evangelização prova-o o fato de que, em 1597, consegue ir três vezes a Genebra para encontrar-se com Teodoro de Beza, sucessor de Calvino.

Beza, 68 anos, está no fim de uma longa vida de grande teólogo, de escritor famoso, fiel à Reforma, venerado em Genebra. Faz algum tempo que corre a voz de que sua aversão à Igreja de Roma se atenuou bastante, que da parte católica talvez seja possível propor-lhe uma aproximação, talvez um retorno de fato. Em Roma, o papa Clemente VIII toma a iniciativa de propor a Francisco que vá fazer-lhe uma visita.

Um primeiro encontro acontece no dia 3 de abril. Francisco é recebido com grande cortesia, “como gentil-homem”. Depois, a conversa entra no campo teológico. Francisco procede com argumentações suaves, mas apertadas e leva Beza a admitir as principais verdades católicas. Beza reconhece que “na Igreja romana é possível salvar-se e que, de qualquer maneira, ela é sempre a Igreja-Mãe”. Mas insiste na doutrina protestante, segundo a qual “a fé salva sem as obras”.

Diz: “Vocês [católicos] enleiam as almas em demasiadas cerimônias e dificuldades, afirmam que as boas obras são necessárias para a salvação, enquanto não são outra coisa que boa educação”. Afinal, uma questão de *civilidade*. Francisco lembra a ele a cena evangélica do juízo final (em que Jesus fala das obras de misericórdia em favor dos pobres, famintos, presos etc.), e lhe pergunta: “Se se tratasse somente de civilidade, por que sermos punidos tão rigorosamente, caso não as tenhamos praticado?”.

Beza, no momento, não encontra resposta adequada. Irritado, “profere uma série de palavras indignas de um filósofo”. Depois, diante da compostura serena do seu interlocutor se acalma e pede desculpas. Aliás, “suplica ao senhor de Sales que retorne com frequência”.

Voltando a Thonon, Francisco envia uma relação ao papa sem deixar espaço para muitas esperanças. Depois, no dia 3 de julho, diante de novo pedido do papa, encontra-se com Beza em mais um colóquio privado que vai além de três horas. No fim, cumprimentam-se com amizade enquanto Beza diz a si mesmo com convicção: “Se eu não estiver no bom caminho, peço a Deus todos os dias que na sua misericórdia me reconduza a ele”.

Acontece um terceiro encontro, não se sabe exatamente quando. Parece que Beza, preocupado com as consequências políticas e econômicas de uma sua eventual abjuração, limita-se a concluir que “não perdia a esperança de poder salvar-se, mesmo permanecendo na sua igreja”.

Muitos, porém, em Genebra têm a impressão de que ele mudou. Nos últimos anos Beza chegará a dizer que não valia a pena separar-se da Igreja romana, embora ele mesmo permaneça na nova confissão. E os seus, para neutralizar o influxo negativo, difundirão a voz de que suas faculdades mentais estavam enfraquecidas. Em todo caso, até a morte, ocorrida em 1605, Beza reservará um tratamento afetuoso para Francisco.

Coadjutor do bispo? Nomeação adiada

Francisco, em Thonon, envolve-se sempre mais num ritmo de trabalho muito intenso, donde lhe resultam fortes ataques de febre. É uma advertência. Em Annecy, entretanto, o seu bispo abriu o sínodo diocesano e ele desce para tomar parte. Volta a

Thonon e, encerradas as festas pascais, escreve ao núncio: “Os novos católicos me cansaram com suas confissões gerais, mas provei enorme consolação vendo-os tão devotos”.

Da parte dos calvinistas ainda haverá mau humor e ameaças, inclusive armadas. Francisco consegue acalmá-los, segundo um biógrafo, “com a majestade do seu rosto e a doçura de suas palavras”.

No fim de abril, deve voltar às pressas para Annecy porque desta vez quem fica doente e de forma muito séria é dom Cláudio de Granier. Ainda jovem, com apenas 50 anos, está realmente mal de saúde e gostaria de passar a diocese para mãos seguras: as de Francisco, nomeando-o seu *coadjutor com direito de sucessão*. Está em perigo de morte e deseja falar-lhe.

O bispo não se dá por vencido quanto à sucessão. Interpela o senhor de Boisly que, desta vez, está mais do que de acordo. Também o duque Carlos Manuel é do mesmo parecer. Só falta o consentimento do interessado.

Entretanto, enquanto aguarda a resposta, o bispo trata de sarar.

As desafiadoras *Quarenta horas* de Annemasse

Francisco volta para o Chablais com uma nova função: recebeu o título oficial de *chefe da missão*. Deram-lhe três ajudantes, dois capuchinhos e um jesuíta. Já havia um pároco, mais o fiel primo Luís, para não falar do fidelíssimo Rolland.

Mas nem todos os recém-chegados partilhavam as mesmas ideias, nem seu equilíbrio.

Em particular, um dos dois capuchinhos, frei Chérubin, cheio de ardor e de criatividade, revela um grande talento. Julga que chegou o momento de fazer perante os calvinistas uma manifestação coletiva do catolicismo renascente. Por isso, propõe que se celebre a adoração eucarística das *Quarenta horas*, de forma triunfal, com multidões de convertidos em procissão, liturgias, sermões, cânticos, músicas populares e foguetes.

A paróquia de Annemasse parece o lugar apropriado: fica somente a três milhas de Genebra e é bem visível da capital do calvinismo. Frei Chérubin sugere que se erga uma cruz gigantesca diante da cidade. Pensa também em encenar um drama bíblico: *O sacrifício de Abraão*. Afinal, ele parece talhado para esse tipo de coisas. O duque da Saboia é convidado, mas não poderá participar porque está empenhado em novas guerras; em todo caso, enviará um representante.

“Jamais desejei ser bispo”

Enquanto em Thonon preparam as *Quarenta horas*, dom Granier escogita nova tentativa contra a recusa de Francisco. Envia a fazer-lhe visita o primeiro capelão da diocese, Pedro Critain, com o encargo de convencê-lo a aceitar o episcopado. O capelão fala da dor do bispo diante de sua recusa, mas Francisco observa: “Não sou feito para mandar”. E acrescenta: “Além disso, as rendas da diocese, mil escudos, são apenas suficientes

para o bispo, e eu francamente não gostaria de vê-lo em apuros”. Mas Critain é explícito: “O senhor é o escolhido do duque, do bispo, do clero, do povo: todos o querem”. Francisco ainda ganha tempo: “Vamos celebrar a missa e invocaremos o Espírito Santo para que nos inspire”.

Celebram, rezam e no fim Francisco inclina a cabeça: “Estou decidido a fazer a vontade de Deus”. E esclarece: “O senhor dirá ao bispo que jamais desejei o episcopado. Dado que ele o quer e me manda, estou pronto a obedecer e a servir a Deus em tudo”.

O bispo de Genebra informa imediatamente Carlos Manuel, que em 29 de agosto de 1597 assina as cartas patentes, segundo o costume da época, nas quais pede ao papa e ao sacro colégio dos cardeais que se dignem “promover Francisco de Sales a bispo coadjutor ou equivalente”. Papàsogli, estudioso de espiritualidade, explica assim o comportamento de Francisco: “O bispo insistiu, quase impôs, e Francisco deixou que agisse como bem entendia: eis uma atuação concreta do que um dia será o segredo-chave da sua espiritualidade: *nada pedir e nada recusar*”.

Entretanto, chegou setembro de 1597 e com ele o momento de celebrar as *Quarenta horas*. Francisco parte de Thonon com um grupo bastante numeroso de fiéis, tendo à frente bem alta a cruz conduzida por Rolland. Pelo caminho vão se juntando pequenos grupos de neófitos e peregrinos; em Annemasse contam-se aos milhares as pessoas em festa. É um sucesso, especialmente para frei Chérubin. Mas para os calvinistas, as *Quarenta horas* são ritos e símbolos idolátricos, e em Genebra

decretam uma jornada de penitência pública. Chegam até a escrever um opúsculo contra o culto católico da cruz. Francisco vai replicar e o fará também com um opúsculo: *Defesa do estandarte da Cruz*.

De qualquer forma, ele não se sente à vontade com os métodos agressivos do capuchinho, que nunca foram os seus. Aos demais missionários explica que suas intenções serão boas, mas que seria melhor seguir os usos litúrgicos da Semana Santa, quando a cruz é descoberta pouco a pouco, com respeito, enquanto se canta docemente: *Ecce lignum crucis, venite adoremus*.

Retorna a febre, é perigo de morte

Agora Francisco deverá programar uma viagem a Roma e passar o comando da missão a seus colaboradores. Entretanto, a situação se agrava. No fim de 1597, passando de novo por Annecy, “cai doente, fica acamado com febre altíssima que não cede”. Nos inícios de janeiro de 1598, em torno do seu leito não há esperanças de salvar-lhe a vida e começam as visitas de despedida. Chega sua mãe, a senhora de Boisy, a quem confiam o triste encargo de dar-lhe “a notícia de que iria morrer”. Ele no começo se admira, depois é invadido por grande temor do juízo de Deus; é uma crise espiritual, da qual consegue livrar-se ao entregar-se totalmente à misericórdia de Deus. Seus cônegos (afinal é sempre seu prepósito) chegam todos juntos para dizer-lhe adeus e pedir sua bênção. Francisco, exausto, desmaia e fica por uma hora sem sentidos.

Apesar de tudo, escapa da morte. Aguarda-o longa convalescença, de tal modo que só em abril de 1598 pode voltar ao Chablais. Encontra frei Chérubin cheio de iniciativas, entregue a organizar para setembro um segundo turno das *Quarenta horas*. Será bom ficar de olho nele...

As soleníssimas *Quarenta horas* de Thonon

Entrementes, no plano político, finalmente o tempo serenou: com o tratado de Vervins (2 de maio de 1598) estipulado entre a Espanha e a França, parece abrir-se um período de paz e Carlos Manuel pode ajudar de fato a missão do Chablais. Em julho, diversos párocos, “homens maduros e peritos no trabalho pastoral”, são postos à frente das paróquias mais importantes.

Em setembro-outubro, acontecem as programadas *Quarenta horas*, que não poderiam resultar mais solenes: preside-as o próprio dom Granier na presença do duque Carlos Manuel. O cardeal Alexandre de Médici, legado papal na França, de passagem por aqueles lados, também comparece e confere brilho à solenidade. Os canhões da fortaleza de Allinges saúdam com salvas de honra a chegada dos ilustres hóspedes. Depois, em Thonon, festa de três dias que supera todas as expectativas.

Entretanto, celebram-se alguns ritos menos solenes que entusiasmam muito mais Francisco: alguns maiores da cidade, um ministro calvinista, famílias inteiras e vários grupos se apresentam para abjurar o calvinismo e retornar à Igreja Católica.

As pessoas que entram na fila são sempre mais numerosas e os secretários encarregados de compilar as listas decidem limitar-se a elencar somente os nomes dos chefes de família (hoje, esses elencos se conservam nos arquivos do Vaticano e contam 2.300 nomes).

Francisco não tem palavras para agradecer a Deus: quatro anos antes tinha chegado sozinho, pobre, sem ajuda humana. Na sua primeira pregação não havia mais que uma dezena de ouvintes assustados.

Para aumentar sua confusão, não falta também a lembrança, exagerada para sua modéstia, das palavras proferidas naqueles dias por Carlos Manuel na chegada do cardeal Alexandre de Médici. O duque tomou Francisco pela mão, levou-o à presença do legado papal e disse: “Eminência, apresento-lhe o *apóstolo do Chablais*. À sua frente está um homem de Deus e mandado a nós pelo céu”.

Chablais, as ovelhas e os cabritos

Após as *Quarenta horas* de Thonon, o duque da Saboia, Carlos Manuel, decide resolver o problema religioso no Chablais e o fará segundo a concepção medieval da cristandade: transfere a questão do âmbito religioso para o civil e político. Francisco, que é jurista, conhece essa maneira de agir. Ele, porém, acima de tudo, sente-se apóstolo de Cristo; por isso, vive a nova realidade como um drama.

A legislação e a praxe correntes podem resumir-se, segundo a ótica do tempo, em duas fórmulas simples, então compartilhadas por todos.

Uma dizia: “*Uma só fé, um só rei, uma só lei*”. O axioma indicava as condições necessárias para que uma nação pudesse existir. A religião num tecido social fortemente compacto, nem de longe é entendida como um fato pessoal: ela não se ajusta à convivência com outros credos. A paz social só é considerada possível na unidade da religião.

A outra afirmava: “*Cuius regio, eius et religio*”. Ou seja, se um território pertence a “este” soberano, o povo que o habita *deve* praticar a mesma religião do soberano. Quem se afastar desta norma, torna-se um mau súdito e pode perder os direitos civis. É bom lembrar que na época ainda não existiam *cidadãos*, somente *súditos*.

Ora, Francisco acha difícil harmonizar em seu espírito essas duas componentes entrelaçadas.

Como *jurista*, é levado por seus estudos a considerar o protestantismo, além de heresia no plano religioso, também divisão no plano político, algo que pode rachar perigosamente em dois um Estado. O que está acontecendo sob seus olhos na Europa daqueles anos confirma-o nessa convicção.

Como *sacerdote* e dentro em pouco bispo, mais do que tudo tem a peito a unidade da Igreja querida por Cristo. Por isso, olha entristecido para os erros e os abusos do passado, seja da parte dos reformadores, seja da parte dos católicos, e trabalha para que todos retornem às fontes comuns da fé, da Bíblia, do papado. O remédio, segundo pensa, deve ser procurado na Palavra de Deus, a única capaz de criar autêntica unidade quando oferecida com amizade e mansidão e acolhida de coração sincero.

Os calvinistas “infiéis a Deus e ao príncipe”

A situação é dramática e ao mesmo tempo grotesca. No dia 5 de outubro de 1598, encerradas as *Quarenta horas* e após

a partida do cardeal de Médici, o duque Carlos Manuel reúne em Thonon seu conselho para encontrar a maneira de restaurar oficialmente o catolicismo em todo o Chablais. Francisco é a pessoa qualificada para formular um plano sob o ponto de vista jurídico, e propõe: reativar as paróquias, dotando-as com os antigos bens da Igreja, reconstruir os edifícios em ruína, afastar de Thonon o ministro calvinista (não será necessário; Viret já se foi por conta própria), substituir o mestre-escola huguenote, interditar aos calvinistas o acesso a cargos públicos. O plano, muito severo, é logo aceito. Aliás, o duque enrijece-o ainda mais, acrescentando que “o exercício da religião contrária” deve ser “proibido de forma absoluta”.

A reação dos calvinistas convictos é, como se podia prever, tumultuosa. Mas o duque está decidido a calá-los e, para o dia 12 de outubro, além de seu conselho, convoca a nobreza e os maiores da burguesia; presentes também dom Granier, Francisco e frei Chérubin.

O duque abre a reunião com palavras de extrema dureza, expressando sua vontade de reconduzir todos os súditos à Igreja Católica. Ele convocou os presentes para que expressem sua opção, de modo que se saiba quem são os seus “bons servidores e bons súditos”.

Os calvinistas relutam em se pronunciar; então o duque, inspirando-se, a seu modo, na parábola evangélica, ordena: os católicos “fiquem à minha direita, e aqueles que preferem as trevas da heresia e o cisma de Calvino à Igreja de Jesus Cristo, ponham-se à minha esquerda”.

Numa desordem confusa de passos, os cabritos (os calvinistas convictos, uma pequena minoria) separam-se das ovelhas. Então, o duque, voltando-se para os da esquerda, diz-lhes: “Então, são vocês, infiéis a Deus e ao seu príncipe, que pretendem enfrentar-me? Mostrarei a vocês que eu sou seu soberano e seu patrão”. Em seguida, manda que se anotem seus nomes e conclui: “Retirem-se e, dentro de três dias, abandonem meu Estado”.

E Francisco? Naqueles momentos dramáticos, aproxima-se de muitos dos recalcitrantes e consegue persuadir alguns a passarem para o lado direito. Nos dias seguintes, os calvinistas obstinados deverão refugiar-se em Nyon, do outro lado do lago. Ainda assim, Francisco não os abandona; para vários deles obtém do duque salvo-condutos. Muitos confiam plenamente nele e abjuram em suas mãos. No fim, ao todo, serão uma dezena as famílias calvinistas que escolhem o caminho do exílio.

Aos hereges, “pregar com amor”

Francisco continuará a considerar o calvinismo como uma fratura desastrosa para a unidade de um Estado. Mas sua sensibilidade pastoral leva-o a crer sempre menos na força das armas, na habilidade diplomática, nas disputas teológicas. Depois de bispo, o Chablais lhe ocasionará ainda muitas preocupações. Mas ele, para converter os corações, sempre insistirá na Palavra de Deus, na amizade sincera, na mansidão.

Nas longas conversas *de coração na mão* com homens sinceros, como o senhor d’Avully e Teodoro de Beza, descobriu

que muitas vezes, do outro lado, há convicções sérias, honestidade de procura, autêntico amor de Deus. Basta isso para confirmá-lo no método que tinha proposto um dia aos cônegos de Annecy: “É com a caridade que se deve abater as muralhas de Genebra, é com a caridade que é preciso invadi-la, com a caridade é que se deve reconquistá-la”.

Não faltou, porém, algum católico que o repreendesse por se mostrar humilde demais e usar o diálogo; mas ele insiste: “Os homens agem mais por amor e caridade do que por severidade e rigor”. Afirma que “sempre se arrependeu das pouquíssimas vezes em que recorreu a réplicas pungentes”. E explica: “Quem prega com amor, já prega o suficiente contra os hereges, mesmo que não diga contra eles uma só palavra”.

Em síntese, os 25 mil católicos do Chablais, que por mais de duas gerações viveram como calvinistas mais ou menos convictos, retornaram à Igreja. Francisco escreve então ao papa Clemente VIII dizendo-lhe que no começo “no território do Chablais, os católicos eram apenas cem; agora se contam no máximo cem protestantes”.

Na penumbra do seu bispo

Com o retorno do Chablais à Igreja Católica, para Francisco encerra-se um período de sua vida. Não será mais missionário itinerante de casa em casa, não mais irá à procura de almas uma por uma, não haverá mais privações, aventuras, atentados, controvérsias venenosas. Ei-lo agora em Annecy, na sede do seu bispo, de quem em breve será também de fato coadjutor com direito de sucessão.

Os novos encargos o levarão para longe: primeiro a Roma, depois a Paris. Tem a alegria de descobrir muitas pessoas ricas de valores, de dialogar com elas, de amadurecer com elas um comum crescimento espiritual. Vão ser quatro anos de tirocínio prático vividos na penumbra do seu bispo, uma penumbra procurada e bem-vinda.

Um caso em que o nepotismo não ocorreu

Em outubro de 1598, Francisco redigiu, junto com seu bispo, um memorando a respeito da retomada do culto católico

no Chablais e de forma mais geral a respeito da reestruturação da diocese segundo as exigências dos novos tempos. Em novembro, em Turim, submeteu-o ao exame de Carlos Manuel, que o aprova; na metade de dezembro está em Roma. Acompanham-no o senhor de Chissé, sobrinho do bispo e vigário-geral da diocese, o senador Antônio Favre, seu amigo e confidente, que tem assuntos políticos a solucionar, e o fiel Rolland.

O papa Clemente VIII recebe Francisco no dia 15 de janeiro de 1599 e lhe faz uma acolhida calorosa. Ele o conhece bem: no passado tinha recebido cartas suas e recentemente ouviu do cardeal de Médici a história fantástica das *Quarenta horas* de Thonon. O papa recebe o memorando e o confia a uma comissão de cardeais para que o estudem. Mas Roma é eterna e esse estudo será longo e minucioso...

O senhor de Chissé recebeu do bispo de Genebra o encargo de postular a bula papal de nomeação de Francisco para bispo coadjutor.

Nesse ponto, é interessante uma pequena nota sobre o famigerado *nepotismo*, um mal que também naquele tempo corroía a Igreja. O senhor de Chissé é sobrinho do bispo de Genebra e, segundo a lógica em uso, a ele caberia suceder-lhe. Entretanto, não só o bispo não escolhe o sobrinho, mas envia a Roma precisamente esse sobrinho para que solicite do papa o episcopado em favor de Francisco.

No dia 15 de março, o senhor de Chissé tem oportunidade de tratar a respeito do bispo coadjutor com Clemente VIII. Imediatamente, o papa se mostra favorável, manda chamar Francisco e lhe ordena que se prepare para submeter-se quanto

antes ao exame episcopal em uso. Não que para ele fosse mesmo necessário (segundo antigo convênio, os candidatos apresentados pelos Saboia estavam dispensados), mas “era somente, conforme declara o papa, por gosto pessoal e para que Francisco se tornasse recomendável a todo o colégio dos cardeais”.

O exame perante o papa

Sete dias mais tarde, a sala do palácio pontifício está “repleta de gente”. Preside o encontro o papa em pessoa; com ele estão oito cardeais (entre os quais Baronio e Frederico Borromeu, irmão de São Carlos), 20 arcebispos e bispos, superiores de ordens religiosas. O cardeal Belarmino está entre os teólogos encarregados de interrogar o candidato. Em suma, um júri de honra.

Francisco é interrogado a respeito de “35 perguntas difíceis”; o papa, ao ouvir as respostas, não esconde a satisfação. No fim, rompendo o austero protocolo, levanta-se, desce do estrado e abraça Francisco.

Francisco depois comenta numa carta: “Confesso ingenuamente que Deus não permitiu que eu ficasse confuso durante o exame... Os sinais de paterna bondade com que o papa me honrou obrigam-me a ser mais do que nunca um bom filho e um bom servidor da Santa Igreja Romana”.

Entretanto, durante a espera forçada daqueles dias, Francisco visita a Roma cristã, as igrejas, as tumbas dos mártires, os lugares de Pedro, Paulo, Cecília, Inês... Há também a Roma

efervescente, barulhenta, luxuosa e andrajosa, mas ele mergulha na *sentido romano* da Igreja, na sua universalidade.

Finalmente, o papa entrega as respostas dos cardeais ao memorando: entre elas os documentos que desbloqueiam a ajuda financeira necessária para as paróquias do Chablais e os que aprovam a abertura do colégio dos padres jesuítas em Thonon. Diversos pontos do memorando ainda ficaram sem resposta, outros com resposta parcial e decepcionante. Mas é preciso saber contentar-se.

Francisco, no caminho de volta, sente-se na obrigação de passar novamente por Loreto, e dentro da pequena Casa de Nazaré renova as inesquecíveis emoções da primeira visita. Em abril está na corte de Turim: apresenta a documentação relativa ao Chablais e solicita a ajuda econômica, à qual, agora, a diocese tem pleno direito. Deverá, porém, recorrer a toda a sua habilidade de advogado e empenhar-se em dura queda de braço com os Cavaleiros de São Lázaro que tomam conta dos bens da diocese e que agora deveriam restituí-los. Permanece ali mais de um mês a fim de obter a aplicação do que foi decidido em Roma. Depois, no dia 1º de junho, retorna para Annecy, onde é acolhido festivamente.

Um projeto para reestruturar a diocese

Francisco foi promovido a bispo titular de *Nicópolis*, mas não quer ser chamado de bispo, não veste as insígnias episcopais, continua como simples prepósito da catedral.

Não aceitará a consagração episcopal, a não ser depois da morte do seu antecessor. Em nome dele, não com a própria autoridade, mas na penumbra, exercerá sua missão de coadjutor. Coadjutor é uma palavra densa de significado e ele o realiza plenamente. Para o povo ele é mais que tudo o missionário capaz de converter as almas aos milhares.

E agora, com seu bispo, se dedica a reformular o projeto para a diocese. O plano se articula em quatro pontos.

É urgente restaurar *a vida normal das paróquias*; todas têm sua história dolorosa de saques, reconstruções, prejuízos, destruições. É preciso tomar providências para os edifícios, os paramentos litúrgicos, os meios de subsistência dos párocos. Bastaria este empreendimento para esvaziar o caixa da diocese.

É preciso organizar *o colégio dos padres jesuítas* em Thonon, com escola aberta também para os alunos externos. A Ordem dos jesuítas, há alguns anos, elaborou aquela *ratio studiorum* de vanguarda que será considerada por dois séculos o modelo da educação na Igreja. O papa concedeu a pensão para seis padres, número indispensável para começar bem.

Há o projeto de instituir na paróquia de Thonon *um colegiado de 8 sacerdotes*: um grupo de primeira linha, formado por homens de moralidade a toda prova, generosos e prontos para as emergências mais variadas. O colegiado será chamado de *Oratório*.

É preciso também fundar uma espécie de internato, ou seja, *um centro de acolhida*, para onde afluirão os recém-convertidos que precisarem de ajuda espiritual ou material. Para seus

filhos serão abertas oficinas ou pequenas escolas profissionais onde poderão aprender um ofício. A obra se chamará *Albergue de todas as Ciências e Artes*.

O projeto no seu conjunto é ambicioso, mas será realizado de forma gradual e segundo as possibilidades financeiras. Já existem os primeiros meios: o duque pôs à disposição imediatamente 10 mil escudos, o senhor d'Avully 8 mil, outros doadores 2 mil...

Frei Chérubin e suas ideias grandiosas

No momento oportuno, também frei Chérubin é envolvido no projeto para o Chablais. Esse homem cheio de ideias grandiosas vai potenciá-lo ainda mais. Sugere que todas as iniciativas sejam unificadas nas mãos de uma única comissão dotada de uma só direção. No centro do projeto deverá ser situado o Internato, *albergue universal*, capaz de hospedar até 6 mil pessoas. Uma hipérbole, se se pensa que em Annecy e Thonon não se contam mais do que 3 mil habitantes.

Entusiasta do projeto, frei Chérubin manda-o examinar em Turim pelo núncio que fica espantado (mais tarde ordenará que se faça um levantamento *in loco* para ter garantia de que existem realmente os edifícios e as condições). Depois o submete ao duque que, de sua parte, faz a doação de uma casa em Thonon; finalmente vai a Roma para apresentar tudo ao papa. E ei-lo de volta a Annecy com uma bula, na qual o papa erige “de forma perene” a obra e nomeia “o caro filho Francisco de Sales” *prefeito do Oratório*, isto é, chefe do grupo dos 8 sacerdotes.

Agora é preciso concretizar as coisas, se se pretende realmente reconstruir espiritualmente a região e fazer de Thonon o baluarte que resista a Genebra e ao calvinismo. O *prefeito* Francisco, em meio a mil dificuldades, arregaça as mangas. Organiza o Oratório dos 8 sacerdotes e chama a fazer parte do grupo seu antigo preceptor, o cônego Déage. Em seguida, toma providências a respeito da casa dos jesuítas que, entre o fim de outubro e janeiro de 1600, chegam de verdade em número de 6 para uma classe de *gramática*. Ao mesmo tempo, Francisco dá os primeiros passos também para o Albergue, que contava com a mais viva simpatia do duque.

Como era previsível, não há dinheiro. E como nunca se podia deixar de supor, no momento melhor, explode uma enésima guerra.

1600-1601: falam mais alto os canhões

As costumeiras tensões entre a França e a Saboia pouco a pouco se degeneraram (pomo de discórdia desta vez foi a posse do marquesado de Saluzzo) e a partir de agosto de 1600 falam alto os canhões.

Carlos Manuel armou-se até os dentes e agora diz em tom de desafio: “Se o rei da França quiser tirar-me Saluzzo, eu lhe preparo quarenta anos de guerra”. Mas a França naquele momento é nação hegemônica na Europa. Suas artilharias são as mais potentes do mundo e a resistência das tropas saboianas dura somente quarenta dias. Carlos Manuel vê seu território reduzido somente

à parte italiana; na Saboia conserva umas poucas fortalezas assediadas pelo inimigo e destinadas a capitular uma após a outra.

Henrique IV é o vencedor; ele está sempre vacilando entre católicos e protestantes. Ao estabelecer as novas autoridades nos territórios conquistados nomeia também alguns huguenotes. Os calvinistas de Genebra e Berna exultam e dom Granier teme que o esforço ingente feito para restituir aquela missão à fé católica possa ter sido em vão. Não desanima, porém: com Francisco, percorre de uma ponta a outra a região toda, infunde coragem, dá apoio aos missionários e aos párocos.

E Francisco pode escrever ao núncio Riccardi palavras que o deixam sereno “quanto à perseverança dos nossos convertidos de Thonon”. Todavia, nem todos, mesmo entre o clero, têm coração de leão: “A maior parte dos párocos permanece nas suas paróquias, mesmo se alguns mais tímidos se tenham retirado para ver como as coisas acabarão...”. Quanto aos convertidos, apesar de “ameaçados, ora pelas incursões da gente de Genebra, ora por aquelas dos de Berna, permaneceram firmes em nossa santa religião”. Por fim, uma notícia a respeito do bispo: “Está ainda bastante doente, tanto pelas fadigas enfrentadas no Chablais no mês passado quanto por causa da dor que sente ao ver a nossa situação em tão mau caminho...”.

No início de outubro, Henrique IV entra em Annecy como vencedor. Dom Granier e Francisco visitam-no e conseguem dele a garantia de que “nada será mudado na província do Chablais no que foi feito pela fé”.

A guerra continua, as fortalezas da Saboia capitulam uma depois da outra, a última a cair no dia 18 de dezembro é a de

Allinges, bem conhecida de Francisco. A Saboia verdadeira e própria agora está toda nas mãos do invasor.

Por sorte, Henrique IV começa a pensar em alguma coisa mais alegre: em dezembro, em Grenoble, casa-se com Maria de Médici, nova rainha da França. E pensa em suspender por algum tempo as hostilidades. Em 17 de janeiro de 1601, os plenipotenciários da França e da Saboia se encontram em Lião e assinam a desejada paz.

Intensifica-se o trabalho apostólico. Francisco, em junho, pode escrever ao núncio: “Apesar da guerra, o número de convertidos cresceu”. E informa que em outras localidades, como Ternier, Gaillard e Gex, outrora nas mãos dos calvinistas, o povo acolhe bem os missionários e está disposto a retornar à Igreja. “A fé estava escondida e coberta como um fogo debaixo das cinzas do culto huguenote que, há setenta anos, era o único praticado na região; agora essa fé é posta ao sol pelo sopro da palavra divina...” Para esses cristãos, pouco a pouco, se reativarão as paróquias.

Adeus ao senhor de Boisy

Entretanto, eis um doloroso momento de luto. Fazia tempo que o senhor de Boisy, com 78 anos de idade, estava doente. Francisco esteve diversas vezes em Sales para visitá-lo. No dia 6 de abril de 1601 está em Annecy e se prepara para a pregação da quaresma. Ele decidiu comentar as palavras que se referem a Lázaro: “Senhor, aquele que tu amas está doente”.

Enquanto se encaminha para o púlpito recebe uma mensagem da senhora de Boisy: ontem de noite, seu pai “entregou serenamente seu espírito a Deus”; estava assistido pelo pároco de Thorens e segurava nas mãos o crucifixo.

Francisco, diz um biógrafo, “juntando as mãos e levantando os olhos para o céu, adorou o Deus que vive pelos séculos dos séculos e não deixou de subir ao púlpito”. No fim da pregação, acrescentou: “Senhores, sabei que Francisco de Boisy, vosso amigo e meu pai, morreu. Dado que vós o amastes, peço-vos que rezeis pela sua alma”. E chora.

Imediatamente reúne-se a seus familiares em Sales. Irmãos e irmãs estão ali e lhe dizem que, ao morrer, o pai “deixou para eles, como pai, seu filho Francisco”. Uma tarefa comprometedora a mais. Gallois, o mais velho, já está casado e vive como gentil-homem do campo; Luís, com 23 anos, está em Roma estudando; João Francisco, um ano mais novo, está a caminho do sacerdócio; a irmã Gasparde casou; Bernardo e Jano estão no colégio; Joana, a menor, tem 7 anos. Para vigiar sobre todos eles e mantê-los unidos está o tesouro frágil, porém, precioso da mãe.

Francisco dá um último adeus ao pai, aquele homem forte, cristão granítico que o amara ternamente e educara fortemente para a vida. Depois volta, pois o Chablais precisa dele.

Reimplantar a Igreja na região do Gex

Na primavera, o bispo e seu coadjutor visitam novamente as paróquias do Chablais em contínua reorganização. Depois,

o bispo recebe uma carta datada de 17 de outubro de 1601, assinada por Henrique IV. O rei lhe explica que decidiu permitir que retornassem à fé católica os súditos da região do Gex que o desejarem, e que, portanto, é preciso providenciar para eles assistência espiritual por meio de sacerdotes e paróquias e tudo o mais que for necessário.

É um compromisso a mais, mas também uma ocasião de não se perder. A região do Gex, sob controle calvinista, tempos atrás fazia parte do ducado da Saboia, mas com a paz de Lião agora está anexada à França. E Henrique IV, inspirando-se na liberalidade do edito de Nantes, concede liberdade a todos que pretendessem retornar ao culto católico. Concretamente, Sua Majestade põe à disposição sobre as 26 paróquias que outrora constituíam aquela Igreja somente os benefícios de três paróquias. Os demais benefícios, indispensáveis a uma decisão de evangelizar toda a região, ficam com os calvinistas que deles se apropriaram. O rei, para não tê-los como inimigos, não lhes pediu a restituição. Dom Granier poderia encontrar 26 sacerdotes, mas de que viverão esses párocos sem o benefício correspondente?

Começam intrincadas tratativas entre Annecy, Roma, o rei e o núncio em Paris, mas a situação continua bloqueada. Então, o bispo pede a Francisco que vá a Paris e ali fique todo o tempo que for necessário para tratar pessoalmente com o núncio e com o rei. Francisco, verdadeiro *coadjutor* que trabalha intensamente na penumbra, está pronto para ir aonde seu bispo o enviar.

Paris, 1602: em missão diplomática

Francisco retorna à fascinante metrópole dos seus estudos juvenis. Chega no dia 22 de janeiro de 1602, acompanhado pela primeira vez pelo seu antigo preceptor cônego Déage. Acompanha-o também seu amigo senador, Antônio Favre, sempre às voltas com complicadas situações jurídicas. Como outrora, Francisco se hospeda na Rua Saint-Jacques, perto do seu velho colégio de Clermont, que fechou as portas: depois de um obscuro atentado contra o rei, todo o pessoal fora afastado.

Sua missão deveria ter sido breve, ao passo que durará nove meses e se concluirá sem resultado algum. O tempo, porém, será bem empregado: Francisco conquistará a admiração do rei, da corte, da elite parisiense e sairá dali transformado: enriquecido de experiência, afinado na diplomacia e maduro no espírito.

Uma esperança que aos poucos se apagará

O objetivo atribuído por dom Granier à sua missão é de obter do rei da França que sejam restituídos os bens, dos quais se assenhorearam os calvinistas, bens que são indispensáveis para a reinstalação da Igreja no decanato do Gex. Por isso, ao chegar a Paris, Francisco imediatamente visita o nuncio da França, dom Inocente del Bufalo, que se mostra bem disposto e lhe indica o homem-chave para resolver seu problema: deve conquistar a amizade do senhor de Villeroy, o ministro a quem o rei se dirige para as questões externas da França.

No dia 8 de fevereiro consegue uma audiência, em seguida refere por carta a dom Granier: “Tive de discutir longamente a respeito do que nos está a peito... Apresentei meu pedido fundamental e (o senhor de Villeroy) me diz que o conselho respeitará nossos direitos e nos fará justiça, que não devemos duvidar disso”. Villeroy acendeu uma esperança que, entre altos e baixos, se apagará.

Entretanto, começa a longa e paciente espera pelo caminho burocrático. Francisco ocupa o tempo com muita sabedoria. Aprende a conhecer de perto o que é uma corte com seus aborrecimentos, suas intrigas e jogos de influência. Dá-se conta dos fermentos mundanos e religiosos e mesmo místicos que naquele período se verificam e contrastam de forma insuspeita, tipicamente francesa. Aberto às realidades positivas, descobre, maravilhado que em Paris há “santos, verdadeiros santos, em grande número, por toda parte”.

A pregação quaresmal na capela da rainha

O encontro de Francisco com os ambientes espirituais parisienses acontece quase casualmente. Tem oportunidade de visitar a princesa Maria de Luxembourg, a cuja família os Sales estão ligados há três gerações: o pai, o avô e o bisavô de Francisco “tiveram a honra de ser pajens e passar boa parte da vida na casa dos ilustríssimos príncipes...”.

Depois, um pouco antes da quaresma de 1602, acontece que, por acaso, a capela da rainha, no Louvre, está sem pregador. Chamam-no. E ele não tendo outra coisa a fazer, a não ser esperar, aceita. Depois conta: “Para não faltar à cortesia, fui obrigado a pregar na capela da rainha três vezes por semana diante das princesas e dos cortesãos...”. E observa que, às vezes, aparecia para ouvi-lo também algum huguenote curioso.

Francisco é um pregador diferente, que não se entrega, como os demais e segundo a moda do tempo, à teatralidade dos gestos e da voz, nem à declamação do que havia escrito, mas escolhe a simplicidade do Evangelho e a beleza sem adornos da verdade.

A pregação quaresmal, embora improvisada, obtém um autêntico sucesso. Tanto é que no fim, sem que ele tenha falado contra os calvinistas nem mesmo uma só vez, em suas mãos acaba por abjurar uma dama da corte considerada calvinista irredutível: senhora de Padreauxville, tão ferrenha na doutrina calvinista que “nem os teólogos mais argutos do reino tinham conseguido deixá-la confusa”. Na realidade, Francisco em suas pregações não tinha feito nenhum aceno ao calvinismo. Esta é

sua opinião: “Quem prega com amor, já prega o suficiente contra os hereges, mesmo sem dizer uma só palavra contra eles”.

O senador Favre, que admira Francisco de forma superlativa, escreve naqueles dias a dom Granier: “Francisco é considerado o melhor pregador que a França teve ao longo do tempo naquele grande palco”. E o mais douto orador do tempo, o futuro cardeal du Perron, comenta a seu respeito: “Se fosse o caso de convencer os calvinistas, talvez eu pudesse conseguir; mas quando se trata de convertê-los, então enviem-lhes o bispo de Genebra”.

Além disso, um gesto simples e eloquente aumenta a admiração por ele: no término das pregações, Francisco devolve “a belíssima bolsa cheia de escudos de ouro” que lhe passaram às mãos. “Algo inaudito na memória dos cortesãos”, comenta o historiador Ravier.

O rei quer ouvir Francisco

Entretanto, os calvinistas de Genebra pressionam o ministro Villeroy para que não sejam atendidas as solicitações de dom Granier, e Francisco tem a impressão de que, por mais que continue a se esforçar, não conseguirá dar passos em frente. No fim de março, escreve a seu bispo: “O assunto pelo qual estou aqui tem andamento tão delicado e estranho que não tenho coragem de prometer nada”.

Acontece, porém, que no campo do imprevisível, o rei Henrique IV ouviu elogios tão grandes a respeito desse pregador saboiano que tem vontade de “vê-lo no púlpito” perante

toda a corte reunida. Maliciosamente, brincando com o título oficial de Francisco, bispo da sede episcopal *de Genebra*, o rei convida todos os seus amigos protestantes para que venham ouvir “o *seu* bispo”.

No dia 14 de abril, domingo *in Albis*, Francisco está em Fontainebleau. Depois contará: “O rei me fez pregar diante dele e me pareceu estar contente”. No fim pôde falar longamente com ele e perorar a causa dos católicos do Gex. Mais tarde escreve para Roma: “Tanto fiz que, afinal, tenho esperança de obter alguma coisa... Não será tudo o que desejaríamos, mas é preciso tirar do fogão o que dá para salvar. Solucionar problemas nesta corte é tão complicado que quando se imagina estar chegando ao fim a gente se dá conta de ainda estar afundado neles”. Assim, nessa dura escola da vida Francisco afina seus dotes de diplomata.

Bem mais que um simples pregador. No fim de abril, eis nova incumbência: a oração fúnebre pelo duque de Mercoeur no máximo templo da eloquência sacra, a catedral de Notre-Dame. Quando o bispo de Genebra retornar à sua Saboia, alguém com ironia francesa comentará que ele “tinha feito um grande bem e um grande mal: um grande bem por meio de suas pregações; um grande mal porque, comparados com ele, os demais pregadores seriam todos tediosos”.

Francisco continua a ocupar bem seu tempo. É chamado uma centena de vezes para pregar, mas confessa, visita mosteiros, encontra personagens importantes, obtém conversões. Acorrem a seu púlpito os ouvintes mais diversos, comuns mortais e homens célebres, gente frívola e espiritualmente bem

disposta. Pela caridade sacerdotal, “muitas mentes e muitos corações” se afeiçoaram a ele.

No salão da bela Acarie

Paris tornou-se a cidade-laboratório de um novo humanismo cristão. Algumas personalidades notáveis de alto nível intelectual e espiritual costumam encontrar-se no salão de uma brilhante dama do mundo, “a bela Acarie”, que tem uma vida mística intensa como “uma nova Teresa de Ávila” e exerce “uma espécie de comando supremo sobre a Paris devota” (H. Bremond). Francisco é levado ao seu salão pelo cardeal de Bérulle e chega a frequentá-lo quase todos os dias. A respeito de Acarie (por ele ouvida em confissão) dirá mais tarde: “Eu não a considerava propriamente uma penitente, mas a própria voz do Espírito Santo que dela se servia”, tal a interioridade que dela emanava.

Dentro desse círculo restrito e privilegiado, organiza-se o renascimento religioso da França. O estudioso André Ravier explica: “A questão mais debatida é se é preciso privilegiar certa mística nórdica que ensina a união com Deus para além de toda mediação humana (até mesmo para além da própria humanidade de Cristo) ou se se deve preferir a nova mística espanhola testemunhada e vivida pelo Carmelo de Teresa de Ávila”. Nas acesas discussões daquele círculo espiritual, Francisco, com o peso de sua doutrina e de sua experiência, consegue fazer pender a balança para o lado da mística carmelita.

Ravier explicita: “De fato, foi dentro do *Círculo Acarie* que abriu caminho a decisão de se introduzir na França o Carmelo reformado por Santa Teresa de Ávila (falecida vinte anos antes). Na conferência em que o assunto foi discutido, Francisco foi o último a tomar a palavra e prevaleceu seu parecer. O papa e o rei concordaram. Em 1604 foi fundado o primeiro Carmelo francês... Em seguida, as três filhas da senhora Acarie entraram na Ordem carmelita; ela mesma, morto o marido, pediu para ser admitida na qualidade de irmã conversa. Falecerá, em 1618, com o nome de Maria da Encarnação e, em 1791, será proclamada beata”.

Mas para que esse primeiro Carmelo em terra francesa possa ser aberto, terá de intervir Francisco: voltando a Annecy, escreverá a Roma e obterá as indispensáveis bulas pontifícias.

Exatamente naqueles meses, nesses ambientes saturados de interioridade, Francisco delineia a própria fisionomia de *Doutor da Igreja*, maturando sua contribuição original para com a espiritualidade cristã.

Magros resultados de uma longa missão

Entretanto, a situação piora no plano político e as esperanças de Francisco se reduzem a uma chama bruxuleante. Entre a França, a Espanha, a Saboia e Genebra, a tensão sobe ao máximo. Os exércitos retomam a guerra. Em Paris tramam-se conjurações, ocorrem prisões, fazem-se processos, emitem-se sentenças capitais. Até mesmo Francisco, um dia, é suspeito de

manobrar contra a França em favor dos interesses do duque da Saboia e deve correr até o rei em Les Tuileries para dar-lhe garantias de sua total isenção política e de seu exclusivo empenho em favor da causa da fé. Por sorte, a conversa com o rei não termina em prisão, mas num forte abraço.

Então, Francisco envia ao papa Clemente VIII um relatório final: “Depois de ter dado tantos passos..., com dificuldade obtivemos a permissão de celebrar os santos mistérios em três localidades, com a concessão para isso de uma renda anual em favor de três dos nossos sacerdotes... O rei em pessoa nos recordou a dureza dos tempos: ‘Gostaria, mais do que qualquer outro, que houvesse a completa restauração da religião católica, mas meu poder não se identifica com o meu querer’, disse-me ele. E assim, depois de nove meses de intenso trabalho, sou obrigado a voltar para casa sem conseguir quase nada”.

Sua missão diplomática praticamente fracassou. Julgando os acontecimentos à distância, deve-se reconhecer que não havia como terminar de outra forma. Henrique IV não podia indispor-se com seus amigos e aliados de Genebra. Por sua vez, Francisco conquistou o coração do rei que o define “uma ave rara sobre a terra” e que agora pretende atribuir-lhe a primeira sé arquiepiscopal que se tornasse vacante no seu reino. E insiste para que aceite logo uma “pensão consistente”. Francisco, a duras penas, conseguirá evitar uma coisa e outra.

Estranha situação a de Francisco e de Henrique IV: ambos, dotados de um grande fascínio, embora agindo em campos tão diversos e fatalmente separados por objetivos muitas vezes opostos, criaram um apreço e uma admiração recíproca indelével.

Uma grande dor: o bispo Granier faleceu

No dia 20 de setembro de 1602, Francisco deixa Paris, carregando consigo a lembrança de tantas confidências, confissões, conversões, amizades. O insucesso o incomoda, não por amor próprio ferido (agora diz que se sente mais próximo do Cristo humilhado e crucificado), mas porque não conseguiu prestar à Igreja o serviço esperado. Ele se consola, escrevendo: “Quando cumprimos o próprio dever que depende de nós, devemos aceitar o que Deus permite”.

De passagem por Lião, no dia 29 de setembro, chega-lhe a dolorosa notícia de que seu bispo dom Cláudio de Granier faleceu há dez dias. Francisco é informado de que pelo menos os últimos dias do bispo foram alegrados pelo jubileu secular de Thonon, celebrado com êxito triunfal. Entretanto, Francisco prova grande pena porque perdeu o guia de quem o consagrou no sacerdócio e que por dez anos foi para ele um pai.

Retornando à Saboia, Francisco permanece por algum tempo em Sales porque, por sua vez, deve fazer de pai a seus irmãos. E escreve ao papa uma carta num belo latim, fazendo memória do seu bispo, “aquele homem à moda antiga, de costumes antigos, piedade antiga, antiga constância” que em vinte e cinco anos de trabalho duro tinha “reconduzido 25 mil ovelhas dispersas ao rebanho do Senhor”.

Agora, tem consciência de que todo o peso da diocese pesará sobre seus ombros. Será bispo para seu povo, para o Senhor. Em suas confidências com o papa escreve: “Não me resta senão entregar-me à Providência divina, confiando-lhe em absoluto abandono o cuidado da minha pessoa e de todas as coisas”.

Bispo: tomado por Deus e dado a seu povo

Como Francisco escreve a um amigo, está na hora que ele “ocupe o laborioso e perigoso cargo de bispo”. Não tem ambições. “Aconteça o que Deus quiser, eu sou sempre o mesmo de antes: não desejo o episcopado mais do que o desejei até agora.” Entretanto, ele vive a nova responsabilidade com paixão e entrega total. Será teólogo, místico, escritor espiritual, diretor de almas, fundador de uma ordem religiosa; tudo isso no contexto de uma nova e verdadeira profissão: ser bispo.

Francisco se prepara para a consagração episcopal por meio de um longo retiro de vinte dias, sob a direção de seu amigo, o padre jesuíta Fourier, a quem pediu que viesse até Thonon.

Dispõe-se com a oração e o jejum para a confissão geral. Depois redige uma *regra de vida*, que é um pequeno tratado sobre o ideal sacerdotal segundo o evangelho: pobreza, oração,

esmola, como acolher as pessoas e no centro de tudo “o santíssimo sacrifício da missa”. Decide que celebrará também “nos dias ditos de devoção”, isto é, feriais, com o povo, “para que indo à missa encontre sempre o bispo à sua frente”.

E no fim insiste para que o padre jesuíta confirme, com sua assinatura, sua nova e severa regra de vida.

Consagração na igreja do seu batismo

A consagração episcopal ocorreu no dia 8 de dezembro de 1602, festa da Imaculada, “em cujas mãos pus o meu destino”. A igreja da cerimônia, por expresso desejo da mãe, é a igreja paroquial de Thorens, a poucos passos de Sales, onde Francisco foi batizado e onde a senhora de Boisy o acompanhou tantas vezes quando menino. Então, era dedicada a São Maurício, hoje se chama “igreja de São Francisco de Sales”.

Naquele dia, o povo põe-se a caminho de Sales bem cedo e encontra a igreja “solenemente enfeitada e decorada”. Obra da senhora de Boisy, que tem seu lugar reservado na primeira fileira. Junto a ela está a nobreza da Saboia. Os três bispos consagrantes são do alto escalão, seus nomes e títulos eclesiásticos e nobiliárquicos ocupam duas ou três linhas cada um.

Seis dias depois, Francisco toma posse solenemente em Annecy na igreja catedral. O povo em massa o acompanha até a igreja, as janelas e sacadas estão apinhadas de gente, os jovens disparam salvas durante todo o tempo. E é bom que seja assim: aquele bispo pertence ao povo, extraiu seu lema episcopal do

texto bíblico do rito que o põe a serviço do povo: “Todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído para o bem dos homens nas coisas que se referem a Deus” (Hb 5,1).

Dez anos mais tarde, lembrando numa carta aqueles acontecimentos, voltará a falar do significado daquelas palavras: “Deus me tomou para si a fim de, em seguida, dar-me ao meu povo”.

Uma visão do mundo à moda dos apóstolos

Quais princípios inspirarão Francisco na sua ação pastoral? O historiador Ravier condensou os principais.

O Evangelho se destina a todos sem distinções, mas as respostas dos homens ao Evangelho são diferentes. No entanto, todos os cristãos, apesar de suas opções diversas, são chamados a formar uma só comunidade de fé e de caridade, a Igreja, como no tempo dos apóstolos e em torno deles.

Desde o começo existem duas hierarquias: uma hierarquia de funções: o papa, o bispo, os sacerdotes; outra hierarquia de generosidade espiritual, de caridade. Ambas deveriam coincidir, mas infelizmente não é sempre assim. Por exemplo, num sistema político em que os benefícios da Igreja ligados aos cargos e as rendas das abadias atraem tanta cobiça, acontece que não poucos pastores deixem a desejar.

Francisco, como bispo, sente a obrigação de restabelecer a ordem do Evangelho na sua diocese, reformar o que não está bem. Sabe-se, por exemplo, de mosteiros que são um “viveiro

de escândalos”. Com sua ação cotidiana, ele procurará suscitar um cristianismo puro e autêntico.

Não se trata de algo novo: é sempre o cristianismo do Evangelho; porém, deve-se renovar sua apresentação, adaptá-lo às novas circunstâncias dos tempos e das pessoas. Ele indica as características do novo cristão com uma palavra na aparência desgastada, porém, enriquecida por ele com novo significado: *devoção*.

Os cristãos devotos, ricos de caridade, não formarão mais uma elite fechada em si mesma e isolada da sociedade: a verdadeira devoção impregna como um óleo ou um perfume toda a sociedade civil, todas as relações entre poderosos e fracos, ricos e pobres, pessoas de cultura e ignorantes. E difunde por toda parte um espírito de serviço, de intercâmbio, de amizade.

A devoção *salesiana* é, por isso, uma devoção civil: todo cristão deve agir para reconciliar os homens entre si e fazê-los viver bem e de acordo. Isso será posto em prática por Francisco todos os dias, a ponto de o chamarem “o conciliador”.

Feito bispo e sucessor dos apóstolos, ele se empenha com todas as suas forças em instaurar o Reino de Deus, um Deus cujo nome é *Amor*. Semeará o amor, convencido de que nenhuma rocha, por mais dura que seja, poderá resistir a esta semente viva e divina capaz de mudar os corações de pedra em corações de carne.

Diocese de Genebra, exílio em Annecy

Sua diocese chama-se *de Genebra*, mas tem sede provisória em Annecy, porque Genebra, desde 1534-1536 rebelou-se

contra a Igreja e se tornou a fortaleza do calvinismo: é hostil ao papa e golpeia com sarcasmo tudo o que para os católicos é objeto de respeitosa veneração.

Annecy não dista de Genebra mais do que 25 quilômetros. Ora, Genebra sente-se fortemente ligada a Berna, e ambas são protestantes; como aderiram à Reforma de Lutero boa parte da Suíça, os huguenotes franceses e quase todos os príncipes alemães. A Inglaterra, por sua vez, desde 1534 se tornou anglicana e não menos hostil à Igreja. Sem dizer que o rei Henrique IV da França é ex-huguenote e inclui Genebra entre seus aliados.

Os genebrenses, agora não mais, mas num passado recente faziam incursões principalmente no Chablais, demolindo igrejas, queimando imagens veneradas pelos fiéis, profanando e destruindo alfaias sagradas, deixando aterrorizada a população.

A diocese de Francisco é vasta. Apesar de diminuída em tamanho, conta ainda com 450 paróquias. Demais, para quem considera, como ele repete, que “uma alma é uma diocese suficientemente vasta para um bispo”.

Bom pastor segundo o Concílio de Trento

Uma preocupação inquieta Francisco: quer ser na sua diocese um bispo como a Igreja deseja e como foi descrito pelo Concílio de Trento.

A grande assembleia tinha sido encerrada em 1563, quatro anos antes do nascimento de Francisco, mas em 1600 a

renovação que pretendia promover ainda não impregnara bastante o clero (às vezes ambicioso ou ignorante), nem os mosteiros (muitos em plena decadência), nem o povo cristão (pouco evangelizado pelos pastores).

É necessário intervir em tudo, porque também a diocese de Annecy sofre dos males que afligem a Igreja, males que provocaram a irrupção do protestantismo. Numa de suas cartas lamentará: “Eis aí motivos para chorar... Devemos pedir a Deus para reformar os abusos que se infiltraram no comportamento dos ministros da Igreja e para enviar-lhe santos pastores animados do zelo de São Carlos, e que se esforcem por purificá-la com o fogo do seu zelo e da sua ciência, para torná-la sem mancha e sem ruga...”.

São Carlos Borromeu (1538-1584) é seu modelo de pastor. Durante vinte anos Francisco se esforçará para realizar na sua diocese o que São Carlos realizou na de Milão: precisamente a reforma querida pelo Concílio de Trento.

A reforma começa pelo bispo

A reforma a fazer, fora dito pelos papas, deve ser *in capite et in membris*, isto é, deve começar pela cabeça e depois estender-se aos membros. Não se renova a Igreja renovando os outros, mas a si mesmo. E Francisco começa a santificação da diocese pela sua pessoa.

Vive pobremente: pobre como pessoa (deixou para seus irmãos todo o seu patrimônio), pobre como bispo (o bispado

lhe rende somente mil escudos de ouro por ano, porque seus benefícios em Genebra foram açambarcados pelos calvinistas); pobre porque multiplica as esmolas em público e em particular; e pobre porque assim quer, decidido a viver “como os apóstolos”.

Sua residência episcopal em Annecy é muito modesta. Em 1610, o amigo Antônio Favre põe à sua disposição uma grande casa, mas Francisco reservará para si somente um modesto quarto. Diz: “De dia, girarei de cá para lá na qualidade de bispo de Genebra; de noite, me retirarei na qualidade de Francisco de Sales”.

Reduz ao mínimo o número dos domésticos, convence-os a despir as librés vistosas e a renunciar aos bigodes de pontas levantadas que fazem tanto sucesso nas famílias nobres. Suas roupas, como as dele, deverão ser “limpas e muito decentes” e destinadas a durar longamente. Sua mesa é frugal; não tem carruagem, anda a pé ou a cavalo.

Seu dia começa cedo com uma hora de meditação. Depois, o ofício divino, de joelhos ou andando. Sempre que possível, dedica duas horas da manhã ao estudo, que, se benfeito, é outra maneira de rezar. Todos os dias, em torno das 9 horas, celebra a missa com o povo, se possível em alguma igreja ou capela de Annecy. Gosta da liturgia bem celebrada, das rubricas bem conhecidas e observadas.

Depois começam “os trabalhos e as travessias”, segundo sua expressão, de uma fatigante jornada, os “aborrecimentos deste mundo”. As audiências, as reuniões. E a correspondência que não acaba nunca: seu secretário lembra que escrevia de próprio punho umas 20 cartas por dia.

É muito procurado porque encontrar-se com ele é muito bom: os penitentes no confessionário, os pobres que pedem ajuda no bispado, as crianças que o rodeiam e se agarram a ele pelo caminho. Suas ocupações não são para ele motivo de dissipação, pois lhe proporcionam oportunidades para unir-se mais profundamente à vontade de Deus.

Seu trabalho é intenso. Numa carta, aconselhou e certamente esse era seu princípio de ação: “Faça uma coisa depois da outra o melhor que puder e aplique fielmente sua mente a essa finalidade, porém de maneira doce e suave. Se Deus lhe conceder bom êxito, daremos graças; caso contrário, agradeceremos da mesma forma”.

A saúde o ajuda; por anos a fio consegue conciliar seu trabalho incessante e o peso da fadiga, como explica numa carta de 1606: “Estou bem; tenho uma quantidade de problemas e ocupações tão grande que não é possível dizer mais. É um pequeno milagre que Deus faz, pois, toda noite quando me recolho não posso mover nem o corpo nem a mente de tão cansado que estou; e na manhã seguinte estou mais alegre do que nunca... Sinto-me perfeitamente bem, graças a Deus”.

Às vezes, o peso do muito trabalho o esmaga, sente-se como um relógio desgastado, e resolve consertá-lo: “Passarei esta quaresma residindo na minha catedral e a remendar um pouco minha alma que está quase totalmente descosturada devido aos aborrecimentos que suportei... É um relógio gasto: preciso desmontá-lo peça por peça e depois de limpá-lo e lubrificá-lo, montá-lo de novo para que funcione melhor”.

Quando a cólera ferve como a água no fogo

Está sempre pronto para o perdão. Tão exposto à sua função pública, não pode evitar críticas, insolências, calúnias. Sabe de antemão que isso acontece porque “temos muito amor próprio e queremos que todos nos amem e tudo seja para a nossa glória”. Quando lhe contam alguma insolência dita contra ele fica indignado (um dia admitiu que “sente ferver a cólera como a água no fogo”), mas depois, pensando no Senhor Jesus, também ele desprezado e insultado, volta à serenidade. Com algumas palavras bem medidas ou com uma pilhéria que faz sorrir, consegue acalmar quem lhe trouxe as críticas.

Um dia, descobre circulando um libelo difamatório contra o bispo e apontam como responsável um dos seus cônegos. O cabido diocesano se reúne e condena severamente o culpado. Mas Francisco os convence a retirar o documento já aprovado e a anular a sentença punitiva. Aliás, anos depois, promove aquele cônego a um posto de prestígio. E na diocese se comenta: “É preciso ofender Francisco para receber dele toda espécie de benefícios”.

Francisco, bispo, é o bom pastor em meio ao seu povo até o último respiro. Visita incansavelmente as suas 450 paróquias, instrui seu clero (explicará que “a ciência é o oitavo sacramento do padre”), reforma os mosteiros, dá catecismo às crianças, passa horas e horas no confessionário, continua seu diálogo com os calvinistas, prega durante o advento e a

quaresma em muitos lugares da Saboia e da França, torna-se guia espiritual à viva voz e por escrito...

Durante vinte anos, até o último respiro, consagrará à sua diocese os dias e as noites, o trabalho e as vigílias.

Bispo: o difícil começo

Acompanhar agora as vicissitudes de Francisco significa colocar-se de um ponto de vista um tanto diferente, mas estimulante, para um leitor comum: compartilhar ideais, problemas, decisões, vitórias, fracassos daquele personagem um tanto raro sobre o planeta terra que é precisamente um bispo. Mas vale a pena.

O idílio de Francisco com os esplendores do episcopado é imediatamente ofuscado por um lamentável acontecimento de crônica negra: a história de um *direito de asilo violado*. Na região do Gex há uma pequena guarnição espanhola e um dos soldados, Antônio García, comete um homicídio, depois corre a refugiar-se na igreja católica de Farges. O comandante espanhol da guarnição, Sancho de Luna, exige a entrega do culpado que, porém, goza do direito de asilo e, por isso, não deveria ser tocado.

Graças a esse direito, universalmente reconhecido em favor da Igreja, não podem ser perseguidos pela justiça os que se

refugiam num edifício sagrado. É uma forma de misericórdia muito oportuna em 1600, quando as leis são incertas, a justiça nem sempre é administrada com equidade e a prepotência dos mais fortes e poderosos para com os mais fracos está na ordem do dia.

O comandante da guarnição espanhola, duro e violento, não tendo obtido a entrega do culpado, vai buscá-lo com a força. Viola o direito de asilo. Francisco deve intervir com autoridade em defesa dessa prerrogativa da Igreja e ameaça excomungar o comandante. A disputa jurídica assumirá tons dramáticos e cores políticas, irá se arrastar por longo tempo e deixará Francisco angustiado durante vários anos.

A incrível escalada dos muros de Genebra

Um problema ainda mais sério é provocado pelo duque Carlos Manuel. O duque se sente humilhado pela guerra desastrosa que conduziu em 1600 contra a França, quando as tropas de Henrique IV em poucos meses destruíram qualquer resistência e invadiram a Saboia. Inquieto e obstinado, o duque sempre olha para Genebra, a cidade fronteiriça nos confins do seu Chablais, que um tempo pertencia à Saboia e agora é a capital do calvinismo. Se pudesse recuperá-la...

O plano, estudado em segredo, é engenhoso e se tivesse êxito não faria má figura ao lado do cavalo de Troia. Carlos Manuel envia em segredo 400 soldados para o Chablais sem chamar a atenção de ninguém e os dispõe em pequenos

grupos ao longo dos muros de Genebra. Depois manda para a região, sempre às escondidas, uma grande quantidade de outros soldados, uns 3 mil, prontos a irromper em cena no momento oportuno.

Na noite de 21 de dezembro de 1602, o plano é posto em prática: é a *tomada de Genebra*. A vanguarda dos 400 homens armados até os dentes, escondidos nos bosques, vai para debaixo dos muros da cidade. No silêncio profundo da noite, escoram-se escadas nas muralhas e a escalada começa.

De repente, um genebrense notívago passa por ali: os soldados intimam-no a parar, querem retê-lo, mas ele consegue livrar-se e fugir. Na escuridão é impossível segui-lo. O fugitivo alcança a cidade e dá o alarme. Os soldados do duque já abriram uma brecha nas muralhas, mas de improviso os sinos da cidade começam a tocar sem interrupção, os genebrenses correm em massa até os muros para bloquear os invasores. Seguem-se disparos de parte a parte que reboam sinistramente acima da gritaria daquela noite de pandemônio, e os invasores, bloqueados, são postos em fuga, mortos ou feitos prisioneiros.

Na manhã do dia seguinte, o duque com os seus 3 mil homens armados até os dentes se aproxima das portas da cidade que imagina encontrar escancaradas e, ao invés, encontra fechadas, fortemente guarnecidas e defendidas. Compreende que o assalto noturno faliu e retorna de mãos vazias.

Algum tempo depois, os soldados capturados em Genebra terminarão seus dias tristemente na força.

Incursoes, saques e... é preciso começar tudo de novo

A notícia da incrível aventura de armas explode nas cortes da Europa. O mundo protestante acusa o duque de Saboia, mas também o papa e o novo bispo de terem sido coniventes com ele. Os genebrenses, irritados como vespas, preparam represálias. Esquadras armadas saem da cidade e invadem o Chablais: saqueiam, profanam igrejas, põem em fuga os párocos.

Uma primeira onda de incursões se verifica em fevereiro de 1603: 400 soldados da infantaria e 60 cavaleiros de Genebra investem contra Évian e ameaçam saquear Thonon. Novas incursões em abril: alguns párocos são capturados, outros se salvam fugindo.

De Roma, o papa Clemente VIII escreve ao núncio em Turim usando palavras pesadas: “O duque não pense que pode convencer o mundo, dado que não é ele o responsável pelo que está acontecendo... É preciso que pare de criar confusão no mundo, sem razão...”, e sugere várias propostas para fazer voltar a paz.

O rei da França se intromete com gosto, mas põe uma condição: Genebra, de agora em diante, seja reconhecida como cidade livre. Na prática, os Saboia renunciem a qualquer pretensão sobre ela. É o que de fato acontece com o tratado de Saint-Julien (17 de julho de 1603), estipulado entre Genebra e Saboia, que Carlos Manuel é obrigado a aceitar. O que, pelo menos por algum tempo, restitui a paz.

Francisco deverá recuperar os edifícios sagrados danificados e redistribuir o pessoal eclesiástico que se dispersou. Pela enésima vez no Chablais, novamente em cacos, é preciso começar do zero.

O Gex: uma nova linha pastoral

Francisco está habituado às dificuldades. Apenas as águas se acalmaram um pouco, monta em seu cavalo e visita os lugares mais críticos da sua diocese: o decanato do Gex sob o rei da França e o do Chablais sob o duque da Saboia.

Em agosto de 1603 está no Gex. É a região que outrora pertencia à Saboia e que em 1601, pela paz de Lião, passou à França (foi trocada com o marquesado de Saluzzo, pomo da discórdia, que por fim ficou com Carlos Manuel). O decanato do Gex é a região que custou a Francisco longa permanência em Paris e a sofrida frustração diplomática. É preciso reorganizar as três paróquias concedidas por Henrique IV: uma se encontra na capital, outra em Asserens e a terceira em Farges (onde foi violado o direito de asilo). Agora, trata-se de tornar operativas as ordens do rei.

Com sua disposição, Henrique IV aplica o edito de Nantes, pelo qual em 1598 tinha sancionado a liberdade religiosa dos súditos. Não que o rei seja um heroico paladino da liberdade religiosa, mas com a aplicação do edito ele garante o que mais lhe interessa: a unidade do Estado, embora religiosamente dividido, sob um único cetro. Entre outras coisas, assim poderá evitar novas guerras de religião, inúteis e desastrosas.

Francisco conhece bem essas coisas. Em sua última permanência em Paris olhou em seu redor e pôde refletir. Sabe que a Refoma protestante já é um dado de fato, com o qual será preciso confrontar-se sem ilusões. É preciso buscar a reconciliação. Esta, porém, não passará através de intervenções militares, nem através de tratativas diplomáticas, nem por meio de discussões dos teólogos ou dos libelos dos polemistas. É tempo de empenho no diálogo sereno, sério, religioso no sentido mais profundo.

É esta a linha pastoral que Francisco seguirá com convicção sempre maior durante os vinte anos do seu episcopado.

Por ora, porém, em sua primeira visita ao decanato do Gex, Francisco não acha nada fácil traduzir na prática as disposições do rei: para obter o que cabe de direito à sua diocese deverá suportar discussões, disputas, conflitos, quase uma guerra de campanários e recorrer a todas as suas capacidades de perito jurista e diplomático.

Naquela primeira viagem no Gex consegue pouco e só encontra espinhos. Mas é uma região promissora e, com o tempo, com a tenacidade que lhe é própria, Francisco terá a alegria de ver florescer as rosas.

A “Santa Casa” de Thonon

Depois da visita ao Gex, Francisco, em setembro, está no Chablais que não vê há três anos. Acompanha-o Rolland que nesse ínterim fez carreira e se tornou ecônomo do bispado.

Francisco avisa, com antecedência de sua chegada e entra solenemente na cidade em hábitos pontificais. O povo o acolhe com grandes festas: todos estão felizes em vê-lo como bispo, o *seu* bispo.

Quanto a Thonon, tempos atrás tinha sido elaborado o grande projeto, ampliado por frei Chérubin, com a bênção e a ajuda do papa: *a Santa Casa*, ponto de referência da ação pastoral. Que terá acontecido? Francisco descobre que ainda existe tudo, ou quase tudo, do projeto, mas em que condições precárias!

Há sete sacerdotes que mantêm a direção geral da Casa e cuidam da paróquia, hospedados num edifício que o duque tinha garantido ser “bem amplo”, mas que de fato, segundo a expressão poética de Francisco, mais parece “uma cabana para depósito de frutas”. Apesar disso, os sete padres conseguiram pôr o telhado nos edifícios e ali tentam viver e trabalhar.

O *colégio dos jesuítas* está sempre aberto, com seis ou sete padres, mas eles não dispõem de uma residência digna desse nome e vivem hospedados em diversos alojamentos particulares. Para religiosos crescidos com o sentido de vida comum, a situação é insustentável; de fato, oito anos mais tarde decidirão abandonar a obra.

Há a *comunidade dos capuchinhos* que residem no que sobrou do castelo da cidade, destruído a seu tempo pelos calvinistas de Berna e ajeitado até bastante bem, com um belo jardim ao redor. Da comunidade faz parte frei Chérubin, o desbravador de sempre, que é ornado com o título oficial de pregador.

Há também a almejada *Escola de Artes e Ofícios*, situada em algumas salas precárias do palácio municipal. Faltam, porém,

instrumentos para as oficinas dos ferreiros e carpinteiros, só o setor de impressão tem certa capacidade para funcionar bem. Do asilo destinado a acolher 6 mil, entre peregrinos e convertidos, naturalmente, não existe nem a sombra.

“A Igreja estende seus ramos...”

Francisco, chegando a Thonon, na verdade, não tinha ilusões. Sabia, imaginava. Mas aquela pobreza, aquela precariedade lhe pesa na alma porque agora o guia é ele, o pai é ele, e cabe a ele encontrar remédio. Coloca todas aquelas necessidades e preocupações dentro de um pesado fardo, coloca-o nas costas e fará de tudo para tomar providências.

Voltando a Annecy, em novembro presta contas por carta a Clemente VIII da visita que realizou. Pelo menos no plano do espírito pode fazer um balanço positivo. “Há doze anos, em 64 paróquias próximas de Genebra e por assim dizer debaixo de seus muros, a heresia ocupava os púlpitos, tinha invadido tudo. À religião católica não sobrava mais que uma polegada de território. Hoje a Igreja estende seus ramos em todas as direções, com germes tão vigorosos que a heresia não encontra mais espaço. Tempos atrás, mal e mal se contavam 100 católicos, hoje é difícil encontrar 100 protestantes.”

Os problemas de um reformador

Francisco sabe que o principal na reforma de uma diocese é a conversão do bispo; e que nada há de mais urgente do que uma sincera e profunda conversão dos seus sacerdotes.

Nos anos em que foi pároco em Thonon, sentiu na própria pele o quanto a vida pastoral exige do sacerdote em questão de empenho diário, sacrifício: um preço muito elevado e que não está ao alcance de todos.

Por outro lado, ele sente o forte liame que une os sacerdotes ao bispo, o bispo ao papa, o papa a Pedro e este a Jesus Cristo e à sua Igreja. O bispo “está no lugar de Nosso Senhor”; os párocos, animadores das comunidades cristãs, devem formar uma só coisa com ele. São como os riachos, através dos quais a graça alcança o povo de Deus, enquanto Cristo é a fonte no alto, generosa e inexaurível.

Na diocese de Francisco não faltam sacerdotes, mas como em tantos outros lugares da Igreja daquele tempo, são mal escolhidos. Faltam-lhes qualidades, há quem não cumpra bem sua difícil missão. Quantidade e qualidade nem sempre andam juntas.

A quantidade e a qualidade dos sacerdotes

Donde provêm seus sacerdotes? Certo número provém dos filhos cadetes da nobreza, isto é, dos não primogênitos: os pais de família da nobreza não querem fragmentar (na prática seria enfraquecer) suas posses, que em geral passam em herança ao primogênito. Daí facilmente encaminharem para a carreira eclesiástica os filhos cadetes, disputando para eles um benefício eclesiástico, a fim de viverem sem problemas econômicos. E nem sempre os cadetes têm verdadeira vocação.

Outros numerosos sacerdotes provêm de famílias burguesas e camponesas que procuram inserir os filhos no clero em busca de promoção social. Também nesses casos, nem sempre na base dessa opção existe uma adesão generosa à missão apostólica da Igreja.

Francisco sabe que na sua diocese certo número de eclesiásticos vive na ignorância e tem conduta moral dúbia. Sabe também que ignorância e imoralidade foram causas não últimas da origem do protestantismo. Por isso, dá-se conta da concreta e urgente tarefa de melhorar a qualidade do seu clero.

Este é seu pensamento: “Os bons párocos não são menos necessários do que os bons bispos, e os bispos trabalham em

vão se não se preocupam em colocar à frente das igrejas párocos devotos, de vida exemplar e de suficiente doutrina”. De fato, “são os pastores imediatos que devem caminhar adiante das ovelhas e ensinar-lhes o caminho do céu...”.

Na sua diocese há numerosos eclesiásticos “muito recomendáveis”, mas ele gostaria que todos o fossem.

Os programas para a reforma do clero

O clero precisa ser reformado e Francisco elabora programas muito claros.

Na diocese, para ascender ao sacerdócio, aos cargos e aos benefícios eclesiásticos, é preciso fazer exames e concursos. Já dom Granier tinha enveredado por esse caminho e Francisco torna o percurso ainda mais sério e comprometido. De cada ordinando exige o aval escrito do pároco que o propõe: “Os senhores párocos são exortados e esconjurados por parte do Juiz Eterno a ser muito escrupulosos e verazes”.

Francisco sonha com a criação de um *seminário*. Nada há de melhor para preparar na instrução e na santidade de vida os candidatos que todo ano se apresentam numerosos pedindo as ordens sagradas. A respeito do número dos candidatos, as poucas estatísticas conhecidas falam claro: entre 1605 e 1606, Francisco conferirá a tonsura a 570 jovens e, nos vinte anos de episcopado, ordenará quase 900 sacerdotes, mais de 40 por ano.

Eis, pois, que é preciso formar esses sacerdotes, por isso, nenhuma diocese no mundo precisa tanto quanto a sua de um

bom seminário, também pela vizinhança geográfica com o coração do calvinismo. Francisco se dedica ao empreendimento, mas a diocese é muito pobre para permitir-lhe realizá-lo. Não dispõe de fundos. As abadias e os priorados que os têm açambarcam-nos todos. Apesar disso, Francisco levará adiante o projeto do seminário, de tal modo que seu sucessor em pouco tempo poderá concretizá-lo.

Pouco depois da consagração episcopal Francisco envia aos sacerdotes uma *Exortação* “para que se apliquem ao estudo”. Nela se lê: “Meus caros irmãos, suplico-lhes que se empenhem seriamente no estudo, pois a *ciência* para um padre é o *oitavo sacramento* da hierarquia da Igreja... A ignorância é pior que a malícia... Exorto-os a estudar com afinco, para que, sendo instruídos e de bom comportamento, sejam irrepreensíveis e estejam sempre prontos a responder a quem lhes põe questões a respeito da fé”.

Francisco providencia a formação dos seus padres com documentos pastorais que os orientam também no trabalho cotidiano.

Catequista apaixonado, prepara um *Regulamento para o ensino do catecismo*, no qual insere as sugestões do Concílio de Trento e sua própria experiência.

Redige um *Memorial para os confessores*, exuberante de conselhos hauridos da sua inesgotável caridade pastoral: “Lembrem-se de que os pobres penitentes os chamam de *pai* e realmente vocês devem ter coração paterno, suportando com paciência a grosseria, a ignorância e lentidão mental... Não se cansem de ajudá-los e socorrê-los enquanto houver

neles alguma esperança de correção. Os pastores não são encarregados das almas fortes, mas dos débeis e fracos...”. “A pedra de toque de um bom confessor consiste em ter compaixão pelos vícios dos outros e em ser impiedoso para com os próprios vícios.”

Útil instrumento de governo são *os sínodos diocesanos*. Inaugurados por dom Granier em 1582, mostraram-se excelentes em manter unidos os sacerdotes e em levá-los a partilhar as responsabilidades pastorais. Todos os anos reúne-se em torno do bispo uma assembleia deliberativa de até mesmo 250 padres que toma como base dos trabalhos uma sincera autocrítica da situação da diocese. Cada sínodo produz *constituições* ou *ordenamentos* que orientam a ação e, antes ainda, levam aqueles sacerdotes a compreender os problemas e a buscar juntos as soluções.

Francisco desde o primeiro ano relança imediatamente a iniciativa, convocando os párocos de Annecy para os inícios de outubro de 1603.

A Santa Casa de Thonon continua a absorver as energias de Francisco, sem contudo oferecer-lhe resultados adequados: ela vegeta, não vive.

As estruturas existem. O presbitério de sete sacerdotes responsáveis pela ação pastoral é uma ideia moderna, de vanguarda. Mas os padres empenhados no Chablais se inspiram em duas orientações contrastantes: alguns aceitam plenamente a estratégia da doçura *salesiana*, outros (entre os quais frei Chérubin) preferem a do embate frontal. Assim fica difícil trabalharem juntos.

Além disso, há a crônica falta de recursos. Somente os castelos no ar é que não precisam de manutenção. A Santa Casa precisa de meios consistentes se quiser ter os pés no chão e tornar-se um centro propulsor da fé.

Para a cultura, a Academia Florimontana

Para promover a cultura na diocese, em 1606 Francisco fundou em Annecy a *Academia Florimontana*, sociedade de doutos e literatos.

A ideia lhe veio de diversas partes. Em primeiro lugar, da Itália, onde as academias florescem há mais de um século (embora tenham de preferência um perfil literário: visam a recuperar o patrimônio glorioso do mundo latino e grego). Depois, Francisco teve oportunidade de ver funcionando em Paris a Academia de Valois que um dia Richelieu transformará na academia famosa dos *immortais*. Entretanto, também Calvino fundou em Genebra a sua academia...

Está em Annecy o homem adequado para presidir a nova instituição, o amigo de confiança, de alto valor intelectual: Antônio Favre, senador da Saboia e jurista de fama internacional. Acabou de publicar um douto comentário ao Código de Justiniano, conhecido como *Codex Fabrianus* (de Favre). Francisco e Favre juntos estudam o projeto da Academia Florimontana, de nome poético, “dado que as musas floresciam entre as montanhas da Saboia”.

A academia de Annecy promoverá a cultura, mas com um perfil original: “Sua finalidade, segundo reza o estatuto,

consiste no exercício de todas as virtudes, a suprema glória de Deus, o serviço dos Sereníssimos Príncipes e a utilidade pública”. Destina-se a “todos os bravos mestres das nobres artes, tais como pintores, escultores, marceneiros, arquitetos e similares”. As lições tratam “de teologia, política, filosofia, retórica, cosmografia, geometria ou aritmética”. E será centro de influência cristã: “Todos os acadêmicos manterão relações de amor mútuo e fraterno... Todos buscarão o melhor”.

Infelizmente, em 1610 Favre deixará Annecy por ter sido nomeado presidente do senado da Saboia e, pouco a pouco, a academia decairá. Mas teve tempo de incluir em suas fileiras nomes ilustres, entre os quais o de Honorato d’Urfé, que é considerado o iniciador do romance francês. E também um dos filhos de Favre, Cláudio, que não demorará a figurar entre os *immortais* da França.

Quando as abadias estão decadentes

Outra tarefa muito árdua para Francisco é a reforma das abadias e dos mosteiros que são numerosos na diocese: há 5 abadias, 6 priorados conventuais, 4 cartuxas, 5 conventos de mendicantes.

Ele tem a maior estima pela vida religiosa. Na França, lutou para que fossem introduzidas as carmelitas de Teresa de Ávila; não demorará que ele mesmo fundará uma congregação, a das *visitandinas*. Sabe muito bem que abadias, mosteiros, ordens e congregações têm na Igreja a missão sublime de serem centros de irradiação de santidade, de pobreza e caridade em meio ao povo.

Não poucos, porém, desses institutos na Saboia daqueles tempos estão em plena decadência. Francisco é obrigado a constatar e denunciar seu espantoso relaxamento, como se lê nos relatórios que envia ao núncio (1603) e ao papa (1606). “É surpreendente ver até que ponto a disciplina religiosa decaiu nas abadias e nos priorados desta diocese (menos entre os cartuxos e os mendicantes)...”, ele escreve. Levanta suspeitas a respeito da moralidade: “As portas dos mosteiros das irmãs cistercienses estão abertas para qualquer pessoa: para as irmãs saírem e para os homens entrarem”. Denuncia a fome de dinheiro: “O dízimo que se recolhe cada ano seria suficiente para manter paróquias e pastores. Eis o que o impede: quase sempre acaba na mão dos abades e na bolsa dos mosteiros”.

Em suas visitas à diocese, Francisco encontra situações co-moventes. Ele conta de um pároco que “suporta grande pobreza e quase passa fome”. Outro é obrigado a servir “duas paróquias em região de altas montanhas, distante 6 milhas italianas” (9 quilômetros), “aonde ninguém consegue chegar a não ser agarrando-se com as mãos e firmando-se com os pés”: nos dias de festa celebra a missa “em ambas as paróquias; pode-se imaginar ao preço de que fadiga, de perigos, de muitos inconvenientes, particularmente no inverno, quando naqueles lugares tudo é coberto de gelo e de neve”. O povo do lugar paga regularmente o dízimo e oferece as primícias das colheitas, mas ninguém pensa em enviar-lhes outro pároco a que têm direito. Por que acontece isso? Porque “tudo vai parar na bolsa do abade vizinho”.

Francisco conclui drasticamente: pode-se ser monge e “de monge conservar somente o hábito”. Esses falsos religiosos

“fazem blasfemar os inimigos de Deus que dizem todos os dias: *onde está o Deus dessa gente?*”

Portanto, Francisco se pergunta como agir. “O relaxamento de tantos mosteiros está tão incrustado que um remédio comum não bastaria para curá-los. Seria necessário um reformador de grande autoridade e prudência, munido de amplísimos poderes...”. Também “porque os monges são muito espertos e hábeis em cavilações”. Seria possível intervir “fazendo visitas anuais e usando meios coercitivos”. Ou, então, “fazer intervir nesse assunto o senado da Saboia, pois sem essa medida nada se conseguirá”. De fato, o bispo não dispõe de nenhum poder nessa matéria.

Todavia, Francisco, depois de evocá-lo, não aprova o método coercitivo: “... é muito difícil e muito incerto porque o que se consegue com a força praticamente não existe”. Assim, no fim das contas, acaba prevalecendo não o jurista, mas o santo da mansidão.

Seja como for, Francisco será obrigado a tomar “medidas de severidade extrema” com relação a diversas abadias e mosteiros.

A prolongada visita a todas as paróquias

Entre 1605 e 1608, Francisco, em quatro etapas, faz a visita canônica a todas as suas paróquias. O Concílio de Trento recomenda essas visitas, praticamente impõe-nas aos bispos e Francisco assume de boa mente essa tarefa pesada que, porém, lhe permite encontrar seus padres e seu povo

e entreter-se familiarmente com eles. Durante longos meses, alternados com meses de trabalho na sede, lá vai ele a cavalo, de jumento ou a pé, quando o terreno o exige. Percorre os vales, agarra-se com as mãos e os pés para subir íngremes montanhas e chegar a povoados situados à beira de precipícios, visita todas as igrejas, igrejinhas e capelas do vasto território da diocese.

Sua diocese é ampla e muito habitada, é uma das mais extensas da época. Mesmo tendo perdido parte do território, ainda assim conta com 450 paróquias (mais 150 subtraídas pelos calvinistas, especialmente nas regiões do Gex e do Vaud). Abrange uma fértil planície, uma área de colinas e montes e uma zona de montanhas que se levantam escarpadas até as fal-das do Mont Blanc. Terras de clima temperado, outras com geleiras contínuas onde “o inverno é quase eterno”.

Em 1605 partiu no dia 15 de outubro, acompanhado de poucos ajudantes, entre os quais Rolland. Retornou no fim de novembro. Conforme explica numa carta: “Depois de ter percorrido toda a campanha por semanas seguidas, sem parar num lugar mais do que meio-dia”. Em certos povoados nas altas montanhas, o povo nunca tinha visto um bispo e lhe pareceu incrível que um dia algum pudesse chegar até lá.

Francisco prega, faz catequese, confessa, administra a crisma, ouve as queixas de cada um, acolhe alguma abjuração, informa-se com delicadeza a respeito do comportamento de padres, leigos e pecadores... Aconselha, corrige. Quando necessário, “com severidade, sempre, porém, mesclada de doçura”... Ele escreve: “Preguei todos os dias e com frequência duas vezes ao dia. Como Deus é bom para comigo! Nunca estive tão bem disposto”.

Quantas honras e... quanta superstição!

A visita de 1606 perdura por cinco meses e com frequência descobre situações inquietantes. Há no ar uma inércia espiritual secular. Deixa-o inquieto o isolamento de muitos povoados dispersos pelas montanhas, mergulhados na ignorância, vítimas de superstições, magias, sortilégios, assombrados por visões assustadoras. “Creem ver no longínquo das montanhas ou dos vales feiticeiros sob a forma de gatos selvagens, dragões, animais ferozes, que correm pelas geleiras ou dançam ao redor de um abeto solitário.” Francisco encontra possessos e endemoniados, reais ou fictícios, individualmente, às vezes em grupos: ele sorri, abençoa e os pobrezinhos partem em paz.

Francisco se entrosa de forma admirável com as pessoas. Numa carta escreve: “Encontrei um povo tão bom no meio dessas montanhas tão altas! Quantas honras, que acolhida, que veneração pelo seu bispo! Outro dia cheguei a Bonneville no meio da noite, mas os moradores tinham preparado tantas luzes, tanta festa, que parecia ser dia. Oh, como mereceriam bem outro bispo!”. Ele para evitar homenagens e grandes despesas aos párocos pobres, muitas vezes não avisa de sua chegada: que façam festa quanto quiserem, mas que seja uma acolhida simples e pobre, como pobre é o povo que ele visita.

Não quer ser de peso a ninguém; é frequente dormir no chão para evitar que alguém lhe ceda a própria cama. Com os párocos pobres partilha pão e queijo e, se por acaso providenciam pratos especiais, ele se queixa dizendo: “Vocês se enganam a meu respeito: tenho um estômago de camponês que prefere comida caseira”.

A todos anuncia o amor de Deus para com os homens e o amor com que as pessoas devem retribuir a Deus. Assim, a fé do povo, antes escassa e mesclada de superstições, purifica-se e volta a respirar.

“Sinto-me enamorado pelas almas”

Em 1607-1608, Francisco com dificuldade completa o giro das paróquias porque mil empenhos o retêm sempre mais em Annecy. No futuro, em casos de urgência, enviará sacerdotes de confiança pedindo-lhes depois contas detalhadas, limitando a própria presença a casos excepcionais. Entretanto, agora seus párocos sabem que a porta do bispado está sempre aberta para eles, como também sua mesa está sempre preparada.

Entre Francisco e seu povo se estabeleceram liames sempre mais estáveis a ponto de ele não hesitar em falar de *enamoramento*. “Sinto-me enamorado pelas almas mais do que de costume... Agora o coração do meu povo é quase todo meu.”

Para desviar sua atenção, Henrique IV procura atraí-lo para a França, preparando-lhe honras, títulos, cargos: “Fala-se de elevar-me ainda mais”. Francisco sente “especial inclinação” pela França, “cujo ar, como ele diz, respirei avidamente”. Entretanto, agora, sua diocese é sua esposa: “Minha pobre esposa me dá pena, pois não posso deixá-la, sem que ela venha a sofrer mil indisposições e Deus quer que eu fique com ela; eis-me, pois, amarrado!”.

Francisco, semeador da palavra

O Concílio de Trento tinha advertido: “Pregar é o dever principal do bispo”. Francisco tomou-o a sério. Ele define a si mesmo como pregador “fraco e manco”, mas toda a sua vida está aí a demonstrar o contrário. Nos últimos anos, escreverá numa carta em italiano ter “pregado 3 ou 4 mil sermões”. Os que chegaram até nós ocupam 4 dos 26 volumes de seus escritos.

No início de seu episcopado, aconteceu que dois jovens bispos franceses, o senhor de Raviol e André de Frémyot (irmão de Santa Joana de Chantal), se dirigissem a Francisco em momentos diversos pedindo conselhos a respeito da pregação. As cartas de resposta chegaram até nós. A segunda, datada de 5 de outubro de 1604, é um tratado em miniatura.

Nesse texto bastante amplo, Francisco começa em tom que é desencorajador propondo um esquema escolástico: “Para falar ordenadamente considero a pregação em suas quatro causas: *eficiente, final, material e formal*”. Em seguida, logo

se explica com um eloquente *isto é*: “Isto é, quem deve pregar, com que finalidade se deve pregar, o que se deve pregar e de que modo convém pregar”. Embora prisioneiro da rígida gaiola da filosofia antiga, Francisco expõe com abundância e elegância os tesouros de sua saborosa experiência moderna. Vejamos brevemente.

O coração fala ao coração

Quem deve pregar? O que preocupa Francisco não é o simples falar, mas a “pregação evangélica”, a “santa pregação”. Quem anuncia é a Igreja; por isso, o bispo que anuncia “não o faça para se tornar um grande pregador, mas simplesmente porque *deve* fazê-lo e Deus o quer”. E explicita: “Ninguém deve pregar sem possuir os seguintes três dotes: *uma vida edificante, uma boa doutrina e uma missão legítima*”.

Vida edificante, porque, do contrário, o povo diz de certos pregadores: “Dispõem de muito tempo, entregam-se a regalias”; e depois disso, “vão pregar a mortificação; o povo se ri de pregadores assim”.

Boa doutrina, mas sem excessiva cultura ou erudição: “Que ela seja suficiente; não se requer que seja excelente”.

Missão legítima, isto é, recebida da Igreja, o que não acontece, por exemplo, com os heréticos, os calvinistas, os huguenotes...

Pregar com que finalidade? Para que tenham vida. “A finalidade deve ser a de fazer o que Nosso Senhor veio fazer neste mundo:

‘Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância’ (Jo 10,10). Portanto, a finalidade que o pregador deve ter em mente é que os pecadores, mortos para o pecado, vivam para a justiça e que os justos que já possuem a vida do espírito a tenham ainda mais abundante.”

“Ora, para pôr em prática este propósito, é necessário que o pregador faça duas coisas: *instruir e comover*.. Numa palavra, deve trazer luz para a inteligência e calor para a vontade.”

“Muitos dizem que o pregador também deve *agradar*. Da minha parte, distingo. Há uma forma de agradar que é consequência necessária do ensino e da convicção... Esta forma de agradar deve ser realmente procurada.” Há outra forma de agradar que é “um tilintar de ouvidos resultante de certa elegância mundana e profana, de certas curiosidades, de artifícios; eu digo firmemente que o pregador não deve pensar nessa forma de agradar, mas que a deixe para os pregadores do mundo, os charlatães e cortesãos que se deliciam com ela”. E admoesta com Santo Ambrósio: “Nós não tomamos como modelo a artificialidade dos oradores, mas as verdades dos pescadores [os Apóstolos]”.

O que pregar? Pregar a Palavra. Francisco lembra a orientação dada por Paulo a Timóteo: “Prega a Palavra”. “Preguem o Evangelho”, diz o Mestre... “Na Sagrada Escritura há matéria suficiente, não se precisa de outra coisa.” “As passagens da Escritura ocupam o primeiro lugar, representam os alicerces do edifício.” A nossa doutrina se apoia sobre a autoridade: “*Ipsè dixit*”. (Francisco será tão fiel a este princípio que outro santo, Vicente de Paulo, o definirá como “um Evangelho falante”.)

Concretamente: “*Podemos usar também as histórias dos santos?*”. Resposta: “Como não? Há outras coisas também úteis e bonitas? O que são as vidas dos santos senão o Evangelho posto em prática? Entre o Evangelho e as vidas dos santos não há maior diferença do que entre uma música escrita e uma música cantada”.

O que dizer das histórias profanas? Responde: “São boas, mas é preciso usá-las como se usam os cogumelos, isto é, só para despertar o apetite...”. “E quanto às fábulas dos poetas? Dessas, nada absolutamente, ou pelo menos muito pouco...”

De que modo pregar? “É preciso cuidado com as frases subjuntivas e com os longos períodos, pedantes, com os gestos, as caretas, a gesticulação: todas essas coisas são a peste da pregação... É necessário ter um modo de fazer livre, nobre, generoso, ingênuo, forte, santo, grave e um tanto lento. Numa palavra, falar com afeto, devoção, simplicidade, candura e ter confiança; é preciso deixar-se verdadeiramente permear pela doutrina que se ensina... O melhor artifício consiste em não usar artifícios.”

Quanto tempo? “Convém que a pregação seja de preferência breve, não longa... Se um sermão dura meia hora, não se pode dizer que foi breve.”

Com o coração. “É preciso que as nossas palavras estejam inflamadas pelo afeto interior; devem sair do coração, mais do que da boca. Pode-se falar bonito, mas é o coração que fala ao coração ao passo que a língua só fala aos ouvidos.” “Nada é impossível para o amor. Nosso Senhor, para dizer a São Pedro ‘Apascenta

minhas ovelhas’, não lhe perguntou: ‘Você é sábio ou eloquente?’, mas ‘Você me ama?’. Basta amar bem para falar bem.”

Realmente, é assim que Francisco prega. “Não posso falar de Deus sem emoção”, ele confia um dia a um padre. Pregando, às vezes transborda de alegria: “Fui ao meu púlpito muito alegre, como um passarinho, onde cantei mais gozosamente do que de costume em honra do nosso Deus”.

E o povo imediatamente se dá conta disso. Eis um testemunho (Catarina de Guise, duquesa de Montpensier, Paris): “Os outros pregadores voam pelo ar, mas este *orador do santo amor* cai sobre sua presa, vai direto ao coração e toma conta dele”.

Onze volumes de cartas

As cartas são para Francisco outro modo, extraordinário, para difundir a Palavra de Deus. Nos tempos de atividades normais para o governo da diocese, segundo testemunhou seu secretário, ele escreve de próprio punho, em média, 20 até 30 cartas por dia. Deve ter escrito pelo menos 4 mil.

Encontram-se nos arquivos relatórios e petições dirigidas ao papa, aos soberanos, aos homens de governo, redigidas com grande esmero. Poucas são as cartas aos familiares ou a respeito de assuntos práticos, ao passo que são incontáveis as de cunho ascético. E são verdadeira Palavra de Deus.

André Ravier elenca: “Cartas escritas tanto a heréticos como a fiéis, a homens como a mulheres, a bispos e religiosos como a leigos, a celibatários como a casados, aos grandes do

mundo como a pessoas muito modestas”. Para dizer a verdade, estas últimas são raras, não, porém, por opção ou por exclusão de Francisco: naquele tempo “as pessoas simples usavam muito pouco escrever cartas” (mas Francisco encontrava os pobres e os simples em outros lugares: nas igrejas, no confessionário etc.).

As cartas de Francisco são formidáveis instrumentos de direção espiritual. Em torno dele, formou-se um punhado de correspondentes, cada vez mais numerosos, num diálogo de fé que, às vezes, se prolonga por anos a fio.

Uma direção espiritual que se verifica segundo algumas condições estáveis.

Em primeiro lugar, Francisco tem uma inclinação inata para a confiança; ele se sente plenamente à vontade só quando percebe que forma “um só coração, uma só alma, um só espírito” com seu correspondente. Portanto, na base se encontra sempre a amizade: para ele, se não existe amizade, não há verdadeira direção espiritual.

Sua direção nunca é ocasional e intermitente, tipo “respondo sua pergunta”, seja com quem for. Francisco tem sempre sob seus olhos a pessoa concreta a quem se dirige, sabe que ela se coloca em suas mãos, que chegou a um determinado ponto do caminho espiritual e agora lhe solicita como continuar o percurso.

Outra condição: a direção é entendida por Francisco como uma reciprocidade de confidências espirituais, uma partilha dos dons de Deus. Por isso, exige também partilha, comunicação, influxo recíproco. Cada um traz dentro de si uma problemática original própria. Francisco “ensinava às almas,

mas os segredos que as almas lhe revelavam ensinavam a ele” (Papàsogli). Ouvindo, adquire experiência e cresce junto com a pessoa que ele ajuda a crescer.

Finalmente, Francisco nunca renuncia à sua autoridade, como bispo, confessor e conselheiro. Mas, conforme diz Ravier, “essa autoridade se caracteriza por ser sempre humílima, humaníssima, ousaria dizer, terníssima”.

As cartas de Francisco, dispersas pela Europa (de diversas encontrou-se pelo menos a minuta), foram recolhidas com paciência infinita, catalogadas, estudadas. Muitas se perderam para sempre, mas 2.103 se conservaram e hoje formam 11 dos 26 volumes das suas *Obras completas*.

O diálogo “coração a coração”

Francisco é diretor de espírito também nos encontros pessoais, nas conversações, no diálogo olhos nos olhos, ou melhor, como ele mesmo diz, em conversar “coração a coração”.

Conceito de base do seu diálogo sob qualquer forma é *Cristo-amor*: tudo é feito em Cristo e por Cristo. O Senhor propôs: “Sede perfeitos”. Francisco, porém, explica que os meios para alcançar a perfeição não são iguais para todos, mas diferem conforme a vocação de cada um: os religiosos, as viúvas, os casados, todos devem buscar a perfeição, mas cada qual segundo a própria condição.

No trato com as pessoas, é fundamental a *mansidão*: “Recomendo-lhes particularmente o espírito de doçura, que rouba os corações e conquista as almas”.

Quem é constituído em autoridade deve “mandar docemente, amavelmente, a fim de tornar amável a obediência”. Nem deve esperar dos outros tudo e logo: “Nosso Senhor passou três anos e meio formando o colégio dos doze apóstolos e ainda assim, quando morreu, houve uma traição e persistiam muitas imperfeições. É preciso ter um respiro longo: os grandes planos só se realizam ao preço de paciência e de tempos longos. O que cresce num só dia perde-se no outro...”.

Francisco, “o conciliador”

Na prolongada visita que ele fez à sua diocese apareceu a todos como homem de paz. Com frequência, pessoas em litígio recorreram a ele para expor-lhe seus contrastes e buscar com sua ajuda uma solução. Em muitos casos, elas o constituíram árbitro, dispostas desde o início a aceitar o que ele decidiria. Nessa missão de pacificador, Francisco é ajudado por três qualidades pessoais, difíceis de encontrar juntas numa mesma pessoa.

Antes de tudo, todos reconhecem sua bondade, serenidade de juízo, equidade.

Depois, apreciam seu alto nível de competência adquirido em seus prolongados estudos jurídicos na universidade de Pádua.

Particularmente, apreciam sua vontade de agir com todos como Cristo agia: perdoar e procurar que também os outros se perdoassem mutuamente. Jesus que, do alto da cruz, perdoa seus algozes é um mistério que ele propõe com frequência para ser adorado e imitado.

Sucedee assim que em certos dias o bispado se enche dessas pessoas estranhas, à procura de um árbitro e de suas sentenças. Numa carta de 1607 escreveu: “Minha casa estava cheia de litigantes que, graças a Deus, em sua maior parte foram embora em paz e tranquilidade”.

Essas pessoas lhe conferem o título de “conciliador”.

Papàsogli observa: “Os modos de seu trato exterior e sua cortesia de alto estilo posta a serviço de uma extraordinária riqueza íntima tinham um êxito surpreendente: bastava tê-lo ouvido, em particular ou em público, mesmo uma só vez, para confiar plenamente nele e desejar abrir-lhe o coração”.

O catecismo para as crianças

Outra forma de semear a Palavra que “dá alegria” a Francisco é o catecismo para as crianças. Prescreve a catequese como obrigação dos párocos: em cada domingo devem dedicar-lhe pelo menos duas horas. Numa das ordenações sinodais (1603) ameaça os inadimplentes com “multa de cinquenta liras, e a nossa indignação”, acrescenta. Em Annecy, ele dá catecismo pessoalmente, como também nas paróquias que visita.

Em Annecy, em cada domingo da quaresma, por determinação sua, um jovem com a túnica roxa, ornada com um escudo bordado sobre o peito e outro nas costas e impressos em ouro os nomes de Jesus e Maria, percorre as ruas da cidade, toca a campainha e grita: “Venham, venham à doutrina cristã, onde vocês aprenderão a conhecer o caminho do paraíso!”. Forma-se assim um bloco de crianças, alegre e barulhento, que vai até o bispo

na catedral. Francisco explica, faz perguntas, esclarece a doutrina com muitos exemplos, premia logo os meninos mais diligentes, faz cantar algum hino (às vezes composto por ele mesmo) e distribui folhetos escritos de próprio punho com os pontos que as crianças devem aprender de cor para a próxima vez.

Acontece que a catedral se enche também de adultos porque às crianças se juntam os pais e muitos curiosos. E também os maiores de Annecy. Segundo o biógrafo Lajeunie, além das crianças viam-se ali “junto a elas, cônegos sisudos, doutores, os presidentes do conselho e da câmara, religiosos, superiores dos mosteiros...”. Às vezes, o povo era tanto que não havia como mexer-se.

Numa carta, Francisco narra uma dessas lições: “Acabei de dar catequese, onde, junto com as nossas crianças, nos divertimos fazendo rir um pouco o auditório, caçoando das máscaras e dos bailes. Eu estava num momento de bom humor e um auditório numeroso me convidava com suas palmas a fazer-me criança com as crianças. Dizem que me saio bem nessas coisas... Que Deus me torne realmente criança em inocência e simplicidade”.

Em dado momento, Francisco pensa em organizar encontros “em três classes, segundo o sexo e a idade” e nisso se faz ajudar por outros dois catequistas. Mas a experiência não tem bom êxito, porque o povo não quer ouvir outras pessoas, quer ouvir Francisco que fala às crianças.

De vez em quando em meio às outras pessoas vê também sua mãe. “Senhora, eu fico distraído quando a vejo no catecismo junto com todas as nossas crianças; porque de fato foi a senhora que o ensinou a mim!”, diz-lhe um dia, sorrindo.

Francisco, incansável semeador da Palavra!

Chantal, história de uma castelã

Em 1604, Francisco está em Dijon (capital da Borgonha, França central) para pregar a quaresma. Prega na capela do palácio ducal, luxuosa, maior do que muitas igrejas. Os duques de Borgonha quiseram que fosse esplêndida como um sonho, digna de seu poder e de sua riqueza.

As pessoas da sociedade de Dijon são atraídas pela fama do orador e a cada pregação a capela se enche sempre mais. Entre os fiéis está uma senhora ainda jovem, bela, de rosto pálido, vestida de luto. Entre tantas pessoas não deveria chamar a atenção, mas Francisco a observa pelo seu comportamento distinto e porque na segunda ou terceira pregação mudou de lugar e foi sentar-se bem diante do púlpito, dando a impressão de beber uma por uma todas as suas palavras.

Claro que não é uma mulher qualquer e não demorará que Francisco a conheça pessoalmente: é a baronesa Joana

Francisca Frémyot de Chantal, 32 anos, que a Igreja um dia inserirá no elenco das *santas religiosas*, a ser comemorada no dia 12 de dezembro de cada ano.

Entretanto, com aquela cadeira posta debaixo do púlpito começa o recíproco conhecimento de dois santos destinados a iniciar uma amizade espiritual pelo menos surpreendente. A partir daquele momento, encontram-se duas vidas paralelas feitas para se entrelaçarem e destinadas a produzir admiráveis frutos na vida religiosa e uma virada na espiritualidade da Igreja.

O pai chamava-se Benigno, mas era só de nome

É preciso saber um pouco mais a respeito desta Joana de Chantal que ouve atentamente Francisco. Vale a pena também, porque as vicissitudes que marcam sua vida de nobre castelã parecem extraídas dos cenários de um moderno filme de capa e espada.

Joana de Chantal nasceu em Dijon em 1572 (Francisco tem 5 anos). É filha do barão Benigno Frémyot, segundo presidente do parlamento de Dijon, e da nobre Margarida de Barbisey. A mãe morre na sua infância; deixa-a aos cuidados da irmã (Margarida) e do irmão (André), mais moços do que Joana.

O pai não é propriamente tão benigno como diz o seu nome (Benigno); pelo contrário, é um rude lutador. Dotado de vasta cultura, grande inteligência e operosidade,

é um dos homens mais notáveis da Borgonha, solidamente ligado à monarquia e à Igreja. Está envolvido nas lutas que ensanguentam sua pátria e, em 1589, enquanto a revolução contra Henrique III se desencadeia também na Borgonha, ele permanece fiel ao rei e o declara abertamente no parlamento. Sua casa é saqueada, ele é obrigado a fugir. Esconde-se na fortaleza de Flavigny e com outros dissidentes cria um “parlamento da Borgonha no exílio”. Os revoltosos então capturam seu filho André e lhe mandam dizer que, se não dissolver imediatamente o parlamento, lhe enviarão a cabeça de André dentro de um saco. Benigno responde com orgulho: “Que o filho morra inocente, mas que o pai não viva manchado de culpa!”.

Não o matarão. Também porque a situação se precipita. Henrique III pouco depois é assassinado e lhe sucede Henrique IV, huguenote, que não demora a abjurar e a retornar à Igreja Católica. Imediatamente Benigno Frémyot se reconcilia com o rei, agora novamente católico, mas um dia encontra a maneira de exprimir-lhe seu drástico ponto de vista: “Senhor, confesso que se não tivesse gritado: *Viva a Igreja de Roma* eu não teria gritado: *Viva o rei da França*”.

Melhorada a situação na Borgonha, Benigno reúne sua família, recupera suas posses, concorda com a carreira eclesiástica do filho André, dá como esposa a filha Margarida a um barão e, em 1592, cede a outra, precisamente Joana, a Cristóvão de Rabutin, barão de Chantal.

Joana de Chantal, perfeita castelã

Joana e Cristóvão vivem no castelo de Bourbilly, sólida fortaleza com 4 torres, um profundo fosso em redor e a ponte levadiça, entre vastos prados e bosques povoados de animais de caça.

Cristóvão de Chantal, típico nobre do seu tempo, é hábil espadachim, vive no exército (ou nos ócios da corte), a serviço do rei da França, em anos que não conhecem a paz. Traz sempre a espada à cintura e com frequência a desembainha, porque é preciso guerrear ou então duelar. Atribuem-lhe uns 20 duelos antes do matrimônio, encerrados sem morte porque para ele era suficiente “dissuadir seus adversários”. Reconhecem nele também um “excelente veio poético”. Todo o ano passa longos meses longe do castelo, mas retorna sempre mais de boa mente para casa. É a vida típica dos jovens senhores daquele tempo, dividida em dois períodos: primavera e verão na guerra, outono e inverno no castelo.

Joana é feliz com seu esposo e em oito anos lhe dá 6 filhos (embora os 2 primeiros morram precocemente). Vive o matrimônio não só como um dever de cristã, mas sentindo-se, como afirma um de seus biógrafos, “uma grande enamorada”. Cristóvão não era propriamente um santo. Toda a sua família, e ele não é exceção, sempre se distinguiu por viver despreocupadamente, esbanjando. Joana, porém, com seu amor, conquista Cristóvão à fidelidade, a uma vida regular e a uma fé cristã simples, mas sempre mais profunda. Como o demonstrará sua morte trágica.

Joana é a castelá, deve ocupar-se de quantos gravitam em torno do castelo: serventes e valetes, cozinheiras, gente do feudo, camponeses, cortadores de lenha, andarilhos e mendigos. Quando Cristóvão está ausente, todas as responsabilidades caem sobre ela, que se revela uma castelá perfeita.

“Uma forte atração para ser toda de Deus”

Seus biógrafos contam com entusiasmo que ela pensa em tudo, quer bem a todos, dedica-se aos mais carentes. Os mendigos se postam diante de um dos portões do castelo e ela lhes distribui pão com manteiga. Acolhe os doentes num quarto à parte e cuida deles pessoalmente. Se necessário, vai visitá-los em casa, levando comida e conforto, e dado que está ali, faz também a limpeza dos ambientes. As prisões do castelo às vezes encerram pequenos delinquentes em dívida com a justiça: também por eles Joana se interessa...

Com Cristóvão no castelo, ela saboreia a plenitude da vida. Eis, porém, o segredo que um dia confiará a alguém: “Quando não via mais o senhor de Chantal, eu sentia no coração *uma forte atração para ser toda de Deus*”. Entretanto, ali no castelo oferece a todos a possibilidade de participar da missa diária (menos da comunhão, que naquele tempo não era costume). Ela pessoalmente nunca faltará à missa.

Um manuscrito atribuído a um dos Rabutin faz dela um retrato: “Era bela e gentil, de estatura pouco mais que média, cabelos pretos, rosto redondo, olhos grandes, negros e vivazes...

Fisionomia majestosa e agradável, olhar muito doce e em certos momentos cheio de espírito e fogo...”. De certa forma, este é também seu perfil moral: “Virtude cristã verdadeira e gentileza de mulher amável, alma forte e generosa, doçura e modéstia, espírito culto e vivo, imaginação e conversação finas...”.

Sim, há premissas para que um dia seja canonizada.

Cristóvão, espadachim e poeta

Cristóvão, homem de armas, alinha-se politicamente com Henrique IV, da mesma forma que o presidente Frémyot, pai de Joana. Os dois se envolvem juntos em várias vicissitudes de guerra e, em 1595, combatem exatamente ao lado do rei. Os inimigos naquele momento são os espanhóis que ameaçam invadir a Borgonha; Cristóvão, sob os olhos do rei, é ferido em batalha. Volta a Bourbilly onde Joana o ajuda a se restabelecer.

Pouco depois, Henrique IV, vitorioso, entra triunfalmente em Dijon. Vão a seu lado Frémyot (que o hospedará em sua casa) e Cristóvão que é convidado a ir para a corte em Paris. Para lá o chama a gratidão do rei e o espera uma visível possibilidade de carreira.

Em Paris, na corte, há quem preveja para Cristóvão o título de marechal da França, mas ele não ficará ali por muito tempo. No início de 1601, escreve e declama uma poesia em homenagem às damas da corte em que confessa sua nostalgia pela sua esposa rica de todas as virtudes e, portanto, quer despedir-se das vaidades e das grandezas da corte.

O inverno mandou para casa os profissionais das armas e Cristóvão passa seu tempo, feliz, em seu castelo. Os vizinhos e amigos o visitam; quase todo dia há hóspedes em Bourbilly. A vida se anima, a lenha arde nas lareiras. Salão, conversas: “Joana se mostra incansável em acolher bem e entreter os visitantes”.

No domingo, quando os hóspedes são numerosos, Joana faz sua proposta mais ousada: ir à missa todos juntos na igreja paroquial. Cristóvão ou alguém observa: “Podemos cumprir o preceito também com a missa em nossa capela, sem ir tão longe”. É verdade, mas ela replica: “É bom dar bom exemplo ao povo do lugar”. E não há como não aderir à proposta.

Cristóvão, aquele grito no meio do bosque...

É frequente os homens irem à caça com longos arcabuzes. Perdizes, lebres, galos da montanha, às vezes algum lobo. Um dia, no início de 1601, Cristóvão faz-se acompanhar por um primo, o senhor de Chazelles, e o grupo se afunda pela mata adentro e se divide em grupos menores. Chazelles entrevê no verde-escuro da vegetação um rápido movimento daquilo que ele pensa ser um animal de caça, mira e faz fogo. Em vez do gemido do pobre animal, um grito de desespero sacode o ar: “Estou morrendo!”. É a voz de Cristóvão. Todos correm, Cristóvão está prostrado no chão com o flanco rasgado pelas balas.

Chazelles está desesperado, aponta o arcabuz contra si mesmo, mas é impedido de se matar. Cristóvão ainda encontra

forças para lhe dizer: “Não se faça mal, sei que foi uma fatalidade. Eu o perdoo de todo o coração!”. E insiste: “Primo, o tiro veio lá do céu antes que de suas mãos...”.

Mandam buscar um padre nas paróquias vizinhas e avisar Joana: “Não diga a ela que a coisa é grave, mas somente que se trata de uma ferida”. Joana chega enquanto o transportam com cautela ao castelo e ele ainda a conforta dizendo: “Os juízos de Deus são justos, é preciso adorar e morrer”. “É preciso sarar!”, replica ela, chorando. E Cristóvão: “Sim, se o médico de lá de cima quiser”.

Espera-o uma longa agonia de nove dias. No quinto dia, parece haver alguma esperança. Cristóvão renova o perdão a seu primo e manda que esta sua vontade seja escrita no registro da paróquia. À tardinha, a febre volta a subir e Cristóvão, percebendo que em torno dele alguém alude a uma sombria justiça humana, manda acrescentar no registro paroquial que deserda quem dos seus parentes pretendesse fazer vingança.

Depois, a febre pouco a pouco vai levando a melhor.

A morte de Cristóvão abre no coração de Joana uma ferida que será muito dolorosa, mas espiritualmente fecunda, como acontece com frequência com os verdadeiros cristãos.

Em busca de um guia para o espírito

Joana de Chantal improvisamente encontra-se a caminhar no escuro, às apalpadelas. A felicidade límpida da esposa e da mãe foi cancelada para sempre. Também quatro crianças perderam o pai.

A coragem da *resignação* é difícil, mas Joana não se contenta com ela, eleva-se mais alto: busca a *aceitação* de um plano que é misterioso porque divino. O coração sangra sem remédio. O cimo de sua alma, porém, volta-se mais do que nunca para as alturas do espírito. Seu coração, antes dividido, agora se orienta para um amor único: Cristo Jesus. Com realismo, Joana põe-se em busca de um novo caminho, uma nova maneira de preencher a própria vida.

E percebe a necessidade de uma direção espiritual que confira sentido pleno aos seus dias. Entretanto, é sempre a castelã de Bourbilly, com um mundo de incumbências a desempenhar.

Passou assim um ano. Depois, no início de 1602, o barão e presidente Frémyot, “pensando em lhe oferecer uma diversão”, convida a filha a transferir-se por algum tempo para Dijon. Dijon é sua cidade natal. Joana com a ninhada de seus quatro filhos ali se sente reviver. E encontra um suposto “bom religioso” que poderia tornar-se o diretor espiritual, de que tinha necessidade: assim, iludida, ela o imaginava.

Indo em peregrinação ao santuário de Nossa Senhora d’Étage, a duas milhas da cidade, Joana por acaso encontrou-se com um grupo de peregrinos acompanhados por aquele religioso. Os peregrinos contam maravilhas a respeito dele: Joana se confessa com ele e “crendo ser aquela a vontade de Deus” propõe-lhe que seja seu diretor espiritual.

É um sacerdote inteligente, cheio de fervor e de boas intenções, mas tem ideias singulares e não será o mestre de espírito adequado para ela. Joana demorará bom tempo e sofrerá bastante

para se dar conta. O religioso que, como observa Ravier, é mais ditador do que diretor, impõe a Joana algumas condições difíceis de observar: ela deverá prestar-lhe absoluta obediência, nunca poderá mudar de diretor, além de manter em segredo tudo o que o diretor lhe disser e não falará da própria alma, a não ser com ele. Assim, encaminha-a pela estrada da mortificação e da maceração que evidentemente não é a mais adequada para uma mulher arrasada pelo sofrimento.

Nora, sogro e uma criada-patroa

No outono de 1602, Joana volta para Bourbilly e projeta permanecer ali. Mas pouco depois recebe do barão de Chantal, pai do seu falecido marido Cristóvão, uma carta em caráter de urgência contendo na prática um ultimato. Esse homem nobre, que de nobre na realidade tem pouco, reside solitário no seu castelo de Monthelon: sente-se velho e cansado e lhe pede que venha morar com ele o mais cedo possível. Do contrário se casará (tem 75 anos) e deser dará seus 4 netos.

Joana sabe o que a espera se ela for para Monthelon, mas obedece. Ela tem obrigações bem definidas para com seus filhos: Celso Benigno tem 8 anos, Maria Amanda, 4, Francisco, 3, e Carlota é uma criancinha de 1 ano. Além disso, Joana espera ser útil a quem, apesar de tudo, é sempre pai do seu marido, e conseguir torná-lo mais compreensivo em sua rude existência.

Antes do fim do ano, Joana diz adeus para sempre a Bourbilly, onde viveu oito anos felizes como esposa, mãe, castelá amada por todos. A criadagem do castelo está desolada,

os pobres da região ainda mais. Antes de partir, distribui todo o grão armazenado no celeiro e os móveis do castelo. Ainda encontra tempo para acolher três órfãs que apareceram ali, de repente: para duas encontra quem as acolha; uma leva-a consigo. “A despedida se dá em meio a um mundo de gente em lágrimas”.

Eis agora nora e sogro em Monthelon. O castelo é velho, severo, escuro, “tem um aspecto bastante modesto”. É mal conservado, não tem nada a ver com o castelo confortável de Bourbilly.

O velho barão se encontra em condições ainda mais lamentáveis. Outrora se distinguira no exército e merecera a estima de Henrique IV. Mas, cheio de vontades e de caráter violento, sua vida fora marcada por uma enfiada de litígios, processos, duelos, prepotências, tornando-se hostil a todos os vizinhos. Além do mais, faz anos que acabou dominado por uma criada-patroa, de quem teve 5 filhos e à qual confia o governo da casa.

Joana sabe de tudo e chega a Monthelon sem ilusões. Mas está bem determinada, assume sua função de pacificação. Respeita e aceita a empregada, “insolente e malvada” (como a definiu um antigo biógrafo) e trata os 5 filhos dela como se fossem seus. Bem longe de ser a castelã amada por todos, agora lhe toca “um purgatório de sete anos e meio”.

O presidente Frémyot se preocupa com sua filha distante. Por diversas vezes, procura dissuadi-la e trazê-la de volta ao circuito normal da vida. Joana tem 30 anos, poderia muito bem casar-se novamente, pretendentes não lhe faltariam. Entretanto,

sob a guia de seu austero diretor espiritual fez voto perpétuo de castidade e talvez seu pai chegasse a intuí-lo. Não há como não concordar com seu evidente desejo de intensa vida espiritual. No início de 1604, o famoso bispo Francisco de Sales vai a Dijon pregar a quaresma e o presidente convida Joana para voltar com os filhos e ficar com ele durante aqueles dias.

Joana viaja com entusiasmo. E lá está ela com sua cadeira, bem diante do púlpito, de onde Francisco prega. Encerrado o romance de capa e espada, começa para Joana de Chantal uma aventura diferente, de ordem completamente espiritual.

Chantal, história de uma amizade

É normal escrever mais de 300 cartas a uma só pessoa no espaço de dezoito anos? Sabendo como funcionam os correios nos inícios de 1600? E que seja um bispo a escrevê-las? E a recebê-las uma mulher? Que entre ambos nasça uma amizade desejada e declarada, embora de natureza eminentemente espiritual?

Pois bem, essa correspondência mútua não só no papel e essa amizade cultivada longos anos até a morte serão consideradas pela Igreja algo excepcional e exemplar na história da espiritualidade cristã.

Quaresma do ano do Senhor de 1604

Em Dijon, na quaresma do ano do Senhor de 1604, quando aquela amizade está para nascer, encontram-se diversas pessoas

ali reunidas por interesses diversos. Além do bispo Francisco na qualidade de pregador da quaresma, chegou outro bispo, muito jovem, de apenas 25 anos, que se propõe discutir com ele: é dom André Frémyot, irmão de Joana, outrora capturado pelos inimigos do rei e ameaçado de decapitação, e agora feito bispo de Bourges.

Por um equívoco burocrático, ele está convencido de ter direito ao decanato do Gex, que na realidade Henrique IV atribuiu há tempos à diocese de Genebra. O primeiro encontro entre os dois bispos será suficiente para esclarecer todo o mal-entendido, e fruto do encontro será o início de outra sincera amizade. André será um daqueles que, dando os primeiros passos na arte oratória, pedirão a Francisco instruções a respeito de como um bispo deve falar.

Outra protagonista naqueles dias de Dijon é precisamente aquela mulher vestida de luto que vai com sua cadeira sentar-se perto do púlpito. Francisco pergunta ao bispo de Bourges quem é aquela mulher e ele responde que é sua irmã Joana. Um dia ela reconhecerá a respeito do famoso pregador: “Por aquilo que se refere a mim, desde o primeiro momento que tive a honra de conhecê-lo, admirei-o como um oráculo e o chamava de *santo* do fundo do meu coração, e como tal eu o considerava”.

Os três em Dijon se encontram algumas vezes na casa do pai, o presidente Frémyot. E começa a germinar entre eles aquela amizade que, segundo a intuição de um biógrafo, é obra do “Deus dos encontros”.

Em letra maiúscula: fazer tudo por amor

Em breve teremos de falar das obras-primas de Francisco, a *Filoteia* e o *Teótimo*. Todavia, convém antecipar logo uma página significativa da *Filoteia* porque Francisco ali explica de forma plena seu pensamento sobre a amizade e, por isso, dá-nos a chave de leitura do seu comportamento com Joana de Chantal.

Eis o que Francisco sugere à hipotética destinatária de seu livro: “Ó Filoteia, ame a todos com grande, com amável coração; mas não cultive amizade a não ser com aquelas pessoas que podem tratar de coisas virtuosas. E quanto mais nobres forem as virtudes, a respeito das quais tratará com os outros, tanto mais perfeita será sua amizade...”

Se a recíproca e mútua correspondência se fundar sobre a caridade, a devoção, a perfeição cristã, ó Deus, como será preciosa sua amizade! *Como é belo amar na terra da forma que se ama no paraíso*, e aprender a sentir um pelo outro neste mundo aquele *terno afeto* que sentiremos eternamente no outro mundo... *Falo da amizade espiritual*, pela qual duas, três ou mais almas compartilham a própria devoção, os afetos espirituais, e se tornam um só espírito”.

Esta chave de leitura nos permite interpretar a cerrada correspondência entre Francisco e Joana que durará dezoito anos. Explica também a índole da sua amizade. Que não é exclusiva, que Francisco oferece e concede a outras pessoas, como ao senador Antônio Favre, companheiro de tantos acontecimentos, ou ao duque de Bellegrade. E a tantas *filoteias* e *teótimos* (alguns biógrafos

chamam argutamente assim todos aqueles que se dirigem a Francisco para tê-lo como guia espiritual). Esses seus amigos são tantos e com o passar dos anos aumentarão sempre mais.

Precisamente numa das 300 cartas, entre as últimas (em 1620 ou 1621) enviadas à então *madre* Joana de Chantal, superiora das visitandinas, Francisco abre surpreendentemente seu coração. Joana tinha pedido que escrevesse a uma irmã provada por circunstâncias difíceis da vida. Francisco escreveu, e agora informa Joana:

“Amo aquela pobre filha com um amor perfeito. Coisa realmente estranha! Penso que no mundo não existam almas que amem mais cordialmente, mais ternamente, e para dizer tudo de forma muito simples, mais amorosamente do que eu, porque aprove *a Deus fazer assim meu coração*.

Amo as almas independentes, vigorosas, as almas que não são afeminadas, porque a ternura demasiada desorienta o coração, deixa-o inquieto, e o distrai da meditação amorosa de Deus... O que não é Deus não é nada para nós... *Tenho a impressão de não amar nada fora de Deus, e de amar todas as almas em Deus*”.

Esta linguagem de enamorado transparece com frequência na correspondência de Francisco, como, por exemplo, no final de uma carta a Joana (sempre em torno do ano de 1620): “Ó minha Madre, Deus encha de bênçãos seu coração que amo como o meu. Sou para sempre seu naquele Deus que, por sua misericórdia, se assim for de sua vontade, será para sempre todo nosso”.

Pensamentos de um santo para uma santa

O biógrafo Antonio Sicari extraiu das cartas de Francisco a Joana algumas orientações pedagógicas que espontaneamente brotaram de seu coração. Ei-las:

“É preciso fazer tudo por amor e nada forçadamente. Ame a obediência mais do que se teme a desobediência”;

“Estou de acordo que se lamente com Nosso Senhor, contanto que o faça com humildade, com amor, sem desolação ou ansiedade, como fazem as crianças com suas mães”;

“Abandone-se completamente à vontade de Deus. Nunca se serve melhor a Deus do que quando se serve como Ele quer”;

“Nada há a temer numa tentação, enquanto a tentação lhe desagradar”;

“Não se pode pretender que nenhuma folha da sua árvore não seja agitada pelo vento. Basta que ela fique presa ao ramo...”;

“Contente-se em considerar-se pouca coisa, porque sua miséria serve para Deus exercer sua misericórdia”;

“Nunca tenha medo de Deus, porque Ele não quer fazer-lhe nenhum mal. Pelo contrário, ame-o muito, porque Ele quer fazer-lhe todo bem”;

“Deus a guardou até este momento. Mantenha-se estreitamente agarrada à sua mão... Perceberá que, onde não caminhar sozinha, Ele a tomará em seus braços e a guiará”.

“Parecia-me ouvir o próprio Deus”

Joana, um dia, testemunhará: “Ouvindo meu santo diretor, parecia-me ouvir o próprio Deus, e cada palavra sua passava da sua boca para o meu coração como palavra de Deus. Eu via nele uma participação da divindade. Perto dele parecia-me viver na presença de Deus que vivia e falava no seu servo”.

A esta altura, é de se maravilhar se sua correspondência resumava, literalmente, ternura? Os dois se reconheceram espiritualmente, quase à primeira vista: Francisco compreendeu que ela estava destinada a absorver toda a substância da sua “experiência espiritual”, e Joana está persuadida de ter encontrado tudo o que seu coração deseja no mundo. Dali nasceu “uma amizade sublime, que somente podemos admirar, mas não explicar” (Ruggero Balboni).

Francisco, mestre das *filoteias*

Francisco pôde descobrir numerosas “almas muito belas” que aspiram à santidade e que, por meio dos deveres de cada dia, aderem a Deus e irradiam a caridade cristã.

Encontrou algumas desde o tempo da infância entre as paredes da sua casa. Depois, em Paris e em Pádua, os lugares de seus estudos, entre professores e colegas. Em sua segunda estadia em Paris descobriu que também em meio à vida mundana da corte há pessoas profundamente místicas, viu florescer nos salões da nobreza os movimentos de renovação cristã. Em seguida, mais ainda, nas visitas à diocese encontrou o amor apaixonado por Deus nas crianças, em jovens namorados, entre militares, em meio à gente pobre e ignorante dos campos, nos ranchos perdidos dos povoados das montanhas: “Encontrei Deus transbordando de doçura e suavidade em meio às nossas mais altas e ásperas montanhas, onde muitas almas simples o amavam e o adoravam em toda a verdade e sinceridade, onde

os cabritos monteses e as camurças corriam de cá para lá nas geleiras para proclamar os seus louvores...”.

Memórias espirituais para a senhora de Charmoisy

Falar de Deus a essas *belas almas* e ajudá-las a viver na caridade é para Francisco a maior das alegrias. Ele se sente mestre espiritual por inclinação natural e a cada dia vai afinando sempre mais sua habilidade em guiar a vida do espírito. A Igreja convida a todos a serem santos; de fato, porém, em 1600 era costume considerar empenhados nesse árduo ideal somente os religiosos e as freiras. Ao passo que Francisco sabe que, como dizia São Carlos Borromeu, seu modelo no episcopado, “uma alma é uma diocese bastante vasta para um bispo”, e não hesita em *perder* seu tempo, muito tempo, também para se ocupar de uma só alma.

Por exemplo, a dama da nobreza Luísa Duchastel, que será a *Filoteia número um*. De origem normanda, crescida na corte de Paris como dama de honra, vive agora em Annecy em feliz casamento com o senhor de Charmoisy (a quem já deu dois filhos). Mas tem saudades da vida da corte e na Saboia se sente quase no exílio.

Alguma coisa a une a Francisco. Antes de tudo, os Charmoisy são seus parentes longínquos. Depois, pouco a pouco, Luísa escolhe Francisco como guia espiritual. Ela é rica de interioridade e cresce espiritualmente: Francisco a descreve como

“uma senhora toda de ouro e muito bem preparada para servir a nosso Salvador; se perseverar, tirará grande proveito”. E para ajudá-la a perseverar põe-se a escrever páginas e mais páginas de *memórias espirituais*, que pouco a pouco vai lhe entregando. E ela as conserva como um tesouro.

Um dia, a senhora de Charmois deve transferir-se para Chambéry por motivo de uma causa jurídica e Francisco a aconselha que naqueles dias se faça orientar pelo padre João Fourier, jesuíta, escolhido por ele como diretor espiritual e que o guiara na sua preparação ao episcopado. Luísa leva junto as preciosas *memórias espirituais* de Francisco e mostra-as ao jesuíta. O padre Fourier lê o texto com entusiasmo crescente e decide que deve tornar-se um livro quanto antes. Então, escreve a Francisco: “Senhor bispo, como podemos fazer para imprimir o *tesouro* da senhora de Charmois? Antes de tudo, será preciso rever e reordenar tudo, pôr os títulos...”.

Dócil, Francisco obedece, dedicando à revisão daquelas folhas os retalhos de tempo que sobram de seus compromissos episcopais. No prefácio, ele lembra: “Para que o trabalho resultasse mais útil e mais agradável, revi tudo, pondo nele um pouco de ordem e acrescentando outros conselhos e lembranças...”.

Fourier entrega o texto a seu amigo editor Rigaud, em Lião, e depois acompanha diligentemente as várias fases da impressão. No fim de 1608, sai o livro com o título *Introdução à vida devota*, que mais tarde será completado com as palavras: *Filoteia, ou seja...*

Um livro “cheio de falhas”

Filoteia é um verdadeiro e próprio tratado de ascética, adaptado às pessoas que vivem no mundo. Por que esse nome? É um artifício normal ligado à etimologia grega. Francisco inventa uma destinatária hipotética, como ele mesmo explica: “Desejando que fosse de utilidade comum para muitas almas o que tinha escrito antes para uma só, eu dirijo a palavra a *Filoteia* porque precisava de um nome genérico que servisse para todas as que desejam consagrar-se à vida devota; e *Filoteia* significa exatamente *amante ou enamorada de Deus*”.

A *Filoteia* por antonomásia é Luísa Duchastel, a senhora de Charmoisy, a quem Francisco dedica implicitamente o livro, mesmo sem dizer-lhe o nome, mas descrevendo a função que ela desempenhou na origem do texto. Para ele, é “a senhora toda de ouro” que quer aprender a amar a Deus com todo o coração, mesmo em meio às “conveniências” do mundo.

O texto terá um grande sucesso, mas também um processo editorial complicado. Rapidamente, tornou-se um *best-seller* na França e no exterior, entre os católicos e também entre os protestantes. O rei Henrique IV saudou com alegria a publicação. A rainha-mãe Maria de Médici oferece uma cópia, luxuosamente encadernada e cravada de diamantes, a Jaime I, rei da Inglaterra.

Na segunda edição (setembro de 1609), Francisco acrescenta alguns capítulos, mas os tipógrafos, por “distração”, saltam três que já existiam. Francisco lamentará: “Em seguida, foi

impresso muitas vezes sem a minha aprovação e, com as reedições, também os erros se multiplicaram...”. A edição definitiva, cuidada pessoalmente por Francisco, trará a data de 1619.

Quando apareceu, o livro foi considerado por uma crítica apressada cheio de defeitos, sem uma sólida estrutura: uma simples coletânea de experiências, a transcrição descomprometida de colóquios familiares. Francisco até o admitirá em parte: “Este trabalho nunca foi realizado segundo um plano ou um projeto”. Além disso, o livro não dispõe de aparato crítico, mas Francisco se justifica: “Não quis inserir citações, coisa que alguns desejariam, porque os doutos não precisam delas, e os outros não se preocupam com elas”.

Best-seller para as *filoteias* do mundo

Segundo outros críticos, Francisco é muito indulgente com a mentalidade mundana. Por exemplo, escreve: “Dado que vivemos no mundo, é preciso seguir as leis do mundo em tudo o que não é pecado”. O grande Bossuet, indignado, comentou ironicamente: “Não faz outra coisa senão colocar travesseiros debaixo dos cotovelos dos pecadores”. Sabe-se de um frade que, do púlpito, criticou asperamente a *Filoteia*. No fim do sermão, fez trazer com toda a pompa uma vela acesa, tirou da manga o livro e lhe pôs fogo e espalhou as cinzas no ar, sob os olhos atônitos dos fiéis...

Há também quem considera a *Filoteia* adaptada somente para as mulheres, não estaria à altura da dignidade dos homens.

Francisco resume assim a objeção corrente: “O fato de que... eu me dirija à Filoteia, tinha impedido muitos homens de tirar proveito do livro porque não julgavam à altura da dignidade do homem as orientações dadas a uma mulher”. Mas pergunta com ironia: “Não se deverá ler com a mesma atenção e reverência a Segunda Carta de São João dirigida a Eletra, quanto a Terceira que tem por destinatário Caio?”. Em seguida, mostra o equívoco dos seus críticos: “Eu chamo Filoteia a *alma* que aspira à devoção e os homens, me parece, têm uma alma tanto quanto as mulheres”.

Por sua vez, algum valor bem que deveria tê-lo esse bendito livro se, ainda em vida do autor, só na França alcançou 40 edições oficiais, sem contar as clandestinas. E conheceu a tradução para o latim, o italiano, o inglês, o flamengo, o espanhol e o alemão (atualmente as reedições desse *best-seller* não se contam mais).

Um forte ideário para o cristão

Motivo do sucesso? Ravier explica que o livro simplesmente “respondia e continuava a responder aos desejos religiosos fundamentais do coração humano”.

Naqueles tempos estava ainda muito enraizado um preconceito plurissecular: a vida cristã intensa não é compatível com a vida no mundo; quem aspira realmente ao puro amor de Deus deve destruir as pontes com a sociedade e isolar-se nos claustros. Francisco constata esse modo de pensar amplamente

contradito pela sua rica experiência pastoral. Aquele preconceito devia ser combatido e a *Filoteia* tem o mérito extraordinário de explicar tudo com exatidão, isto é, que o caminho da santidade está aberto para todos, e de indicar com clareza como deve ser percorrido.

Por que é intitulado de “*Introdução...*”? Muitos, diante da austeridade solene do cristianismo, não têm a coragem de entrar nele. Esses renunciatórios são chamados por Francisco de “corações meio mortos”, e se pergunta inquieto: “Para que servem?”. Por isso, oferece-lhes a possibilidade de *introduzir-se* na vida devota: “É minha intenção instruir os que vivem nas cidades, em família, na corte...”.

Filoteia é um livro escrito de tal modo que todos podem ler: os conceitos, mesmo os mais difíceis, são esmiuçados por Francisco em exemplos, comparações, pequenas parábolas. Escreve, por exemplo, nas primeiras páginas: “Os avestruzes não voam; as galinhas voam, mas seu voo é pesado, baixo e raro; as pombas e as andorinhas voam rapidamente e no alto”. Quem lê essas comparações é levado a entender que os avestruzes são os pecadores, as galinhas, a gente boa, mas que não chegou à devoção, as andorinhas e as pombas são as almas devotas...

“Diligentemente, fervorosamente,
prontamente”

Afinal, por que esse termo insólito: *vida devota*? “Devoção” é palavra desacreditada, desagradável para a sensibilidade

moderna. Já naquele tempo o era: os mestres de espírito preferiam falar de *perfeição*. Mas Francisco carrega a palavra “devoção” de sentido todo particular.

Ele explica: “A devoção verdadeira e viva pressupõe o amor de Deus, aliás, não é outra coisa senão o autêntico amor de Deus”. “A devoção não é mais do que uma agilidade e vivacidade espiritual, por meio da qual a caridade age em nós, e nós por meio dela, com prontidão e amor.” “A caridade e a devoção não são diferentes uma da outra tanto quanto não o são a chama e o fogo.”

Quando o amor de Deus se torna devoção? Quando “não somente nos faz agir bem, mas nos leva a agir diligentemente, fervorosamente, prontamente”. Três advérbios iluminadores. Francisco esclarece: “A devoção é como o fruto da árvore do amor, o esplendor de uma pedra preciosa, o perfume de um óleo precioso”.

Em concreto, o que comporta a *vida devota*? Ravier observa que “a devoção é o contrário das devoções”.

A caridade leva em primeiro lugar a observar os mandamentos de Deus, e Francisco explicita que “é próprio da devoção levar-nos a cumpri-los com prontidão e diligência”. Além disso, a devoção “nos incita a realizar com prontidão e amor o maior número possível de boas obras, mesmo que não tenham sido expressamente mandadas, mas somente aconselhadas ou inspiradas”.

Adaptada a todos, a vida devota varia conforme cada um “segundo a própria condição e vocação”. “É um erro, aliás, uma heresia, querer banir a vida devota das companhias dos

soldados, das oficinas dos artesãos, da corte dos príncipes, da casa dos esposos... Em qualquer lugar em que estivermos, podemos e devemos aspirar à vida perfeita”.

Porém, adverte Francisco, ela será “diversamente praticada pelo gentil-homem, pelo artesão, pelo valete, pelo príncipe, pela viúva, pela solteira, pela casada...”. “É preciso adaptar a prática da devoção às forças, aos compromissos e aos deveres de cada um em particular”.

Em suma, é preciso ter a inteligência do amor: a devoção é engenhosa, sabe encontrar mil caminhos para conseguir seus fins. Não existem atividades inúteis ou inconciliáveis com o amor de Deus, mas todas podem ser elevadas, enobrecidas, reguladas. Conforme escreve Papàsogli: “É possível fazer confluir em Deus tudo o que queremos, pensamos, fazemos, amamos, esperamos e produzimos”.

Filoteia, “um livro revolucionário”

A *Filoteia* foi definida como “o livro que faltava” (Vaugelais), “um livro revolucionário” (Papàsogli). Cada fiel o lê como uma carta endereçada a si pessoalmente. Quando apareceu “no início do século XVII, é como se a cristandade desse um suspiro de alívio, porque o elevado ideal das almas é libertado de toda complicação, superestrutura e moralismo, e posto em estilo simples, fascinante e popular ao alcance de todos” (Antonio Sicari).

O cardeal Wiseman (1862) explicou assim sua eficácia: “Lançou pontes sobre muitos abismos... Tornou a meditação

mais fácil, a oração mais confiante, a confissão menos penosa, a comunhão mais frutuosa. Sob a guia de sua palavra, os escrúpulos tornam-se menos gravosos, as tentações menos preocupantes, o mundo menos tentador, o amor de Deus mais acessível, a virtude mais simpática”.

A *Filoteia* é “uma insigne obra-prima literária”; “uma obra-prima, da qual a França se mostrará desde o início tão ciosa que Luís XIV, por um decreto especial, imporá penas severas a todo tipógrafo ou editor que ouse pôr nela mãos profanas ou modificar o texto, mesmo que seja com o pretexto de modernizá-la”. De fato, o grande número de traduções e reedições da *Filoteia* nos leva a pensar que “a Igreja, até onde ela pode estender sua influência, deseja oferecer aos fiéis este livro como um dos mais belos manuais da doutrina evangélica” (Eugenio Ceria).

A *Filoteia* estabelece uma data na história da espiritualidade e constituirá, para Francisco, o primeiro sólido degrau para o merecido título de *doutor da Igreja*.

Chantal, história de uma vocação

Joana de Chantal encontrou em Francisco, mestre de espírito, o guia adequado para ela, e está mais do que decidida a realizar a vontade de Deus, seja ela qual for. Em Monthelon ela deve cuidar de 4 filhos e de um sogro extravagante; tem também a patroa de casa, mulher grosseira e insolente, e seus 5 filhos, com quem exercer indulgência e misericórdia. Faz a sua parte e, nesse ínterim, aguarda os sinais de Deus por meio dos conselhos do seu diretor espiritual.

Em maio de 1605, a mãe de Francisco, senhora de Boisy, convida-a para passar alguns dias em Sales e ela não se faz de rogada. Está presente também Francisco, a ocasião é oportuna para conversar. Essencialmente, o diálogo é este: “Então, a senhora quer servir a Jesus Cristo em tudo e por tudo?”. “Sim, em tudo e por tudo.” “A senhora se consagra a Ele sem reservas?” “Sim, consagro-me a Ele sem reservas.”

Alguns dias mais tarde, Francisco começa a descrever-lhe o projeto que pouco a pouco está montando e que é ainda muito vago: “Faz alguns anos que Deus me comunicou alguma coisa a propósito de uma *forma de vida...* Mas não quero falar-lhe disso antes de um ano de tempo”. O projeto é de Deus, e Deus não tem pressa.

As vindimas de Bourbilly

Os contatos continuam por carta. Em agosto de 1606, Francisco lhe escreve dizendo que reza continuamente para compreender qual seja o projeto de Deus. E antecipa: “Um dia, minha filha, deverá deixar tudo; ou melhor, um dia deixarei aconselhá-la a deixar tudo. Mas, que seja para entrar para a vida religiosa..., disto ainda não tenho certeza”.

Quanto ao mais, por ora, a presença de Joana em Monthelon é indispensável. Por outro lado, ela não pode esquecer Bourbilly e o castelo que a viu como esposa feliz. No outono de 1606, vai para lá passar alguns dias “a fim de cuidar das vindimas”. Enquanto está ali, no povoado grassa violenta epidemia, parece que de tifo, e o povo morre como moscas: quase 300 camponeses são ceifados pela morte.

Joana se dedica aos doentes. Toda manhã desce até o povoado, de tarde volta novamente: passa de casa em casa, curando particularmente os mais graves e mais abandonados. Todos queriam sua visita, e ela se estressa porque não quer ofender ninguém ou suscitar ciúmes. Até que um dia sente uma febre violenta

ta: ela também foi atingida pela doença e em pouco tempo estará no fim da vida. Escreve ao sogro pedindo perdão e confiando-lhe os filhos, depois se dispõe a cumprir a vontade de Deus.

Mas as vindimas terminaram e também a morte, no momento, parou de ceifar; Joana se restabelece. Logo que pode, viaja a cavalo e vai apressadamente visitar seus filhos. Em Bourbilly, chamavam-na “a nossa boa senhora”; em Monthelon, o povo não esconde sua alegria porque “a baronesa santa” retornou.

À procura dos caminhos do Senhor

Entretanto, Francisco define os novos detalhes do seu projeto: Joana deveria ser a pedra fundamental do instituto religioso que ele sonha há tempo. Em fevereiro de 1607, escreve-lhe dizendo que reza muito “para obter do Espírito Santo as luzes necessárias para tomar uma boa resolução. Porque, veja, minha filha, trata-se de um ato muito delicado que deve ser pesado com a balança do santuário”.

Pouco depois lhe escreve dizendo que a luz implorada de Deus lhe tinha sido concedida e que já se podem dar os primeiros passos. Convidou-a para Annecy e ela chegou em junho. Como escreve um biógrafo, encontrou Francisco “com o rosto grave, sério e com o modo de fazer de uma pessoa toda recolhida em Deus”. Dado que ela se declara ainda uma vez “completamente disposta”, ele lhe expõe com simplicidade o projeto do novo instituto religioso que pretende fundar, e a função que ela deveria assumir nele.

Joana de imediato experimenta “uma grande concordância interior”; depois aos poucos entrevê também os riscos do projeto, perturba-se, sente-se catapultada arriscadamente em direção ao desconhecido.

As interrogações se avolumam sempre mais espessas. Teria ela o direito de arrastar seus quatro filhos nessa aventura, de impor a própria partida a seu pai e a seu sogro? Além disso, a primeira casa do futuro instituto deveria ser aberta em Annecy, não na sua Dijon, não na sua Borgonha, na França, que é sua pátria, mas na Saboia. Seria para ela quase um exílio... As dificuldades são evidentes, mas Francisco diz que o projeto não é urgente e poderão passar vários anos, seis ou talvez sete, antes de passar à sua realização. Entretanto, será Deus, que o inspira, a indicar o modo de concretizá-lo.

Joana, a irmãzinha de Francisco

Em seguida, a dor providenciará, a seu modo, reforçar os vínculos das duas famílias: Chantal e Sales. Joana, no fim de 1607, voltando para casa, leva consigo a menina mais nova da família Sales, Joana, irmãzinha de Francisco, que ele, apenas ordenado sacerdote, tinha batizado. A senhora de Boisy se resigna ao afastamento para que a menina, que tem apenas 14 anos e é “o pequeno coração e a delícia de sua mãe”, possa receber uma educação adequada e “tomar gosto pela devoção”. Joana está contente em poder juntá-la ao grupo dos seus 4 filhos. Mas a vida das crianças naqueles tempos é muito precária: Joana, de repente, adoece (pelo que parece, trata-se

de meningite fulminante) e morre nos braços de Joana. A dor é imensa.

Francisco corre para Sales para confortar a mãe. E escreve a Joana uma carta que transborda de fé e de confiança em Deus: “No centro de meu coração de carne que prova tanta dor, sinto certa suavidade, um doce repouso do espírito na providência divina... Senhor Jesus, sem reservas, sem *se* e sem *mas*, sem exceções e sem limitações, cumpra-se vossa santa vontade”.

Joana, em seu desconforto, faz “voto de dar uma de suas filhas à casa de Sales”, quase para restituir à senhora de Boisy a filha que lhe tinha cedido em custódia e que não soubera proteger. Essa promessa pouco realista e ousada, dentro de alguns anos se realizará de forma curiosa: Bernardo de Sales, senhor de Thorens, jovem e elegante irmão de Francisco, se casará com Maria Amanda, filha de Joana de Chantal.

Colóquios borrascosos

Em 1609, Joana passa muito tempo em Sales, em Anecy e com seu pai em Dijon. Tem oportunidade de, junto com Francisco, estudar sua vocação e os problemas difíceis que, seguindo-a, surgiram em família. Seu pai, o presidente Frémyot, sempre mais sozinho, conta muito com ela. Já ultrapassou os 60 anos, começa a diminuir seus compromissos em política, precisa dos afetos familiares. Cuidaria de boa mente do neto Celso Benigno. Além disso, tem têmpera de bom educador. Joana sente que está na hora de se abrir com ele.

Em junho, numa noite, tem oportunidade de falar-lhe. O pai está no seu escritório e trabalha à luz de uma lamparina. Joana chega até a porta, mas seu coração está alvoroçado e acaba fugindo para chorar e rezar em seu quarto. Depois cria coragem, volta e entra no escritório; o claro-escuro esconde seu rosto contraído pela ansiedade.

Conversam sobre os 4 filhos. Para o presidente Frémyot não haveria problemas a respeito deles: Maria Amanda está prometida como futura esposa de Bernardo de Sales; quanto às duas mais novas, é tempo de encaminhá-las para alguma instituição educativa; sobre Celso Benigno, “você sabe, minha filha, estou eu aqui e será para mim uma grande alegria poder cuidar dele”.

Nesse momento, Joana cria coragem e expõe o problema: “Meu pai, precisamente por essas possibilidades de ajeitar tudo, eu me sinto obrigada a seguir o chamado profundo que me convida a deixar o mundo e a retirar-me para um convento”.

O golpe é tremendo. Frémyot não tenta fazê-la mudar de intenção, mas extravasa toda a sua dor pela perspectiva de perder a filha tão amada. Joana procura atenuar o golpe, dizendo: “Eu queria pedir-lhe um conselho, meu pai. Já o pedi também ao bispo de Genebra”. “E o que ele lhe disse?” “Ele não é contrário à minha aspiração.”

Frémyot se recolhe em silêncio, depois conclui com a sabedoria que provém de sua fé inabalável: “Aquele santo bispo tem o espírito de Deus. Peço-lhe que por ora não tome decisões antes que eu possa falar com ele”.

Joana se encontra também com o irmão, que é arcebispo de Bourges, jovem de anos, mas dotado de grande credibilidade. Dom André nem lhe dá tempo para falar e corta o assunto pela raiz, dizendo: “Não, minha irmã, nunca e nunca pode pensar em se separar de nós”. Mas Joana agora é também muito franca: “Senhor bispo, eu não posso trair minha alma. Procuro somente a Deus e obedecerei em tudo ao meu diretor espiritual, mesmo se ele me mandasse ficar sobre uma coluna até a morte, como São Simão Estilita”.

Joana sai desses colóquios com a alma exacerbada, mas, em seguida, entregando-se à meditação, lê um pensamento de São Paulo, que logo faz seu, e ali reencontra a paz: “É porventura o favor dos homens que pretendo conquistar ou, pelo contrário, o de Deus?... Se eu ainda pretendesse agradar aos homens, não seria mais servo de Cristo” (Gl 1,9-10).

A mulher perfeita, “bem superior às pérolas”

O casamento de Bernardo de Sales e Maria Amanda de Chantal realiza-se em Monthelon, no dia 13 de outubro de 1609. Naturalmente, quem abençoa os esposos é Francisco. Maria Amanda é muito jovem e somente muito mais tarde se transferirá para Sales, na casa do esposo, para viver com ele. Bernardo considera-se “casado sem sê-lo”. Nada de estranho, pois assim eram tranquilamente as coisas naquele tempo.

Dois dias depois do casamento, em Monthelon faz-se um conselho de família de importância decisiva. Assunto da

reunião: conceder ou não a Joana de Chantal a permissão de seguir sua vocação. Estão presentes, além de Joana, seu pai, presidente Benigno de Frémyot, e seu irmão bispo, dom André. Está também Francisco, que não pertence à família e, por isso, permanece em silêncio o tempo todo, mas no fim toma a palavra e é ouvido como a voz de Deus.

Joana enfrenta por parte do pai e do irmão “um grande número de perguntas e de objeções”. Ela responde calmamente a todas as dificuldades. Ponto central é o futuro de seus filhos. Joana faz “uma exposição de como pretende encaminhar os bens dos filhos e de como os deixa sem processos pendentes, sem problemas e sem dívidas”. Coisa rara naqueles tempos.

Celso Benigno, o filho mais velho, ficaria sob a tutela do avô Frémyot até o dia em que poderia ser admitido na corte da França, como deseja.

Maria Amanda é a esposa recém-casada há dois dias e no momento oportuno (agora é muito jovem ainda) irá viver com Bernardo no castelo de Sales.

Joana, então, se transferirá a Annecy para ficar ainda mais próxima da filha, e levará junto as duas filhas mais novas, Francisca e Carlota. Procurará um instituto para que cuide da educação delas e, em seguida, poderá finalmente cuidar de si mesma e realizar sua vocação. Entretanto, mesmo depois, terá sempre aquela liberdade de movimento e de ação que será necessária para ocupar-se de seus filhos como mãe.

No fim da reunião, o pai e o irmão de Joana reconhecem que tudo está acertado como convém. Aliás, Benigno, que sabe

latim, cita a Bíblia e compara Joana à “mulher perfeita”, de que fala o livro dos Provérbios: sabe providenciar tudo em sua casa e “seu valor supera o das pérolas”.

Mais difícil será informar o velho barão de Chantal a respeito das decisões tomadas: fica muito perturbado, pois nessa altura da vida já não pode dispensar a generosa presença de Joana.

1610: os tempos estão maduros

No fim de 1610, o bispo Francisco julga que os tempos estão maduros para o projeto de Deus, e escreve a Joana de Chantal convidando-a a transferir-se de Monthelon para Annecy. Poeta sem querer, contemplando em sua mente as belas montanhas da Alta Saboia que esperam Joana, compõe uma paráfrase do Cântico dos Cânticos: “*Venha, querida filha, venha às montanhas. Deus lhe faça ver nelas o esposo sagrado que saltita pelos montes, corre pelas colinas e olha da janela, espia entre as grades as almas que ama...*” (cf. Ct 2,8-9).

Em Monthelon, a notícia de que a baronesa está para abandonar o mundo suscita maravilha e, no momento de sua partida, se repetem as cenas de comoção. Protagonistas são os camponeses, particularmente os pobres: segundo um dos primeiros biografos, “formavam uma multidão que dava pena”. Querem pelo menos despedir-se pessoalmente da “bondosa senhora”.

Muito sofrida foi a despedida do barão Guy de Rabutin, o velho “de mais de 80 anos”, apesar de tê-la feito sofrer tanto: Joana se ajoelha diante dele, pede perdão pelos desgostos que

possa ter-lhe causado. Ele a abraça e chora sem poder falar. A seu modo, lhe quer muito bem.

Joana não parte sozinha: vão com ela o cunhado Bernardo de Sales com sua jovem esposa Maria Amanda, e a irmãzinha mais nova, Francisca. Também vai uma sua preciosa amiga, Joana Carlota de Bréchar, que decidiu entrar com Joana no novo instituto, e que, a partir desse momento, une sua própria existência à de Joana.

Entre história e lenda: Celso Benigno

Na viagem de transferência para Annecy, no dia 29 de março, o grupo faz uma parada em Dijon, onde Joana saúda seu velho pai, o presidente Frémyot, e o filho Celso Benigno, que está bastante grande e não demorará a ir para a corte de Paris.

É mais um enésimo adeus, mas agora a história transforma-se em lenda: Celso Benigno, que não quer perder a mãe, segundo a lenda, teria se deitado no limiar da porta de casa. E Joana seria “a mãe que passou sobre o corpo do próprio filho para fazer-se freira”. Além disso, Celso Benigno, ainda segundo a lenda, seria um “pobre jovem duas vezes órfão”. Na realidade, poucos meses depois, na corte de Paris, ele se revelará “um dos jovens gentis-homens mais elegantes, loquazes e frívolos, o orgulho e o tormento de sua mãe: e um dia deverá admitir que sua mãe, se tivesse permanecido no mundo, não teria mais podido controlá-lo” (Ravier).

No dia 4 de abril, o grupo retomou a viagem e chegou às proximidades de Annecy. E eis uma primeira surpresa para Joana: veem-lhe ao encontro Francisco com um grupo de cavalheiros e damas, a cavalo, para dar-lhe as boas-vindas. O presidente Antônio Favre hospeda a comitiva dos recém-chegados em sua casa e reserva para Joana uma segunda surpresa. Oferece-lhe um dom precioso: sua bela filha Jaqueline Favre, que quer acompanhá-la na vida religiosa.

Pouco tempo antes, em honra dessa Jaqueline, considerada um dos melhores partidos de Annecy, fora organizada uma festa mundana só “pelo prazer de vê-la dançar”, porque ela o faz muito bem. Mas Jaqueline foi escolhida por Deus e se dispõe a ser com Joana uma das fundadoras do novo instituto religioso.

Eis, portanto, as três fundadoras que se encontram pela primeira vez: Joana, Joana Carlota e Jaqueline, chamadas por Francisco a iniciar aquele que será chamado “o Instituto da Visitação de Santa Maria”, e que ainda hoje continua sua presença benéfica no mundo.

As primeiras visitandinas

Seu nome será (ainda hoje é): *Religiosas da Visitação de Santa Maria*, ou mais simplesmente *visitandinas*.

Por que esse nome? Depois da anunciação do anjo, Maria Santíssima sentiu-se interiormente transformada pela presença do Verbo Encarnado e se apressou em visitar sua prima Isabel que precisava de ajuda. O instituto de religiosas que o bispo Francisco está para fundar deverá levar ao mundo a mesma ternura de Nossa Senhora, *visitando* as pessoas que, perto delas, estiverem passando necessidades. O amor para com Deus se transformará, assim, em devoção, doação, consagração, serviço cordial aos irmãos e irmãs.

Nada mais simples, segundo as intenções de Francisco. Algo muito distante das ordens religiosas formais do seu tempo, sobretudo femininas, caracterizadas por rígida clausura, votos solenes, contemplação, êxtases e macerações.

A respeito da nova instituição, Francisco tem ideias muito claras: será “uma congregação de senhoras de grande virtude

e qualidade. Elas se dedicarão a muitas obras de caridade em favor dos pobres e dos doentes. É a seu serviço que essas almas benditas querem em parte consagrar-se...”. Francisco diz que viu algo parecido em sua viagem à Itália: trata-se das oblatas beneditinas de Santa Francisca Romana. Infelizmente, na França, nada ainda existe de semelhante, pelo contrário, é até difícil tentar imaginá-lo.

Francisco sabe que deverá caminhar com extrema cautela. Quando um projeto se transforma em realidade deve confrontar-se com as outras realidades existentes, às vezes até desencontrar-se e lutar com elas. Ele sabe muito bem disso. De fato, mais de uma vez deverá decidir o contrário do que projetou.

“Um ninho para meus pintainhos”

A primeira dificuldade provém da *casa da galeria*, em Annecy, bairro de Perrière, destinada a ser a primeira sede do novo instituto. Ela pode hospedar uma dúzia de pessoas, tem uma pequena capela onde recolher-se e rezar, e uma grande sala ao lado de uma *galeria*: através de suas amplas vidraças veem-se os jardins, as águas azuis do lago e os cimos nevados das montanhas.

A casa está prestes a ser adquirida por um casal de anciãos de Annecy, de boa situação econômica, o barão Cuzy e senhora, que julgam ser chamados à vida religiosa e, por isso, pensam em separar-se: ele seria capuchinho e ela quereria hospedar na *casa da galeria*, uma comunidade de consagradas.

Precisamente – por que não? – a congregação que o bispo quer fundar. Entre suas religiosas, ela pensa, haverá um lugar também para ela. Tudo parece estar bem encaminhado, os barões de Cuzy estão prontos para assinar o contrato de aquisição do edifício. Francisco, por sua vez, já fixou a data de inauguração do novo instituto: será dia 30 de maio de 1610. Nesse dia entrarão na casa as novas irmãs. Entretanto, alguns dias antes da data, a senhora de Cuzy adoece e põe na cabeça que a doença é o sinal de que Deus não aprova seu projeto. Sendo assim, não se dará prosseguimento ao caso?

Francisco não é pessoa que se entregue facilmente. Ele mesmo poderia comprar a casa, mas é preciso dinheiro imediato. E esse dinheiro ele não tem: já dividiu sua herança entre os irmãos e irmãs. Joana de Chantal acabou de destinar seus bens a seus três filhos; Jaqueline Favre tem 10, entre irmãos e irmãs; Joana Carlota de Brécard não pode esperar nada da família. Apesar disso, Francisco não desanima: assina o contrato no lugar do barão de Cuzy, antecipa uma parte do pagamento e se compromete a pagar o restante em prestações.

Exultante, ele diz: “Sou o homem mais feliz do mundo, porque encontrei um ninho para meus pintainhos”.

A tarde do dia 6 de junho

A data da inauguração é transferida para o dia 6 de junho. À tarde, os amigos das famílias Sales e Favre estão reunidos para um jantar no bispado. Terminada a refeição, Francisco entrega

a Joana uma coletânea dos seus apontamentos, que ele qualifica como pequenas *pias constituições*, e recomenda: “Siga este caminho, minha filha, que ele seja seguido por todas aquelas que o céu destinou a seguir seus passos”. Depois abençoa as três futuras irmãs. Em seguida, do bispado, o pequeno grupo se dirige para a *casa da galeria*.

A notícia se difundiu. As pessoas param nas ruas para ver as três futuras irmãs. Assim, o percurso em si pequeno, exige muito tempo, pois são tantos os que as querem cumprimentar, que pedem esclarecimentos e que se congratulam com elas.

Para abrir a porta vem aquela que será a quarta pessoa nessa singular aventura do espírito: Ana Jaqueline Costa, que Francisco une ao grupo como *irmã conversa*, adida às ocupações de cada dia e aos trabalhos manuais. Ela também, como as outras, é dona de uma biografia singular.

As pedras miliares

Quem são as pedras miliares da nova instituição religiosa? *Joana de Chantal*, já a conhecemos bem. Eis as outras três.

Jaqueline Favre é a filha do presidente do parlamento da Saboia, o grande amigo de Francisco. Tem 18 anos. Como escreve um biógrafo, é dotada de “muito espírito, sólido juízo, coração franco e simples como seu rosto, e certa grave beleza”.

Ela tem muitos pretendentes, mas defende sua independência e faz tempo que se esconde por trás de aforismos pitorescos e desencorajadores: “Só tenho inveja das viúvas”, ou

“Sim, eu me casaria, mas com alguém que morresse duas horas depois”. Entretanto, adora bailes, no qual se mostra excelente. Na tarde em que foi organizada a festa, convidam-na a dançar, ela não faz por menos. Trata-se das danças do tempo, cadenciadas, “bastante nobres, muito lentas”: no fim explodem os aplausos. Entretanto, em sua cabecinha se amontoam reflexões explosivas contra as frivolidades do mundo. Sente-se vazia, inquieta-a a caducidade das coisas, o pensamento da morte e da eternidade que a ela se segue...

Pouco depois, aproxima-se um pretendente que tem os títulos em regra: é Luís de Sales, irmão menor de Francisco, bem visto pelo presidente Favre. O pedido de matrimônio é sério. Pai e filha conversam, e Jaqueline de repente se atira a seus pés: “Meu pai, eu lhe agradeço e peço que me desculpe. Em mim vive uma força nova, uma exigência nova: eu desejo abandonar o mundo”.

Francisco é informado e, por sua vez, informa o irmão Luís: “Meu caro, com relação a Jaqueline você tem um rival terrível e ele quer absolutamente que você a deixe para ele”. “Quem é Sua Alteza para pretender tanto?” “Muito, muito mais: ele é tão nobre que você não ousaria olhá-lo nos olhos. Jaqueline escolheu para seu esposo Cristo Jesus.”

Joana Carlota de Brécard nasceu numa família feudal. Na infância, perdeu a mãe. Aos 4 anos adoece e entra em coma: julgam-na morta, por isso acendem uma vela a seu lado e a envolvem numa mortalha. Mas que pressa! Ela não morre; sobrevive, mesmo se algum tempo depois cai num lago de ponta-cabeça. Ainda assim, não basta: chega a peste.

No castelo de Brécharde todos ficam doentes, e seu pai, o conde, foge. Uma criada a leva para uma casa distante, mas também adocece e morre. Carlota passa um dia inteiro em vigília, sem saber o que fazer, ao lado do seu cadáver. Depois, de noite, quando é tomada pelo terror, chegam dois coveiros. Assiste ao sepultamento da criada e se sente sozinha. Por três meses fica vagando pelo povoado vazio, onde de vez em quando giram os lobos em busca de carcaças para devorar. Come as amoras que encontra nas margens do riacho, mendiga pão, tornou-se uma pequena cigana.

É acolhida por acaso por uma família de Monthelon. Um dia, conhece Francisco, e nele encontra a paz. Será uma alma grande e generosa, capaz de heroísmo, ao lado de Joana de Chantal.

Ana Jaqueline Costa, a irmã conversa, era uma pobre menina pastora de ovelhas nos montes da Saboia. Suas colegas supersticiosas lhe mostravam os despenhadeiros e lhe sussurravam: “Olha lá embaixo, no fundo do abismo estão as bruxas reunidas em congresso”. Aos 16 anos está em Genebra a serviço de uma família calvinista que queria convertê-la. Mas ela, nos domingos, vai a pé até um povoado fora da cidade, onde um sacerdote celebra a missa.

Em seguida, é aceita como camareira numa hospedaria e, um dia, precisamente ali, hospeda-se Francisco de Sales. Ela é encarregada de acompanhá-lo até o quarto e pede para confessar-se. Francisco encontra nela tanta fé que lhe pergunta: “Gostaria de fazer a comunhão?”. “Senhor bispo, seria a minha maior alegria. Como, porém, se aqui não pode celebrar?”

Francisco tira uma caixinha de prata que ele traz sobre o peito e toma uma partícula. A menina, cheia de alegria, cai de joelhos, mas depois se lembra do complicado ritual daquele tempo, e pergunta: “Senhor bispo, não há coroinha, como se faz?”. Francisco sorri: “Os nossos anjos da guarda estão pertinho e eles serão os coroinhas”.

Ana Jacqueline, por muito tempo, trabalhando na hospedaria, pode ajudar os católicos, especialmente os padres, que arriscam a vida indo para Genebra. No tempo da famosa e desastrada escalada de Genebra (1602), consegue esconder nos subterrâneos da hospedaria 80 soldados da Saboia e depois os põe a salvo aos grupinhos. Um dia, vai a Annecy e com alegria indizível reencontra seu bispo...

Estas são as fundadoras da nova congregação. No dia seguinte, 7 de junho de 1610, começam oficialmente o noviciado, e Francisco será seu mestre de espírito.

“Escolho a Jesus como único objeto do meu amor”

Como é vivido o noviciado? Relata-o Francisco numa de suas cartas: “Rezam o Ofício de Nossa Senhora, fazem a meditação; depois, trabalho, silêncio, obediência, humildade, renúncia de todos os bens; sua vida é amorosa, interior, calma e de bom exemplo, como em qualquer mosteiro do mundo. Depois de sua profissão, se Deus quiser, servirão os doentes com grande humildade”.

Joana certamente não pode esquecer seus filhos. A pequena Francisca vive com ela e confere ao mosteiro um tom de alegria infantil. Maria Amanda, a jovem esposa, vive apenas a 3 léguas de distância e uma vez por semana vem visitá-la. Suas preocupações maiores são todas para Celso Benigno, que é um Rabutin da cabeça aos pés, e dele pode-se esperar de tudo.

Logo a família religiosa de Joana aumenta; de vez em quando chega uma nova postulante. No fim do noviciado, no dia 6 de junho de 1611, Francisco recebe a profissão das primeiras *freiras*. “Escolho a Jesus, meu Senhor e meu Deus, como único objeto do meu amor”, recitam todas elas. E Francisco, comovido, entrega-lhes uma pequena cruz de prata e lhes impõe o véu.

Em visita a casebres e cortiços

No dia 31 de dezembro de 1611, as irmãs, que já são uma dezena, realizam o primeiro capítulo geral da congregação. Irmã Joana de Chantal é eleita superiora, e a partir de agora chamam-na de *madre*. Irmã Jaqueline Favre solicita “a obediência para ir visitar os doentes”, e acrescenta: “No dia do juízo, o Senhor queira dizer-nos: ‘Estava doente e me visitastes’”. Madre Chantal concorda e diz: “Em nome desta congregação visitaremos os pobres de nosso Senhor, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A partir do dia seguinte, os habitantes de Annecy se habituarão a ver as *freiras do bispo*,

como são chamadas, que, duas ou três vezes por semana, vão visitar os “casebres e cortiços da cidade”.

Annecy tem 4.500 habitantes e um “pobre e pequeno hospital”, mas a maioria dos doentes não tem condições de servir-se dele. Por isso, há muito trabalho para as freiras. Madre Chantal conhece bem esse tipo de serviço: praticava-o em outros tempos, com não menor doação, quando era a nobre castelã de Bourbilly.

Num relatório sobre os primeiros tempos do mosteiro lê-se: “Muitos (doentes) vivem numa miséria e imundície incríveis, cheios de insetos e cheirando muito mal”. As freiras os assistem, “não somente consolando-os e servindo-os com as próprias mãos, mas levando-lhes o necessário em termos de alimento, roupas, cobertas, travesseiros.... Alguns tinham feridas por todo o corpo: elas as lavavam e enfaixavam; outros estavam tomados de piolhos, e lhes cortavam os cabelos, trocavam-lhes de roupa, arrumavam as camas, colocavam palha fresca onde havia a terra nua... Podendo, providenciavam-lhes visitas médicas, e quando preciso advertiam o pároco... Aqueles pobres estavam cheios de reconhecimento e de amor. E nos davam lições, e que lições, com as virtudes que praticavam na infelicidade, especialmente com a paciência e a resignação no sofrimento e na morte”.

Nessa doação absoluta, madre Chantal serve de exemplo, de tal modo que um dia uma irmã lhe pergunta: “Como a senhora pode suportar tantas coisas repugnantes?”. A resposta para ela é natural: “Minha filha, limpando as chagas dos pobres parece-me estar limpando as chagas de Nosso Senhor”.

Novas postulantes: é preciso emigrar

Com a chegada de novas postulantes, a *casa da galeria* torna-se pequena. Francisco encontra para suas abelhinhas (como as chama) um apiário maior do outro lado do lago. No fim de 1612, uma grande barca leva para lá os móveis, os livros, as trouxas e tudo o que é transportável. As 16 irmãs vão a pé até a nova sede, caminhando duas a duas, mas sentem saudades do seu primeiro apiário, onde, à escola do bispo, cresceram na fé e na amizade. Todavia, trata-se de ocupar o primeiro verdadeiro convento da futura Ordem da Visitação, e Francisco lhe dá um nome significativo e profético: *Santa Fonte*. Dessa Santa Fonte logo nascerão, como regatos, os novos mosteiros.

É proibido visitar os casebres

“**S**ei que serei muito criticado, mas não me preocupo demais, porque quem já fez alguma coisa sem ser criticado?”, confidenciava Francisco ao iniciar em 1610 sua congregação. Esta foi a fácil profecia sobre o êxito de suas ideias, algumas delas consideradas avançadas demais para os bem-pensantes que não faltavam também naquele tempo.

Eis algumas das ideias novas amadurecidas em Francisco.

Vida religiosa oferecida a todas. Naquele tempo, para as mulheres que queriam consagrar-se a Deus, só era possível a vocação claustral-contemplativa. Entretanto, Francisco encontrou com frequência “almas decididas e impacientes de sair da desordem do mundo”: mulheres idosas, viúvas, ou com “algum problema a acertar” com os parentes, ou “que pela sua idade ou por alguma enfermidade corporal não podem entrar nos mosteiros mais austeros”, isto é, aqueles com votos solenes e com clausura rigorosa. É preciso oferecer também a elas a possibilidade de “buscar a perfeição do amor divino”. Do contrário,

não estando em condições de fazer a opção mais comprometedora, acabariam por ficar – como ele diz – “com as outras rãs no pântano”.

Também pessoas doentes? Em 1619, madre Joana interpe- lará Francisco a respeito de um caso especial de uma candidata “sem o uso das pernas”. Resposta do santo: “Para sempre pen- sarei que não se deve rejeitar o ingresso das postulantes doen- tes... Sem pernas, podem fazer todos os exercícios essenciais da regra: obedecer, rezar, cantar, observar o silêncio, costurar... Não vejo nada que impeça de receber essa postulante, se ela não é ‘deficiente no coração’”.

Em síntese, o que Francisco pede é “um espírito sadio e bem disposto a viver numa profunda humildade, obediência, simplicidade, doçura e resignação”. Dessa forma, introduz “um novo critério de aptidão para a vida religiosa” (Ravier).

Um nome para a congregação. A ideia inicial de Francisco era chamá-las *Oblatas da Santa Virgem*. Mais adiante: *Filhas de Santa Marta*. O episódio evangélico de Marta e Maria, com a referência à ação e à contemplação conjuntamente, fascina-o. Um dia tinha escrito à madre Joana de Chantal que as irmãs deveriam alternar-se entre “a contemplação amorosa aos pés do Salvador” e “as tarefas para servi-lo bem”.

O nome definitivo foi escolhido somente durante o ano de noviciado: *Religiosas da Visitação de Santa Maria*. Esse título alude explicitamente ao serviço a prestar a quem vive em necessidade. Mas, para Francisco, não se trata somente de visitar os doentes. Pelo contrário, prevê que em certas situações de evidente perigo será necessário excogitar outras

iniciativas de caridade; em suma, comportar-se “segundo a diversidade dos lugares, dos tempos e das circunstâncias”.

Como será o novo instituto? Francisco pensa numa congregação extremamente simples, “que terá como característica a doçura e a caridade de Cristo”. Numa carta de 1610 escreve a respeito das irmãs: “Abro para elas a porta de uma pequena agremiação ou congregação...”; elas viverão “juntas, em forma de experimento, observando *pequenas pias constituições*. Começaremos com a pobreza porque a nossa congregação entende enriquecer-se somente de boas obras”. Acrescenta que cantarão o Ofício da Virgem Maria (não, portanto, a solene liturgia canônica dos mosteiros) e “se aplicarão principalmente à santa e cordial união interior”.

Clausura? Votos solenes? Francisco pensa numa vida consagrada que objetive o essencial, e num essencial que não seja procurado nos edifícios imponentes ou nas árduas escadadas ascéticas. É necessária a clausura, mas para Francisco isso não é o mais importante. “As clausuras mais rígidas do mundo não criam almas unidas a Deus.” Nem disso dão garantia as grandes austeridades, as observâncias mais severas, a alta contemplação, os êxtases. Para Francisco o que conta é o amor de Deus.

“Se numa congregação reina o espírito de devoção, bastará uma clausura de tipo médio para que as irmãs se tornem boas servas de Deus. Caso contrário, a mais estreita clausura não servirá para nada”. Por isso, é suficiente uma clausura *regulada*, porque as irmãs, segundo o seu projeto inicial, “sairão para o serviço aos doentes”.

Infelizmente, não é essa a opinião corrente naquele tempo... Sobre esse ponto, contanto que sua congregação possa existir, Francisco estará disposto (para não dizer, constrangido) a voltar atrás.

Em Lião o segundo apiário

Em 1613 chega a ocasião para abrir uma casa em Lião. Pelo fim de maio, quatro senhoras de aspecto nobre chegam a Annecy e batem à porta da Santa Fonte. Vêm de Lião e querem ver como vivem as visitandinas. Uma das quatro leu a *Filoteia* e considera que aquele estilo de vida seria adaptado para elas.

Madre Chantal as acolhe de coração aberto. Elas permanecem ali alguns dias e acham tudo ideal: os horários, o modo de tratar-se reciprocamente, aquela paz, e particularmente o encontro com o bispo Francisco. Uma das quatro decide imediatamente ficar, as outras três voltam com um pensamento na cabeça: por que não fundar em Lião uma casa religiosa como esta?

Dessa forma, entra em cena o arcebispo de Lião, dom Marquemont, figura complexa, de profunda cultura e de generoso empenho pastoral: é o primaz das Gálias, isto é, o primeiro bispo da França, e é frequente chamá-lo a Paris para discutir na corte os problemas do reino. Tem ideias próprias e não é muito dado a inovações.

Entre os dois bispos dá-se uma primeira troca de cartas com vistas aos primeiros entendimentos, depois, no dia 26 de janeiro de 1615, de Lião, chega a Annecy a solene carruagem

de dom Marquemont com dois sacerdotes e duas candidatas ao futuro mosteiro: chegam festivamente para tomar consigo madre Chantal, a fim de que passe algum tempo com elas em Lião e dê início à nova *Visitação*. Chantal vai com três coirmãs: uma é irmã Jaqueline Favre, que será a futura superiora.

A casa é inaugurada pelo arcebispo de Lião já em fevereiro e, sob a guia provisória de Chantal, vai bem, tanto que a partir de maio começam a chegar novas postulantes, *dames* e *damoyelles* de boas famílias, a povoar o novo apiário.

Em seguida, Francisco encontra tempo para passar alguns dias em Lião; depois, dom Marquemont, numa de suas frequentes viagens, retribui a visita e tudo parece ir muito bem. À parte as inquietações do duque da Saboia, o sombrio Carlos Manuel, que naquela troca de visitas entre o seu bispo de Annecy e o de Lião suspeita de que sabe lá que tramoias os franceses estão preparando contra seu ducado. Francisco deve escrever-lhe para tranquilizá-lo a respeito desses encontros: “Não dissemos nem mesmo uma palavra que não fosse dedicada à glória de Deus e ao aperfeiçoamento espiritual de nossos rebanhos”.

A renúncia a visitar os casebres

Pouco tempo depois, chega a Francisco, muito mais inquietante, um inesperado *pró-memória* do arcebispo de Lião. Dom Marquemont refletiu longamente e, na qualidade de severo canonista ligado à tradição, encontra na nova congregação várias coisas que não estão de acordo. As visitandinas,

não tendo votos solenes e uma verdadeira clausura, não podem ser consideradas autênticas *religiosas*. Além disso, as frequentes saídas para assistir os doentes comportam riscos notáveis, e alguns pais criariam dificuldades em permitir que suas filhas entrassem num instituto que não oferece suficiente segurança.

Entre os dois bispos, durante meses, dá-se um verdadeiro vaivém de cartas. A discussão se intensifica, embora sempre dentro dos limites da máxima cortesia e caridade. No fim, Francisco, que se considera “o último bispo da Saboia” e estima dom Marquemont “como o primeiro bispo da França”, renuncia a defender a originalidade da sua fundação e cede em quase tudo. Sem tormento interior, mas, como escreve, “com doçura e tranquilidade..., aliás, com uma suavidade inigualável”.

Explica, então, numa carta à *madre* Jacqueline Favre: “O importante, minha filha, é que fiz esse ato de aceitação com doçura e tranquilidade, até posso dizer com uma suavidade inigualável... Porque, minha filha, o que eu podia buscar senão que Deus seja glorificado, e que seu santo amor se difunda mais abundante nas almas felizes por entregar-se completamente a Ele?”.

Conforme observa Papàsogli, trata-se de “uma total maleabilidade interior”. Outro autor, Trochu, comenta: “Poucas almas se elevaram a tão grande altura no caminho do desapego de si mesmas”.

E as irmãs? Aceitam a clausura, renunciando à missão em meio aos doentes, que de fato consideravam ser seu carisma próprio. Conforme se lê nas memórias de madre Chantal, “em seguida, nos encontramos todas cheias do desejo da clausura”.

Entre 1616 e janeiro de 1617, Francisco prepara um texto das Constituições atualizado segundo a nova situação, e o envia a Roma pedindo a aprovação do seu instituto. A resposta chega com toda calma: um *breve pontificio*, com data de 23 de abril de 1618 erige as visitandinas em ordem religiosa, com votos solenes e com o compromisso da estrita clausura. Proibidas as visitas aos casebres e aos cortiços.

Francisco recebe o *breve* em agosto, em outubro o promulga.

Da forma que Francisco não queria, a ordem é monástica

Da primeira hipótese de congregação à sua plena realização, passaram-se em torno de quinze anos. Foi sem dúvida um percurso progressivo, apesar das revisões e das marchas forçadas em sentido contrário. No fim de tudo, o novo instituto – à parte algumas peculiaridades que Francisco conseguiu salvar – é reconduzido para dentro do sulco tradicional da vida contemplativa. Como ele não queria.

Sabe-se muito bem: no rolar da vida, muitas vezes há pessoas não sempre dispostas a dar um passo adiante. São dinâmicas e creem – como observou um humorista – na aceleração do imobilismo...

A inovação sonhada por Francisco – para o bem da Igreja – terá êxito alguns anos mais tarde com um santo mais obstinado: Vicente de Paulo. Em 1633, *Monsieur Vicent* fundará,

junto com Santa Luísa de Marillac, as Filhas da Caridade, primeira congregação religiosa que viverá fora do convento, prodigando-se onde for necessária a intervenção da caridade operosa para com os pobres.

Entretanto, a obra das visitandinas se desenvolve de forma surpreendente. Em 1622, na morte de Francisco, contará com 13 mosteiros, em 1641, na morte de madre Chantal, contará com 87.

A Visitação recebeu sua primeira marca nos primeiros seis anos de Annecy, antes de transformar-se em ordem religiosa e jamais a perderá. Entre os aspectos que foram salvos obviamente conta-se o seu *espírito*: “É o mesmo que animava Maria Santíssima quando foi visitar entre as montanhas a prima Isabel: espírito de união adorante com o Verbo encarnado, espírito de gratidão pelas *maravilhas de Deus*, de espontaneidade e prontidão em prestar os humildes serviços da vida cotidiana. Na realidade humana mais silenciosa e banal, o divino mais extraordinário” (Ravier).

No início do terceiro milênio, apesar da crise que afetou a vida religiosa, os apiários das visitandinas subiram a 150 no mundo, e as *abelhinhas* de São Francisco de Sales são quase 3 mil.

Bispo para todas as estações

“O bispo que não serve ao povo, é só um espantalho posto nos vinhedos para que os pássaros não espicacem as uvas”, dizia o santo bispo Agostinho. Francisco, dia após dia e por anos a fio, dedica todo o seu tempo a serviço do seu povo. Existe a terrível monotonia cotidiana que não faz história. Há, porém, nesse seu serviço, momentos relevantes, aos quais convém prestar atenção. Por exemplo...

1607. “*De auxiliis*”: a querela sobre a graça

Pelo fim de 1606, de Roma, um monsenhor próximo ao papa Paulo V escreve a Francisco consultando-o sobre uma questão muito secundária que os teólogos discutem, pode-se dizer, desde os inícios do cristianismo, mas que naquele momento se tornou incandescente. O monsenhor é Anastásio Germonio e a questão é conhecida, em latim, como “*De auxiliis*”, isto é, *da ajuda*. É dita também como a *questão da graça e do livre arbítrio*.

Em palavras simples e, sem dúvida, inadequadas para expressar a complexidade do problema, eis a questão: o homem, criado livre e chamado a escolher entre o bem e o mal, se for sustentado pela ajuda da graça de Deus, pende para a opção pelo bem. Mas, então – eis um primeiro aspecto do problema – a graça de Deus não vem privar o homem de sua liberdade? E no caso em questão, o homem obtém méritos diante de Deus? E se Deus não lhe conceder a ajuda da sua graça, o homem erra, merece a condenação?

No final do século anterior tinham começado a discutir dois teólogos famosos: o padre jesuíta Luis de Molina, que acentuava a liberdade do homem, e o padre dominicano Domingos Bañez, que acentuava a graça de Deus como peso determinante. Em substância, punha-se em discussão a própria concepção do ser humano. Envolviam-se na discussão não somente os católicos, mas também os teólogos protestantes, inclusive o próprio mundo político: o rei da Espanha punha-se ao lado de Bañez, e Henrique IV, da França, ao lado de Molina...

Em 1605, o papa Paulo V tinha constituído em Roma uma comissão de estudiosos chamados a dirimir o problema. Por meses a fio, a comissão ouvira os principais defensores das teses opostas, mas não conseguira tirar nenhuma conclusão. Um dia, monsenhor Germonio, que Francisco sabe ser muito estimado pelo papa, consulta-o por meio de uma carta. Francisco já viveu o problema, não somente em termos teóricos, mas também de forma existencial, nos dias atormentados pela sua crise espiritual em Paris, quando temia estar condenado. E também em Pádua. Ele responde a monsenhor Germonio, que lê sua carta ao papa.

A carta se perdeu, mas conhece-se bastante bem o sentido de seu conteúdo. Francisco não dá uma resposta teórica, mas concreta, útil no plano pastoral. Considera “a disputa grandemente perigosa” para os cristãos, observa que “há muitas outras coisas de que a Igreja sofre e de que seria preciso cuidar”, pensa que “as subtis inteligências dominicanas e jesuítas poderiam pôr-se de acordo sobre o indispensável...”.

Em agosto de 1607, Paulo V intervém e parece estar em harmonia com a orientação sugerida por Francisco: “Impõe silêncio a ambos”, encerra a comissão, manda que todos voltem para casa. De agora em diante, “fica proibido” às duas partes acusarem-se mutuamente e cada um é “livre para considerar boa a tese que lhe parecer mais verdadeira”.

Consequências? Em setembro, Francisco recebe o agradecimento do Geral dos dominicanos, com o diploma de afiliação à Ordem dos Frades Pregadores. Além disso, do lado oposto, recebe várias cartas “bonitas e elogiosas por parte dos mais famosos jesuítas”.

Quanto à história da disputa a respeito da ajuda da graça divina, os teólogos continuaram a encher de volumes as bibliotecas, e discutem ainda hoje.

1609. Uma travessura: a cavalgada através de Genebra

Francisco é bispo de Genebra só no papel: na realidade, Genebra tornou-se a capital do calvinismo, e ele vive em

Annecy como no exílio. Mas em setembro de 1609 ele decide atravessar a cidade inimiga e proibida, passa por ela solenemente, rodeado pela sua escolta, sem salvo-condutos ou autorizações de nenhuma espécie. Além do mais, apresentando-se como bispo católico de Genebra. E arriscando-se seriamente.

Por que fez isso? Ele mesmo o referiu numa carta: “Tive vontade de passar pelo meio da cidade, o que fiz sem nenhuma apreensão”. Devia ir até o decanato do Gex para tratar de problemas relativos às paróquias da sua diocese, mas estava chovendo forte e o rio Ródano tinha subido assustadoramente. O caminho para Genebra é o mais curto e natural, e ele... decide passar por aí.

Vai a cavalo, revestido das insígnias episcopais, e com um séquito de 12 pessoas, entre elas João Favre, o filho de seu amigo presidente Favre, que se fez padre e trabalha a seu lado como vigário geral da diocese. Chegando às portas da cidade, o superintendente pergunta quem é. Francisco manda João Favre dizer que é *o senhor bispo desta diocese*. O superintendente escreve no seu registro: “Dom Francisco de Sales, bispo desta diocese”, e deixa passar a comitiva. Terá entendido realmente o que estava acontecendo? Seja como for, Francisco conta: “Assim, passei a cavalo através da cidade, cumprimentado pela maioria dos homens e das mulheres, de forma muito atenciosa”.

Chegando ao Gex, o povo estupefato lhe pergunta: “Senhor bispo, por que se expôs ao perigo dessa forma?”. Ele responde: “Minha vida vale pouquíssimo quando se trata da glória de Deus e do bem da Igreja”.

Entretanto, o conselho calvinista da cidade, informado do que aconteceu, reúne-se e discute se deve tomar alguma medida contra aquele gesto temerário e desaforado. O duque da Saboia, também informado, preocupa-se, suspeitando de algum entendimento de Francisco com a “miserável Genebra” protestante. E ele, ao narrar o acontecido, admite que foi só “um tipo de confiança mais de homem simples do que de homem prudente”.

1610. Adeus à senhora de Boisy

No primeiro dia de março, em Thorens, fecha seus olhos a senhora de Boisy, mãe de Francisco. Numa longa carta à mãe Chantal, ele condensa assim as lembranças e os sentimentos daqueles momentos dolorosos.

“Minha mãe... no dia de Cinzas foi à paróquia de Thorens, onde se confessou e comungou com grandíssima devoção, participou da missa e das vésperas. À noite, não podendo dormir, pediu à sua camareira que lhe lesse três capítulos da *Introdução (Filoteia)* para entreter-se com santos pensamentos; pediu que marcasse a página para, no dia seguinte de manhã, continuar sua meditação. Mas, no dia seguinte, ao levantar-se, sofreu um colapso.

Francisco, advertido em tempo, chega correndo de Annecy: “Ela me cumprimentou muito alegre e disse: “Este é meu filho e meu pai”, e me beijou, abraçando meu pescoço com o braço sadio.

Dois dias mais tarde “entregou sua alma a Nosso Senhor, serenamente, tranquilamente, numa atitude de solene beleza... Sem dúvida, esta foi uma das mortes mais bonitas que já vi... Meu coração intumescceu enormemente e chorei por esta boa mãe como nunca... Mas, graças a Deus, chorei sem amargura espiritual”.

Da senhora de Boisy foi traçado um retrato admirável: “Era uma dama rica de todas as virtudes e de perfeição cristã, verdadeira mãe dos pobres e refúgio dos necessitados... Tinha fama de santidade. Sua alma era muito transparente e serena, humilde diante de Deus e dos homens...

Tinha predileção pela virtude da caridade para com os pobres, fossem mendigos ordinários que batiam à sua porta, fossem aqueles que ela sabia passarem necessidades, doentes e envergonhados, nos povoados da sua paróquia: ela em pessoa os visitava, fornecendo remédios e outras coisas necessárias para alimentá-los. Não recusava os presentes que lhe levavam, por menores que fossem: recebia-os com rosto gentil, retribuindo-lhes triplamente pelo que tinham oferecido...

Era amiga da paz, promovendo-a entre os seus o mais que podia, e assim era honrada e obedecida por todos. Seus filhos, eclesiásticos ou casados, nada faziam sem sua autorização”.

1611. O diálogo com as irmãs: *os Entretenimentos espirituais*

No início, trata-se somente de conversações sem pretensão, feitas à sombra das árvores do pomar, à beira do lago, com

as irmãs sentadas na relva em torno dele, mas vão se tornar um livro com vida conturbada. Os *Entretiens spirituels* começam no dia 10 de junho de 1611, quatro dias depois que madre Chantal e suas primeiras duas companheiras fizeram a solene profissão religiosa. Naquele dia, Francisco chega ao mosteiro ao cair da tarde junto com o jovem sacerdote Miguel Favre, associado à responsabilidade da diocese, que agora é nomeado confessor das irmãs.

O início das conversações não é de tipo filosófico, mas revela o estilo e o objetivo de Francisco: “Caríssimas filhas minhas, agora que crescemos de número, precisamos pôr em ordem nossas pequenas coisas. Antes de tudo, vamos nos levantar às 5 horas”. Depois, apontando o dedo para uma das irmãs: “A mim e à minha irmã Ana Jaqueline será fácil levantar a essa hora, porque somos camponeses...”.

Este é o primeiro de uma longa série de encontros que realiza sempre que pode, durante quase doze anos, até a morte. Não conferências estruturadas, mas conversações familiares, conduzidas de forma livre, em tom confidencial, uma espécie de direção espiritual comunitária. Mas também segundo um amplo esquema geral que Francisco definiu: um pouco de cada vez, ele comenta a regra de vida das irmãs, seu valor, as consequências negativas de sua transgressão, o valor positivo e consolador da observância; depois, passa em resenha as diversas virtudes a praticar na vida cristã e religiosa, os sacramentos etc., para concluir com um princípio fundamental de sua espiritualidade: *Nada pedir e nada recusar*.

Nessas conversações amigáveis, as irmãs intervêm com plena liberdade, perguntam, propõem assuntos. Como filhas que depositam total confiança em seu pai. Madre Chantal, porém, dá-se conta de que se trata de palavras preciosas e encarrega alguma irmã de pôr por escrito o que Francisco vai dizendo. As copistas são diligentes e os textos vão se acumulando ano após ano para tornar-se, depois da morte de Francisco, um memorial de enorme valor. Na prática, formam um tratado popular de teologia *salesiana*. Por longos anos são transcritos diligentemente e passam de mosteiro a mosteiro.

Um dia, porém, os manuscritos são roubados, não se sabe bem onde e por quem, e publicados. Obtêm imediato sucesso. O mestre de espírito padre João Jacques Olier faz a leitura deles “de joelhos e de cabeça descoberta”. Mas o texto impresso está cheio de erros e defeitos. Madre Chantal está desolada e imediatamente toma a iniciativa de recolher todas as cópias ainda não vendidas, revê o texto palavra por palavra e, em 1629, faz imprimi-lo com o título de *Les vrais Entretiens spirituels*.

Ainda hoje giram pelo mundo, propondo o levantar às 5 horas da manhã e todo o resto da vida religiosa segundo o estilo salesiano.

1614. Adeus ao irmão Gallois

O anjo da morte, sempre a trabalho naqueles anos, ao sinal de Deus faz diversas visitas dolorosas.

No dia 1º de março de 1610, visitou em Thorens a senhora de Boisy. Um mês antes, Carlota, a filha mais nova de Joana, com 9 anos, tinha morrido repentinamente em Monthelon, nos braços de sua mãe. Francisco então escreve palavras de fé à senhora de Chantal: “A nossa pobre pequena Carlota é feliz por ter saído desta terra antes de ser minimamente manchada... Deus nos dá, Deus nos tira: seja bendito seu santo nome”.

Depois, em janeiro de 1611, o anjo da morte visita o presidente Frémyot, pai de Joana. Em junho de 1613 era a vez do bizarro Guido de Chantal. E em julho de 1614 acontece a perda mais dolorosa: Francisco fecha os olhos ao irmão Gallois.

Gallois tornara-se o chefe da família Sales. Ao tomar as ordens, Francisco renunciara em seu favor ao título nobiliárquico e às posses de Villaroget. Francisco ama-o profundamente, tem por ele a máxima estima, considera-o como a um santo. De repente, um mal devastador obriga-o a meses de imobilidade, aceita por ele com fé: “Podemos chamá-lo o Jó da nossa família”, escreve Francisco. E se consola: “Ele me tinha aberto seu coração cristãmente no sacramento da confissão”. Gallois tinha apenas 38 anos.

1616. *Teótimo*, ou o *Tratado do amor de Deus*

Em meio a tantos compromissos, em 1616, Francisco consegue publicar um livro longamente meditado e fortemente desejado: o *Teótimo*, ou *Tratado do amor de Deus*. O editor é o

mesmo da *Filoteia*, Rigaud, de Lião. Por doze anos ele o ruminou: o amor de Deus está sempre “no centro da sua mente, da sua vida e da sua obra”, diz Ravier.

No início, Francisco tinha concebido um projeto modesto: contar a *Vida de Santa Caridade*. Um pseudônimo também este, como era pseudônimo Filoteia, mas correspondente a uma pessoa muito real, que Francisco conhecia e estimava, a ponto de querer imortalizar num livro. Chamava-se Pernette Boutey, uma mulher simples que morava num vale e que, numa via-crúcis de problemas familiares sem-fim, demonstrava como se pode amar a Deus e ao próximo de todo o coração. Quando lhe anunciaram a morte, ele chorou “a minha Pernette” e decidiu escrever-lhe a vida. Mas não encontrou tempo. Conservou, porém, a ideia e a desenvolveu: quis contar de que forma a *Santa Caridade*, isto é, o amor de Deus e do próximo pode e deve viver na alma cristã.

Assim, o *Teótimo*, embora sendo um tratado, é ainda, em certo sentido, uma história: a história infinita da incessante procura do homem por parte de Deus, e de Deus por parte do homem.

O livro, por seu conteúdo, reflete as conversações que Francisco, desde 1611, teve com as irmãs da Visitação, como explica em *Teótimo*, na “Introdução”: “Boa parte do que te comunico agora, devo-o a esses benditos encontros...”.

O livro obteve logo um grande sucesso, e as edições e traduções se multiplicaram, mesmo sem a intensidade da *Filoteia*. De fato, sua leitura é mais árdua e exige mais esforço.

Hoje, é considerado, “na literatura ascética e mística, uma das grandes obras de todos os tempos” (Papàsogli). Desde o dia de sua publicação, o mundo cristão começou a povoar-se, além de gentis *floteias*, também de tenazes *teótimos*...

1617. “O santo papai de Genebra me curou”

Em Grenoble, França, Francisco tem amigos poderosos que o convidam a pregar. Com as devidas autorizações do duque Carlos Manuel, sempre desconfiado de suas viagens ao exterior, ele vai pregar no advento de 1616 e na quaresma sucessiva. Com ótimos resultados: conversão do calvinismo de diversas pessoas importantes, encaminhamento de frutuosa direção espiritual para várias fervorosas *floteias*.

E a possibilidade de abrir, em Grenoble, um mosteiro de visitandinas. Isso ocorrerá em 1618, mas Francisco já avisa por carta madre Chantal: “Peço-lhe, minha querida madre, que prepare docemente as nossas pequenas abelhas para saírem no primeiro dia de tempo bonito e fazê-las vir trabalhar no novo apiário, para o qual o céu prepara muito orvalho”. E de fato, pouco depois, madre Chantal chega a Grenoble levando consigo um enxame de oito irmãs que darão início ao novo mosteiro.

Em Grenoble, uma convertida está fazendo barulho no mundo das frivolidades: Madalena Armand. É mulher de um advogado, considerada a mais bela e vaidosa de Grenoble, sempre a primeira em lançar modas extravagantes e a deixar em

polvorosa os salões. Não somente agora retorna ao catolicismo, mas se comporta como a arrependida do evangelho, da qual traz o nome. E não se trata de uma enfatuação passageira. Quando Francisco retorna a Annecy, Madalena, para não perder sua direção espiritual, convence o marido a transferir sua família para aquela cidade.

No fim de 1617, o bispo vai de novo a Grenoble para pregar o advento. No dia da partida manda perguntar na casa Armand se há algum recado para Grenoble. O doméstico enviado encontra a senhora Madalena na angústia mais profunda: a filhinha acabou de ser encontrada morta. Francisco estava para montar a cavalo e partir; informado, retorna ao bispado, vai à capela e “faz voto para que a pequena use uma veste branca em honra de Nossa Senhora”.

O doméstico volta à casa dos Armand e diz, em nome do bispo, que confiem em Nossa Senhora. Descobre, porém, que todos estão chorando de alegria. A menina está bem e conta: “O santo papai de Genebra veio abençoar-me e me curou”.

Francisco agora pode pôr-se em viagem tranquilo, mas esclarece: “Esta menina será visitandina”. E o será de verdade, e capaz de assumir grandes responsabilidades. Depois, um dia, seus pais se separarão de comum acordo para eles também abraçarem a vida religiosa. A mãe, naturalmente, será visitandina e ele, advogado, faz-se jesuíta, celebrará a missa para a profissão religiosa da esposa Madalena, a bela e vaidosa mulher de Grenoble.

1617. Bernardo e Maria Amanda, uma dor imensa

Aquele fora um dos poucos dias de alegria em Monthe-
lon quando, no dia 13 de outubro de 1609, Francisco, na de-
cadente mansão dos Rabutin, tinha unido em matrimônio seu
irmão menor, Bernardo de Sales, e Maria Amanda, a jovem
filha de Joana de Chantal. Ela era tão jovem que, de acordo
com o entendimento, deveria passar ainda certo tempo antes
de viverem juntos, tanto que Bernardo, elegante e impaciente,
considerava-se “casado sem sê-lo”. Mas na primavera sucessiva,
quando Joana se decidiu pela vida religiosa, os dois são acom-
panhados até Sales e o castelo se torna seu ninho.

Bernardo, como é próprio dos jovens nobres do tempo,
passa o inverno em casa e, na primavera, no exército da Saboia.
O anjo da morte visita logo os dois esposos, levando consigo
o menino apenas nascido. Mas em 1617, Maria Amanda, com
19 anos, espera outro filho, enquanto Bernardo, está longe, na
guerra. São os dias trepidantes da espera e Maria Amanda vai
com frequência visitar sua mãe no mosteiro. Aliás, passa até
longos períodos na Santa Fonte.

Naquele tempo, os povos mudavam de soberano ou por
causa dos matrimônios entre as casas reinantes ou por causa das
absurdas guerras inúteis. Dessa vez a Saboia e a Espanha dispu-
tam o Monferrato. Carlos Manuel da Saboia e Felipe III da Es-
panha eram vizinhos, cunhados e aliados até poucos dias antes.
Mas eis que a enésima desastrada contenda obriga Bernardo a

atravessar os Alpes e aquartelar no Piemonte, onde serpeia uma peste, talvez uma forma de tifo. Não se sabe.

A doença não olha para as patentes militares e atinge também Bernardo, que tem febre altíssima e morre no dia 23 de maio de 1617, com 34 anos. Recebeu os sacramentos “com grandes sentimentos de devoção”.

A dor de Francisco é sem limites: após o desaparecimento de Gallois, pensava que Bernardo teria desempenhado bem os deveres de chefe de família. Mas não é o que ocorre. Agora, é preciso informar sobre o acontecido Maria Amanda, que no momento está com sua mãe no mosteiro.

Irmã Chaugy, uma das visitandinas, contou o episódio. “Pois bem, minha querida filha, não somos todas de Deus?”, pergunta-lhe Francisco. “Sim, senhor bispo, absolutamente”, responde Maria Amanda. “E... não estamos prontos a receber de sua mão bendita o que a Ele aprouver nos mandar?” “Sim, pai. Mas... Talvez o senhor queira dizer-me que meu marido faleceu?”

Francisco deve dizer que sim e depois murmurar palavras de conforto. Sente, porém, que somente Deus pode falar naquele momento. Celebra a missa de sufrágio, dá a comunhão à pobre viúva. Ela permanece longo tempo diante do sacrário com as mãos juntas e se predispõe às opções corajosas que lhe são sugeridas pela fé. A partir daquele dia, vive no mosteiro como uma religiosa, toda recolhida em Deus.

Seu menino nasceu no começo de setembro, mas de improviso e prematuro, viveu poucos minutos. Madre Chantal

teve apenas tempo para batizar o netinho. Maria Amanda, informada, murmura: “Esta pobre criança viveu tão pouco e já está no meio dos anjos?”. Em seguida, recolhe-se em oração.

O médico não esconde sua preocupação também com a saúde da mãe. Ouvem-na rezar com um fio de voz: “Meu Deus, vós sabeis que eu era toda vossa. Se aquela criatura tivesse vivido, eu lhe teria dedicado todos os cuidados e isso me teria levado a viver em meio às coisas do mundo. Agora que a tendes tomado convosco no paraíso, todos os obstáculos foram afastados. Eu sou toda vossa, meu Senhor e meu Deus”.

Dois dias mais tarde, o médico, voltando a visitá-la, diz que terá apenas três ou quatro horas de vida. Chamam Francisco. Ela acena para sua mãe: “Minha querida mãe, peço-lhe humildemente a graça de receber o santo hábito da congregação”. Como negá-lo? Ela é revestida do hábito branco das noviças.

Depois, dirige-se a Francisco, que tem a face banhada pelas lágrimas: “Senhor bispo, o senhor me deu o hábito de noviça, mas eu fiz tantas vezes os meus votos com o coração. Poderia fazê-los agora solenemente com a voz? Que consolação seria saber que sou professora!”. Um nó na garganta impede madre Chantal de falar. Francisco cria coragem: “Minha filha, nesse pedido não há nada de impossível. Em nome de todas as religiosas, concedo-lhe fazer seus votos”.

Maria Amanda pronuncia os três votos e Francisco lhe impõe na cabeça o véu de religiosa. Pouco depois da meia-noite ouvem-na pronunciar o nome de Jesus, depois desce o silêncio. Tinha 19 anos.

Francisco escreverá numa carta: “Aquela morte foi marcada por uma santidade extraordinária... Nós, à imitação da querida falecida, abraçamos, amamos e adoramos a vontade de Deus com toda a submissão de todo o nosso coração”.

Quanto à madre Chantal, testemunha que escreveu essas memórias, concluiu: “Maria Amanda depois de morta era tão bela quanto em vida. Foi sepultada com o hábito religioso e foi a primeira a ser sepultada no recinto destinado a cemitério para o mosteiro”. Era o dia 7 de setembro de 1617.

1618. Da parte de Galileu

O Colégio Chapisiano de Annecy, naqueles anos, era dirigido pelos padres barnabitas, com bons resultados, e foi aberto também para aulas e cursos destinados aos leigos da diocese: um prolongamento, embora em tom menor, da que fora a Academia Florimontana. Entre os promotores da iniciativa está o jovem e brilhante barnabita, padre Redente Baranzano, que mantém correspondência com Galileu e difunde suas ideias. Substancialmente, considera que é tempo de arquivar Ptolomeu e de tomar como mestre Copérnico.

Padre Baranzano, em 1617, publicou em Lião o volume *Uranoscopia seu de coelo*, que possui dois defeitos: sai sem a aprovação dos superiores e sustenta as então perigosas teses copernicanas. O jovem autor é obrigado pelos seus superiores a retratar-se, mas o volume, dois anos depois, reaparece em nova edição em Paris. É demais: os superiores de sua ordem decidem

afastar o autor de Annecy e do magistério. Francisco então tem a coragem de intervir em sua defesa e o salva.

Pouco mais tarde, Baranzano imprime um novo volume, e Francisco, que é mente aberta, de novo o aprova e o louva em público.

Precisamente naqueles anos, em Roma se condensam as nuvens que logo desencadearão um temporal: o processo contra Galileu. Mas Francisco desde o começo intuiu qual era o partido certo. Ravier comenta: “Sua sólida preparação teológica permitia-lhe refutar por princípio qualquer conflito entre ciência e fé... Na aurora dos tempos modernos, graças à profundidade da sua fé e da sua experiência espiritual, Francisco se ergue como um precursor”.

Doutrina espiritual: “Deus é o Deus do coração humano”

Entre as 300 e mais cartas que madre Chantal recebeu de Francisco, numa de 1619 ou 1620 (em parte já citada), faz a seguinte confidência que desarma:

“Não há almas no mundo que amem mais cordialmente, mais ternamente e, para dizer tudo de uma vez, mais amorosamente do que eu, pois aprovou a Deus fazer assim meu coração. Apesar disso, eu amo as almas independentes, vigorosas, não afeminadas; pois uma ternura exagerada perturba o coração, inquieta-o e o distrai da meditação amorosa de Deus, impede a completa resignação e a perfeita morte do amor próprio. O que não é Deus não é nada para nós.

Como é possível que eu sinta essas coisas, eu que sou a pessoa mais afetiva do mundo, como a senhora sabe, caríssima madre? Apesar disso, na verdade, eu as sinto; mas é maravilhoso como eu consiga juntar todas essas coisas, precisamente

porque considero não amar nada absolutamente além de Deus e todas as almas por amor de Deus”.

Esse momento de consciência e de verdade absoluta talvez contenha o segredo de Francisco, o cerne da sua espiritualidade. No centro está o coração, a capacidade de amar, que é supremo dom de Deus. E antes ainda, na origem de tudo, está o coração do próprio Deus.

Uma doutrina em três livros

Francisco condensou em três livros seu ensinamento espiritual, indicando “o caminho régio do amor de Deus e do próximo: *Filoteia*, *Teótimo* e *Entretenimentos espirituais*. São como três formulações do mesmo pensamento, amadurecido através do tempo e somente em parte diversificado segundo os destinatários.

Filoteia (1608) introduz a alma à vida devota, seja homem seja mulher, inserida na vida ordinária.

Teótimo (1616) apresenta o amor de Deus à alma cristã que pretende caminhar com firmeza para a perfeição (Deus é amor e nós devemos pagar seu amor com o nosso amor).

Entretenimentos espirituais (publicados postumamente, 1629) oferecem à alma consagrada a Deus um tipo novo de vida religiosa, marcada por um cunho nitidamente *salesiano*.

No capítulo sobre *Francisco, mestre das filoteias*, tratamos da primeira obra. Convém fazer um aceno também às outras duas.

O empenho apostólico e a função das mulheres

André Ravier, falando do *Téotimo*, observa que o dom de amar “a Deus e todas as almas por amor de Deus” torna a santidade de Francisco claramente apostólica. Francisco sente que deve encaminhar nesse sentido todos os que lhe são confiados: os fiéis da sua diocese, seus sacerdotes, religiosos, irmãs, em primeiro lugar aqueles que se consideram seus filhos espirituais, inclusive os leitores de seus livros. O advento do Reino de Deus exige a contribuição ativa de todos.

Mas, para Francisco, os que receberam mais de Deus também têm o dever de dar mais a seus irmãos, de colaborar na elevação da comunidade cristã com uma contribuição proporcionada aos dons recebidos. Dons que Francisco, de sua parte, procura fazer aumentar por meio da direção espiritual.

Forma-se, assim, entre os cristãos uma espécie de elite. Com o risco de cultivar também uma espécie de racismo do espírito? Não! Francisco sabe que Deus ama todas as suas criaturas e chama todas à perfeição do amor. Mas também sabe que as vocações se realizam em concreto, segundo modalidades muito diferentes entre si: cada um responde a Deus e aos irmãos conforme as próprias capacidades, a variedade dos dotes naturais, do caráter, da educação recebida, do ambiente de vida; e segundo a maior ou menor generosidade que cada um põe em campo no jogo aberto das liberdades humanas.

Como diretor espiritual, Francisco sente que deve seguir a todos com igual empenho, mas ao mesmo tempo respeitando e valorizando as diversas situações.

As almas eleitas com quem Francisco trabalha, o mais das vezes, não são homens, mas *mulheres*. Ele as estima muitíssimo; entre elas, fica completamente à vontade, sempre com uma reserva sorridente, e lhes dedica muito tempo à sua formação. Essa atitude suscita nos seus contemporâneos maravilha, para não dizer, desilusão e críticas. Segundo certos críticos, Francisco se ocuparia demais com elas. Um dia, em 1619, em Paris, o bispo Adrien Bourdoise, pregador famoso, diz-lhe com certo desprezo: “O senhor é bispo e só se ocupa de mulheres!”. Francisco rebate com um sorriso: “Cabe aos ourives trabalhar o ouro, aos oleiros o barro”.

Quanto ao mais, é uma preferência que nasce das situações, não de uma opção de princípio. A própria etimologia dos nomes escolhidos para indicar seus livros não faz distinções: tanto *Philo-Theós* quanto *Theós-timo*, ambos significam igualmente *devoto*, enamorado de Deus, com referência à alma, não importa se é masculina ou feminina.

“A santa inclinação para amar a Deus”

Pregações, escritos, conselhos, direção espiritual, conforme observa Ravier, tudo em Francisco se dirige ao coração porque para ele a religião é essencialmente uma vida, uma vida do coração. Francisco afirma: “Deus é o Deus do coração hu-

mano” e, entre a bondade divina e a alma humana, há “uma grande e secreta convergência”.

É como se os homens, para Deus, fossem dotados de uma *pinça* (Francisco sempre que pode se sai com uma das tantas imagens poéticas que pululam em sua fantasia): a inclinação natural a amar a Deus “não habita inutilmente nos nossos corações, pois Deus se serve dela como de uma *pinça* para poder nos apanhar mais suavemente e atrair a si”.

Então, o que é importante na vida de caridade? As orações excepcionais e os fenômenos extraordinários, por si, não são essenciais; ao passo que o é “a união da alma com o seu Deus”, união que ela consegue conformando-se à sua vontade. Um cristão pode bem dizer “com o grande apóstolo”: “Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Dito com outra imagem poética: o homem é como *alaúde*. “Deus toca na corda que Ele quer; seja qual for a corda escolhida por Ele em nosso alaúde, sempre produzirá uma bela harmonia. Senhor Jesus, sem reservas, sem *se*, sem *mas*, sem exceção, sem limitações, seja feita a vossa vontade em tudo e por toda parte”.

Francisco explicou muito bem para as *floteias* o que para ele é a palavra-chave: *devoção*. “A virtude da devoção, escreveu numa carta, não é outra coisa senão uma geral inclinação e prontidão do espírito a fazer o que agrada a Deus; é a dilatação do coração... As *peessoas bem-intencionadas* caminham pelos caminhos de Deus, mas os *devotos* correm, e quando são *muito devotos*, eles voam!”

Por isso, devoção é a caridade elevada ao máximo grau: “A caridade é um fogo espiritual; quando está muito aceso, chama-se devoção”. Para Francisco, todas as almas são *floteias* e, pouco a pouco, devem ser encaminhadas para a vida devota, à “eterna liberdade do amor”.

O grande jogo do amor

A respeito do que é o ponto de partida, Francisco se expressou de modo pleno no *Teótimo*, o *Tratado do amor de Deus*. Ele escreve no prefácio: “Na Igreja de Deus, tudo é do amor, para o amor e de amor”. Segundo a síntese traçada por André Ravier, eis o desenvolvimento desta doutrina.

Amor: a palavra não deve provocar medo. Ela “poderia sugerir maus pensamentos nos espíritos doentios enquanto mais adaptada a definir uma paixão carnal do que um afeto espiritual”. Até o grande Orígenes pensava assim. Mas Francisco corta o mal pela raiz, dizendo que a caridade “é o mais importante e o mais excelente de todos os amores”. Por isso, ele se sente autorizado a falar de Deus recorrendo com plena tranquilidade às imagens e às comparações mais ternas e humanas. Como, aliás, faz com a Bíblia: mãe que amamenta o filho, namorados, a esposa e o esposo e, sobretudo, o livro mais afetuoso e terno do Antigo Testamento, o *Cântico dos cânticos*.

O grande jogo do amor acontece porque Deus, que é amor inacessível, deseja *comunicar-se* (palavra tipicamente salesiana), deseja dar e dar-se. Daí a existência do universo com

uma profusão inexaurível de criaturas, em cujo vértice está o ser humano. Francisco lembra com o salmista que o Criador fez o homem “somente um pouco inferior a um deus”, que o criou “à sua imagem e semelhança”, que o homem “é a perfeição do universo”. Por isso, “Deus quer que, como nele, tudo no homem seja ordenado ao amor e para o amor”.

Daqui o projeto inaudito de Deus: fazer a natureza humana participante da sua própria divindade. É a *encarnação do Verbo*: um “unir-se a alguma natureza criada, de tal maneira que a criatura fosse como que enxertada e inserida na divindade”.

Dessa forma, Francisco adere à corrente teológica (São Boaventura) segundo a qual o Verbo ter-se-ia encarnado, mesmo sem a culpa original. Por causa do pecado, Deus somente teve de adaptar o seu “plano de benevolência” à nova situação pela *redenção* e pelo perdão: uma redenção que é, como diz Francisco, “copiosa, abundante, superabundante, magnífica e excessiva”.

Seja como for, a inclinação para amar a Deus sempre permanece no homem: “Basta que o homem pense um pouco atentamente na divindade para sentir certa doce emoção do coração que demonstra que *Deus é o Deus do coração humano*”. Mesmo se “formos fortemente depravados por causa do pecado... permaneceu em nós a santa inclinação a amar a Deus sobre todas as coisas”.

O lugar em que acontece o grande jogo do amor é, para Francisco, o coração. A Bíblia usava o termo “vísceras”, o homem moderno talvez diria “consciência”. Francisco usa as mais

variadas expressões: *cimo das nossas almas, ponto supremo do nosso espírito, coração do nosso coração...* É ali que os dois protagonistas se encontram. “Face a face? Sim, ou melhor: coração a coração.”

O homem, todavia, conserva sua liberdade. Deus se comporta com o homem como com Israel no deserto: “Eu os atraía com liames de bondade, com vínculos de amor; era para eles como quem abraça e aproxima uma criança do rosto...” (Os 11,4). E conclui: “Sem dúvida, Teótimo, não somos atraídos por Deus com liames de ferro, mas por gestos carinhosos, por atrativas, agradáveis e santas inspirações”.

A força de Deus é a graça: “A graça é de tal modo graciosa e agarra tão graciosamente os nossos corações para atraí-los, que não afeta minimamente a nossa vontade... A graça tem forças, não para forçar, mas para atrair os corações; tem uma santa violência, não para violentar, mas para tornar amorosa a nossa liberdade”.

Fazer como “as aves sem pés”. Como deve comportar-se o ser humano? Francisco explica-o por meio de uma comparação cheia de poesia, ligada à ingênua ornitologia da Idade Média. Alguns estudiosos tinham afirmado que existiam *aves ápodas*, isto é, sem pés. Francisco sugere que basta ao homem fazer como as levíssimas aves ápodas que se deixam “carregar e levantar” pelo vento: nós não devemos resistir ao sopro divino, mas “favorecer esse impulso e esse primeiro toque”. Em síntese, diremos com Francisco: “O homem é a perfeição do universo, o espírito é a perfeição do homem, o amor é a perfeição do espírito, a caridade é a perfeição do amor”. “Deus caminha conosco. Seu amor leva-o a nos impulsionar e move seu coração a solicitar e estimular o nosso para usar bem da santa caridade que Ele nos deu.”

Conselhos a quem se consagra a Deus

O *Teótimo* tem maior densidade do que possa ter parecido nos poucos retalhos aqui apresentados. E a doutrina espiritual de Francisco se alarga ainda mais nos *Entretenimentos espirituais* que ele propõe, aliás, de forma simples e familiar, às suas irmãs e a quem se consagra a Deus. Eis alguns pontos, nos quais o santo introduz novidades significativas para seus tempos.

Postulantes doentes. A enfermidade era normalmente considerada um impedimento para a vida religiosa, mas Francisco, também nos *Entretenimentos espirituais*, lembra em diversas passagens que essas postulantes devem ser aceitas.

Obediência. “Há três espécies de obediência. A primeira é *geral, de todos os cristãos* e é a obediência devida a Deus e à santa Igreja pela observância dos seus Mandamentos. A segunda é a *obediência religiosa*, mais valiosa que a outra porque submete a pessoa não só aos Mandamentos de Deus, mas também à observância dos seus conselhos. “Depois há uma terceira obediência, a mais perfeita de todas. Chama-se *obediência amorosa* a de Nosso Senhor que nos deu exemplo em todo o tempo de sua vida...”

Pobreza. “Os bens, dos quais nos devemos despojar, são de três espécies: bens exteriores, os bens do corpo e os bens da alma”. “Os *bens exteriores* correspondem a tudo aquilo que ficou fora da vida religiosa: casas, posses, parentes, amigos e semelhantes. Para nos despojarmos deles, precisamos renunciar a eles nas mãos de Nosso Senhor... Os segundos *bens*, aos quais

devemos renunciar, são os do corpo: a beleza, a saúde e semelhantes; de tal modo que não é mais preciso que uma religiosa vá ao espelho para ver se está bonita... Deve-se ficar igualmente contente na doença como na saúde... *Bens do coração* são as consolações e as doçuras que encontramos na vida espiritual. Esses bens são muito bons. E por que nos devemos despojar deles? Para entregá-los nas mãos de Nosso Senhor, a fim de que Ele disponha deles como julgar melhor...

“Depois há *outra espécie de bens*: os bens imaginários, que dependem da opinião dos outros e que se chamam: honra, estima, reputação. Desses, precisamos nos despojar completamente e não desejar outra honra a não ser a honra da congregação, que consiste em buscar em tudo a glória de Deus. Todos esses despojamentos e essas renúncias devem ser praticados, não por desprezo de si mesmo, mas unicamente por puro amor de Deus.”

“Nada pedir e nada recusar”

Finalmente, Francisco, nos *Entretenimentos espirituais*, guia suas irmãs para as extremas consequências do amor de Deus. “O que lhes direi, minhas queridas filhas, senão aquelas duas palavras que já recomendei tantas vezes? Não desejem nada, não recusem nada. Com estas duas palavras eu digo tudo.”

“Eu digo que não se deve pedir nada, nem recusar coisa alguma, mas abandonar-se nas mãos da divina Providência, sem fixar-se em algum desejo, a não ser em querer o que Deus

quer de nós. São Paulo praticou de modo excelente esse abandono no momento da sua conversão: quando Nosso Senhor o cegou, logo disse: Senhor, que devo fazer? (cf. At 9,6). E a partir daquele momento viveu em absoluta dependência do que Deus dispôs para ele. Toda a nossa perfeição consiste na prática deste ponto.”

“Há pessoas que pedem cruces e lhes parece que Nosso Senhor nunca as dá suficientemente a fim de satisfazer seu fervor. Eu nunca peço: desejo somente estar preparado para carregar aquelas que a bondade divina quiser me mandar, da forma mais paciente e humilde que posso.”

“Se na congregação lhes dão obediências que lhes parecem perigosas, como ocupar cargos superiores, não recusem; e se não lhes forem oferecidas, não desejem. E assim façam com relação a tudo o mais. Refiro-me às coisas terrenas, porque pelo que se refere às virtudes, podemos e devemos desejar e pedir a Deus: o amor de Deus as abrange todas.”

Estas convicções de Francisco estão na base da sua ilimitada doçura, explicam diversos episódios desconcertantes em sua vida e ajudam a compreender certos recuos perante pretensões injustas de outros, que de outra forma resultariam em incompreensíveis covardias.

Paris, 1619: esse matrimônio precisa acontecer

Em 1618, Francisco ainda não tem 52 anos e já se sente cansado. Literalmente gastou-se por inteiro em favor dos seus amigos e sonha para si tranquilidade e solidão. Em vez disso, no fim de setembro chega-lhe uma ordem do duque Carlos Manuel da Saboia, que o envia a Paris em companhia do jovem príncipe-cardeal Maurício, filho do duque, em missão especial. O cardeal tem apenas 25 anos e dispõe de pouca experiência, enquanto Francisco deu muitas provas de excelente diplomacia. Além disso, em Paris goza de admiração sem limites. Sua participação pode ser uma garantia para a missão.

Sempre por ordem do duque, o acompanhará seu velho amigo, o presidente Antônio Favre. Em suma, o duque decidiu organizar uma comitiva solene para que o príncipe-cardeal e a casa de Saboia façam bela figura.

De que missão se trata? Existe a versão oficial: Luís XIII, rei da França, recentemente ajudou a Saboia na guerra contra a Espanha (de fato, depois de três décadas de conflitos com os franceses, verificou-se uma mudança brusca de alianças). E o cardeal Maurício vai a Paris para agradecer ao soberano francês a ajuda recebida e, assim, reforçar a aliança de recente data e ainda frágil.

Além do mais, o que há de melhor para atingir o objetivo do que acertar um belo casamento? As tratativas para o matrimônio são o verdadeiro motivo da viagem. O duque da Saboia oferece a mão do seu filho mais velho, o príncipe do Piemonte, Vitório Amadeu: tem 31 anos e é herdeiro do trono. Luís XIII, que tem apenas 17 anos, deveria conceder a mão de sua irmã menor, Cristina da França, uma menina encantadora de 13 anos.

Para Francisco, sempre pronto a aceitar a vontade alheia quando entrevê a possibilidade de fazer algo útil, aquela viagem oferecerá uma oportunidade única no plano que para ele importa, o espiritual.

A acolhida memorável

A comitiva dos Saboia, que em Paris receberá uma acolhida memorável, forma-se aos poucos. O primeiro a partir vem de Turim, é o irmão menor do futuro esposo, precisamente o cardeal Maurício da Saboia, acompanhado de abundante séquito de dignitários. No dia 17 de outubro, passando por Annecy, à comitiva juntam-se Francisco e Antônio Favre. O noivo chegará alguns meses mais tarde, quando a tratativa for concluída.

Na estrada para Grenoble e depois para Lião, Francisco cria uma incômoda amizade com esse cardeal, que se mostra bastante insistente. Quer aperfeiçoar seu francês, por isso, duas vezes por dia lê livros naquela língua e Francisco precisa estar ao lado para dar explicações. Certamente, encontrou um bom professor, dado que a Francisco será reconhecido um lugar na história da literatura francesa.

Depois, a comitiva viaja numa embarcação “nobrememente adornada”, movida a vela ou pela força dos remos, sobre as águas majestosas do rio Loire até Orléans. Durante a navegação, o jovem cardeal mistura-se aos marinheiros que remam, e desafia Francisco a medir-se em bravura com ele. É preciso contentá-lo, e Francisco, que como estudante tinha aprendido também a remar, deve pôr-se a competir com ele.

Solicitado continuamente pelo cardeal, Francisco não tem mais paz e deve confessar desolado: “Não pertenço mais a mim mesmo!”.

Em Chartres, a comitiva é esperada pelas carruagens da corte enviadas pelo rei; a partir daquele momento a viagem se torna oficial. Até a acolhida triunfal do povo que, naquele dia 7 de novembro, se apinhará em peso pelas ruas de Paris a fim de admirar os famosos visitantes. Muitos aplausos para o cardeal da Saboia, solene em sua púrpura; e também para o ilustre bispo de Genebra, considerado “o melhor teólogo dos nossos dias”; e para aquele insigne jurista, Antônio Favre, autor de tantos livros repletos de conhecimentos. Favre, que ao longo da vida passou por tantas vicissitudes, dirá que naquele dia saboreou como nunca a “embriaguez da glória”.

Esse matrimônio precisa acontecer

Na corte, Francisco não encontra mais o rei Henrique IV, que muito estimava e de quem recebera generosamente grande estima: em 1610, uma mão assassina o tinha apunhalado. Em compensação, encontra seus quatro filhos. Dois são ainda crianças, mas um está no máximo fulgor e, embora sob regência, é rei: Luís XIII, 17 anos (a seu lado está a esposa, Ana da Áustria, também com 17 anos: juntos, representam as duas dinastias que têm nas mãos a sorte da Europa). E depois está Cristina, a adolescente candidata ao matrimônio, que os Saboia queriam levar para Turim. Uma ninhada de adolescentes, mimados pelos dignitários da corte, que se movem segundo uma sabedoria antiga e um amadurecimento baseado na experiência de séculos.

Francisco, numa carta, traça um belo retrato de Cristina: “Comportadíssima, seu rosto transpira majestade e bondade; para sua idade, é grande, dotada de graça incomparável, de modéstia e gravidade singulares”. Perfeita também no plano espiritual: “Possui rara piedade, refinada prudência e notável bondade”. O que mais pretender? E dado que também Vitório Amadeu, segundo Francisco, é um “príncipe comportadíssimo”, este matrimônio precisa acontecer, e Francisco fará de tudo para que ele se realize.

Também os outros na corte são do mesmo parecer, e o casamento é decidido às pressas. Mas a redação do contrato matrimonial colocará longamente à prova os nervos dos juristas de ambas as partes. Em certo momento, Favre desanima,

considera que não se fará mais nada. Francisco, porém, ainda insiste. Depois de dois meses de vaivém, em janeiro de 1619, o contrato é assinado.

Em fevereiro, chega a Paris o esposo; alguns dias depois, o cardeal de La Rochefoucauld que, assistido pelo príncipe-cardeal Maurício e pelo bispo Francisco, abençoa o matrimônio de Vitório Amadeu, príncipe do Piemonte, e de Cristina da França.

Também na corte há *filoteias*

A permanência de Francisco em Paris prolonga-se bastante: deixará a capital somente no dia 13 de setembro de 1619, quando também os dois esposos partirão, sem pressa de chegar, com destino a Turim. Ele, porém, não se deixa seduzir pelos atrativos do palácio real. Apenas em casa, escreve à madre Chantal: “Aqui faço o noviciado da corte, mas, se Deus quiser, nunca farei a profissão”.

Os parisienses que tinham ficado fascinados por ele em 1602 e depois saboreado a *Filoteia* e o *Teótimo* vão procurá-lo. Querem ouvir sua pregação, falar-lhe, aconselhar-se, confessar-se. E ele se põe à disposição.

Quatro dias depois de sua chegada ocorre a festa de São Martinho, e o padre Bérulle, fundador do Oratório na França, convida-o para pronunciar o panegírico. A notícia dessa pregação imediatamente se difunde; as pessoas chegam à igreja, da cidade e da corte, em massa (inclusive suas majestades), juntando tal multidão que Francisco, para alcançar o púlpito,

deve passar por uma janela, servindo-se de uma escada apoiada ao muro. Ele fica surpreso e se intimida, não se entrega a voos de oratória nem se eleva até os vértices da espiritualidade. Entre os presentes, alguns admiram sua extrema simplicidade, outros concluem que ele “escreve melhor do que fala”.

Em seguida, aceita o convite para pregar sempre que puder, e o número de pessoas aumenta ainda mais. Uma testemunha diz: “Quando era conhecida a igreja na qual deveria pregar, o povo corria para ocupar um lugar desde as 4 da manhã”. Mas, ir a pé até as igrejas cansa o zeloso bispo e, por sorte, uma senhora de posses põe à sua disposição uma carruagem.

Se os parisienses se entusiasmam com ele, também a impressão de Francisco a respeito deles resulta de todo positiva: “Encontrei em Paris tal aumento de piedade que é algo maravilhoso”. Por toda parte, até mesmo na corte, descobre *filoteias*: “É impossível dizer quantos exemplos de piedade podem ser vistos aqui, também em plena corte”.

Não existe mais a senhora Acarie (Francisco vai diversas vezes rezar junto a seu túmulo), mas são bem vivas e atuantes as pessoas que amadureceram no seu cenáculo. E o Carmelo que ela tinha fundado, também com a ajuda de Francisco, multiplicou-se: em quinze anos, só na França, há 20 fundações.

Francisco não encontra somente almas privilegiadas, mas também ateus e libertinos, e consegue conduzir alguns à conversão e diversos calvinistas à abjuração... Quanto ao mais,

segundo seu estilo, põe-se à disposição de todos, também do povo simples, com paciência infinita. Encontra também três personagens, ainda jovens, mas prontos a irromper em cena e a se tornarem famosos: Vicente de Paulo, madre Angélica Arnaud e Richelieu.

O santo amigo: Vicente de Paulo

Vicente é padre jovem, tem quatorze anos a menos que Francisco, provém do campo, mas é laureado em direito canônico, é pároco e está esperando que o Senhor lhe indique de que modo exprimir seu apaixonado amor para com o próximo. Em Paris, como diz Papàsogli, ele pretende “dar Deus a uma humanidade soberba, monstruosamente diferenciada entre afortunados e abandonados, inteligente, gozadora da vida e passional, mas ainda crente”.

Vicente, com dificuldade e em silêncio, está dando início às obras que o tornarão famoso. Há alguns anos é o preceptor dos 3 filhos da nobre casa Gondi, e em 1618 foi nomeado capelão de Felipe Manuel de Gondi, general das galeras reais. Em dezembro, fica sabendo que o famoso bispo de Genebra está para pregar o advento, e como o considera “um evangelho vivo”, corre para ouvi-lo. Depois das primeiras pregações consegue encontrar-se com ele e ali se acende a chama: serão amigos no Senhor, para sempre.

É fácil, para eles, entender-se. Francisco fala de caridade visitadora (as visitandinas), de caridade hospedeira, e Vicente,

há um ano, fundou uma confraria da caridade que socorre os pobres e os doentes. Em seguida, as invenções e as obras de caridade florescerão magicamente entre as mãos de Vicente. Antes de deixar Paris, Francisco funda ali um mosteiro da Visitação e o confia a Vicente. Aliás, em 1622 nomeia-o superior do mosteiro, e Vicente conservará ciosamente para si aquele encargo por mais de quarenta anos, até a morte.

Entretanto, abre novas confrarias (que considera ideais para fazer viver a solidariedade nas paróquias) e funda as Damas de Caridade e as Filhas da Caridade para que vão em visita aos casebres, que em Paris são habitados por 40 mil pobres. Ele os considera seus amigos e irmãos. Depois se ocupa dos recém-nascidos abandonados nas sarjetas, dos encarcerados sepultados nas tenebrosas prisões, assiste os condenados às galeras...

Ele é considerado e de fato é o capelão das galeras reais, e por meio delas procura atingir os cristãos mantidos em cativeiro nos países de além-mar, para libertá-los. E ainda funda a Congregação da Missão para renovar o clero da França.

Em 1628 (Francisco morreu faz seis anos) será aberto o processo de canonização do bispo de Genebra. Vicente de Paulo irá ao tribunal para depor: “Sou padre, superior, embora indigno, dos Padres da Missão, e capelão das galeras reais... Tive a honra de gozar da intimidade do bispo e príncipe de Genebra Francisco de Sales...”. E dará um testemunho amplo e comovente, nascido da sua firme certeza de que seu amigo é um santo, um grande santo.

Uma santa que falhou: madre Angélica Arnaud

Por seus imprevisíveis desenvolvimentos, esta é uma das páginas tristes, não só na vida de Francisco, mas também da história da Igreja. Trata-se do capítulo da história intitulado *jansenismo*.

Em 1619, a fama de Francisco, mestre de espírito, é sem medida, e em Paris, madre Angélica, que precisa de ajuda, quer a todo custo encontrar-se com ele. Por isso, recorre a uma de suas astúcias: ela tem uma noviça que ainda não recebeu a crisma e convida Francisco para conferir-lhe o sacramento. Segundo seu costume, Francisco concorda.

Madre Angélica Arnaud (Jaqueline, no mundo) tem 28 anos. Aos 8 anos, entrou para a Ordem de São Bento por vontade dos familiares e, aos 11 anos já era abadessa do mosteiro de Port-Royal-des-Champs. Não que essa fosse a sua verdadeira idade, mas nos documentos enviados a Roma aumentara o número de seus anos, e o pedido fraudulento, sem ser percebido, foi aprovado.

Sensível, livre de espírito, decidida, impulsiva, a menina-abadessa, ao longo dos anos, tinha desenvolvido uma qualidade indiscutível: a de reformadora. Crescendo num mosteiro não completamente exemplar e sem um guia adequado, tinha-o reconduzido à observância da regra beneditina. A tal ponto que agora a transferiram para outro mosteiro, o de Maubuisson, realmente decadente, com a missão de tentar

também ali o milagre da reforma. Desta vez, porém, as dificuldades são enormes.

A abadessa anterior era outra Angélica, que de angélica tinha muito pouco além do nome: madre Angélica d'Estrées. "Sendo malcomportada e dando mau exemplo", tinha reduzido a comunidade em condições de miséria espiritual, a tal ponto que com diversas suas companheiras fora posta para fora do mosteiro. É difícil, agora, para Angélica Arnaud, fazer o mosteiro retomar o caminho da perfeição. Também porque esta enérgica reformadora dos outros precisa, ela mesma, ser reformada. E Francisco se vê, de repente, envolvido nessa questão.

No dia 5 de abril de 1619, ele vai a Maubuisson, confere a crisma à noviça, depois tem um longo colóquio com madre Angélica. A abadessa logo se dá conta, como deixará escrito, que "Deus estava verdadeira e visivelmente presente naquele santo bispo" e lhe confia suas angústias e tormentos espirituais. Por fim, convida-o a voltar. Entretanto, dá início a uma cerrada correspondência epistolar que para Francisco tem por objetivo tentar sua reeducação, senão em sentido *salesiano*, pelo menos de forma singelamente cristã.

Por exemplo, madre Angélica tem grande estima pela mortificação, mas a considera mais como fim em si mesmo do que como um ato de amor por Deus. Francisco procura explicar-lhe que "não é pedido que nós nos coloquemos sempre *contra* as nossas inclinações quando não são más e quando, pelo contrário, são até boas".

Madre Angélica está continuamente agitada, inquieta, tensa, não sabe o que seja serenidade e alegria. E certamente não as infunde nos outros. Francisco recorda-lhe o pensamento do Apóstolo: “Alegrai-vos sempre no Senhor; repito-o, alegrai-vos. A vossa afabilidade seja conhecida por todos os homens...” (Fl 4,4-5).

À inflexível fibra ascética de madre Angélica, Francisco sugere que pratique a... bondade simples, natural, bonachona: “Não se carregue demais com vigílias e austeridades (e me ouça, caríssima filha, porque sei muito bem o que digo), mas vá ao *port royal* (porto real) da vida religiosa seguindo a via régia do amor de Deus e do próximo, da humildade e da bondade sem exigências demasiadas”.

Francisco sugere que substitua sua inata necessidade de ser excelente a todo custo “por uma doce, pacífica e forte humildade, e uma humilíssima, forte e pacífica doçura”. Insiste: “Minha querida filha, observe: este abaixar-se... deve ser praticado com doçura, em paz, constantemente. E não só suavemente, mas também alegremente e gozosamente”.

Angélica: a visitandina que podia ter sido e não foi

O de Francisco é um mundo espiritual estranho à madre Angélica. Ela tentará entrar nele. Leu a *Filoteia*, e quando madre Chantal veio abrir a Visitação de Paris, falou com ela longamente. E concebe um projeto ousado: deixar Port-Royal e tornar-se visitandina. Ela, abadessa, que nas celebrações

maiores, como era praxe do tempo, empunhava um solene báculo, pretende tornar-se uma simples religiosa...

Fala-se, discute-se, madre Chantal seria favorável, mas Francisco, que a conhece mais a fundo, fica muito perplexo e, no fim de agosto, chega a passar oito dias no mosteiro de Maubuisson para procurar compreender melhor como andam as coisas. Finalmente, entrevê uma solução: é preciso obter uma licença de Roma, e diz que esse fato será o sinal da vontade de Deus. Finalmente, a longa e involuntária permanência de Francisco fora da sua diocese chega ao fim e retorna a Paris a fim de preparar seu retorno a Annecy.

Exatamente naqueles dias, sucede o incrível espetáculo. No início de setembro, Angélica d'Estrées, a velha ex-abadesa de Maubuisson, fuge do mosteiro ao qual tinha sido recolhida por ordem do rei e, apoiada por forte escolta, invade o mosteiro de Maubuisson e toma posse novamente dele. Madre Arnaud é obrigada a fugir com as suas 30 religiosas. Então, o rei manda 250 archeiros que cercam o edifício e finalmente Angélica d'Estrées não encontra outra saída senão eclipsar-se e buscar refúgio longe na região de Flandres...

A dispensa solicitada a Roma demorará muito tempo para chegar e finalmente a resposta será negativa. Grande alívio para Francisco que, sem dúvida, a respeito da madre Arnaud partilharia o juízo do historiador Lajeunie: "O santo a queria toda divina, mas ela era ainda muito humana na sua dignidade, na sua ironia, na sua firmeza e no seu próprio apego à regra".

Angélica e o jansenismo

Madre Angélica Arnaud, em seguida, voltará a ser abadesa de Port-Royal-des-Champs e em 1625 (Francisco já repousa no Senhor há três anos) abrirá uma segunda abadia em Paris: Port-Royal-de-Paris. As duas abadias, com sua abadesa, se tornarão rapidamente o ponto de encontro de uma nova *intelligentsia* parisiense, que se constituirá na fortaleza do jansenismo.

Retornava o velho emaranhado de problemas relativos à graça e ao livre arbítrio. Francisco o tinha vivido e sofrido na sua crise juvenil, mas ei-lo agora sob nova forma. O teólogo holandês Jansênio está ensinando que unicamente a graça pode ajudar o homem a alcançar a salvação, porém, ela é concedida somente a algumas pessoas, por imperscrutável desígnio de Deus.

Madre Angélica, naquele tempo, é guiada espiritualmente pelo abade de Saint-Cyran, jansenista, apoiada pelo irmão, teólogo jansenista, Antônio Arnaud, e deposita plena confiança no gênio (próximo ao jansenismo) de Blaise Pascal, que em Port-Royal é como de casa. A abadessa morrerá em 1661. Segundo os biógrafos, morrerá “na angústia e no medo de Deus”. Os próprios biógrafos a consideram uma santa que falhou: se ela tivesse seguido a constante direção espiritual de Francisco de Sales, teria podido tornar-se uma grande santa, porque a substância para isso ela tinha.

Mais tarde, a comunidade de Port-Royal-des-Champs abandonará o jansenismo, e durará ainda por longo tempo. Quanto a Port-Royal-de-Paris, por ordem do rei Luís XIV,

a abadia, antes será surpresa, depois, em 1710, seu próprio edifício será derrubado.

Um jovem bispo amante da política: Richelieu

A 13 de setembro de 1619, Francisco deixa Paris, resignado a seguir, obediente a casa real da França e a comitiva dos príncipes-esposos que vão a Tours, porque devem fazer as pazes – finalmente, depois de anos de incompreensões – com a rainha-mãe Maria de Médici. Seria muito longo relatar os desentendimentos ocorridos. Basta saber que a fazer-se de pacificador está intervindo um jovem bispo amante da política de nome Armand du Plessis de Richelieu.

Este bispo cansara-se rapidamente da sua diocese provinciana, preferira a carreira das ambições políticas e logo será cardeal, poderoso e famoso. Francisco já o tinha visto na corte, mas agora em Tours mantém com ele ampla e sólida conversação. Fala-se também dos deveres do bispo, coisa que se sabe por uma carta de Francisco à madre Chantal: “Jurou-me perfeita amizade, escreve Francisco, e me disse que, no fim de tudo, teria abraçado o meu partido para não pensar em outra coisa senão em Deus e na salvação das almas”.

Infelizmente, não manterá seu propósito: Luís XIII, em 1624, o nomeará primeiro-ministro e lhe colocará nas mãos o destino da França. Consta que Richelieu conservou por Francisco uma grande veneração.

Um último perigo: tornar-se bispo coadjutor de Paris

Sempre em Tours, toma consistência o que Francisco considera um perigo, a respeito do qual já se comenta na corte: ser nomeado coadjutor do arcebispo de Paris com direito à sucessão e ao mesmo tempo receber a púrpura cardinalícia. A sugerir a ideia está o próprio cardeal de Paris, de entendimento com outros seus pares que se preocupam pelo bem espiritual do seu grande país.

Francisco costuma seguir sua máxima: *nada pedir e nada recusar*, vendo nela um modo seguro de individuar a vontade de Deus; mas agora o caso é complicado, os interesses e os problemas são muito relevantes, sua saúde declina. Por isso, se recusa.

É pobre, não está em condições de manter certo teor de vida. Garantem-lhe que receberia uma renda de 4 mil escudos por ano.

Já tem uma diocese para cuidar. Então, dizem-lhe que seu irmão menor, João Francisco, que o seguiu no sacerdócio e já o ajuda em Annecy, a seu tempo poderá suceder-lhe como bispo de Genebra.

Francisco também tem receio de que possa não agradar aos parisienses um bispo que não é um deles e que veio do exterior. Os bispos da França, porém, lhe respondem que com seu bom exemplo já conquistou a todos.

Como se não bastasse, o rei Luís já sabe do caso e está mais do que de acordo.

O plano foi elaborado detalhadamente. Francisco agradece, mas insiste: já está entrando em idade avançada e os incômodos o tornam não idôneo para suportar cargos tão pesados.

No momento, ele consegue desviar a ameaça. Referindo-se a isso por carta à madre Chantal, retorna à imagem, para ele habitual, da diocese como esposa, e comenta com argúcia: “Disse bastante claramente (ao cardeal de Paris) que eu aceitaria um divórcio só se fosse para não casar mais. Quanto a assumir a mulher dos outros, parece-me ser verdadeiramente impossível...”.

A viagem da comitiva dos príncipes continua com paradas em Bourges, Moulins, Lyon, Chambéry, e se conclui no dia 31 de outubro, quando finalmente Francisco está de volta a Annecy. O cardeal de Paris tentará ainda tê-lo na França, mas Francisco luta para ficar fiel à sua primeira esposa.

O historiador Ravier, após a celebração do matrimônio régio e, afastado o perigo do cardinalato, comenta: “Esta permanência em Paris recapitula, por assim dizer, e coroa a vida e a obra de Francisco de Sales”.

Um ocaso sereno

Em Paris, em 1618, um Francisco nostálgico escrevia: “Dado que é necessário, estou aqui de boa mente, mas com um coração que preferiria mil vezes estar no meio de nossos pequenos afazeres e na minha terra”. Um ano mais tarde, apenas de volta à sua Annecy após longa viagem diplomática por conta do duque da Saboia, exclama feliz: “Eis-me de novo no meu ninho!”.

Feliz, mas cansado. A responsabilidade de quase vinte anos de episcopado consumiu-lhe as forças: a longa visita pastoral às 450 paróquias da diocese, mesmo às mais perdidas entre as altas montanhas, feita a cavalo e muitas vezes a pé; o cuidado do seu clero que por algum tempo educou pessoalmente ao ministério da pregação e da confissão, dando-lhe lições e conferências; a pregação e a catequese contínua ao povo; a reforma dos mosteiros e dos conventos; as missões diplomáticas nas cortes de Turim e Paris; as relações com a Santa Sé...

Está fisicamente esgotado além do imaginável para um homem de 52 anos, mesmo tendo em conta os bons tempos de outrora. O declínio é precoce e evidente. Mas é a lei da natureza: o ser humano envelhece e decai, enquanto em torno dele os que dele receberam dons e benefícios, crescem e se expandem.

A essa altura, formou-se, também fora da Saboia e da França, um vasto mundo de pessoas que vivem um serviço generoso a Cristo: irmãos e irmãs de *Filoteia* e de *Teótimo* dispersos pelos castelos, nas cidades, nos salões; as Filhas da Visitação reunidas já em 12 mosteiros e em forte expansão; as inumeráveis pessoas anônimas tocadas pela sua palavra e pelo seu exemplo, homens de ação empenhados em dirigir cidades, países, feudos, exércitos, que agem com estilo *salesiano*; poderosos que se deixaram conquistar pelo seu fascínio; leitores apaixonados que encontraram nos seus livros uma orientação confiante no Deus de Francisco, que é Pai de misericórdia.

“Tempestade e bonança são a mesma coisa para mim”

Francisco mergulha novamente no trabalho e sua imensa popularidade faz crescer ainda mais seus compromissos.

Escreve cartas sem parar. É consultado para cada problema por Paris, Turim, pelos mosteiros das visitandinas... Ele, por princípio, responde a todos. Confidencia ao irmão João

Francisco (que logo será nomeado vigário da diocese e seu estreito colaborador) que se sente “cansado e esgotado, depois de ter escrito tanto”.

Prega o advento de 1619 em Annecy e a quaresma do ano seguinte. Está contente com os resultados que obtém e, escrevendo à madre Chantal, explica-lhe por que amadurecem: “Sou ouvido de forma maravilhosa, mas também prego com todo o coração”.

Projeta uma nova visita à diocese. Cansado e esgotado, não poderá fazê-la pessoalmente, mas encontra um modo eficaz para realizá-la: mandará à sua frente, de paróquia em paróquia, alguns sacerdotes escolhidos e preparados, capazes de confessar e crismar.

Retoma as conferências semanais às visitandinas. Revê suas constituições. Organiza por correspondência os mosteiros fundados fora de Annecy, sempre em contato com madre Chantal (que permanece em Paris até o início de 1622, a fim de acompanhar aquela difícil fundação).

Projeta fundar casas religiosas de outras ordens na sua diocese... Quanto às já existentes, em grande parte ainda devem ser reformadas e lhe proporcionam não poucos aborrecimentos. Segue passo a passo seu clero: por sorte, as vocações não faltam, mas ele definiu critérios muito severos para encaminhá-las ao altar. O balanço final será impressionante: cerca de 900 sacerdotes diocesanos ordenados.

Tudo isso feito com a costumeira serenidade de espírito. Os insucessos, as incompreensões não o perturbam mais. Uma

sua difícil mediação entre duas famílias em litígio lhe arranjou inimigos e aborrecimentos sem-fim, mas ele confia em carta à mãe Chantal: “Todos esses ventos contrários entreguei-os à providência de Deus: que soprem ou se acalmem, que seja como aprouver a Ele. Tempestade e bonança para mim é a mesma coisa”.

Um sobrinho que será bispo

É Carlos Augusto, desafortunado filho do irmão Luís, órfão de mãe e nascido com uma perna encolhida que o impede de brincar com os outros meninos. Tem 9 anos e cresceu no castelo dos avós. Apresenta graves deficiências escolares. Confiaram-no a ele para que o encaminhem para o Colégio Chapuisiano dos padres barnabitas.

Francisco lhe fala dos estudos, do latim, e o rapaz explode em lágrimas: “Tenho vergonha, não sei nada!”. Francisco, para consolá-lo, cita-lhe algumas frases que escreveu na *Filoteia* e percebe que o menino continua a ler o texto, recita-o, sabe-o de memória. Não só, mas consegue recitar páginas e mais páginas do livro... “Você tem medo, com uma memória dessas?”, comenta Francisco. E lhe garante que se sairá muito bem nos estudos. A fácil profecia se realiza pontualmente: Carlos Augusto fará uma boa carreira eclesiástica, será um apaixonado propagandista da santidade de Francisco, se tornará sacerdote e bispo, e um dia lhe sucederá na diocese de Annecy.

Uma aura de mistério: o sobrenatural

Muitos episódios da vida de Francisco apresentam uma aura de mistério, difícil de indagar. É impossível dizer se se trata de simples coincidências ou de verdadeiras providências, e em várias ocasiões os biógrafos falam até de ressurreições. Papàsogli recolheu um florilégio de casos comuns que servem de exemplo.

“Apresentam a Francisco algumas pessoas dementes: sua razão está destruída. Ele põe a mão sobre suas cabeças, bondosamente... O olhar velado e doentio livra-se da nebulosidade e se fixa sobre ele, torna-se inteligente. Estão curadas.”

“Francisco celebra a missa: no *memento* dos vivos nomeia uma moribunda. A missa termina e a doente, antes em fim de vida, sente-se curada.”

“Em setembro de 1620 é hóspede do barão de Rochefort. A baronesa lhe diz com os olhos cheios de lágrimas: ‘Senhor bispo, reze a Deus para que nos conceda filhos!’. Francisco promete; celebra a missa e lhe confidencia: ‘Agradeça a Deus, minha filha: Ele a atenderá antes que termine o ano’. Em seguida, voltando-se para o barão: ‘O senhor terá uma família, e desde já lhe cedo lugar na nossa Visitação para duas de suas filhas’. O casal terá um filho e quatro filhas, e duas serão irmãs visitandinas com madre Chantal.”

Os testemunhos no processo de canonização estão cheios de episódios maravilhosos e de vozes que comentam: “Sua vida é um contínuo milagre... Seria suficiente para canonizar dois santos...”

Estes fatos acrescentam algo à grandeza de Francisco, mas nem tanto. Também sem eles, Francisco é igualmente grande e santo.

A regra de ouro: como “manter vivo o espírito”

Francisco tem de fazer sempre mais as contas com o declínio físico. Pelo que parece, sofre de crescentes disfunções da circulação do sangue. As pernas ficam pesadas, os tornozelos estão inchados, seus movimentos perdem desenvoltura e elasticidade. Andar a cavalo é muito cansativo, mas também levantar-se e sentar-se, e ler à luz de uma lamparina. Diz numa carta: “À noite, não escrevo mais porque meus olhos não o suportam, nem meu estômago...”. Como ele comenta: por todo o corpo sente incômodos e achaques.

Apesar disso, no precoce ocaso das energias físicas, seu espírito, em vez de esfriar, adquire mais versatilidade e eficácia. O desgaste não toca, pelo contrário, deixa perfeitamente livre o campo cerebral e a prodigiosa atividade intelectual.

O intacto vigor da mente e o poder criativo mais ágil do que nunca o levam a elaborar sempre novos projetos. Um dia, numa conversa, fala de quatro livros que tem em mente, e espera vivamente encontrar tempo para escrevê-los. Vale a pena elencar os títulos, também para compreender quanto a literatura ascética cristã perdeu, porque nunca encontrará o tempo desejado.

Antes de tudo, diz que pensa num *Tratado do amor ao próximo*, como complemento daquele “do amor de Deus”. Depois, uma obra, pelo que parece de cunho catequético: *Explicação*

familiar dos mistérios da nossa santa fé. Em seguida, um *Tratado dos quatro amores*, isto é, de como se deva amar a Deus, a nós mesmos, aos amigos e aos inimigos. Finalmente uma *História teândrica*: obra complexa, em que descreveria a vida do Filho de Deus feito homem, as principais verdades da fé, a prática das virtudes cristãs, o modelo ideal, ou seja, a Igreja primitiva na qual nos devemos inspirar.

Quem o está ouvindo naquele momento fica maravilhado e comenta: “Oh, senhor bispo, é uma boa quantidade de trabalho para um homem que já está no declínio da própria idade!”. Francisco concorda, mas depois enuncia um princípio com que a psicologia moderna está plenamente de acordo: “Para manter vivo o espírito, é preciso propor-se muito mais tarefas que as que se possam executar, como se devêssemos viver longos anos. Entretanto, não devemos nos preocupar por realizá-las, como se devêssemos morrer amanhã”.

João Francisco, o irmão mais novo, torna-se bispo

Um dia, chega para Francisco uma boa notícia. Seu irmão mais novo, João Francisco de Sales, que é vigário-geral da diocese de Annecy (e que os cardeais de Paris tinham preconizado como sucessor) é nomeado seu coadjutor, e o cargo comporta a consagração episcopal. A iniciativa partiu não de Paris, mas dos príncipes da Saboia. Quanto ao mais, naquele período, João Francisco está em Turim, onde é capelão-mor de suas altezas.

Francisco não moveu um dedo para essa nomeação (como confia a Chantal: “Nunca disse ou escrevi uma só palavra, nem mendiguei ou procurei qualquer recomendação”), mas ele está repleto de alegria. O precioso irmão lhe dará uma mão no desempenho dos compromissos da diocese. Reacende-se nele a esperança de finalmente poder retirar-se num tipo de tempo livre, que prevê fervidamente operante.

A consagração de João Francisco acontece em Turim, em janeiro de 1621. Poucos dias depois, retorna a Annecy para assumir sua nova função, e Francisco lhe vai ao encontro. Ajoelha-se diante dele e lhe pede a primeira bênção. De agora em diante, trabalhando lado a lado, com delicadeza e tenacidade, irá prepará-lo para suas futuras responsabilidades.

Tarefa agradável, mas não fácil. Entre os dois irmãos existem onze anos de diferença. São muito diferentes e, em alguns aspectos, são contrastantes. João Francisco não possui a cultura jurídica e teológica, nem a experiência na direção espiritual do irmão maior. Particularmente, tem um temperamento oposto. Enérgico, impaciente, até irritadiço, já no passado tinha provocado alguma faísca na diocese com padres e fiéis. Como fará Francisco para ensinar-lhe a doçura e a mansidão de espírito?

“Nós, bispos, somos como grandes bebedouros”

Um dia, os dois irmãos conversam à mesa, mas Francisco é chamado à porta: uma mulher do povo precisa falar-lhe.

Voltando à mesa encontra João Francisco irritado, mas não diz nada, limitando-se a olhá-lo. João Francisco o interpela: “Em que está pensando?”. “Pois bem, já que o deseja saber, direi. Eu estava pensando, meu irmão, que existe uma mulher afortunada. Sabe quem é?” O irmão experimenta dizer o nome de algumas conhecidas. “Não acertou. Essa mulher afortunada é aquela com quem você não casou”, responde Francisco. “Desculpe, mas por que diz isso?” “Porque, dado que você é tão impaciente, tê-la-ia feito sofrer muito.”

Depois Francisco conclui com uma comparação que ficou famosa: “Veja, caro irmão, nós bispos devemos ser como grandes bebedouros públicos, aos quais todos vão para tirar água, e não só matam a sede dos homens, mas também dos animais”.

Por sorte, João Francisco, desde a infância, admira e ama aquele seu irmão maior, e mesmo que não consiga corrigir seu temperamento, será um bom bispo, fiel a seus deveres e empenhado no serviço do seu rebanho. Em 1629, a peste reaparecerá em Annecy a fazer estragos. Nobres e pessoas bem situadas economicamente, leigos e também eclesiásticos, buscarão refúgio nos campos. João Francisco ficará junto do seu povo, e tendo a seu lado madre Chantal, organizará com coragem e dedicação a assistência aos empesteados. Morrerá em 1635, pedindo para ser sepultado aos pés do seu ilustre irmão e predecessor.

“Ir aonde Deus nos chama”

Agora que o irmão João Francisco é bispo, Francisco conseguirá coroar seu sonho? Um eremitério onde refugiar-se e transcórrer os últimos anos “como agrada a Deus”?

Esse eremitério ele já o vira e em certo sentido o adotara diversos anos antes: a abadia de Saint-Germain de Talloires, onde tinha ido pela primeira vez nos tempos tristes em que aqueles monges guerreavam entre si, em sentido real, a pistolas... Atualmente, o novo prior pôs tudo em ordem e também fez restaurar o santuário que é completamente novo. Francisco foi convidado para a inauguração e vai de muito boa mente abençoá-lo.

“Serviremos a Deus com o rosário e a pena”

Outubro de 1621. A paisagem é um encanto: as montanhas já se cobriram de neve, embaixo veem-se as florestas e os telhados vermelhos das casas que se espelham no lago azul de

Annecy. Francisco confia ao prior: “Está decidido! Se os príncipes consentirem, virei aqui para cima. Sim, devo absolutamente deixar ao nosso coadjutor o peso do dia e do calor, e aqui serviremos a Deus e à sua Igreja com o nosso rosário e a nossa pena”. E apontando para o panorama: “Os pensamentos aqui me fluem na mente tão leves e soltos como os flocos de neve que caem no inverno”.

A respeito da calma absoluta, porém, não se faz ilusões. Virão visitá-lo e continuarão a escrever-lhe e a esperar por suas respostas. Será um deserto muito povoado. Um belo sonho, o eremitério de Saint-Germain, mas ficará somente um sonho.

Em 1622, seu último ano de vida, Francisco faria bem em não mais submeter-se a viagens longas e cansativas. Entretanto, da saúde debilitada ele extrai uma indicação oposta: “Alguma coisa me adverte que não devo viver por muito tempo; por isso, é preciso que eu me apresse a fazer o bem. E não posso fazer nada de melhor do que obedecer”.

É convidado a viajar e ele aceita, porque *“é preciso ir aonde Deus nos chama”*. E está pronto a pôr-se em viagem.

Deus chama pela voz do papa

Em abril, um rescrito de Sua Santidade ordena a Francisco que participe do capítulo geral de uma ordem monacal em Pinerolo, no Piemonte, Itália. É um ramo que se separou dos cistercienses, mas agora está na hora de voltar a formar uma única ordem religiosa. Porém, quantas dificuldades para esses monges se

porem de acordo! O papa pensou que Francisco seria o homem certo para mediar o entendimento e restabelecer a unidade.

É preciso atravessar os Alpes, e a viagem para Francisco é extremamente penosa. Deve até interrompê-la e pôr-se de cama. Depois, o capítulo dura vinte dias, com sessões pela manhã e de tarde, e Francisco participa de todas. Além disso, nos domingos e dias de festa vai crismar os camponeses nas paróquias vizinhas, que estão sem bispo. O capítulo daqueles religiosos tem pleno êxito, a “maravilhosa doçura e mansidão” de Francisco os reconduz à sonhada unidade.

No caminho de volta, os príncipes do Piemonte querem que seja seu hóspede, sobretudo a jovem Cristina da França insiste na sua visita. Francisco os satisfaz, mas adoece novamente e deve passar diversos dias acamado.

Deus chama pela voz dos Saboia

É outubro, e o duque de Saboia com os dois príncipes do Piemonte e o cardeal Maurício devem ir a Avinhão, a histórica cidade dos papas, para um encontro com o rei Luís XIII. O rei sufocou, evidentemente no sangue, uma revolta de huguenotes no Sul da França, e os Saboia vão congratular-se com ele. Francisco precisaria de absoluto descanso, mas recebe ordem expressa de unir-se à comitiva. Partindo, faz esta confidência: “Não farei como os corcéis, mas irei sem toques de trombeta”. E acrescenta uma fácil profecia: “E quando chegar a notícia de que estou doente, saibam que já estou morto”.

Com esse pressentimento se despede, indo pessoalmente dizer a todos seu adeus. Às visitandinas diz: “Minhas queridas filhas, Deus seja vosso único desejo; vosso único receio seja o de perdê-lo; vossa única ambição, a de pertencer-lhe para sempre”. Conversa longamente com o irmão bispo, encontra-se com os cônegos da catedral e os padres de Annecy, reescreve seu testamento e dispõe que um pouco de trigo seja distribuído aos pobres.

Parte com um pequeno séquito, em companhia do padre Francisco Favre, que cuida dele como de um filho, e o fiel Jorge Rolland, que está a seu lado desde os tempos heroicos do Chablais. No dia 10 de novembro está em Lião onde encontra, finalmente, madre Chantal: dada a prolongada permanência da madre junto à Visitação de Paris, faz três anos que não se encontram. Madre Chantal teria tantas coisas para lhe dizer, mas não há tempo. Ela mesma tem um apertado calendário de visitas aos mosteiros, e as afetuosas e reconfortantes conversas como nos outros tempos são adiadas para um futuro incerto.

Meta final de sua viagem é Avinhão, e Francisco com sua comitiva devem tomar a embarcação que está para partir pelo rio Ródano. O barqueiro não reconhece aqueles estrangeiros (são sempre saboianos na França) e pretende examinar os passaportes. Mas ninguém se lembrou de trazê-los. Então, o governador de Lião deve dar as devidas garantias em favor de todos. Francisco, ao ver o aborrecimento dos viajantes, observa: “Não se aborreçam com o barqueiro: ele conhece bem seu ofício; nós é que não conhecemos o nosso de viajantes!”.

No dia 11 de novembro faz uma parada em Valença, onde, há um ano, foi aberto o mosteiro das visitandinas. Ali encontra uma personagem singular, a senhora de Rouère, ótima cristã, com 84 anos de idade e um sonho: entrar como noviça no mosteiro onde já se encontra uma de suas filhas. A superiora lhe tinha dito com pesar: “É um pouco tarde demais!”, mas ela insiste. Agora que está aí Francisco, ela volta à carga. Ele reflete, depois explica às irmãs: “Compreendam bem o espírito da sua congregação: é feita para as jovens e para as velhas, para as sadias e para as doentes”. E promete que, voltando a Avinhão, ele mesmo imporá o véu à senhora de Rouère.

Na metade de novembro está em Avinhão e recebe uma acolhida que o comove. Poucos dias depois, com toda calma, chegam também as duas ilustres comitivas: do sereníssimo duque da Saboia com os príncipes do Piemonte, e do cristianíssimo rei da França com a rainha-mãe Maria de Médici. Os familiares de Francisco ouvem as fanfarras que anunciam os cortejos e correm a dizer-lhe: “Senhor bispo, venha até a janela, estão chegando, estão chegando!”. E ele, que está escrevendo cartas, responde: “Obrigado, ocupem vocês meu lugar: vocês são ainda deste mundo, eu quase não estou mais nele”. E continua a escrever.

Para o povo serão dez dias de festas, enquanto as personagens dos dois cortejos se agitam vaidosamente como marionetes. Francisco toma parte somente quando é solicitado, evita o mais que pode as recepções mundanas, mas é solícito nas celebrações religiosas. Em seguida, as cortes sobem novamente o Ródano e no fim do mês partem para Lião.

Passando novamente por Valença, Francisco volta ao mosteiro para cumprir a palavra dada: impõe o véu de visitandina à senhora de Rouère, que está no auge da alegria. Ela viverá junto de sua filha ainda por dezenove anos, até os 103 anos completos.

“Meu coração precisa ser revisto”

Em Lião, Francisco se hospeda não com os padres jesuítas que o queriam consigo, mas com suas visitandinas. Em meio ao jardim do mosteiro, fora da clausura, há uma pequena construção, onde a lareira não funciona, apesar de estarmos em dezembro (inverno). Ali ele se sente mais livre para acolher os visitantes. Estes, a cada dia, são mais numerosos e fazem fila; fila interrompida por “príncipes e princesas, grandes senhores e nobres damas” que ele deve acolher no parlatório ou no confessional.

Um dia, chega o superior de uma ordem monástica (os biógrafos não consignaram o nome), fecha a porta interna, corta o cordão da campainha, suscitando não pouca admiração nas irmãs, e se entretém com Francisco por quatro horas, até desatar todos os nós do emaranhado dos seus problemas.

Entretanto, madre Chantal volta a Lião (com ela está o outro Favre, padre Miguel, capelão das visitandinas). Francisco, no dia 10 de dezembro, “livrou-se de todos os empenhos” e passa toda a manhã com ela. Chantal se preparou muito bem para o encontro. Tem nas mãos um punhado de folhas, em cada

uma delas, elencou e descreveu um argumento importante da sua congregação, mas na primeira folha apontou *as coisas de sua alma*, que há muito tempo deseja tratar “coração a coração” com ele. Afinal, ele é seu diretor espiritual.

Diz a Francisco: “Meu coração tem grande necessidade de ser *revisto* pelo senhor”. Francisco, que se dá conta de que o tempo lhe foge e não quer deixar problemas abertos a respeito da sua congregação, por meio de um vago preâmbulo consegue desviar o assunto: “Minha madre, falaremos sobre *nós* em Annecy; agora ocupemo-nos dos problemas da nossa congregação”, diz-lhe. Resignada, madre Chantal toma a primeira folha dos seus apontamentos, dobra, põe de lado, e passa às folhas seguintes...

Eis os grossos problemas. Para dar um exemplo, entre outras coisas, é necessário definir a relação dos mosteiros com as dioceses onde surgem. Os mosteiros devem ser certamente instalados de acordo com a Regra da ordem (é necessária uma estrutura igual para todos), mas é conveniente que, situados num determinado território, fiquem “sob a jurisdição e a obediência do próprio bispo”.

Dura quatro horas a conversa. Eles não sabem, mas será a última. No fim, Francisco manda madre Chantal visitar outros mosteiros, abençoa e, como agora costuma fazer com todos, diz-lhe *adeus*. Durante a viagem, a madre é oprimida por grande angústia, mas na escola de Francisco aprendeu a fazer a vontade de Deus. Abre o Livro dos Salmos e põe-se a cantar.

Finalmente, Deus chama por meio da irmã morte

Os príncipes querem que Francisco permaneça ainda quinze dias em Lião: confessa, pronuncia conferências e sermões, faz e recebe visitas. E sua saúde precipita-se.

Na vigília do Natal, por solicitação da rainha-mãe, vai abençoar uma nova cruz erigida num jardim, mas durante a cerimônia não se sente bem e volta com forte dor de cabeça. Apesar disso, enfrenta as três missas da solenidade da Natividade do Senhor. À meia-noite celebra com suas *queridas filhas* da Visitação, e a homilia transborda de ternura.

Na manhã do Natal, na igreja dos dominicanos, confessa os príncipes do Piemonte e celebra diante deles a missa da aurora. Mais tarde, celebra a terceira. De tarde, impõe o hábito de visitandina a duas noviças, e prega “muito santamente”. À noite, vai ao palácio da rainha-mãe para despedir-se, dado que no dia seguinte partirá: é obrigado a ficar até noite adentro, embora esteja muito mal.

No dia seguinte, festa de Santo Estêvão, faz uma conferência às visitandinas sobre o tema: “Não peçam nada e não recusem nada”, e será sua última conferência.

No dia 27 de dezembro, festa de São João Evangelista, sente-se extremamente fraco e confia ao padre Francisco Favre que o ajuda a se vestir: “Sinto que a minha vida se esvai. É preciso partir e bendizer a Deus. Todavia, viveremos até quando Deus quiser”. Ajudam-no a calçar os sapatos e murmura:

“Não iremos longe”. Confessa-se com o capelão do mosteiro e permanece em oração toda a manhã.

De tarde, recebe visitas de personagens que estão partindo para Lião, mas não os acompanha até a saída; ele, que é a gentileza em pessoa (Rolland deduz desse sintoma: “O senhor bispo está muito mal”). Mas lembra que ainda tem de responder com urgência a três cartas e senta-se à escrivaninha. Enquanto escreve a terceira carta, Rolland lhe diz que já é tarde, que seria bom deixar a viagem para o dia seguinte. “Você pensa que estou doente?”, pergunta Francisco, e se levanta. Mas de repente cai por terra, com uma espécie de desmaio.

Tiram-lhe os sapatos, experimentam fazê-lo caminhar, depois o deitam sobre a cama. Meia hora mais tarde sofre uma grave apoplexia. O médico acorre imediatamente, diagnostica uma hemorragia cerebral. Francisco está lúcido, compreende sua situação e pede a extrema-unção.

No dia 28 de dezembro é um vaivém de visitas na ponta dos pés. Pela manhã, os médicos lhe fazem uma sangria. Pela tarde lhe aplicam a cruel terapia do tempo, o então chamado “botão de fogo”: “por três vezes imergem na nunca a ponta de um ferro em brasa”...

Francisco, na sua agonia, murmura dois nomes: *Jesus, Maria*. Em seu redor, recitam as ladainhas dos santos; chegando à invocação dos Santos Inocentes, que é também a festa litúrgica daquele dia, “o santo bispo entregou docemente a Deus sua alma inocentíssima”. Tinha 55 anos, por vinte foi bispo e príncipe de Genebra.

Lá no alto da Saboia, um eremitério o espera inutilmente. Na gaveta dos seus sonhos, estão quatro livros que jamais serão escritos.

No dia 29 de dezembro, os habitantes de Lião, consternados, desfilam diante dele na saleta do jardim. Os médicos providenciam seu parcial embalsamamento e extraem o coração de Francisco que será entregue às Irmãs da Visitação.

Triste e profundo estupor

Grande ausente do acontecimento é madre Chantal, em visita aos mosteiros de Chambéry e Belley. Passam os dias e ela se admira de não receber cartas de Francisco. A seu lado está o capelão Miguel Favre, que soube do acontecido e não ousa dar-lhe a notícia, mas depois cria coragem. Madre Chantal escreve: “Coloquei-me de joelhos, aceitando o quanto possível a santa vontade de Deus, e nela coloquei minha incomparável dor”.

Outro grande ausente é o presidente Antônio Favre, que escreveu, desolado: “Não consigo acreditar que o senhor bispo pudesse morrer enquanto eu estou em vida, nem que eu pudesse sobreviver a ele”. Em Chambéry, a princesa do Piemonte fará celebrar uma missa de sufrágio, da qual participarão os senadores em peso: na primeira fila, ele, Favre, o amigo de uma vida, que chorará sem constrangimento.

Depois, ano após ano...

Depois, ano após ano, a lembrança de Francisco, em vez de se apagar, torna-se sempre mais viva. Madre Joana de Chantal

mantém-lhe a memória viva na Igreja: já em 1627 obtém que seja aberto o processo de sua canonização; em 1629 publica postumamente *Os verdadeiros Entretenimentos espirituais*.

Em 1630, acontece a enésima guerra entre a França e a Saboia, e as tropas de Luís XIII arrasam ao solo o castelo dos Sales. Desaparece assim uma testemunha muda, que teria sido de extrema eloquência: ali Francisco provara os encantos dos primeiros anos de vida, junto com uma mãe santa e um pai integérrimo, que lhe falavam de Deus. Melhor sorte teve o castelo de Thorens, que ainda hoje pertence à família Sales: o atual proprietário o transformou num museu e ali conserva as preciosas lembranças da família.

Madre Joana de Chantal morrerá em 1641, e em 1676 será proclamada santa.

Quanto a Francisco, o papa Alexandre VII o proclamará *Bem-aventurado* em 1661, e *Santo* quatro anos mais tarde. Pio IX, em 1877, fará dele o primeiro francês *Doutor da Igreja*, e Pio XI, em 1923, o nomeará *Patrono dos jornalistas católicos*.

“Os santos são a última parte da vida de Jesus, vida que durará até o fim dos séculos”, disse Jacques Nouet.

Conclusão: “manso e humilde de coração”

Hoje se tem a impressão de que a violência extravasa em todos os níveis. A mais qualificada teoria científica que tenta interpretar a realidade, o evolucionismo, identificou na seleção natural o mecanismo do progresso. Na vida, quem melhor se adapta é também aquele que tem maior êxito.

O princípio parece valer entre os homens não menos que entre os animais. O prussiano Karl von Clausewitz, teórico das estratégias militares, tolerava a paz como uma exceção: “A paz é um armistício entre duas guerras”; com o resultado de que o exército prussiano e os outros exércitos no tabuleiro europeu disseminaram destruição e morte, de maneira científica, durante dois séculos.

Hoje passamos do ruído silencioso da natureza para o ruído da tecnologia, com a humanidade dividida em duas categorias: os bajulados vencedores e os pobres perdedores.

Entretanto, mesmo se, como parece, Darwin e Clausewitz não se tenham dado conta, há dois mil anos foi introduzido um novo princípio evolutivo para criar uma humanidade nova. É a estratégia daquele que se autodefiniu: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”, Cristo Jesus. Que se inclinou sobre os fracos e os perdedores, não quis acabar de quebrar a cana fendida nem apagar o pavio ainda fumegante (cf. Mt 12,20). Ele propõe um tipo de homem novo que, sob o olhar do Pai celeste, tome conta com ternura de seus semelhantes. E apesar desse seu modo absurdo de ocupar o tempo, acabou vencedor. E parece que ele tem sempre mais imitadores e seguidores, às vezes até mesmo entre os não cristãos.

Francisco, “manso e humilde de coração”

Que ideias estranhas passam pela mente dos seguidores de Cristo! João XXIII escreveu no seu *Jornal da alma*: “Se me dissessem que para ter êxito em meu intento bastaria esmagar uma formiga, eu não a mataria”.

Jean Vanier observou: “O amor não é fazer coisas extraordinárias ou heroicas, mas fazer coisas ordinárias com ternura”.

Erich Fromm mostrou onde está o equívoco: “A maior parte das pessoas pensa que amor significa serem amadas, em vez de amar”.

Paul Morand escreveu: “A mais bela viagem que se possa fazer aqui embaixo é a que se faz, indo um em direção do outro”.

Em substância: “Se cada um ajudasse os outros, todos seriam ajudados” (E. Ebnereschenbach).

É a mansidão que a seu modo faz evoluir a humanidade.

Em certa perspectiva, nada mais dá medo, nem mesmo a morte, da qual o *poverello* de Assis escreveu: “Da qual nenhum homem vivo pode escapar”. Pelo contrário, precisamente a morte dá sentido à existência, como escrevia Teresa de Lisieux: “Eu não morro, eu entro na vida”; “Não é a morte que virá buscar-me, é o bom Deus”. Ou como disse o grande matemático Augustin Cauchy: “Amei a vida para buscar a Deus, agora amo a morte que me fará encontrá-Lo”.

E eis Francisco de Sales. Ele foi discípulo de Jesus de forma vertiginosa e assustadora: foi manso e humilde de coração como o seu Senhor. Francisco, na aparência, é como Cristo, um perdedor que venceu.

Francisco vem nos recordar que a verdadeira história da Igreja (não tanto a das suas instituições), como também a do futuro da humanidade, são sempre histórias daqueles que são *mansos e humildes de coração*.

Apêndice 1

Outro “salesiano”: Dom Bosco

No dia 5 de junho de 1841, véspera da sua ordenação sacerdotal, um jovem diácono da região de Asti (Itália) toma a pena e escreve em seu caderninho o propósito número 4, em vista de sua futura missão: “*A caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiem em tudo*”. Aquele diácono se chama João Bosco e cumprirá a palavra dada, a ponto de um dia tornar-se, como religioso consagrado, *salesiano* também de nome.

Para ele, Francisco de Sales é antes de tudo um compatriótico: sua pátria comum é o ducado da Saboia que nos tempos de Dom Bosco era o reino da Sardenha, com Turim como capital.

Francisco é muito popular por essas partes, é um santo nacional. Frequentemente é proposto ao clero como modelo a imitar.

Dom Bosco ouviu falar dele com admiração no seminário e depois no Colégio Eclesiástico do padre José Cafasso, onde completa os estudos teológicos. Os escritos de São Francisco de Sales não deviam faltar nas bibliotecas, e mais ainda os episódios e as máximas de Francisco deviam ser abundantes na pregação.

Em 1844, Dom Bosco torna-se capelão adjunto das obras caritativas da marquesa Júlia de Barolo, em Turim, que é muito sensível ao fascínio do santo da Saboia: naqueles anos ela pretendia criar uma congregação de sacerdotes intitulada de São Francisco de Sales. Inclusive fez colocar nos locais, que por algum tempo empresta a Dom Bosco para seu primeiro oratório, um grande quadro de São Francisco.

Talvez por essas circunstâncias casuais, e provavelmente por motivações mais profundas, Dom Bosco de fato intitula sua obra de São Francisco: “Oratório São Francisco de Sales”.

Ele mesmo explica: “Nós nos tínhamos posto sob a proteção deste santo para que nos alcançasse de Deus a graça de poder imitá-lo na sua extraordinária mansidão... Outra razão: para que do céu nos ajudasse a imitá-lo em combater os erros contra a religião, especialmente o protestantismo, que começava a insinuar-se insidiosamente...”.

Em 18 de dezembro de 1859, com o Oratório de São Francisco de Sales estavelmente constituído em Turim-Valdocco, Dom Bosco reúne em seu quarto 18 pessoas e com elas dá início à *Sociedade Salesiana*. A ata indica seu objetivo: “Promover e conservar o espírito da verdadeira caridade, que é indispensável na obra dos Oratórios em favor da juventude abandonada e exposta aos perigos...”. E os membros da nova congregação, a começar do próprio Dom Bosco, deram a si mesmos o nome de *salesianos*.

Desde então, outras congregações somaram-se a eles, também depois da morte do fundador, e recentemente também alguns institutos seculares, num montante de mais de 40 mil consagrados e consagradas de forma plena que hoje formam na Igreja a *Família Salesiana de Dom Bosco*. Dessa maneira, São Francisco de Sales, de genérico modelo dos pastores de almas, como normalmente era considerado, torna-se, de forma mais específica, modelo dos educadores segundo o estilo inaugurado por Dom Bosco.

Por que Dom Bosco “salesiano”?

Por que esta constante referência de Dom Bosco a São Francisco de Sales? Explica-o Joseph Aubry: “Ele admirou todos os grandes santos do apostolado: Felipe Neri, Carlos Borromeu, Vicente de Paulo etc.,

mas preferiu Francisco de Sales. Considerou-o como o santo que melhor correspondia à sua alma e à sua missão, o mais apto a iluminá-lo e inspirá-lo na sua obra de sacerdote educador, aquele que sob tantos aspectos tinha vivido em idêntico contexto de dificuldades e cujo êxito pastoral indicava o caminho a seguir”.

Portanto, Dom Bosco não se tornou salesiano por casualidade de ocasionais circunstâncias externas, mas “por afinidade, proximidade de gênio e devoção” (Pietro Stella). E os filhos de Dom Bosco acolheram amplamente a mensagem global que emanava da personalidade de Francisco, e nas suas obras apostólicas espalhadas pelos cinco continentes traduziram essa mensagem em espírito e vida.

Dom Bosco, afirma ainda Aubry, foi atraído por dois aspectos da figura moral e espiritual de Francisco: primeiro, sua energia apostólica, depois, sua doçura evangélica, sua “*extraordinária mansidão*”. Aspectos que merecem ser aprofundados.

Primeira afinidade: a tenacidade apostólica

Francisco, antes de intelectual, escritor e teólogo, foi particularmente pastor de almas e bispo, amadurecido para as máximas responsabilidades por meio de quatro anos de sacerdócio heroico no Chablais.

Ele se dedicou com todas as suas capacidades, que eram muitas, à sua missão, “desfeito de si mesmo e doado ao seu povo para sempre” (como disse dele Santa Joana de Chantal). Incansável, ensinou, celebrou, governou e santificou, como bom pastor. Seus escritos brotaram do seu coração de bispo. Como bispo, guiou pelos caminhos do espírito muitas *filoteias* e muitos *teótimos*, e fundou a Ordem da Visitação. Em tudo e sempre, fiel ao seu lema: “Tomado por Deus, dado a seu povo”.

Quanto a Dom Bosco: o sacerdócio, preparado heroicamente, encheu sua vida e o definiu. Ele jamais quis ser outra coisa senão padre, em todo lugar e sempre, carismaticamente orientado para os jovens, sobretudo os mais pobres: não um educador que também é padre, mas um padre que exerce seu sacerdócio por meio da missão educativa. Como padre, aproximou-se dos jovens para levá-los a Cristo. Como padre organizou os colaboradores e se lançou na aventura missionária. Também ele viveu e se desgastou com tenacidade incansável.

No coração dos dois santos ardia a mesma caridade pastoral que deu a eles o gosto do apostolado criativo e fecundo.

Pensemos nas fadigas enfrentadas por ambos nas viagens sem número: Francisco a cavalo ou no dorso de um jumento e raramente em carruagem; João Bosco nas diligências ou nos incômodos trens do seu tempo.

Ambos foram incansáveis anunciadores da Palavra, com uma linguagem afim: simples, criativa, popular. Ambos catequistas convictos. Ambos escritores inexauríveis. E fundadores e formadores de santos.

Ambos passaram longas horas no confessionário, na direção espiritual, assinalada por santa amizade e preocupada em guiar cristãmente cada um na própria vocação.

Ambos amaram e serviram apaixonadamente a Igreja, sempre empenhados em defender a doutrina, em sustentar os pastores, em bater-se pelo sucessor de Pedro, em contextos muitas vezes difíceis. E frequentemente pagaram caro sua fidelidade e obediência entre contrastes e sofrimentos.

Ainda: ambos foram envolvidos na política do próprio país e do seu tempo, e sempre, em meio a situações delicadas, foram abertamente verdadeiros ministros de Cristo. Por isso, se empenharam em favor da

Igreja e ao mesmo tempo foram solícitos pelo bem espiritual dos próprios homens políticos com quem se relacionavam.

E quem os conheceu, encontrou em ambos a calma interior, a igualdade de humor, a tranquilidade sorridente, a natural capacidade de enfrentar as coisas uma depois da outra, sem outra tensão que a do amor de Deus.

Fonte comum: o amor de Deus

Aubry observou: “Francisco, no século XVI, e João Bosco, no século XIX, viram-se diante de épocas de crise cultural, social e religiosa: Renascimento, Reforma e Concílio de Trento, o primeiro; Restauração e início da Era Industrial, o segundo. Ambos se opuseram ao pessimismo protestante ou jansenista com uma visão de homem e da história decididamente otimista e aberta ao futuro. E isso porque, divinamente inspirados, puseram no centro de suas convicções a realidade mais positiva e mais decisiva que exista: *o Amor*, que é a totalidade de Deus, e que deve tornar-se a totalidade do homem: *Deus é amor... amemo-nos, porque Ele nos amou por primeiro... Este é o meu mandamento... A caridade é paciente, benigna... tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acabará... .*

Continua Aubry: “Os dois santos nunca deixaram de meditar e viver essas palavras. Francisco de maneira mais reflexiva; Dom Bosco de modo mais intuitivo e que ensinava a seus jovens: ‘Vocês são a delícia e o amor daquele Deus que os criou, e que os criou para a felicidade de cada um’ (*O jovem instruído*, segunda meditação). Francisco foi chamado, com Santo Agostinho, o *doutor do amor*; e Dom Bosco foi definido por Pio XI *um gigante da caridade*”.

Ainda Aubry: “Os dois santos veem o homem como orientado para Deus, destinado à alegria eterna, capaz de responder seriamente a seu amor. A substância do homem é seu coração, e a sua vocação é

amar. O sentido do universo, da história e de cada destino é o encontro afetivo entre Deus que procura o homem e o homem que procura a Deus, e desse amor brota a abertura de si mesmo ao encontro fraterno. Educar, por isso, é iniciar os jovens ao verdadeiro amor: começamos a ser salvos quando começamos a amar, e para amar não é preciso esperar ocasiões extraordinárias: é possível amar em qualquer lugar e sempre”.

A outra afinidade: a doçura evangélica

Diz ainda Aubry: “Para os nossos dois santos, a caridade não é só a origem e o fim de todas as coisas, é também o método da ação pastoral, o meio e a forma do apostolado. O bispo, o padre, o educador devem antes de tudo amar ‘com os fatos e de verdade’ (1Jo 3,12) aqueles aos quais foi enviado. O apostolado, antes de ser ação, é relação pessoal de amor, e toda atividade não sugerida pelo amor é destinada ao fracasso”.

Esta convicção sugeriu a Francisco e a Dom Bosco comportamentos tipicamente *salesianos*.

Antes de tudo existe o seu humanismo, feito de otimismo e confiança radical no ser humano e nas suas capacidades. Finos conhecedores do homem exaltaram os valores e as virtudes humanas e abriram espaço para a afetividade, a alegria, a cultura, o progresso.

Acreditaram profundamente no valor da ação. Convencidos de que cada pessoa é educável, apelaram ao máximo às suas capacidades interiores: inteligência, liberdade, coração, fé (“*razão, religião, amabilidade*”, dirá Dom Bosco). Com a paciência que sabe aguardar, esperar e recomeçar.

Além disso, existe aquele estilo de relação que Dom Bosco condensou na famosa palavra *amorevolezza* (bondade, amabilidade): o infinito respeito por qualquer pessoa (também pelo mais pobre e menos

simpático), o primeiro passo dado para uma aproximação acolhedora e sorridente, a bondade que busca humildemente agradar, o bom humor, o convite à amizade. Assim Francisco e Dom Bosco irradiaram em torno de si a simpatia de forma extraordinária durante toda a sua vida.

Outro aspecto do seu método é o realismo unido à audácia. O verdadeiro amor não é romântico, mas cheio de sabedoria prática. Ama o outro como ele é, e procura dar-lhe aquilo de que tem necessidade no momento.

Adapta-se... Tanto Francisco quanto Dom Bosco, na sua pregação e nos seus escritos, expressaram um pensamento equilibrado, usaram palavras simples, linguagem cheia de imagens, um estilo concreto e trabalhado. Não exigiram de seus ouvintes uma santidade imediata ou rígida: ensinaram uma ascese moderada, progressiva, decididamente concreta e prática, e instilaram o sentido da fidelidade cotidiana.

Tudo isso não os impediu de ser, sempre sob o impulso do amor, modernos e audazes no seu método, a ponto de colocar tranquilamente em discussão, sob muitos aspectos, o modo de pensar e de fazer dos seus contemporâneos.

Francisco, missionário no Chablais, serve-se de manifestos e folhetos escorregados por baixo das portas, motivo pelo qual um dia será proclamado *patrono dos jornalistas*. Dom Bosco entrou no campo da imprensa popular com grande coragem, e um dia será proclamado pela Igreja *patrono dos editores católicos*.

Mas é a globalidade do seu apostolado que é marcada pela audácia: tanto a fundação da Ordem da Visitação como da Sociedade Salesiana surpreenderam as autoridades romanas, e o lançamento das missões salesianas podia parecer do ponto de vista humano uma loucura.

Sim, Dom Bosco é plenamente “salesiano”.

Apêndice 2

Bibliografia essencial

Os escritos do santo estão recolhidos na obra fundamental:

Oeuvres de Saint François de Sales ... Edição completa em 27 volumes, publicada em Annecy, aos cuidados do Mosteiro da Visitação, 1892-1964.

Uma bibliografia geral de obras a respeito de Francisco de Sales, de notável amplitude, compreendendo 1.849 títulos (biografias, teses de láurea, estudos, artigos) foi compilada por estudiosos da Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma, e publicada na revista *Salesianum* em dois momentos distintos:

- em 1956, V. Brasier, E. Morganti e M. Duriza publicaram um elenco reconhecido incompleto, de 1.299 títulos referentes às edições dos anos de 1623-1955;
- em 1983, J. Strus acrescentou outros 550 títulos, até o ano de 1982.

Para a elaboração do texto atual, as fontes principais foram três volumes de dois autores, aos quais vai meu agradecimento mais vivo não só pela competência, mas pelo amor com que escreveram sobre Francisco de Sales.

RAVIER, ANDRÉ, *San Francesco di Sales*, Leumann (To), Elledici, 1967, 116 p. Com rica documentação fotográfica em branco e preto.

RAVIER, ANDRÉ, *Francesco di Sales. un dotto e un santo*, Milão, Jaca Book 1987, 240 p.

PAPÀSOGLI, GIORGIO, *Come piace a Dio. Francesco di Sales e la sua "grande figlia"*. Roma, Città Nuova editrice, 1981, 574 p.

Outras fontes utilizadas para a redação deste volume:

AUBRY, JOSEPH *Francesco di Sales: Un maestro di spiritualità per la famiglia salesiana*. Leumann (To), Elledici, 1996, 32 p.

FRANCESCO DI SALES. *Lettere di amicizia spirituale*. Aos cuidados de André Ravier. Roma, Edizioni Paoline, 1984, 999 p.

MARCANTE, VINCENZO, *La mansuetudine di san Francesco di Sales*. Leumann (To), Elledici, 2000, 88 p.

PEDRINI, ARNALDO, Verbetes “Francesco di Sales” e “Giovanni Bosco”. In: *Dizionario enciclopedico di spiritualità* (Editor: Ermanno Ancilli). Roma, Città Nuova, 1990.

PICCA, J.; STRUS, J. (Editores), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*, Roma, Las, 1986, 232 p.